Coma e emagreça com ficção científica

Isaac Asimov
George R. R. Martin
Martin H. Greenberg



EDITORA
MARCO ZERO

GORDURA!

Isaac Asimov

Tradução de Domingos Demasi

Em geral, existem três variedades de matérias que precisam ser absorvidas pelo corpo para se manter a vida: gasosa (ar), líquida (água) e sólida (comida). Cada uma apresenta um problema diferente e é tratada de maneira diferente.

O ar está universal e continuamente presente na superfície da Terra.

Há condições excepcionais, é claro. O oxigênio pode se extinguir numa mina de carvão, num cofre fechado, no decorrer de um incêndio. No caso de um incêndio, fu-maças, vapores venenosos ou o calor podem contaminar fatalmente o suprimento de ar. Essas situações, entretanto, não são um assunto do dia a dia e podem ser ignora-das. No todo, podemos assumir que o ar está sempre presente e que os seres humanos precisam simplesmente respirar, constante e automaticamente, por toda a vida.

(Isso também é verdadeiro para os demais animais de terra. No caso dos animais de água e das plantas, há diferenças em detalhes mas não na essência.) A consequência é que não há nenhum mecanismo verdadeiro para os animais de terra estocarem ar, notadamente o ser humano, pois não existe a necessidade de ser desenvolvido tal mecanismo. (Respiradores de ar que vivem no mar - particularmente as grandes baleias - podem permanecer submersos por longos períodos para os pa-drões humanos, mas, mesmo assim, o suprimento corporal de ar ou, mais especifica-mente, o oxigênio, só durará umas duas horas, se tanto.) Para os seres humanos, o suprimento corporal durará, no máximo, cinco minutos.

Se a respiração é evitada por tal tempo, o cérebro humano, faminto por oxigênio, sofrerá um dano irreversível e o ser humano morrerá. Nem pode o ser humano tornar-se menos suscetível à sufocação através de uma deliberada inspiração profunda com o propósito de saturar seu corpo com oxigênio. Como disse, não existe nenhum mecanismo razoável para armazenamento, e se você forçar a respiração, ficará tonto rapidamente e será forçado a parar.

A água é quase tão comum quanto o ar. Por certo, há regiões secas na Terra onde plantas e animais precisam conservar cuidadosamente a água que obtêm, mas os

seres humanos se desenvolveram em condições de fartura de água e não são biologicamente adaptados à vida do deserto. O resultado é que sua habilidade para conservar água é limitada.

Precisamos, portanto, beber água a intervalos frequentes para substituir o que é inevitavelmente perdido através da urinação, defecação, transpiração e expiração.

Nem podemos esquecer de fazê-lo, pois a sensação de sede é motivo suficiente e nunca deixa de nos lembrar.

Mesmo assim, podemos estocar água muito mais do que podemos estocar ar. Um bom gole de água satisfará nossas necessidades por várias horas, normalmente; e quando a necessidade exige, um ser humano pode ficar várias horas sem água, embora venha a sofrer necessariamente as agonias da sede. Nem podemos nos proteger contra tal eventualidade tomando uma grande quantidade de água. Nós nos sa-turamos rapidamente e uma ingestão posterior tornar-se-á tão desagradável que nem o medo da sede conseguirá nos forçar a continuar; e a maior parte do excesso que ingerimos dessa maneira é perdida rapidamente através de copiosa urinação.

Resta-nos a comida. A comida é menos comum do que o ar ou a água. Quase todo animal se defronta com uma situação em que a comida torna-se difícil de ser encon-trada por um período de tempo; ou por causa de uma seca, ou porque é inverno, ou simplesmente porque a competição é temporariamente muito intensa.

Se surgir uma ocasião, entretanto, onde o suprimento de comida é encontrado, é importante que seja comido o máximo possível, já que não se pode dizer quando se encontrará o próximo suprimento. Animais que se saturam facilmente e que satisfa-zem apenas suas necessidades imediatas, como no caso do ar e da água, estão pro-pensos a morrer de fome entre refeições mais espaçadas.

(E, também, no caso dos carnívoros, uma grande caça não pode ser deixada muito tempo sem ser comida, pois ela se decomporá e tornar-se-á incomível. Os matado-res, portanto, comem tudo que podem, enquanto podem - e isso também se aplica à humanidade pré-industrial.)

É claro, lautas refeições só funcionarão se o organismo tiver um meio eficiente de estocar comida - e a maior parte dos organismos tem. Se a comida é ingerida

além das necessidades imediatas, pode ser estocada como amido (o caso comum das plantas) ou, mais eficientemente, como gordura (o caso comum dos animais). E mais ainda, a quantidade de comida que pode ser armazenada é surpreendentemente grande. O resultado é que os seres humanos podem passar sem comida, não apenas simples minutos (como no caso do ar), ou simples dias (como no caso da água), mas durante semanas, e até mesmo meses! (E podem ficar subnutridos - se não desnutri-dos - durante anos.)

Um armazenamento de comida incomum eventualmente torna-se difícil para um animal carregar por aí. Um grande suprimento de gordura limitará a mobilidade, difi-cultará o funcionamento dos órgãos e, em particular, acrescentará uma inaceitável carga a órgãos particularmente ativos como o coração e os rins.

Sob circunstâncias normais, entretanto, o armazenamento de comida não vem a se tornar um problema. Um animal que se torna moderadamente gordo sob condições de fartura de comida está fadado a encontrar uma época frugal pela frente e, então, emagrecerá.

Somente o ser humano pode controlar o ambiente para garantir uma contínua fartura de fornecimento de comida, e mesmo assim apenas para uns relativamente poucos. Na maioria das sociedades humanas, o grosso da população sempre teve que se debater por comida e comer pouco além do necessário para manter a vida. A maior parte das pessoas, portanto, é magra.

Assim que a civilização desenvolveu-se, porém, passou a haver geralmente uma casta dominante - aristocratas, padres, mercadores bem-sucedidos - cujo fornecimento de comida era garantido por um extenso período de tempo e que podia engordar e permanecer gorda. Como tratava-se de uma situação incomum e como a gordura portava uma evidência visível de alta posição e de sucesso na vida, ela era vista complacentemente.

Uma mulher rechonchuda era claramente uma das que tinham sido bem cuidadas e cuja família, portanto, podia arcar com um bom dote; então, a rechonchudez era um sinal de beleza. Era muito raro mesmo que qualquer coisa boa pudesse ser vista numa donzela esquelética e faminta. E um homem gordo era claramente um prove-dor substancial com quem qualquer mulher poderia prazerosamente se casar.

Após a Revolução Industrial, entretanto, algumas sociedades prosperaram de tal

maneira que uma grande parte da população encontrava -se numa posição de arma-zenar comida e tornar-se flácida e pançuda. O caso mais notável é o dos Estados Unidos da América no século vinte.

É tão fácil para a maior parte dos americanos engordar, que tal coisa não tem mais valor. Gordura entre os americanos é muito comum para ser um vestígio de sucesso, portanto também não há motivo econômico para provocar um sentimento de satisfa-

ção estética.

Na verdade, já que o crescente instinto de comer tudo que há à vista (no caso de tempos difíceis adiante) é tão grande, torna-se difícil manter-se uma silhueta delgada na sociedade americana. Se a esbeltez é mantida, então ela é um sinal de conquista, e se é combinada com outros sinais de sucesso que não a gordura - como joia ou um corpo musculoso e bronzeado, revelando bastante tempo de lazer - então a esbeltez torna-se um padrão de beleza.

E esta é a situação que temos agora nos Estados Unidos da América. Certamente não há espécies de organismos, a não ser o ser humano, que batalham para negar a si mesmas a comida disponível a fim de permanecer magra. Nem entre os seres humanos há qualquer outra sociedade, a não ser a dos Estados Unidos contemporânea, na qual isso é feito tão extensivamente. Em nenhuma outra sociedade a gordura é tão condenada, a quase inanição voluntária tão ansiosamente perseguida, e caras chupadas e membros macilentos tão idolatrados. É certo que a gordura faz mal à saúde. Uma pessoa magra é mais saudável, sente-se melhor e vive mais que uma gorda.

Agora vamos para o campo pessoal. Os três editores desta antologia - Isaac Asimov, Martin Harry Greenberg e George R. R. Martin - são, os três, incomumente belos, espantosamente inteligentes e tremendamente bem-sucedidos com o sexo oposto - e também têm uma silhueta roliça.

Nada disso, não somos obesos; nem mesmo somos realmente gordos. Somos rechonchudos, um pouco gorduchos, talvez. Não sofremos de subnutrição e temos apetites saudáveis. Não estamos entre aqueles cujos pratos são devolvidos para a cozinha quase cheios.

Mas nós, também, queremos emagrecer agora - pelo menos para ficarmos na moda. Sendo gente de ficção científica, queremos fazer a coisa à maneira da

ficção científica. Foi por isso que resolvemos fazer um livro de dieta de ficção científica.

Que diabos é um livro de dieta de ficção científica? Fácil! É uma coletânea de his -

tórias de ficção científica que lidam, de uma maneira ou de outra, com o problema do excesso de peso. E é esta coletânea que você agora tem nas mãos.

Você tem excesso de peso e quer perdê-lo? Leia este livro. Você não tem excesso de peso e quer se sentir bem por causa disso? Leia este livro.

Mas talvez seja melhor não ler este livro muito rapidamente. Não de uma vez. Se você o ler de uma vez, talvez nunca mais coma de novo.

E não gostaríamos que você passasse do ponto.

A VINGANÇA DE SYLVESTER

Vance Aandahl

Tradução de Domingos Demasi

A vingança tem um longo e destacado papel na literatura mundial. Mas raramente a vingança pareceu tão doce quanto nesta patética história.

Sylvester estava morrendo. Aos 400 quilos, perdeu a habilidade de andar. Não podia nem mesmo sentar aos 600. Agora pesava 1.000. Um grande naco aprisionado de gordura ofegante, nu, exceto por um velho cobertor jogado ao longo de suas ancas de cachalote, ele permanecia deitado de costas tanto de dia quanto de noite, seu único movimento um rolar ocasional para um lado ou outro. Ele se detestava, e agora chorava enquanto a Dra. Fletcher segurava o espelho por sobre sua cabeça e o fazia pentear o cabelo.

Repousava num fundo tanque de azulejos de dois e meio por dois metros, localiza-do num canto do laboratório subterrâneo dela. O tanque era equipado com torneira e dreno, e agora, como costumava todas as manhãs após fazê-lo pentear o cabelo, a Dra. Fletcher ligava uma mangueira com chuveiro para fazer escoar seus excremen-tos.

- Fedorentinho, fedorentinho, sujinho! - ela ria. - Fedorentinho, fedorentinho, fedorentinho, fedorentinho!

Então, esguichava-o com água fria até as lágrimas brotarem de seus olhos e ele gemer desesperadamente para ela parar. Repentinamente, desligava a torneira e o deixava tremendo e batendo os dentes, sozinho, nu e aterrorizado.

E ele estava morrendo. Podia sentir o coração padecendo sob sua carga. Quanto tempo mais a pequena bomba duraria? Mais um mês? Ou já seria apenas uma questão de dias?

Se ao menos a Dra. Fletcher abandonasse sua experiência, talvez não fosse tarde demais para uma dieta de fome para salvar-lhe a vida. Ele havia implorado e implorado, mas ela agora estava completamente louca, e ele se encontrava indefeso - absolutamente indefeso. Pesava uma tonelada batida e certa, e isso o mantinha preso como uma mão gigantesca. Ele estava alfinetado. Sylvester forçou um minúsculo gemido de seus torturados e contraídos pulmões.

- Que gostaria para sua alimentação das oito horas, sujinho?

Da mesma forma como sua mente havia se dissolvido completamente nos meses recentes, a voz dela também havia se tornado estranha, metade canto e metade la-múria; e apesar de não poder ver nada através de seus olhos semicerrados de porco, exceto os topos das três paredes e quase todo o monótono teto oliva, sabia pela di-reção do som que ela devia estar sentada em sua escrivaninha, provavelmente para extrair mais alguns mililitros de reducilina das borboletas Vanessa Antíopa que havia apanhado na noite passada. Ele esperou até ouvir o clique dos seus instrumentos (ele sabia que ela estava alfinetando as borboletas uma por uma a um cartão), então respondeu-lhe, trabalhando cada palavra.

- Dra. Fletcher, por favor, não quero comer mais.

- Bobagem, porcalhãozinho. Sua próxima alimentação é às oito.

- Eu sei. Mas estou gordo demais. Isso está me matando.

- Ora, patetinha, você sabe que precisa comer. Um corpo como o seu necessita de quinze mil calorias por dia.

- Mas...

Repentinamente, ela surgiu na borda do tanque, curvou-se, sacudiu o dedo e soltou a língua num cacarejo:

- Patetinha... você sabe que terá a sua alimentação das oito horas, queira ou não queira.

Sylvester detestava a palavra alimentação. Por que ela não podia chamar de refei-

ção? Mas não havia sentido discutir.

Oito meses atrás ela parecia a própria fria racionalidade científica. Uma famosa bi-oquímica do Centro de Pesquisas da Universidade Craigjacker, ela o contratara para servir como o primeiro paciente humano para sua experiência com a obesidade. Havia explicado que ele teria que passar três meses sob constante observação num laboratório militar isolado, cerca de cinquenta quilômetros ao sul de Elko, Nevada, onde receberia injeções diárias de

reducilina um pouco dolorosas, e que poderia engordar uns 60 quilos durante o curso da experiência. Talvez tenha sido por isso que ela estivesse tendo dificuldade em encontrar um paciente, e porque estava agora disposta a pagar 8.500 dólares a Sylvester - mais do que o suficiente para cobrir suas despesas pelos próximos dois anos enquanto ele terminava a sua tese sobre a evolu-

ção do soneto Petrarquiano. Ela também prometera toda Budweiser que ele conseguisse tomar. Que se danasse - Sylvester já pesava 120 quilos, e achou que engordar um pouquinho mais pelo salário que a Dra. Fletcher oferecia era muito mais vantajo-so que ensinar compositores calouros por 800 dólares o trimestre.

No princípio de junho Sylvester voara para Elko com a Dra. Fletcher, depois viajou com ela num Toyota alugado até uma base militar da Segunda Guerra Mundial, que parecia completamente deserta exceto por uma lebre ocasional ou milhares - não, milhões - de Vanessa Antíopa empoleiradas em cada galho e telhado, ninfas de asas negras que esvoaçavam como fumaça aonde quer que fossem. Quando Sylvester viu que o “laboratório militar” da Dra. Fletcher era na verdade uma lavanderia no porão de um alojamento semi-arruinado, quando viu o tanque e a aparelhagem de luzes, tubos e agulhas suspensos sobre ele, percebeu que havia cometido um grande erro.

Ela encolheu os ombros e disse-lhe que voltasse; mas quando ele se virou para re-tornar ao Toyota a fim de fugir, algo duro e preto atingiu sua cabeça, e quando acordou, encontrou-se acorrentado ao fundo do tanque.

Agora, oito meses depois, no frio fevereiro, as correntes haviam sumido. Seu pró-

prio peso o mantinha prisioneiro.

Ele captou um acre bafejo de reducilina e piscou os olhos. Mais uma vez ela estava pairando acima.

- Hora de seu remédio, pocilguinha! Tente bancar um menino crescido.

Sylvester rilhou os dentes e fechou os olhos. Sabia o que estava vindo. Um segundo depois sentiu a enorme agulha mergulhar em seu estômago - bem através do diafragma, como uma vacina antirrábica - e guinchou enquanto a dor o dominava. Durante um longo instante de agonia aquilo pareceu insuportável; então a reducilina atingiu o cérebro e ele caiu girando e enjoado através dos

escuros escaninhos de sua mente. Parecia estar flutuando num vazio escuro, o vácuo do espaço exterior. Uma imensa fatia de queijada de cereja deslizando como um asteroide De repente estava cercado por enormes pedaços de todas as guloseimas imagináveis - crocantes costeletas assadas, macias tortas de limão com suspiro, apimentadas saladas de abacate.

Então, caiu de novo, caiu através da escuridão para dentro de uma imensa panela fumegante de bananas amassadas, miolos de vitelo, espaguete encharcado em banha derretida e mingau de tapioca. Agarrado a uma batata cozida, ele tentava evitar afundar, mas a mistura viscosa o sugou como areia movediça. Gritou e afundou; estava sufocando-se em comida, seu nariz enchendo-se de molho grosso e rançoso enquanto lutava para não respirar. Deu um impulso e mergulhou mais fundo, mais fundo. Ele precisava descer às apalpadelas, descer até sua infância. Lá estava sozinho, sozinho na hora do recreio, um livro de poemas preso numa mão, um chocolate na outra. Seus colegas de classe corriam. Saltavam, pulavam, pinoteavam, davam saltos mortais, até mesmo pareciam pairar e planar como as borboletas, seus corpos esguios sibilando ao vento, seus braços e pernas magros agitando-se para cima e para baixo. Ele ficava sozinho, sufocando na nuvem de cascalho solto do parque. Tinha que correr, tinha que alcançá-los. Baixando a cabeça e cerrando as mãos, arrastou-se num lento gingar. Suas vozes eram trazidas de volta para gozá-lo:

- Gorducho, gorducho, gorducho, gorducho, não consegue passar pela porta da cozinha! Gorducho, gorducho! Gorducho, gorducho!

Ele tentou levantar os pés bem alto, mas a gravidade de sua carga o impedia como uma mão gigantesca. Então não podia correr de modo algum, não podia andar, não podia nem mesmo se mexer...

- Está quase na hora da sua alimentação das oito, sujinho.

Ele levantou a cabeça e lentamente sacudiu para longe o sonho de reducilina. As alucinações que inevitavelmente se seguiam a uma injeção da droga da obesidade sempre o dominavam, mas raramente duravam mais que poucos minutos. Quando seus olhos começaram a focar, ele a viu acima.

- Adivinhe o que está cozinhando! É um dos seus favoritos, queridinho - mingau de tapioca. Muito e muito mais!

Ele esperou até as passadas dela desaparecerem na cozinha do alojamento, então

tentou futilmente espremer seus dedos de salsichas para cerrar a mão. Tapioca era o pior. Ela nem deixava esfriar antes de forçar o grande funil de alumínio em sua boca e despejá-lo, xícara após xícara, litro após litro.

Certa vez, cerca de um mês atrás, Sylvester tentara uma pequena rebelião: trancara os dentes recusando-se a deixar que ela enfiasse o funil. A Dra. Fletcher fechou a cara e bateu os incisivos. Então, levantou o funil e baixou-o num golpe forte, sulcan-do-lhe as gengivas. A dor rugira pelo seu corpo, até mesmo pela sua ondulante e quase insensível gordura. Ele gritara. Então, choramingando, abrira-a toda, misturando com o sal do seu próprio sangue as primeiras repugnantes xícaras cheias de tapioca deslizando pela sua garganta como golfadas de ovos de rãs.

- Hora do rango!

Ele estremeceu à estridência da sua voz.

- Pronto ou não, aqui vai!

Ele podia ouvir o carrinho rangendo para perto de sua pesada carga, um tonel de ferro de sete litros e meio cheio até a borda.

- Não, por favor, não...

Ela curvou-se sobre ele e franziu o cenho. Como sempre, seu rosto esquelético o apavorava. A pele amarejo-acinzentada esticando-se de seus pontudos ossos das bochechas até a protuberância da mandíbula estava esfolada onde suas unhas estiveram escarafunchando. Ela não tinha lábios, apenas um fino talhe descarnado. Seu nariz era um gancho afiado; seus olhos, buracos negros. A minúscula Vanessa Antío-pa tatuada logo acima da sobrancelha esquerda parecia brilhar como uma caveira so-brenatural, e o cabelo pendia em fios enxaguados.

- Ora, porcalhãozinho, eu estava rezando para que não se tornasse um comedor problemático hoje! Por que tem que ser um bebezão desse jeito?

Enquanto esbravejava contra seu cativeiro de banha, um fogo cauterizante explodiu repentinamente no seu peito. Ondas negras agitaram-se pelo pescoço até a ca-beça, agitaram-se contra o pânico estridente em sua mente, empurrando e empurrando até apenas um fino raio de luz ainda ondular no cérebro e protegê-lo da escuridão total.

Finalmente a dor cessou e a onda negra recuou.

Ela sabia que ele estava morrendo? Ele podia sentir o músculo do sangue baqueando no peito, tornando-se mais lento, palpitando como uma asa motorizada, tornando-se mais lento de novo, dando suas últimas e frágeis batidas.

Gemendo, abriu a boca.

O frio alumínio tocou a língua, então sondou mais fundo.

A amargura o inundou. Por que deveria morrer desta maneira? Ele queria fazer algo proibido, algo errado e perverso. Queria magoá-la.

Então, quando o primeiro hórrido jorro de tapioca atingiu a garganta, ele o soprou de volta.

Espalhou-se pelo atônito rosto dela e ficou ali, grudado à pele cinza esticada em fumegantes bagas amarelas. Ao mesmo instante, sentiu o coração arrebentar.

- Seu bebê malvado! - ela uivou, tentando tirar a tapioca quente dos olhos. Então seu rosto pareceu enegrecer. Seria fúria, ele pensou, ou apenas o enfraquecimento da luz? Os punhos retorcidos dela socavam seu rosto - distantes e insignificantes como a chuva de verão num terraço - e ainda mais remotamente, tão leve que não podia ter certeza, seu estômago sentia o ossudo escarrapachar de seus cotovelos e joelhos. Ela havia pulado para cima dele.

Foi então que veio uma inspiração a Sylvester. Ele iniciaria seu único movimento -

o longo e certo rolar.

A Dra. Fletcher guinchou e tentou uma escalada para se libertar, mas tarde demais: ele já a havia colhido entre a barriga e o lado do tanque. Podia sentir sua tonelada de banha pressionando mais fundo e mais fundo, esmagando a carcaça macilenta sob várias camadas de sufocante gordura. Então, um momento depois, ele já estava além de apreciar, além de desfrutar os guinchos abafados debaixo dele.

E ela estava alfinetada...

FAZENDA DE GORDOS

Orson Scott Card

Tradução de Domingos Demasi

Que gordo ainda não pensou em ser capaz de entrar numa lojinha miraculosa e sair pouco tempo depois sem aquela bagagem extra, tornado elegante, sem dor, magro de novo? Uma pessoa inteiramente nova poderíamos dizer. Bem, isso poderia ser possível... mas há um ardil.

A recepcionista ficou surpresa por ele ter voltado tão depressa.

- Sr. Barth, como estou feliz em vê-lo - disse ela.

- Surpresa, você quer dizer - Barth respondeu. Sua voz ribombava nas camadas de gordura debaixo do queixo.

- Encantada.

- Quanto tempo se passou? - Barth perguntou.

- Três anos. Como o tempo voa!

A recepcionista sorriu, mas Barth viu o espanto e a repulsa no rosto dela ao vislumbrar seu corpo imenso. No seu trabalho ela via gordos todos os dias. Mas Barth sabia, que era incomum. Ele estava orgulhoso de ser incomum.

- De volta à fazenda de gordos - disse ele, gargalhando.

O esforço de gargalhar deixou-o sem ar, e engoliu em seco enquanto ela pressionava um botão e dizia:

- O Sr. Barth voltou.

Ele não se importou em procurar uma cadeira. Nenhuma cadeira poderia contê-lo.

Em vez disso, apoiou-se contra uma parede. Ficar de pé era um esforço que ele preferia evitar.

Entretanto não foi a falta de ar ou a exaustão ao fazer o mínimo esforço que o trouxe de volta ao Centro de Estética Anderson. Ele fora gordo muitas vezes antes, e quase sentia prazer com a sensação de volume, a impressão que causava enquanto as multidões se abriam para ele. Tinha pena daqueles que podiam ser apenas levemente gordos - pessoas baixas, que não eram capazes de suportar o peso. Com quase dois metros, Barth podia ficar gloriosamente gordo, estonteantemente gordo, Possuía trinta guarda-roupas e sentia prazer em passar de um para outro enquanto sua barriga, suas nádegas e suas coxas cresciam. Quando sentia que já tinha crescido o bastante, podia dominar o mundo, ser o mundo. À mesa do jantar era um conquista-dor de rivalizar com Gêngis Khan.

Não fora sua gordura, então, que o levara ali. Foi o fato de que a gordura estava interferindo com seus outros prazeres. A garota com quem estivera na noite anterior tentara e tentara, mas ele foi incapaz - um sinal de que era ocasião de renovar, refrescar, reduzir.

- Sou um homem de prazer -, ofegou para a recepcionista cujo nome ele nunca se importou em saber.

Ela sorriu de volta.

- O Sr. Anderson estará aqui num momento.

- Não é irônico - disse ele - que um homem como eu, que é capaz de realizar cada um de seus desejos, nunca esteja satisfeito? - ofegou novamente com uma gargalhada. - Por que nós nunca dormimos juntos? - perguntou.

Ela o olhou, a irritação atravessando o rosto.

- Sempre pergunta isso, Sr. Barth, quando entra. Mas nunca pergunta, quando sai.

Pura verdade. Quando ele saía do Centro de Estética Anderson, ela nunca parecia tão atraente como quando ele entrava.

Anderson entrou, efusivamente simpático, arrebatadoramente caloroso, pegando a carnosa mão de Barth com a sua e bombeando-a com entusiasmo.

- Um dos meus melhores clientes - disse.

- O de sempre - falou Barth.

- Claro - respondeu Anderson - Mas o preço subiu.

- Se por acaso abandonarem este negócio - disse Barth seguindo Anderson para as salas internas - me avise antes. Só me permito chegar a este ponto porque sei que vocês estão aqui.

- Ora - cacarejou Anderson -, nunca abandonaremos este negócio.

- Não tenho dúvidas de que poderiam manter toda essa organização só com o que cobram de mim.

- Está pagando por muito mais do que os simples serviços que realizamos. Também está pagando pela privacidade. Ou, devemos dizer, falta de intervenção do governo.

- Quantos desses bastardos vocês subornam?

- Muito poucos, muito poucos. Em parte porque muitos altos funcionários também precisam de nossos serviços.

- Sem dúvida.

- Não é apenas aumento de peso que traz gente até nós, você sabe. É o câncer, o envelhecimento e o desfiguramento por acidente. Ficaria surpreso ao saber quem tem recorrido aos nossos serviços.

Barth duvidou que ficasse. O divã estava pronto para ele, imenso e macio e disposto de maneira que ficasse fácil para ele se levantar de novo.

- Quase me caso desta vez - disse Barth, para puxar conversa.

Anderson voltou-se para ele, surpreso.

- Mas não se casou?

- Claro que não. Comecei a engordar, e ela não pôde aguentar.

- Contou para ela?

- Que eu estava engordando? Era óbvio.

- Sobre nós, quero dizer.

- Não sou idiota.

Anderson pareceu aliviado.

- Não podemos permitir que boatos cheguem aos jovens e magros, você sabe.

- Mesmo assim, acho que vou procurá-la de novo, depois. Ela me fez coisas que uma mulher deveria fazer. E eu pensava que estava exausto.

Anderson colocou um capacete de ajustar sobre a cabeça de Barth.

- Pense seu pensamento-chave - Anderson lembrou-o.

Pensamento-chave. A princípio aquilo fora um conforto, certificar-se de que nenhuma iota de sua memória se perderia. Agora era maçante, quase juvenil. Pensamento-chave. Você tem o seu anel secreto decodificador do Capitão Panaca? Seja o primeiro no seu quarteirão. A única coisa em que Barth fora o primeiro em seu quarteirão foi chegar à puberdade. Também tinha sido o primeiro no seu quarteirão a chegar aos cento e cinquenta quilos.

Quantas vezes já estive aqui? ele pensava enquanto começava o formigamento em seu couro cabeludo. Esta é a oitava vez. Oito vezes, e a minha fortuna continua maior do que nunca, o tipo de fortuna que ganha vida própria. Posso manter isso para sempre, pensava, com satisfação. Para sempre à mesa do jantar, tanto sem preocupações quanto sem restrições. “É perigoso engordar tanto”, dissera Lynette. “Ataques cardíacos, você sabe.” Mas as únicas coisas com que Barth se preocupava eram he-morroidas e impotência. Aquelas eram uma chatice, mas esta tornava a vida insuportável e o levava de volta a Anderson.

Pensamento-chave. Que mais? Lynette, sentada nua na borda do penhasco com o vento soprando. Ela cortejava a morte, e ele a admirava por causa disso, quase desejando que ela a encontrasse. Ela desprezava precauções de segurança. Como roupas, eram restrições que deviam ser colocadas de lado. Certa vez o convencera a brincar de pique numa obra, correndo pelas vigas na escuridão, até chegar a polícia e fazê-los irem embora. Isso fora quando Barth ainda permanecia magro após a última vez com Anderson. Mas não era Lynette nas

vigas que ele guardava na mente.

Era Lynette, frágil e linda Lynette, desafiando o vento a arrancá-la do penhasco e a quebrar seu corpo nas pedras do rio.

Até isso, pensava Barth, seria uma espécie de prazer. Um novo tipo de prazer, a fim de provar uma dor tão magnificentemente, tão admiravelmente obtida.

Então, o formigamento na cabeça parou. Anderson voltou.

- Já? - perguntou Barth.

- Simplificamos o processo - Anderson retirou cuidadosamente o capacete da cabe-

ça de Barth, ajudou o homem imenso a levantar-se do divã.

- Não entendo por que é ilegal - disse Barth - É uma coisa tão simples.

- Ah, há motivos. Controle populacional, e esse tipo de coisas. É uma espécie de imortalidade, você sabe. Mas é principalmente por causa da repugnância que as pessoas sentem. Não aguentam pensar nisso. Você é um homem de rara coragem.

Mas não era coragem. Barth sabia. Era prazer. Ele antecipava gananciosamente o que iria ver, e não o faziam esperar.

- Sr. Barth, apresento-lhe o Sr. Barth.

Quase partia-lhe o coração ver seu próprio corpo, jovem, forte e bonito novamente, como se fosse a primeira vez em sua vida, era inquestionavelmente ele mesmo, entretanto, aquele que tinham levado para a sala. Exceto que a barriga era firme, as coxas musculosas mas delgadas o bastante para não se encontrarem, mesmo na en-treperna. Traziam-no nu, é claro. Barth insistia.

Tentou lembrar a última vez. Na ocasião fora ele a sair da sala de aprendizagem, emergindo para ver o imenso homem gordo que todas suas lembranças lhe diziam ter sido ele. Barth lembrava que fora um duplo prazer ver a montanha que fizera de si mesmo, e vê-la também do interior deste lindo corpo jovem.

- Venha cá - disse Barth, sua própria voz despertando ecos da última vez, quando

fora o outro Barth que dissera aquilo. E como aquele outro fizera na última vez, tocou o Barth jovem e nu, golpeou a pele macia e adorável, e finalmente o abraçou.

E o jovem Barth o abraçou por sua vez, pois era assim mesmo. Ninguém gostava de Barth mais do que Barth, magro ou gordo, jovem ou velho. A vida era uma come-moração de Barth; a visão de si mesmo era sua mais forte nostalgia.

- Em quem eu penso? - perguntou Barth.

O jovem Barth sorriu com os olhos.

- Lynette - disse. - Nua num penhasco. O vento soprando. E o desejo de ela ser jo-gada para a morte.

- Vai voltar para ela? - perguntou Barth ansiosamente ao seu eu jovem.

- Talvez. Ou para alguém como ela.

E Barth viu com prazer que o simples fato de pensar naquilo fizera seu eu jovem excitar-se mais do que um pouco.

- Ele serve - disse Barth, e Anderson entregou-lhe os documentos simples para assinar, documentos que nunca seriam vistos num tribunal porque atestavam a própria cumplicidade de Barth e o envolvimento num ato que era superado apenas por assassinato nas leis de todos os estados.

- Então, está resolvido - disse Anderson voltando-se do Barth gordo para o jovem e magro. - Agora você é o Sr. Barth, em pleno controle de sua fortuna e sua vida.

Suas roupas estão na sala ao lado.

- Sei onde estão - disse o jovem Barth com um sorriso, e suas passadas eram alegres enquanto deixava a sala. Ele se vestiria rapidamente e deixaria o Centro de Es-tética animadamente, mal percebendo a recepcionista de aparência comum, exceto para notar seu olhar tristonho na direção dele, um homem alto, esbelto, bonito, que poucos momentos antes estivera estocado, com a mente vazia, à espera que lhe dessem uma mente e uma memória, esperando que um homem gordo saísse do caminho para que ele pudesse preencher seu espaço.

Na sala de memória Barth sentou na beira do divã, olhando para a porta, e então percebeu, com surpresa, que não tinha ideia do que viria a seguir.

- Minhas lembranças acabam aqui - Barth disse para Anderson. - O acordo foi...

qual foi o acordo?

- O acordo foi cuidarmos bem de você até você morrer.

- Ah, sim.

- O acordo não vale coisíssima nenhuma - disse Anderson, sorrindo.

Barth olhou para ele, surpreso. - O que quer dizer?

- Há duas opções, Barth. Unia injeção nos próximos quinze minutos. Ou emprego.

- Do que está falando?

- Não acha que vamos perder tempo e trabalho alimentando-o com as quantidades ridículas de comida que você precisa, acha?

Barth sentiu-se afundar interiormente. Não era isso que esperava, apesar de não esperar honestamente qualquer coisa. Barth não era do tipo de antecipar uma encrenca. A vida nunca lhe dera muito problema.

- Uma injeção?

- Cianeto, já que insiste, embora prefiramos vivissectar você e conseguir o máximo possível de pedaços úteis de corpo. Seu corpo ainda é relativamente jovem. Podemos conseguir quantias inacreditáveis de dinheiro pelo seu pélvis e suas glândulas, mas têm que ser retirados de você com vida.

- Do que está falando? Não foi isso que combinamos.

- Não combinei nada com você, meu amigo - disse Anderson, sorrindo. - Combinei com Barth. E Barth acaba de deixar a sala.

- Chame-o de volta. Eu insisto...

- Barth não liga a mínima para o que venha a acontecer com você.

E ele sabia que era verdade.

- Falou algo sobre emprego.

- Exato.

- Que tipo de emprego?

Anderson balançou a cabeça.

- Depende - disse.

- De quê?

- Do tipo de trabalho que surgir. Há muitas tarefas a cada ano que devem ser executadas por um ser humano vivo, para as quais não se encontram voluntários. Ninguém, nem mesmo um criminoso, pode ser forçado a executá-las.

- E eu?

- Você as fará. Ou, aliás, uma delas, já que raramente conseguirá um segundo emprego.

- Como pode fazer isso? Sou um ser humano.

Anderson balançou a cabeça.

- A lei diz que só há um Barth possível no mundo todo. E você não é ele. Você é apenas um número. E uma letra. A letra H.

- Por que H?

Porque você é um glutão nojento, meu amigo. Até mesmo os nossos primeiros clientes não passaram ainda da letra C.

Anderson então foi embora, e Barth ficou sozinho na sala. Por que ele não adivinhara? Claro, claro, gritava para si mesmo agora. Claro que não o manteriam agradavelmente vivo. Ele queria levantar e tentar fugir. Mas andar para ele era difícil; correr seria impossível. Permaneceu sentado ali, sua barriga pressionando

pesadamente as coxas, que desdobravam-se com a gordura. Ficou de pé, com grande esforço, e pôde apenas bambolear porque suas pernas ficavam muito distantes uma da outra, tão aprisionadas em seu movimento.

Isto aconteceu todas as vezes. Barth pensou. Todas as malditas vezes em que saí deste lugar, jovem e magro, deixei atrás alguém como eu, e eles conseguiram o que queriam, não conseguiram? Suas mãos tremiam muito.

Pensou no que decidira antes e soube imediatamente que não havia decisão a tomar. Alguns gordos podem odiar a si mesmos e escolher a morte em benefício de ter uma versão magra deles mesmos para viver. Mas não Barth. Barth nunca poderia ter escolhido provocar qualquer dor nele mesmo. E eliminar mesmo uma versão ilegal e clandestina de si mesmo - impossível. Qualquer outra coisa que pudesse fazer, ele continuaria sendo Barth. O homem que saiu da sala de memória poucos minutos antes não assumira a identidade de Barth. Apenas a duplicara. Eles roubaram minha alma com espelhos. Barth disse a si mesmo. Preciso pegá-la de volta.

“Anderson!”, Barth gritou. “Anderson! Mudei de ideia”.

Não foi Anderson que entrou, é claro. Barth nunca mais veria Anderson novamente, seria muito tentador tentar matá-lo.

“Ao trabalho, H!”, o velho gritou do outro lado do campo.

Barth apoiou-se em sua enxada mais um instante, e então voltou a trabalhar, retirando ervas daninhas de entre os pés de batata. Os calos em suas mãos há muito já haviam tomado forma para se ajustarem ao cabo de madeira e seus músculos sabiam como executar o trabalho sem Barth ter que pensar nele. Entretanto isso não tornava o serviço mais fácil. Quando percebeu pela primeira vez que pretendiam que ele se tornasse um plantador de batatas, perguntara: - Essa vai ser a minha tarefa?

Isso é tudo? E eles riram e lhe disseram que não. - É apenas uma preparação - disseram -, para deixá-lo em forma. Assim, durante dois anos, ele trabalhara na planta-

ção de batatas, e agora começava a duvidar de que jamais voltariam, de que as batatas jamais acabariam.

O velho estava observando, ele sabia. Seu olhar sempre queimava mais que o sol.

O velho estava observando; e se Barth descansasse demais ou muitas vezes, o velho viria a ele, chicote na mão, cortá-lo profundamente, feri-lo até a alma.

Cavou o solo, cortando uma teimosa planta cuja raiz parecia aderir aos próprios alicerces do mundo. “Saia, maldita!”, resmungou. Pensava que seus braços fossem fracos demais para bater com mais força, mas bateu com mais força assim mesmo. A raiz rompeu, e o impacto o estremeceu até os ossos.

Ele estava nu e bronzeado ao ponto mais escuro pelo sol. A carne pendia molemente à sua volta em grandes dobras, uma lembrança da montanha que tinha sido.

Sob a pele solta, entretanto, ele era firme e duro. Isso poderia lhe dar prazer, pois cada músculo foi ganho através do trabalho árduo e da dor do chicote. Mas não havia prazer nisso. O preço era alto demais.

Vou me matar, pensava muitas vezes e pensava de novo agora com seus braços tremendo de exaustão. Vou me matar para que não possam usar meu corpo e não possam usar minha alma.

Mas nunca se mataria. Mesmo agora, Barth era incapaz de acabar com sua vida.

A fazenda em que trabalhava era sem cerca, mas a vez em que fugira tinha andado e andado e andado durante três dias e não vira nenhum vestígio de habitação humana a não ser as marcas ocasionais dos pneus de um jipe no deserto de artemísia-e-grama. Então eles o encontraram e levaram-no de volta, exausto e desesperado, e o forçaram a terminar um dia de trabalho no campo antes de deixá-lo descansar. E

mesmo nessa ocasião o chicote mordera profundamente, o velho agitando-o com um prazer que revelava sadismo ou um ódio profundo e pessoal.

Mas por que o velho me odeia? Barth matutou. Não o conheço. Finalmente decidiu que era porque ele fora tão gordo, tão obviamente mole, enquanto o velho era magro ao ponto de ser macilento, seu rosto enrugado pelos anos de exposição ao sol.

Entretanto o ódio do velho não diminuiu com o passar dos meses e a gordura derre-teu-se no suor e na luz do sol da plantação de batatas.

Uma pontada aguda atravessou suas costas, o som de couro batendo na pele, e então uma dor torturante bem dentro de seus músculos. Ele havia pausado tempo demais. O velho tinha vindo a ele.

O velho não disse nada. Apenas levantou novamente o chicote, pronto para bater.

Barth levantou a pá do chão, para começar a trabalhar de novo. Ocorreu-lhe, como ocorrera-lhe centenas de vezes anteriormente, que a pá poderia alcançar tão distante quanto o chicote, com um efeito tão bom quanto. Mas, como centenas de vezes anteriormente, Barth olhou dentro dos olhos do velho, e o que viu ali, apesar de não entender, foi o bastante para detê-lo. Não podia reagir. Podia apenas aguentar.

O chicote não se abateu novamente. Em vez disso ele e o velho olharam um para o outro. O sol queimava onde o sangue estava saindo de suas costas. Moscas zumbi-am perto, dele. Não se importou em afugentá-las.

Finalmente, o velho rompeu o silêncio.

- H - disse ele.

Barth não respondeu. Apenas esperou.

- Eles vieram buscá-lo. Primeiro serviço - disse o velho.

Primeiro serviço. Barth levou um momento para perceber as implicações. O fim da plantação de batatas. O fim da luz do sol. O fim do velho com o chicote. O fim da solidão ou, pelo menos, do tédio.

- Graças a Deus - disse Barth. Sua garganta estava seca.

- Vá se lavar - disse o velho.

Barth carregou a pá de volta para o galpão. Ele recordou o quão pesada a pá pareceu quando chegou ali. Como dez minutos à luz do sol o faziam desmaiar. Entretanto o fizeram se reanimar no campo, e o velho dissera: “Leve-a de volta.”

Então ele levara de volta a pá, pesada, pesada, sentindo-se em tudo como Cristo carregando sua cruz. Logo os outros sumiram, e o velho e ele ficaram juntos sozinhos, mas o ritual com a pá nunca mudou. Eles iam ao galpão e o velho tirava cuidadosamente a pá dele e a trancava, para que Barth não pudesse pegá-la à noite e matá-lo com ela.

E então, para a casa, onde Barth banhava-se dolorosamente e o velho colocava um torturante desinfetante em suas costas. Barth já há muito desistira da ideia de um anestésico. Não era da natureza do velho usar um anestésico.

Roupas limpas. Uns poucos minutos de espera. E então o helicóptero. Um jovem do tipo executivo emergia dele, não parecendo familiar em detalhe mas muito familiar em geral. Ele era um eco de todos os jovens e todas as jovens do tipo executivo que já haviam lidado com ele antes. O jovem se aproximou, sem sorrir, e disse:

- H?

Barth assentiu. Era o único nome usado para ele.

- Você tem uma tarefa.

- Qual é? - Barth perguntou.

O jovem não respondeu, o velho, atrás dele, cochichou: “Eles logo lhe dirão, você vai desejar estar de volta aqui, H. Eles lhe dirão, e você vai rezar pela plantação de batatas.”

Mas Barth duvidou. Em dois anos não houvera um momento de prazer. A comida era horrível, e nunca havia o suficiente. Não havia mulheres, e geralmente ele estava cansado demais para distrair a si mesmo. Só dor e trabalho e solidão, todos excruci-antes. Agora ele deixaria aquilo. Qualquer coisa seria melhor, qualquer coisa mesmo.

- Seja qual for a sua missão - disse o velho -, não pode ser pior que a minha.

Barth teria perguntado a ele qual fora a sua missão, mas não havia nada na voz do velho que convidasse à resposta, e não havia nada em seu relacionamento no passado que permitisse que a pergunta fosse feita. Em vez disso, ficaram em silencio enquanto o jovem alcançava o helicóptero e ajudava um homem sair.

Um homem imensamente gordo, completamente nu e branco como a carne de uma batata, parecendo petrificado. O velho avançou intencionalmente em sua direção.

- Olá, I - disse o velho.

- Meu nome é Barth - respondeu o gordo, petulantemente. O velho o atingiu com força na boca, tão forte que o delicado lábio rompeu e sangue gotejou de onde seus dentes haviam cortado a pele.

- I - disse o velho. - Seu nome é I.

O gordo assentiu compadecido, mas Barth - H - não sentiu pena dele. Dois anos desta vez. Apenas dois malditos anos e ele já estava nessa condição. Barth podia lembrar vagamente de sentir orgulho da montanha que fizera de si mesmo. Mas agora apenas sentia desprezo. Apenas um desejo de ir até o gordo e gritar na sua cara:

“Por que fez isso? Por que deixou acontecer de novo?”

Não teria significado nada. Para I, como H, era a primeira vez, a primeira traição.

Não havia outros em sua lembrança.

Barth observava enquanto o velho colocava uma pá nas mãos do gordo e o levava para a plantação. Mais dois jovens saíram do helicóptero. Barth sabia o que fariam, podia até vê-los ajudando o velho durante alguns dias, até I finalmente aprender a inutilidade da resistência e do retardo.

Mas Barth não iria ver a repetição de sua própria tortura de dois anos antes. O jovem que saíra primeiro do helicóptero agora o levava para ele, colocou-o num assento junto à janela, e sentou-se a seu lado. O piloto ligou os motores e o helicóptero começou a levantar.

- O bastardo - disse Barth, olhando pela janela o velho esbofetear I brutalmente no rosto.

O jovem deu um risinho. Então, disse para Barth qual seria sua tarefa.

Barth permanecia preso à janela, olhando para fora, sentindo a vida escorregar enquanto o solo recuava lentamente.

- Não posso fazer isso.

- Há tarefas piores - disse o jovem.

Barth não acreditou.

- Se eu - disse -, se eu viver, quero voltar para cá.

- Gosta tanto assim?

- Para matá-lo,

O jovem olhou para ele, confuso.

- O velho - explicou Barth, percebendo que o jovem era basicamente incapaz de entender qualquer coisa. Olhou de novo através da janela. O velho parecia pequenino ao lado da enorme massa informe de carne branca a seu lado. Barth sentiu uma terrível aversão por I. Um terrível desespero por saber que nada seria possível aprender, que novamente e novamente seus outros eus repetiriam esse hediondo enredo.

Em algum lugar, o homem que seria J estava dançando, jogando polo, seduzindo e pervertendo e sendo deleitado por cada mulher e rapaz e, sabe Deus, ovelha que pudesse encontrar; em algum lugar, o homem que seria J jantava.

I curvou-se imensamente à luz do sol e tentou, desajeitadamente, usar a pá. Então, perdendo o equilíbrio, caiu sobre a terra, contorcendo-se. O velho levantou seu chicote.

O helicóptero fez a volta para que Barth nada pudesse ver de sua janela além do céu. Não viu o chicote descer. Mas imaginou o chicote descendo. Imaginou e sabore-ou, ansiando por sentir a opressão do golpe de seu próprio braço. Bata nele de novo!, gritou interiormente. Bata nele por mim! E dentro de si mesmo fez o chicote descer mais uma dezena de vezes.

- Em que está pensando? - perguntou o jovem, sorrindo, como se soubesse a deixa de uma piada.

- Eu estava pensando - disse Barth -, que o velho não pode me odiar tanto quanto eu o odeio.

Aparentemente essa era a deixa da piada. O jovem gargalhou espalhafatosamente.

Barth não entendeu a piada, mas de alguma forma estava certo de que era parte dela. Quis revidar, mas não ousou.

Talvez o jovem tenha visto a tensão no corpo de Barth, ou talvez quisesse simplesmente explicar. Parou de rir, mas não conseguiu conter o sorriso, que penetrou Barth muito mais profundamente que a gargalhada.

- Mas não entende? - o jovem perguntou. - Não sabe quem é o velho?

Barth não sabia.

- Que acha que fizemos com A? - e o jovem gargalhou de novo.

Há tarefas piores que a minha, Barth percebeu. E o pior de tudo seria passar dia após dia, mês após mês, supervisionando aquele animal desprezível que não podia negar a si mesmo.

A cicatriz em suas costas sangrou um pouco, e o sangue grudou no assento quando secou.

A ESTICADA

Sam Merwin Jr.

Tradução de Domingos Demasi

E há as pessoas que não se importam em ser gordas, apenas não querem parecer gordas, aquelas que estão sempre comprando roupas mais frouxas, sempre caçando trajes com linhas agradáveis e listras verticais. Aquelas que adorariam encontrar algo como... bem... uma cinta interdimensional.

Nita Barentz era elástica como uma chama, e fria como gelo seco. No momento de irromper pelo escritório de Paul Carden, estava furiosa como uma colherada quádru-pla de lava quente. Arremessando a cinta de náilon e látex na inofensiva escrivaninha, disse, com sua voz plana e rouca de um contralto de Manhattan:

- Que está tentando fazer agora, Cardy, me estrangular?

Como, na ocasião, Carden se encontrava no processo de venda de sua linha de acessórios de vestuário para o ano seguinte a uma dupla de compradores de lojas de departamentos do meio-oeste, considerou a sugestão dela com algo como prazer.

Mas já que Nita Barentz era inquestionavelmente a melhor máquina exibidora de cintas em todo o distrito de acessórios e estava continuamente recebendo sedutoras ofertas de seus mais implacáveis rivais num negócio bárbaro, ele suspirou, apanhou a cinta ofensiva e perguntou-lhe o que havia de errado com ela.

- Errado com ela? - a voz de contralto de Nina subiu um registro completo. - Não pergunte para mim, pergunte aos gênios assassinos que projetaram esses instrumentos de tortura. Ela me pressionou deste jeito (e fez um definitivo meneio de cintura), deste jeito (fez outro) e deste jeito ao mesmo tempo. Me fez sentir toda dila-cerada.

- Chega de hula-hula durante a hora do expediente - disse Carden, retirando seu charuto. - Procure a srta. Herrin e pegue outra coisa para você desfilar.

Ele observou, não sem apreciar, o indignado e fingido rodopio de afobação com o qual Nita deixou a sala. Com um suspiro profundo, viu que os dois

compradores estavam olhando fixamente para ela. Ia ser bastante difícil fazê-los voltar ao desligamen-to apropriado ao ânimo de comprar. Ele levantou-se, abriu a pequena adega da parede mais distante. Perguntou: “Bem, senhores, que vai ser?”

Quando eles partiram, testou a cinta que machucava, até mesmo colocou-a na cintura diante do espelho. Parecia legal, ela caía bem. Tinha tanta firmeza quanto elasti-cidade. Pouco depois, chamou a srta. Herrin e perguntou-lhe se houvera outras reclamações.

Bluebel Herrin, uma enorme e bastante atraente ex-modelo que se formara como gerente de demonstrações para Roupas Carden, balançou a cabeça e disse:

- Não sei o que deu na Nita, querido. Você sabe como ela é imprevisível.

- É por isso que gosto de você, Bluebel - disse ele passando um braço em volta de sua cintura bem feita. - Você sempre acerta em cheio.

Bluebel pareceu contente. Então, uma faísca de preocupação iluminou sua testa acetinada. E disse, com uma pitada de amuo:

- Pensava que tivesse me chamado para me dizer que tinha mudado de ideia sobre me levar à estreia do Copa amanhã à noite.

Carden suspirou e disse:

- Meu bem, você sabe que não podemos arriscar sermos vistos juntos num lugar como aquele. Alguém poderia contar para Letitia, e seria jogar banha numa fogueira.

Temos que nos limitar ao seu apartamento. E não é tão ruim, é, meu bem?

Foi a vez de Bluebel suspirar. E disse:

- Claro que não, meu bem. Mas é a pior maneira de uma garota desperdiçar os melhores anos de sua vida.

- Não se preocupe, amor - disse Carden, pisando num terreno familiar -, não durará para sempre. Algo terá que ceder em breve.

- Enquanto isso parece que somente eu tenho que ceder - disse Bluebel , livrando-se do envolvimento de um braço só e seguindo tranquilamente em direção à porta.

Carden olhou para ela, franzindo o cenho. Estava bastante evidente que este não era o seu dia.

Porque se sentia malvado, e por causa da cinta ainda permanecer sobre sua escrivaninha ao final do dia, Carden mandou embrulhá-la e levou-a para casa como presente à sua mulher. Letitia, gorducha e de olhos arregalados como sempre, examinou-a com um olhar aflito e falou:

- Muita bondade sua, Paul, mas não vejo como pode esperar que isto caiba em mim.

- Experimente - disse ele -, é a última novidade. Como todos os fabricantes bem-sucedidos de acessórios femininos, ele possuía um pronunciado temperamento sádi-co. Enquanto se barbeava, ouvia com expressão quase angelical os grunhidos e arquejos de angústia que ecoavam esporadicamente no quarto às suas costas. Apres-sou o barbear, antecipando uma visão de primeira fila do combate. Esposa versus cinta - a luta do século.

Mas, ao terminar de passar e secar a loção e virar, viu que, de alguma maneira miraculosa, Letitia vencera. Estava de fato usando a cinta, de pé diante do espelho de corpo inteiro e estudando com descrença a nova elegância que ela dera aos seus volumosos quadris, a fenomenal ausência de protuberâncias compensadoras.

- Querida! - disse ele, vendo o seu reflexo. - Não sei como conseguiu, mas isto é...

é... Unnngh! - Ela fez um estranho movimento contorcido e espasmódico que Carden nunca vira semelhante em teatros burlescos ou sessões só para homens.

- O-o-oh! - ela arfou. - Ooopa! - Ondulando como uma serpente gorducha, piscou furiosamente para evitar que lágrimas repentinas estragassem seu rímel.

- Ei! - Carden estava alarmado. - É melhor tirá-la se não está se sentindo à vontade.

A isso, Letitia respondeu, controlando de qualquer jeito outro espasmo:

- Você está louco?

Na noite seguinte, ao levar Letitia ao Copa, ela disse que tinha as coisas sob controle. Cochichava alegremente enquanto dançavam:

- Estou me acostumando com ela. E você viu o jeito como o Sr. Markel olhou agora mesmo para mim?

- Aquela raposa! - disse Carden, hipocritamente. Letitia dava risadinhas e rebolava em perfeito ritmo de mambo.

Aquela noite, após irem para casa, ela desapareceu. Quando Carden, portando pijama e um caso de azia, entrou no banheiro para escovar os dentes, sua mulher, vestida apenas com a nova cinta, estava contente olhando-se no espelho de corpo inteiro. Quando saiu, pronto para ir para a cama, ela tinha sumido.

Só a cinta restava, misteriosamente caída amarrotada no carpete de parede a parede.

A policia falou sobre tudo, de outro homem a assassinato. Os jornais falaram de Charley Ross e Juiz Crater. Bluebel não falou sobre nada durante um tempo. Apenas olhava para Paul Carden com uma expressão mista de adoração e medo. Duas semanas depois, na estreia seguinte do Copa, ela estava sentada à mesa de Carden.

Depois, na privacidade de seu apartamento, ela disse:

- Paul, não precisamos continuar com isso agora, precisamos? Quero dizer, tudo parece tão furtivo e sórdido. Acho que, com todo o dinheiro que Letitia deixou para você, poderia... bem, poderíamos arcar com uma coisa um pouquinho melhor.

- Você viu o valor do cheque que assinei no Copa? - ele perguntou, melindrado. -

Seja esperta, amor. Ainda tenho os tiras na minha cola. Não sei o que aconteceu a Letitia mais do que eles - mas acreditam que eu saiba. E se lhes der qualquer motivo de suspeita... - e passou o lado da mão significativamente pela garganta.

- Meu bem, pode me contar. - Ela estava perto dele, quase esmagando-o com as nuvens de perfume que emanavam de seu exuberante corpo de ex-modelo. - Que aconteceu realmente?

Ele disse:

- Se soubesse, não acha que lhe diria?

E ela disse:

- Oh, meu bem, não sei. Depende...

Ele a olhou minuciosamente e disse asperamente:

- Então você acha - da mesma forma que os tiras - que eu a assassinei.

Ela virou geleia sob seu olhar firme e severo.

Com o passar do tempo, Carden começava a se considerar um homem de sorte.

Graças às condições do desaparecimento de Letitia, ele não podia se casar novamente durante sete anos - a não ser que seu corpo fosse encontrado. O que, ele pensava, Deus proíbe.

Se tivesse que esperar tanto tempo para herdar sua gorda herança, bem, ainda tinha o negócio e ele prosperava. Aparentemente, sendo suspeito de ter assassinado a própria mulher, isso tornava-o mais interessante de se lidar do que um pária. Inventou toda uma nova linha de acessórios e rotulou-a com uma espécie de humor sinistro. Invisível. Vendia como banana.

Se sua vida doméstica estava longe do ideal, não fora uma perfeição anteriormente. De fato, com o passar gradual do tempo e as exigências de Bluebel crescendo, começou a compará-la desfavoravelmente a Letitia. Até mesmo começou a falar sobre isso:

- Olhe para você - disse certa noite quando estavam novamente juntos no apartamento dela. - Está relaxando consigo mesma. Está ficando redonda - e com protuberâncias. E você trabalha para mim, um fabricante de cintas.

Ela começou a chorar e disse:

- Isso é de família; todos engordamos após os trinta. Que posso fazer, Paul? Que posso fazer?

Ele a olhou com desdém. Então, ao se virar, lembrou da cinta que fizera maravilhas por Letitia, pouco antes do seu desaparecimento. No dia seguinte, retirou-a da gaveta na qual havia ficado, dobrada caprichosamente, mandou embrulhá-la de novo e a presenteou a Bluebel .

- Pode não ser muito confortável a princípio - disse-lhe -, mas fará maravilhas por você. Precisa de um milagre. Aqui esta ele.

Imaginou o que isso faria por ela - certamente fizera a desaparecida Letitia quase apetecível. E, de passagem, imaginou se faria Bluebel desaparecer também.

No dia seguinte, quando Bluebel veio trabalhar, confessou a Carden que a cinta estava matando-a.

- Me faz sentir forçada a sair de forma - disse, retorcendo-se um pouco.

- Então, jogue-a fora - resmungou, olhando sua figura que recuperara a esbeltez.

- Está maluco? - perguntou, seus olhos azuis dançando. - Olhe o que faz por mim.

Girando o charuto no canto da boca, ele tivera que admitir, com ressentimento a princípio e logo com crescente interesse, que ele a fizera parecer dez anos mais jovem de corpo e Bluebel sempre fora jovem de rosto. Ele disse:

- Espere por mim esta noite, amor. Passo por lá por volta da meia-noite.

Ela disse:

- Oh, Paul... querido! - Beijou-o afetuosamente e saiu, cantarolando uma música alegre para si mesma. No vão da porta, voltou-se e disse:

- Está começando a se ajustar melhor. É apenas uma questão de se acostumar a ela.

Limpando o batom de sua boca com um lenço, Carden ouviu soar um alarme anterior. O padrão estava se tornando alarmantemente próximo ao que precedeu

o ainda inexplicado desaparecimento de Letitia. E se Bluebel ...?

Ao chegar ao apartamento dela, naquela meia-noite, decidira dizer-lhe para jogar fora aquela coisa maldita. Mas era tarde demais. Bluebel desaparecera. Seu negligê de seda azul e chinelos peludos jaziam num pequeno monte no centro do chão da sala. E, no meio da patética pilha de roupas, estava a cinta. Carden apanhou-a e enfiou-a no bolso do sobretudo. Então saiu dali... rapidamente...

Voltou para a festa da qual saíra discretamente minutos antes, estabelecendo, assim, um álibi intransponível - já que ninguém mais o vira entrar ou sair do apartamento de Bluebel , a dois pequenos quarteirões dali. Foi uma boa coisa que fez, pois os tiras confusos com sua ligação com um segundo desaparecimento, tiveram mais dificuldade ainda. Mas, como não tinham a mínima prova envolvendo Carden, finalmente foram forçados a desistir.

Carden, apavorado, comportou-se muito bem por um par de meses. Então, uma tarde, enquanto discutia um desfile com Nita Barentz, que assumira o trabalho de Bluebel , viu-se convidando-a para um encontro aquela noite.

Nita encarou-o criticamente por cima de um cigarro. Ela disse:

- Seis meses atrás eu teria dito sim e você sabe disso. Agora - soprou um perfeito anel de fumaça -, não entendo por quê. Já tenho o trabalho que queria e você ficou gordo - gordo demais.

Carden pestanejou. Sua poltrona abraçava seus quadris mais confortavelmente que no passado. E o cinturão de suas calças bem cortadas espremia diariamente a carne por baixo, deixando-a sulcada de vermelho. Ele disse, sabendo de imediato que desejava Nita como nunca desejara outra mulher em sua vida:

- Meu bem, se eu fizer dieta e perder alguma banha, que tal?

Ela soprou outro anel de fumaça, sentou-se na borda da escrivaninha, revelando a impecável esbeltez do contorno de seus quadris. Ela disse:

- Não creio que consiga, Cardy. Já o vi devorando um Chateaubriand com molho Bearnaise. Mas, se conseguir, vou lhe deixar dar uma volta. Sejamos francos... ambos somos canalhas e é melhor que convivamos em harmonia. Galos do mesmo saco e essas coisas todas...

Carden pegou seu telefone:

- Vou entrar agora mesmo para uma academia de ginástica - disse para ela.

- Faça essa coisinha - disse ela, com diversão em seus claros olhos verdes. Havia também um afeto oculto? Carden tentou desesperadamente vender a ideia para si mesmo. E, acima de qualquer coisa, ele era um bom vendedor.

Ele fez exercícios, dieta, passou fome, e ao fim de dez dias estava 150 gramas mais leve. Em sua fúria e frustração, só fazia pisar com força em balanças de banheiro. Ele não era, dizia a si mesmo miseravelmente, feito para a vida de um monge.

Colocou as mãos sobre a abóbada de sua barriga, tentando espremê-la até ficar achatada. Fracassou. Pensou em Nita, tão fascinante, tão informal, tão difícil de conseguir para ele, a qualquer custo. Gemeu.

Alguma coisa teria que ser feita.

Remexeu seus pijamas, retirou o papel do fundo da gaveta. Lá estava ela, um pouco enrugada e amassada, um pouco imprópria para o uso - mas não muito - a cinta que fizera tanto por Letitia e Bluebel , pouco antes de desaparecerem.

Sentiu seu peso com a mão, maravilhando-se com a leveza. Uma mercadoria realmente boa pelo que ele podia afirmar. Não queria sumir como sua mulher e sua amante. Mas, se tivessem sido um pouco mais cuidadosas, se a vaidade delas não as tivesse feito usarem a cinta o tempo todo...

Era um acessório feminino - isso significava que ele não podia usá-la? Carden, como fabricante, sabia muito bem que podia. Apertando forte o charuto entre os dentes, baixou-a, enfiou-a e puxou-a para seus quadris.

A não ser pelo absurdo de um acessório feminino em seu corpo masculino, a cinta mostrou ser a cura mágica para a obesidade de Carden. A curva convexa do seu es-tômago foi miraculosamente achatada até a semelhança de seu contorno da juventude. Olhou-se no espelho de corpo inteiro, pensando: Cuidado. Nita, aqui vou eu.

- Uuuui! - ele quase gritou enquanto a angústia o dominava. Sentiu como se as pernas estivessem sendo puxadas para fora do corpo em ângulos impossíveis.

Torceu o corpo e a dor passou, curvou-se para apanhar seu charuto mordido do carpete. E

ela o atingiu de novo, parecendo empurrar suas entranhas para fora. Resfolegou e grunhiu, sentindo o suor emergir por todo o corpo. Mas, mesmo assim, captou um vislumbre de si mesmo no espelho e ficou lisonjeado e contente com o que viu.

Tirou-a e, sem novamente olhar seu reflexo, jogou-se na cama. Ia precisar desse sono. O amanhã prometia ser um dia difícil.

Ele trincava os dentes contra o esporádico desconforto quando Nita entrou em seu escritório. Ela disse:

- Cardy, que está planejando para o... - Parou, a boca semiaberta, começou a rondá-lo como um enorme e matreiro felino selvagem em volta de sua presa. Ela disse:

- Que aconteceu com você? Está com uma aparência maravilhosa.

- Eu lhe falei que o faria - disse, conseguindo de alguma maneira que sua voz parecesse normal. - Por você, acho que faria qualquer coisa. E posso lhe dizer... não é fácil.

- Coitado do Paul - disse ela, acariciando seu ombro. Então, ela disse: - Bem, vou tirar o dia de folga.

- Aonde vai? - chamou-a.

Ela parou, falou por sobre o ombro.

- Se vou jantar com você esta noite, Cardy, terei que tomar um banho de loja. Vejo-o às sete.

Ele abriu a boca para protestar, então pensou melhor. A cinta ainda estava provocando-lhe espasmos. Felizmente, com Nita ausente, havia uma pilha de encomendas e desfiles para ocupar sua atenção. Só apenas às seis e meia daquela tarde pôde respirar aliviado. Então, para seu misto de terror e prazer, a cinta lhe parecia quase confortável.

Olhou o relógio e franziu o cenho. Não podia retirá-la agora e mostrar-se a Nita em todo o seu excesso de peso; nem poderia continuar usando-a para sempre, muito menos ter o mesmo destino que se abatera sobre Letitia e Bluebel . Ele seria, havia decidido, até a meia-noite, Cinderela da cinta de cristal, pensou. Quando pediu ao porteiro lá embaixo para chamar-lhe uma carruagem de abóbora, o homem olhou-o como se ele estivesse maluco.

Nita parecia encantadora quando abriu a porta para ele. Ela disse:

- Achei que seria legal tomarmos um drinque aqui antes de sairmos. Espere por mim na sala. Tenho tudo pronto na cozinha.

Ele entrou, dono da situação. Conhecendo Nita, sabia que ela não se importaria muito o quão rechonchudo ele fosse na intimidade, contanto que mostrasse uma esbeltez consistente em sua companhia em público. Ficou de pé diante de um espelho de moldura dourada e acariciou complacentemente sua protuberância que sumira. A cinta estava quase confortável, quase - se desse um pequenino puxão, tinha certeza que poderia esquecer que estava usando-a.

Ele deu um pequeno puxão...

Ele estava de pé no que parecia ser um interior de caleidoscópio. Formas e cores bizarras surgiam de todos os lados, opacas, transparentes. Fundiam-se ou tomavam forma de uma espécie de nada cinzento acima de uma maneira completamente in-compreensível para ele.

Uma figura que parecia tão humana quanto a armação de arame de um escultor para uma escultura surgiu do nada e uma voz - seria mesmo uma voz? - ressoou em sua cabeça. Ela disse:

- Oh, céus! Outro - e este é um homem. Como aconteceu, por favor?

- Onde estou? - disse Carden, estupidificado.

- Está em Nova York, é claro - foi a resposta. - Mas é melhor vestir alguma roupa antes de ser preso.

Uns tecidos de aparência estranha com padrões e cores ainda mais estranhos foram passados para ele. Ao olhar para baixo para seus próprios membros, quase ficou paralisado de terror. Nita o quisera magro - mas não tão magro assim. Ele,

também, parecia como uma simples armação de arame torcido de um ser humano. Ele disse:

- Pare de brincar, sim? Que está havendo aqui?

- Isso é que eu gostaria de saber - foi a resposta e, de alguma maneira, Carden colheu a distinta impressão de que essa era uma fêmea da espécie. - E as autoridades também, acho. Você veio através da cinta perdida que estica em três direções?

- Que estica em três direções? - Carden engoliu em seco. - Não existe isso. É impossível; num mundo tridimensional... - Parou de falar ao perceber completamente as implicações.

- Esta é a quarta dimensão? - perguntou, tremulando.

- Pode chamar assim - foi a resposta. - Venha, seja lá qual for o seu nome. Preciso levá-lo à cidade, para as autoridades. Se meu marido descobrir... - Ela deixou o resto em suspenso.

- Sabe - acrescentou, ajudando-o com as estranhas vestimentas -, você é a terceira pessoa que chega aqui nos vários lunares passados. Parece que houve um engano no centro de roupas e uma cinta escapou. Duas mulheres vestiram-na e realizaram o pulo. Se veio da mesma maneira, o que você, um homem, fazia vestindo-a?

Letitia e Bluebel aqui diante dele. A perspectiva era aterrorizadora. Ele disse:

- Minha cara, precisa me entregar? Quero dizer... não existe outro jeito de lidar com isso? Prometo a você que, se pessoas usam cintas aqui, posso fabricá-las. Por que não me ajuda a começar? - Olhou-a de soslaio com o que esperava que fossem seus olhos, e acrescentou: - Eu poderia fazer maravilhas por seu corpo... não que ele precise de muita ajuda, é claro. Mas apenas um pouquinho acrescentado aqui, um pouquinho suprimido dali... Isso poderia ser lucrativo para nós dois.

O som que ela produziu só podia ser de gargalhada. Ela disse:

- Como consegue se manter tão deliciosamente gordo sem uma cinta? Todos os homens que conheço são magros como trilhos. Sem suas cintas, não são nada.

- É um truque - disse ele modestamente, tentando assimilar a sinistra aparência de sua anfitriã.

- Só pode ser. - Ela apanhou dois cones de aparência estranha de uma espécie de depósito e ofereceu-lhe um. Seguindo-a, colocou a parte pontuda na boca, tragou.

Era uma espécie de cigarro tetra dimensional... e tinha um sabor muito melhor do que aparentava.

Ele disse:

- Seu marido?...

E ela disse:

- Quem? Ah, meu marido. Não se preocupe com ele. Mas terei que levá-lo à cidade, receio. Então, quando você estiver com tudo acertado, talvez possamos fazer planos.

- Claro - disse ele. - Claro... já estou ansioso por isso - Mas ele sabia quanto estava enrascado. E além do mais, se Letitia e Bluebel parecessem como sua anfitriã, não iria fazer muita diferença. Pensou no que aconteceria se Nita experimentasse a cinta.

Seria um verdadeiro sururu.

Mas Nita não era do tipo de garota que fosse precisar de uma cinta durante muito tempo.

CAMELOS E DROMEDÁRIOS, CLEM

R. A. Lafferty

Tradução de Domingos Demasi

Mulheres grávidas têm o tipo mais efêmero de excesso de peso; precisam comer por dois, crescer, crescer e crescer, e então outra pessoa surge no mundo e todo peso extra desaparece. E se fosse assim com todo mundo? Ou, pelo menos, para Clem?

- Gregos e armênios, Clem. Condores e abutres.

- Samoiedos e malamutes, Clem. Galena e molibdenita.

- Ei, espere! Que tipo de papo é esse?

É o papo definitivo. É o papo fundamental. Não há outro tipo de papo que nos levará ao âmago desta coisa.

Clem Clendenning era um caixeiro-viajante, um dos bons. Tinha faturado US$

35.000 no ano anterior. Trabalhava para uma fábrica numa cidade do meio-oeste. A fábrica fazia um produto único, e Clem o vendeu a mais de um terço da nação.

As coisas estavam indo bem com ele. Então, aconteceu uma coisinha, e ela mudou sua vida completamente.

Vendedores têm macetes com os quais checam e rechecam. Fazem uma coisa quando se hospedam em hotéis de cidades distantes: certificam-se de que estão registrados. Parece tolice, mas não é. Um vendedor receberá telefonemas de seu escritório central e é importante que o escritório possa localizá-lo. Sempre que Clem se hospedava num hotel checava após algumas horas para ter certeza de que o haviam registrado corretamente. Ligava de algum lugar e perguntava por si mesmo. E às vezes acontecia dizerem que ele não estava registrado. Nessas ocasiões, Clem fazia uma grande zoeira para ter certeza de que não se enganariam mais.

Chegando a uma cidade nesse dia crítico, Clem estava morto de fome e cansado até a medula. Ambos os estados eram incomuns para ele. Foi a uma lanchonete e

comeu glutonamente durante uma hora, tanto que as pessoas olharam para ele. Comeu quase ao ponto da apoplexia. Então seguiu de táxi até o hotel, registrou-se, e subiu imediatamente para seu quarto. Depois, sem se lembrar se estava despido ou não (ainda era de tardinha), jogou-se na cama e dormiu, ao que parece, durante horas.

Mas ele notou que foi apenas meia hora depois que acordou, sentindo-se de alguma forma despojado, como se tivesse sofrido uma grande perda. Tropeçava em meio a uma tonteira, e mais uma vez foi possuído por uma fome irracional. Desfez a mala um pouco, vestiu um paletó, e ficou surpreso ao descobrir que pendia dele um tanto folgado.

Saiu com a sensação de que deixara algo na cama e não estava muito certo, mesmo assim tivera medo de olhar. Encontrou um lugar agradável e fez outra lauta refei-

ção. Em seguida (noutro lugar, para que as pessoas não ficassem intrigadas com ele) fez uma outra. Sentia-se melhor agora, mas muito esquisito, muito esquisito.

Receando que pudesse estar ficando seriamente doente, decidiu checar suas coor-denadas. Usou o velho truque. Encontrou um telefone, ligou para seu hotel e perguntou por si mesmo.

- Vamos verificar - disse a telefonista, e um pouquinho depois falou: - Só um minuto, ele já vai atender.

- Com todos os demônios - rosnou - com quem será que me confundiram desta vez?

E Clem estava para elevar a voz desagradavelmente a fim de cuidar para que fizessem a correção, quando uma voz surgiu ao telefone.

Esse é o ponto crítico. Era a sua própria voz.

Aquele que se chamava Clendenning riu a princípio. Então, gelou. Não era nenhum trote. Não era nenhuma fantasia. Não havia dúvida de que era a sua própria voz.

Clem usava muito o Dictaphone e conhecia o som de sua própria voz.

E agora ouvia sua voz elevar-se em todos os seus aspectos inconfundíveis, uma bronca sobre idiotas que telefonam e ficam em silêncio, sem responder.

“Sou eu mesmo” - Clem sussurrou para si mesmo.

“Falo mesmo grosso quando estou irritado.”

Havia uma lei contra ser importunado por telefone, disse a voz no receptor. Por Deus, disse a voz no receptor, ele acabara de notar que seu quarto fora pilhado. Estava monitorizando o chamado neste exato momento, roncou a voz no receptor.

Clem sabia que era mentira, mas a reconheceu como seu estilo particular de mentir.

A voz ficou muito rude e irreverente.

Então houve uma mudança no tom.

- Quem é você? - a voz perguntou ocamente. - Estou ouvindo-o respirar amedrontado. Conheço o seu ruído. Aaaai... sou eu! - E a voz no telefone também estava respirando amedrontada.

“Deve haver uma explicação” - disse a si mesmo. - “Vou ao meu quarto tomar um banho quente e tentar esquecer tudo, dormindo.”

Então ele rosnou de novo: “Ir ao meu quarto! Estarei maluco? Acabei de ligar para o meu quarto. Já estou lá. Não iria ao meu quarto nem por um milhão e cento e cinco mil dólares.”

Ele tremia como se os ossos estivessem folgados demais para a carne. Gozado que nunca notara o quanto era ossudo. Mas ele não estava tão amedrontado a ponto de não pensar diretamente num outro assunto, por mais estranhas que as coisas pudessem ser.

“Não, não voltaria àquele quarto por nenhuma soma. Mas vou fazer algo por outra soma, e o farei rapidamente.”

Ele correu, e ainda não parara de correr. O fato de ter outra carne à sua semelhan-

ça o aterrorizava. Correu, mas sabia que estava correndo para o primeiro estágio de tudo.

Pegou o avião da noite de volta para sua cidade, deixando maleta e bagagem para trás.

Estava no banco, quando ele abriu pela manhã. Fechou todas as suas contas.

Transformou tudo em dinheiro. Isso levou várias horas. Saiu de lá com US$ 83.000, Não se sentiu como um ladrão; era dele mesmo; não poderia pertencer ao seu outro eu, poderia? Se havia dois deles, que houvessem duas contas separadas.

Agora era ir embora depressa.

Continuava a se sentir esquisito. Pesou-se. Apesar de ter comido tanto ultimamente, perdera quarenta e cinco quilos. Isso era o suficiente para fazer qualquer um se sentir esquisito. Foi para Nova York perder-se na multidão e pensar sobre o assunto.

E qual seria a reação em sua firma e em sua casa quando fosse dado por desaparecido? Esse era o segundo ponto. Ele não foi dado por sumido. Com o passar dos meses seguia os feitos de seu outro eu. Viu suas fotos nos jornais de negócios; continuava na mesma firma; continuava sendo o vendedor principal. Sempre comprava o jornal de sua cidade, e às vezes se encontrava nele. Viu sua própria foto com a mulher, Verônica. Ela parecia maravilhosa e, tinha que admitir, ele também. Ainda continuavam participando dos acontecimentos sociais.

“Se ele é eu, quem sou eu?” Clem continuava a se perguntar. Não parecia haver resposta. Não havia nenhuma alça para se segurar as coisas.

Clem foi a um analista e contou sua história. O analista disse que Clem quisera fugir do seu trabalho, ou de sua mulher Verônica, ou de ambos. Clem insistiu que não era bem assim: ele amava seu trabalho e sua mulher; tinha plena e profunda satisfa-

ção com ambos.

- Você não conhece Verônica senão não sugeriria isso - disse ele ao analista. -

Ela é... hã... bem, se você não a conhece, ora bolas, então você não sabe de nada.

O analista disse-lhe que tinha sido seu próprio Id falando com ele ao telefone.

- Como é que o meu Id está fazendo um excelente trabalho de vendas numa cidade a quinhentos quilômetros daqui, e eu estou aqui? - Clem quis saber, - Os Ids de outros homens não são tão talentosos.

O analista disse que Clem estava sofrendo de um tmema ou diaire-tikos de uma parte estranhamente denominada de seu sistema psíquico.

- Ora, diabos, sou um extrovertido. Coisas desse tipo não acontecem com pessoas como eu - disse Clem.

Daí em diante, Clem tentou fazer o melhor de sua vida de meio-termo. Rapidamente estava bem e de volta ao peso normal. Mas nunca mais em sua vida falou novamente ao telefone. Teria morrido quase que literalmente se tivesse ouvido de novo a sua voz daquela maneira. Não tinha telefone em nenhum aposento onde morava.

Usava aparelho auditivo, do qual não precisava; dizia às pessoas que não podia ouvir ao telefone, e que qualquer telefonema indesejável que lhe fosse dado deveria ser anotado e transmitido a ele.

Tinha que ficar de olho no seu outro eu, por isso renovou um antigo contato.

Numa firma em Nova York havia um homem a quem telefonara regularmente; esse homem tinha uma cabeça aberta e jovial que não seria assustada pelo inusitado.

Clem começou a se encontrar com esse homem (Por que mentir? Seu nome era Joe Zabotsky), não na firma, mas depois do expediente, num bar que ele sabia que Joe frequentava.

Joe ouviu a história de Clem e acreditou nela - após ter telefonado (na presença de Clem) para o outro Clem, localizando-o a mil milhas dali e encomendando um suprimento mensal adicional do produto único do qual não precisava realmente, pois as coisas andavam um pouco devagar em todos os setores naquela ocasião.

Depois disso, Clem passou a encontrar Joe Zabotsky em média uma vez por mês, após a época em que ele achava que o outro Clem já tinha completado sua visita mensal a Nova York.

- Ele está mudando um pouco, e você também - Joe disse a Clem certa noite. -

Sim, aconteceu com ele o que aconteceu com você. Ele perdeu muito peso, tempos atrás, no que você chama de dia crítico, e o recuperou rapidamente da mesma forma como você. O que me intriga, Clem, é qual de vocês eu conhecia. Há umas coisas antigas entre nós que ele se lembra e você não; há outras que você recorda e ele não: e, diabos, há algumas que ambos lembram, e elas aconteceram entre mim e apenas um outro homem, não entre mim e dois homens. Mas nestes últimos meses seu rosto parece estar ficando um pouco mais cheio, e o dele um pouco mais seco.

Vocês ainda se parecem, mas não tanto quanto se pareciam a princípio.

- Eu sei - disse Clem. - Agora estudo os analistas, já que não adiantou nada eles me estudarem, e aprendi um antigo truque de analistas. Pego uma antiga foto do meu rosto, divido-a no meio e completo cada metade com sua imagem refletida num espelho. Isto me dá dois rostos um pouquinho diferentes. Ninguém tem as duas metades do rosto exatamente iguais. Esses dois rostos diferentes supostamente indicam dois aspectos diferentes da personalidade. Agora estudo a mim mesmo e vejo que estou me tornando mais como uma das composições; portanto, ele deve estar se tornando mais como a outra composição. Ele falou que está havendo problemas entre Verônica e ele, não? E nenhum dos dois entende bem o que está se passando?

Nem eu.

Clem vivia modestamente, mas começou a beber mais do que antes. Observava, através do intermediário Joe e outros meios, os feitos de seu outro eu. E esperava.

Esse foi o negócio mais peculiar que ele já enfrentara, mas não fora passado para trás em muitos negócios.

“Ele não é mais esperto que eu” - insistia Clem. “Mas, bolas, se ele sou eu, ele também é muito esperto. O que ele faria se estivesse em meu lugar? E, acho eu, de certa forma, está.”

Continuando seu passatempo de beber, remoer e esperar, Clem frequentava vários barezinhos, e certo dia se encontrou no Bar Duas-Caras. Ele era de propriedade e servido por Terrel Duas-Caras, um vigarista e cavalheiro, e também uma espécie de janota. Um homem acabara de sentar-se a uma mesa fracamente iluminada, junto a Clem, fora servido por Duas-Caras e agora o homem começara a falar:

- Por que Mateus tem dois jumentos? - o homem perguntou.

- Que Mateus? - perguntou Clem. - Não sei do que está falando.

- Estou falando sobre 21:1-9, é claro - disse o homem. - Os outros evangelhos só têm um jumento. Alguma vez já pensou nisso?

- Não, nunca tinha pensado - disse Clem.

- Bem, então me diga, por que Mateus tem dois demoníacos?

- O quê?

- 8:28-34. Os outros evangelistas só têm um maluco.

- Talvez só houvesse um doido a princípio, e ele deixou maluco o sujeito que estava bebendo a seu lado.

- É possível. Ora, está brincando. Mas por que Mateus tem dois cegos?

- Dê os números, onde isso acontece? - perguntou Clem.

- 9:27-31, e de novo em 20:29-34. Em cada caso os outros evangelistas só têm um cego. Por que Mateus duplica tantas coisas? Talvez haja outros exemplos disso.

- Talvez ele precisasse de óculos - disse Clem.

- Não - o homem sussurrou -, eu acho que ele era um de nós.

- De que “nós” está falando? - perguntou Clem. Mas já começara a suspeitar que seu caso não era o único. Suponha que a coisa tivesse acontecido uma vez em um milhão? Haveria várias centenas de pessoas divididas no país, e a tendência

delas seria se congregar - em lugares como o Bar Duas-Caras. E havia algo despojado ou fendido em quase todas as pessoas que entravam no estabelecimento.

- E lembre - o homem estava continuando - que o nome ou apelido de um dos outros apóstolos era “O Gêmeo”. Mas de quem ele era gêmeo? Acredito que foi o início de um grupo deles já naquela ocasião.

- Ele quer ver você - disse Joe Zabotsky a Clem quando se encontraram vários meses depois. - E ela também.

- Quando ele começou a suspeitar que havia outro de mim?

- Ele sabia desde o início que havia algo errado. Um homem não perde quarenta e cinco quilos num instante sem haver algo errado. E ele soube que havia algo muito errado quando todas as suas contas foram limpadas. E não eram falsificações, pois eram apressadas e todas diferentes e muito nervosas. Mas eram todas assinaturas genuínas, ele admitiu. Droga, você é um cara curioso, Clem!

- O quanto sabe Verônica, e como? O que ela deseja? O que ele deseja?

- Ele disse que também começou a matutar desde o início. “Você age como se fosse apenas um homem pela metade, Clem”, ela teria dito a ele, isto é, a você. Ela quer ver mais do seu marido, diz ela, a outra metade. E ele quer trocar de lugar com você, pelo menos de vez em quando, na base da experiência.

- Não farei isso! Que ele se dane! - Então Clem chamou Clem de um nome tão vil que não será reproduzido aqui.

- Calma, Clem - advertiu Joe. - Está chamando a si mesmo disso.

Há um enigmático velho-jovem homem que vai às vezes ao Bar Duas-Caras. Os olhares deles se cruzaram nesse dia, e o velho-jovem começou a falar.

- Não é a consciência a coisa que divide o homem dos animais? - perguntou ele.
-

Mas consciência é uma coisa dupla, a visão do eu de alguém; não apenas um conhecimento, mas um saber que esse alguém sabe. Portanto, a pessoa humana é

essencialmente dupla. Como isso funciona normalmente na prática, eu não entendo. Nossos estados presentes com certeza não são a coisa normal.

- Minha própria consciência não é intensificada já que minha pessoa é duplicada -

disse Clem. - Funciona tudo de outra maneira. Minha consciência é enfraquecida.

Torno-me a criatura de minha própria consciência. Há algo em você de que não gosto, cara.

- O animal é simples e único - disse o velho-jovem. - Carece de consciência reflexi-va verdadeira. Mas o homem é dual (embora não entenda o significado total disso aqui), e tem pelo menos a sugestão da verdadeira consciência. E qual é o próximo passo?

- Creio que você sabe - disse Clem. - Meu pai o teria chamado de um pregador de Judas.

- Não é bem disso que me chamaria. Mas o que segue a singularidade do animal e a dualidade do homem? Lembra a assustadora frase de Chesterton? - “nós, os trini-tarianos, temos sabido que não é bom para Deus sermos sós”. Mas o caso Dele foi o mesmo que o nosso? Teria tido Ele uma violenta divisão dupla, ou uma divisão tripla, quando Ele descobriu certo dia que eram Três Dele? Teria Ele se acostumado a isso?

É possível que Ele possa?

- Sim, você é um pregador de Judas. Odeio essa espécie.

- Mas não sou, Sr. Clendenning. Não entendo essa duplicação nem um pouco mais do que você. Acontece apenas uma vez em um milhão, mas aconteceu com a gente.

Talvez tivesse acontecido com Deus apenas uma vez em um bilhão, mas aconteceu.

O Deus que pode ser muito mais raro do que qualquer de vocês possa imaginar.

- Deixe-me explicar: minha outra pessoa é um homem muito bom, muito melhor do que quando estávamos unidos. Ele já é decano, e será um bispo dentro de cinco anos. Sejam quais forem as dúvidas e ceticismos que haviam em mim originariamen-te ainda estão em mim no presente, e de alguma forma, intensificados. Não quero ser inflexível ou duvidar. Não quero falar zombeteiramente das grandes coisas. Mas as coisas perturbadoras estão todas aqui em mim. O meu outro eu está livre delas.

- Você acha que pode ter havido um Napoleão duplicado que era um fiasco em estratégia e um covarde nervoso? Teria permanecido nas matas do Kentucky durante muitos anos um Lincoln dividido que libertou completamente seu prazer nato pelas anedotas imorais, negócios imorais, a vida de pés descalços, o apalermamento sempre crescente? Teria havido um Agostinho dividido que se tornou cada vez mais Ma-niqueu, que refinou mais e mais suas artes de falsa lógica e fornicação, que uivava contra a razão, que juntou-se à falta de devoção da multidão? Haveria um anticristo -

o homem que fugiu nu do jardim ao anoitecer deixando suas vestes para trás? Nós dois sabemos que não se deve manter as vestes no momento da divisão.

Uma ova que sei, pregador de Judas. A abominação que lhe deu seu nome, houve um outro dele? Foi melhor ou pior? Vou embora.

- Ela está na cidade e vai encontrá-lo esta noite - disse Joe Zabotsky a Clem no encontro mensal que tiveram a seguir. - Temos tudo arrumado.

- Não, não, Verônica, não! - Clem estava assustado. - Não estou preparado para isso.

- Ela está. É uma mulher decidida, e sabe o que quer.

- Não, não sabe, Joe. Tenho receio. Não tenho tocado em nenhuma mulher desde Verônica.

- Bolas, Clem, é de Verônica que estamos falando. Parece até que não continua casado com ela.

- Ainda receio, Joe. Agora eu me tornei algo antinatural. Onde devo me encontrar com ela? Ora, ora, seu filho de uma cobra! Posso sentir a presença dela. Ela já estava no local, quando entrei. Não, não, Verônica, não sou o

próprio. É tudo um caso de falsa identidade.

- Claro que é, Clem - disse a decidida Verônica enquanto se dirigia à mesa deles. -

Venha comigo agora. Você vai ter que dar mais explicações do que qualquer pessoa jamais ouviu falar.

- Mas não sei explicar, Verônica, Não sei explicar nada disso.

- Você vai tentar arduamente, Clem. Nós dois vamos. Obrigada, Sr. Zabotsky, pela sua discrição numa situação bem estranha.

Bem, foi tudo bem, tão bem que devia ter dente de coelho. Verônica era uma mulher incomum e desejável e Clem sentira saudades dela. Foram pela cidade, mansamente. Costumavam fazer isso uma vez por ano, mas tinham estado separados em suas pessoas atuais durante vários anos. Mesmo assim, Verônica quis revisitar “aquele lugarzinho onde estivemos ano passado, oh, mas não foi você, não, Clem? - foi Clem”, e esse tipo de conversa era confuso.

Jantaram lautamente, e conversaram íntima mas nervosamente. Havia amor entre os dois ou entre eles, ou em torno deles de alguma maneira. Não entendiam como aquilo se tornara grotesco.

- Ele nunca o perdoou por ter limpado as contas - disse Verônica.

- Mas era o meu dinheiro, Verônica - Clem insistiu. - Eu o ganhei com o suor da minha conversa e meu cérebro. Ele não teve nada a ver com isso.

- Mas está enganado, querido Clem. Vocês trabalharam igualmente pelo dinheiro quando eram um só. Só devia ter retirado a metade.

Voltaram para o hotel de Verônica, e um dos recepcionistas olhou para Clem desconfiado.

- O senhor não acabou de subir, depois desceu e subiu novamente? - perguntou.

- Tenho meus altos e baixos, mas você deve estar querendo dizer outra coisa - disse Clem.

- Não fique nervoso, meu bem - disse Verônica. Estavam agora no quarto de Verô-

nica, e Clem olhava em volta, nervoso. Ele pulara para um espelho sem ter certeza do que era.

- Ainda sou a sua mulher - disse Verônica -, e nada mudou, a não ser tudo. Não sei como, mas vou colocar de novo as coisas nos lugares. Você tem que ter sentido falta de mim. Estou aqui! - E ele chorou da cabeça aos pés como se fosse uma crian-

ça. Clem sempre a amara por sua força repentina. Se você não esteve nos braços de Verônica, então não esteve em lugar nenhum.

- Tire suas mãos calosas de cima de minha mulher, seu idiota nojento! - uma voz rompeu como um relho, e Verônica largou Clem pesadamente por causa do susto.

- Oh, Clem - disse ela, exasperada -, não devia ter vindo aqui quando eu estava com Clem. Agora estragou tudo. Não podem ter ciúme um do outro. Vocês são o mesmo homem. Vamos fazer as malas, ir para casa e viver nossas vidas. Que as pessoas falem, se quiserem.

- Bem, não sei o que fazer - disse Clem. - Não é desse jeito. Não existe nenhum jeito. Nada pode dar certo com a gente enquanto formos três.

- Há um jeito - disse Verônica com uma súbita dureza na voz. - Vocês dois terão que se unir de novo. Sou eu quem dou as ordens agora. Para começar cada um de vocês perde quarenta e cinco quilos. Ficarão ambos a pão e água de agora em diante. Não, pensando bem, nada de pão! E nada de água; ela também pode engordar.

Vocês dois não terão nada durante um mês.

- Nada disso - disseram ambos os Clem. - Isso vai nos matar.

- Que morram, então - disse Verônica. - Não servem para mim do jeito que estão.

Deverão perder peso. Creio que será o que vai acionar tudo. Então, voltaremos para Rock Island, ou seja lá em que cidade foi, e nos hospedaremos no mesmo

quarto de hotel onde um de vocês se levantou estonteado e deixou o outro inconsciente na cama. Recriaremos essas circunstâncias e veremos se vocês dois poderão se unir de novo.

- Verônica - disse Clem -, é física e biologicamente impossível.

- Também topologicamente absurdo.

- Deviam ter pensado nisso quando se dividiram. Tudo que têm a fazer agora é se juntarem de novo. Façam isso! Estou dando um ultimato. Não há outro jeito. Vocês dois terão que se juntar novamente.

- Há um outro jeito - disse Clem numa voz penetrante que amedrontou tanto Verô-

nica quanto Clem.

- Qual? Qual é? - os dois perguntaram.

- Verônica, você tem que se dividir - disse Clem.

- Você tem que se partir ao meio.

- Oh, não. Não!

- Você engorda quarenta e cinco quilos o mais depressa que puder, Verônica. Clem

- disse Clem -, traga uma dezena de bifes aqui para cima, para ela começar. E uns dez quilos de farinha de osso, seja lá o que for isso. Parece que também poderá ajudar.

- Deixa comigo, deixa comigo - gritou Clem. - E uns dez quilos de morcela. Ei, onde será que poderei conseguir tanta morcela a esta hora da noite?

- Rapazes, estão falando sério? Acham que vai dar certo? - Verônica engoliu em seco. - Tentarei qualquer coisa. Como começo?

- Tenha pensamentos divisórios - gritou Clem enquanto partia para buscar os bifes, a farinha de osso e a morcela.

- Não sei de nenhum - disse Verônica. - Ah, sim, sei! Pensarei neles. Faremos tudo!

Conseguiremos que funcione.

- Vai ser fácil para você, Verônica - disse Clem. - Sempre foi uma hipócrita. E sua própria mãe sempre disse que tinha duas caras.

- Oh, eu sei. Eu sei! Faremos tudo. Faremos com que funcione. Queimaremos até o último cartucho.

- Você tem que se tornar um par, Verônica - disse Clem numa das sessões deles. -

Pense em pares.

- Crocodilos e jacarés, Clem - disse ela. - Sapos e rãs. Enguias e lampreias.

- Cavalos e asnos, Verônica - disse Clem. - Alce e gamo. Coelhos e lebres.

- Cogumelos e chapéus-de-cobra, Verônica - disse Clem. - Limo e líquen. Borboletas e mariposas.

- Camelos e dromedários, Clem - disse Verônica. - Salamandras e tritões, libélulas e lavadeiras.

Sim, pensaram sobre pares o tempo todo. Imaginaram todos os tipos de pensamentos emparelhados e divisórios. Mergulharam nas profundezas da psicologia e da biologia, e chamaram alguns dos mais respeitados charlatões da cidade para se aconselharem.

Ninguém tentou qualquer coisa mais arduamente. Verônica, Clem e Clem fizeram tudo que puderam imaginar. Deram um prazo de um mês.

- Consigo ou me arrebento - disse Verônica.

E chegaram perto, tão perto que se podia sentir. Verônica engordou os quarenta e cinco quilos dentro do mês e então deslizou para os brandies duplos. Tudo estava feito, com exceção da coisa final.

Prestem homenagem a ela, pessoal! Ela foi uma mulher corajosa!

Ambos falaram isso sobre ela após ter tudo acabado. Iriam admirá-la enquanto vi-vessem. Ela abrira mão de tudo.

- Consigo ou arrebento - ela dissera.

E após terem juntado seus restos e os enterrado, ficou uma lacuna em suas vidas, em Clem mais do que em Clem, já que Clem tinha privado de sua companhia nesses últimos anos.

E prestaram uma homenagem especial a ela. Colocaram duas lápides em seu tú-

mulo. Uma delas dizia “Verônica”. E a outra dizia “Verônica”. Ela teria gostado.

O CAMPEÃO

T. Coraghessan Boyle

Tradução de Domingos Demasi

O mundo é tremendamente injusto com a obesidade. As pessoas magras não apenas são consideradas mais atraentes e têm vida mais longa, mas também se saem melhor em quase todos os esportes, exceto luta de sumô. Talvez o que estamos pre-cisando seja de um novo esporte profissional para os gordos.

Angelo D. estava treinando exaustivamente. O tal desafiante, Kid Gullet, não seria nenhuma galinha-morta. Na verdade, Kid era uma ameaça de verdade: ele estava preocupado. Tinha sido campeão durante trinta e sete anos e em todo esse tempo seus recordes se mantiveram de pé como o Monte Rushmore - e agora esse tal de Kid estava devorando-os. Impaciente, empurrou o prato para longe.

- Mas, Angelo, não me diga que já acabou? - seu treinador, Spider Decoud, dava em cima dele. - Só isso... umas míseras cento e poucas panquecas e seis litros e meio de leite?

- Ele me pegou pelo pé, Spider. Descobriu sobre a úlcera e agora vai me atingir com enchiladas e coquetel de camarão.

- Não se preocupe, Matador. Nós o pegaremos com os amidos e caldas grossas.

Não passa de um garoto, vinte e dois anos. Que sabe ele sobre comer? Olhe, levante-se, veja se esquece isso e teremos um prato de rins e arenques, tá? E depois talvez quatro a cinco dúzias de ovos pochê. Vamos, Campeão, levante esse garfo. Quer manter o título ou não?

Primeiro foram ovos em salmoura. Oitenta e três ovos em salmoura em uma hora e meia. O recorde se mantivera de pé desde 1941. Diziam que era como o hitting streak de jogos consecutivos de DiMaggio: inigualável. Um mundo à parte. Mas, en-tão, há apenas três meses, Angelo apanhara o jornal da manhã e descobrira que fora garfado: um sujeito que atendia pelo nome de Kid Gul et havia enfiado pela garganta 108 deles. Nas semanas que se seguiram, Angelo viu seus recordes desabarem como uma fileira de pedras de dominó: pepinos em conserva, caquis, ostras, rosquinhas, amendoins, batatas cozidas, requeijões, salmões, biscoitinhos caseiros. No Rendez-vous Room, em Honolulu, o Kid engoliu 12.000 castanhas

de macadâmia e 67 bananas em menos de uma hora. Durante um jogo de Cubs-Phil ies em Wrigley Field ele se abasteceu com 43 cachorros-quentes - com guarnições - e 112 Cocas. Em Okney, foram pernis de carneiro; em Frankfurt, Ementaler e schnitzel; em Kiev, pasteizinhos.

Ele foi irrepreensível. Em Shelton, Nova Jersey, liquidou 23 litros de borche e 93 potes de 15 litros de bolinhos de peixe cozidos enquanto permanecia sentado no topo de um mastro. A imprensa devorou.

Chegando perto do final da temporada de Nova Jérsei, um repórter esportivo da ABC impeliu um microfone com boom até a altura onde o Kid encontrava-se sentado em sua eminência, mastigando o último dos bolinhos de peixe.

- Quais são seus planos para o futuro, Kid? - gritou o jornalista.

- Estou atrás do Maioral - o Kid respondeu.

- Angelo D.?

A câmera deu um zoom e Kid sorriu.

- Chili, curry, pimenta e sal, é melhor começar a se preocupar, Maioral.

Angelo estava aturdido. Desistiu do jornal da manhã e baniu o nome de Kid em volta da mesa de treinamento. Kid Gullet: sempre que ouvia essas três sílabas seu estômago apertava. Agora estava deitado na cama, a possante maquinaria digestiva destroçando o café da manhã, um saco de amendoins na mão, a mente peneirando as lembranças das contendas e triunfos espetaculares do passado. Houve Beua Rivie-re de Baton Rouge que quase o sufoca com gordurosas salsichas estorricadas, e Pinky Luzinski de Pittesburgh, que conseguia engolir 500 ovos crus e em seguida mastigar as cascas como se tossem batatas fritas. Ou o lutador japonês de sumô que deglutia bolinhas de gude aos punhados e rebatia com sashimi num apimentado molho de mostarda. Ele derrotara todos eles. Porque tivera garra, determinação e talento - e também derrotaria esse tal de Kid. Angelo sentou-se e rosnou: “Ainda sou o campeão!”

A porta abriu-se ruidosamente. Era Decoud. - É esse o espírito, Matador. Lembra-se de D. D. Peloris. Max Manger, Bozo Mil er, Spoonbil Rizzo? Escória. Todos eles.

Você os derrotou. Campeão.

- Sim! - urrou Angelo. - E vou arrasar esse Gul et também.

- É isso aí: deixe-o ofegando por sal de frutas.

- Vão ter que bombear seu estômago quando eu o liquidar.

Nos arredores de Los Angeles o Kid cuidava de Turk Harris, o concorrente número um à coroa dos pesos-pesados. O estilo do Kid era na base da pimenta e molho in-glês: Harris era um homem purê-de-batatas-e-creme-de-milho - um comilão da velha escola. Como Angelo D. Harris abriu com uma dupla combinação de arroz e feijão roxo; o Kid contra-atacou com coquetel de cebolas e alcaparras. Então Harris o atingiu com baklava - 400 de 13 cm2 cada. O Kid as devorou como hors d'oeuvres, voltou com picadinho com chili e aspargos a vinagrete. Ele nocauteou Harris na metade do quarto assalto. Após a contenda, ficou de pé no meio de um círculo fincado de microfones e luzes de flashes. "Tenho uma coisa a dizer", gritou. "E se estiver por aí, Maioral, é melhor tomar cuidado:

Como um parfait, eu vou flutuar,

Como um tumale, vou ferrar.

Maioral, você não ficará são

E acabará com a cara no chão."

No aquecimento preliminar pela disputa do título o Kid surgiu de patins num macacão de lamê prateado. Parecia algo saído da plataforma de lançamentos de Cabo Ca-naveral. Angelo, em suas calças de bocas largas e suspensórios, podia ser confundido com um barbeiro envelhecido ou um jogador de bocha extraviado do parque.

O Kid portava um jarro de quatro litros de pimentas vermelhas debaixo do braço.

Rodou na direção do Campeão, mastigou seis ou sete numa rápida sucessão, e então segurou uma pelo talo: "Topa um tira-gosto, velhote?" Angelo declinou, seu rosto melancólico e pálido, as enormes narinas carnudas arfando como as de um gara-nhão. Então os fotógrafos colocaram os dois, barriga com barriga. Na

foto, que apareceu na primeira página do jornal da manhã seguinte, Angelo D. parecia um anúncio de azia.

Havia uma multidão de pé no estádio para a disputa do título. Cambistas cobravam duzentos dólares ou mais por uma entrada. A ABC Sports estava lá, Coronel Sanders estava lá, Arthur Treacher, Julia Child, James Beard. Ronald McDonald, Mamma Leo-ne. Era o Evento de Comilança do Século.

Spider Decoud e o empresário do Kid haviam inspecionado o ringue e ficado satisfeitos com os preparativos - cada homem tinha uma mesa, banqueta, pilha de pratos e talheres. Guardanapos de linho, um jarro de água. Seria uma contenda de quatorze rounds, cada round com a duração de dez minutos com um descanso de sessenta segundos. Os competidores indicariam seus pratos em rounds alternados, e o Kid, como desafiante, começaria.

Um silêncio caiu sobre a multidão. E logo um canto rolando do fundo para a frente como as vagas que lavam a praia: GULLET, GULLET, GULLET! Lá estava ele, o Kid, deslizando entre as fileiras como um campeão nato em seu robe vermelho canela com letras prateadas atravessando o abdome. Subiu no ringue, juntou as mãos e as sacudiu por sobre a cabeça. A multidão rosnava como superfícies de rochas deslizando fundo debaixo da terra. Então, deu umas duas curvadas nos joelhos e sentou-se na sua banqueta. Nesse momento, Angelo surgiu do lado oposto da arena, carrancudo, sombrio, raivoso, os curtos cachos das costas do pescoço eriçados como as penas da cauda de um albatroz, o topo nu de sua cabeça fantasmagoricamente iluminado sob as luzes de Klieg, a festejada pança intumescendo por baixo de seu robe opalescente como um empadão. A multidão enlouqueceu. Gritava, vaiava e assobiava, mulheres beijavam a bainha de sua roupa, homens se aproximavam para acarici-ar sua protuberância. ANGELO! Ele entrou no ringue e tomou seu assento ao mesmo tempo em que o grande microfone preto descia do teto. O apresentador, de paletó e gravata borboleta, gritou acima do rugido, “Senhoras e senhores...”, enquanto Angelo encarava o Kid, o sangue aparecendo no olho. Estava repleto de uma competitiva fú-

ria primordial, enlouquecido como um camicaze, doido de fome. Dois dias antes Decoud o atraíra a um frigorífico de carne deserto e trancara a porta - e então, durante quarenta e oito horas inteiras, tinha projetado na parede filmes pornográficos de comida. Lábios carnudos e úmidos fechando-se em volta de éclairs, tomadas de zoom em dentes mastigando, gargantas engolindo, línguas

perscrutadoras, crianças lam-bendo inocentemente pirulitos cilíndricos - era obsceno, deplorável, enlouquecedor. E

acompanhando tudo uma ofegante trilha sonora composta de grunhidos, suspiros e estalar de lábios. Angelo D. subiu ao ringue como um homem desesperado. Mas controlado, apesar de tudo. O Kid regozijava-se em seu canto.

“Nesta mesa, de calções vermelhos”, berrou o apresentador, “medindo um metro e oitenta e sete de altura e pesando cento e sessenta quilos... o desafiante, Kid Gullet!” Produziu-se uma ovação ensurdecedora. O apresentador apontou para Angelo. “E nesta mesa, de calções pérola, medindo um metro e setenta e dois de altura e pesando cento e quarenta e sete quilos”, berrou, a voz retumbando como um com-boio de caminhões de concreto, “está o Campeão Peso Pesado do Mundo... Angelo D.!” Outra ovação, talvez mais alta. Então, ele tomou o seu lugar. Fez os concorrentes se colocarem no centro do ringue, as carnes expostas de seus peitos e barrigas como um par de avalanches, enquanto perguntava se cada um estava ciente do regulamento. O Kid arreganhou os dentes como um tubarão. “Então, tudo bem”, disse o juiz, “toquem os diafragmas e vão comer”.

O gongo soou para o primeiro round. O Kid abriu com sopa quente e azeda de Szechwan, onze litros. Levantou a terrina até os lábios e a esvaziou completamente.

Seguiu-se o Campeão, o rosto afogueado, suor brotando da testa. Parou três vezes, e quando baixou finalmente a terrina, pegou o jarro de água e o drenou com um só gole enquanto a plateia vaiava e Decoud gritava do córner: “Deixe a água senão vai inchar como um baiacu!”

Angelo rebateu com ostras no segundo round: 512 em dez minutos. Mas o Kid se manteve par-e-passo - e como se não bastasse, salpicou a sua porção com pimenta caiena e tabasco. A multidão adorou. Ela se entupia com cachorros-quentes, golpea-va os concorrentes com copos de plástico e cascas de amendoim, agitava-se nos encostos de seus assentos. Angelo olhou para as poderosas mandíbulas do Kid, os lábi-os manchados de tabasco, e começou a se sentir enjoado.

O Kid o desconcertou com carneiro ao curry no round seguinte. A multidão estava de pé, o rosto do Campeão estava verde, o garfo imóvel na mão, o juiz fazendo a contagem regressiva. Decoud girava a toalha nos pulsos - quando de

repente o gongo soou e o Campeão desabou sobre a mesa. Decoud pulou para o ringue, friccionou o abdome de Angelo, passou a esponja em seu rosto. “Aguente firme, Campeão”, disse, “e volte com força com os carboidratos”.

Angelo retaliou com nhoque de batata no quarto round; o Kid contra-atacou com linguiça do Kentucky. Eles trocaram golpes nos vários rounds seguintes, o Campeão marcando com torta Nesselrode, fettucine Alfredo e raízes de taioba amassadas e fermentadas, o Kid rebateu com jambalaya, camarão à crioula e arenque em molho de rábano-picante.

Após o gongo encerrar o décimo primeiro round, a contenda teve que ser suspensa momentaneamente por causa de uma confusão na plateia Dois homens, magros como velas e com barbas como planta barba-de-velho, tinham pulado no ringue agitando cartazes em que se lia LEMBREM-SE DE BIAFRA. O Kid partiu de sua mesa e derrubou um deles na lona, enquanto guardas de segurança seguravam o outro. O

Campeão ficou sentado imóvel em sua banqueta, os olhos lacrimejando por causa do molho de rábano-picante, o punho cerrado em volta da alça do jarro de água. Quando o ringue foi evacuado, o gongo soou para o décimo segundo round.

Foi o tempo todo um round do Campeão: torta de batata doce com molho de manteiga e açúcar queimado e pralinas. Pela primeira vez o Kid levantou-se - perto do final do round, deixou cair o garfo e recebeu uma contagem obrigatória até o oito.

Mas ele voltou forte no décimo terceiro com uma selvagem combinação de salsichas do Texas e “molho diabo”. O Campeão cambaleou, engoliu uma, duas vezes, arre-messou-se ao jarro de água enquanto o Kid tragava como uma máquina salsicha após salsicha, sorvendo jubilosamente o molho picante dos dedos e articulações com prazer epicuriano. Então a cabeça de Angelo caiu sobre a mesa, a enorme papada barbuda atolada numa poça de molho bechamel e manteiga. Os fãs ficaram de pé, olhando para esquerda e para direita, rilhando os dentes e esperando a matança. Os olhos do Campeão estavam revirados, e o juiz começou a contagem.

Foi então que aconteceu. Com a visão anuviada, Angelo passou os olhos pela multidão e eles focaram repentinamente a figura curvada e encarquilhada de uma

velha senhora de chapéu preto. Decoud a apoiava pelo cotovelo. Angelo levantou a cabeça.

- Mãe? - disse ele. - Coma, Angelo, coma! - ela bradou, sua voz um sussurro no estrondo apocalíptico da multidão. - Limpe o prato!

“Nove!”, berrou o juiz, e repentinamente o Campeão voltou a si, mergulhando no

“molho diabo” como um crocodilo. Devorou as salsichas, chupou os dedos, lambeu o prato. Dizem que suas mãos se moviam tão depressa que desafiavam o olho, um simples borrão, uma comédia de pastelão projetada com velocidade dupla. Então o gongo soou para o round final e Angelo anunciou o seu prato: “Mingau’”, rosnou. O

Kid protestou: “Que tipo de prato é esse?”, choramingou. “Mingau? Onde já se ouviu falar em mingau na disputa de um campeonato?” Mas foi mingau. O Campeão levantou a tigela aos lábios, fios grudentos de papa coagulada escorrendo pelo peito abaixo; a multidão ovacionou, o Kid ficou brincando com a sua colher - então, estava tudo acabado.

O juiz se adiantou, ajudou Angelo a levantar-se da banqueta e manteve seu braço flácido levantado. Angelo estava bêbado de comida, cambaleando. Olhou para a multidão que aplaudia, uma confusão de cabeças como cogumelos - ou almôndegas sue-cas num suculento molho de manteiga. Então, vomitou. “O vencedor”, gritava o juiz,

“e ainda campeão, Angelo D.!”

A VERDADE SOBRE PYECRAFT

H. G. Wells

Tradução de Domingos Demasi

Todo gordo quer perder peso. “Preciso perder um pouco de peso” poderia até ser um slogan nacional. Mas, um momento! Será mesmo peso que precisa ser perdido?

Ele senta-se não mais que uma dezena de metros adiante. Se eu der uma olhadela por cima do ombro posso vê-lo. E se captar seu olho - e comumente capto seu olho -

este me encontrará com uma expressão...

É geralmente um olhar suplicante - e, entretanto, com suspeita.

Diabos levem sua suspeita! Se tivesse querido dizer-lhe já teria dito há muito tempo. Não digo e não digo, e ele deveria relaxar. Como se alguma coisa tão volumosa e gorda pudesse relaxar! Quem me acreditaria se eu contasse?

Coitado do velho Pyecraft! Grande e intranquila substância gelatinosa! O mais gordo membro de clube em Londres.

Ele senta-se em uma das pequenas mesas do clube no enorme vazio diante da lareira, empanturrando-se. Por que está se empanturrando? Dou uma olhadela sorra-teira, e pego-o mordendo um inteiro e quente bolo amanteigado de chá, com seus olhos em mim. Raios o partam! - com seus olhos em mim!

Está decidido, Pyecraft! Já que você será objeto, já que você irá comportar-se como se eu não fosse um homem honrado, aqui, bem debaixo de seus olhos embutidos, escrevo esta coisa - a verdade pura e simples sobre Pyecraft. O homem a quem ajudei, o homem a quem protegi, e que me retribuiu tornando meu clube insuportá-

vel, absolutamente insuportável, com sua súplica líquida, com o perpétuo “não conte” de seu olhar.

E, ademais, por que ele se mantém num eterno devorar? Bem, lá vai a verdade,

toda a verdade e nada mais que a verdade!

Pyecraft... Conheci Pyecraft aqui mesmo neste salão de fumar. Eu era um jovem e nervoso membro recente, e ele percebeu. Eu estava sentado sozinho, desejando conhecer outros membros, e repentinamente ele veio, um enorme conjunto de queixos e abdomens, na minha direção, resmungou e sentou-se numa cadeira próxima a mim e resfolegou, e riscou um fósforo e acendeu um charuto, e então dirigiu-se a mim.

Esqueci o que disse - algo sobre os fósforos não acenderem apropriadamente, e logo após, enquanto falava, parava os garçons um por um ao passarem, e lhes falava sobre os fósforos naquela voz fina e aflautada que tinha. Mas, de qualquer modo, foi dessa maneira que iniciamos a nossa conversa.

Ele falou sobre várias coisas e foi direto aos jogos. E daí para minha figura e compleição. “Você deve ser um bom jogador de críquete”, disse ele. Suponho que sou esbelto, esbelto para o que algumas pessoas chamariam de magro, e suponho ser bastante moreno; todavia não me envergonho de ter uma avó indu, mas, por causa disso, não quero que estranhos casuais vejam através de mim um vislumbre dela. Foi por isso que fiquei de prevenção com Pyecraft desde o início.

Mas ele só falou sobre mim a fim de chegar a si mesmo.

“Creio”, disse ele, “que não faça mais exercícios que eu, e provavelmente coma não menos”. (Como todas as pessoas excessivamente obesas, ele acreditava que não comia nada.) “Entretanto” - e deu um sorriso oblíquo - “nós diferimos.”

Então começou a falar de sua gordura e de sua gordura; tudo que ele fez por sua gordura e tudo que ia fazer por sua gordura: o que pessoas o tinham aconselhado a fazer pela sua gordura e o que ele ouvira de pessoas fazerem por gordura semelhante à dele. “A priori”, disse ele, “poder-se-ia pensar que uma questão de nutrição se resolvesse pela dieta e uma questão de assimilação por drogas”. Era sufocante. Era uma conversa enjoativa. Fazia-me sentir indignado ouvi-lo.

Dizem que coisas desse tipo acontecem uma vez ou outra num clube, mas chegou um momento em que achei estar aguentando demais. Era completamente visível que havia me agarrado. Eu não ia mais ao salão de fumar, mas ele vinha chafurdando na minha direção, e às vezes vinha e empanzinava-se à minha volta enquanto eu comia meu almoço. Ele parecia às vezes quase ficar pendurado em

mim. Era um maçante, mas tão horrivelmente maçante que se prendia a mim; e desde o início havia algo em seus modos - quase como se ele soubesse, quase como se ele penetrasse no fato de que eu poderia - de que havia uma remota e excepcional chance em mim que ninguém mais apresentava.

“Daria qualquer coisa para perder esse peso”, dizia ele - “qualquer coisa”, e perscrutava-me por sobre suas vastas bochechas e ofegava. Coitado do velho Pyecraft!

Acabara de tocar o gongo: sem dúvida para pedir mais um bolo amanteigado e chá!

Ele tocou diretamente no assunto, certo dia. “Nossa farmacopeia”, disse, “nossa farmacopeia ocidental é tudo menos a última palavra em ciência médica. No Oriente, me disseram que...”

Parou e me encarou. Era como estar num aquário. Fiquei repentinamente irritado com ele.

- Olhe aqui! - disse eu -, quem lhe falou das receitas da minha bisavó?

- Bem... - esquivou-se.

- Sempre que nos encontramos durante a semana - falei - e temos nos encontrado com frequência - você faz uma insinuação ou coisa assim sobre esse meu segredi-nho.

- Bem - disse ele -, agora que as cartas foram colocadas na mesa, sim, admito.

Soube através...

- De Pattison?

- Indiretamente - disse ele, que acreditei estar mentindo - sim.

- Pattison - disse eu - tomou a coisa por sua conta e risco.

Ele enrugou a boca e curvou-se.

- As receitas de minha bisavó - falei - são coisas esquisitas de se lidar. Meu pai

esteve quase para me fazer prometer...

- E não o fez?

- Não. Mas me alertou. Ele próprio experimentou uma, uma vez.

- Ah!... Mas você acha?... Suponha... suponha que tenha sido a tal.

- As coisas são documentos curiosos - disse eu. - Até mesmo o cheiro delas...

Não!

Mas, após ter ido tão longe, Pyecraft estava resolvido que eu deveria ir adiante. Eu sempre tivera o receio de que, se colocasse demais à prova sua paciência, ele cairia sobre mim repentinamente e me asfixiaria. Eu mesmo era um fraco. Mas também estava aborrecido com Pyecraft. Chegara àquele estado de sentimento por ele que me levou a dizer: “Bem, assuma o risco!” O pequeno caso de Pattison a que aludira foi um assunto diferente. O que não nos interessa agora, mas eu sabia, de qualquer modo, que aquela receita em particular que usara na ocasião era segura. O resto eu não conhecia muito a respeito, e, no todo, estava inclinado a duvidar da segurança delas por completo.

Entretanto, e se Pyecraft fosse envenenado...

Devo confessar que o envenenamento de Pyecraft ocorreu-me como uma enorme realização.

Naquela noite retirei a esquisita caixa com estranho cheiro de sândalo do meu cofre e peguei as peles envelhecidas. O cavalheiro que escreveu as receitas para minha bisavó evidentemente tinha fraqueza por peles de variadas origens e sua caligrafia era comprimida ao último grau. Algumas coisas eram ilegíveis para mim - apesar de minha família, com suas associações hindus de Serviços Sociais, ter mantido o conhecimento do hindustani de geração a geração - e nenhuma absolutamente fluente.

Mas encontrei logo e tal que sabia estar ali e sentei-me no chão diante do cofre por algum tempo olhando para ele.

- Olhe aqui - disse a Pyecraft no dia seguinte, e afastei a pasta de suas mãos ansiosas.

- Pelo que me consta, esta é uma receita para perda de peso (“Ah!”, disse Pyecraft.) Não estou totalmente certo, mas acredito que seja isso. E se quiser aceitar o meu conselho, deixe-a em paz. Porque, você sabe, estou traindo minha família por causa de seus interesses, Pyecraft. Meus ancestrais desse lado eram, pelo que sei, uma turma muito esquisita. Entende?

- Deixe-me experimentar - disse Pyecraft.

Recostei-me em minha poltrona. Minha imaginação fez um poderoso esforço mas fracassou.

- Como, em nome dos céus, Pyecraft - perguntei -, pensa que parecerá quando emagrecer?

Ele estava infenso à razão. Eu o fiz prometer nunca se falar novamente uma palavra sobre sua revoltante gordura, acontecesse o que acontecesse, nunca, e então lhe passei o pedacinho de pele.

- É uma coisa nojenta - falei.

- Não importa - disse ele, e a pegou.

Ele esbugalhou os olhos.

- Mas... mas... - disse. Acabara de descobrir que não era inglês.

- Usando o melhor de minha habilidade - disse eu - eu lhe farei uma tradução.

Fiz o melhor que pude. Após isso não nos falamos por duas semanas. Sempre que se aproximava de mim eu franzia o cenho e fazia um sinal afastando-o, e ele respei-tava nosso acordo, mas ao final das duas semanas estava mais gordo que nunca. E

então ele falou.

- Preciso falar - disse ele -. Não é justo. Há alguma coisa errada. Não me fez nenhum bem. Não está fazendo justiça à sua bisavó.

- Onde está a receita?

Ele retirou-a animadamente de dentro de seu livro de bolso.

Passei os olhos nos ingredientes.

- O ovo estava estragado? - perguntei.

- Não. Deveria estar?

- Isso - disse eu - está implícito em todas as receitas da minha pobre e velha bisavó. Quando a condição ou qualidade não é especificada é preciso usar o pior. Com ela era tudo ou nada... E há uma ou duas alternativas possíveis para algumas dessas outras coisas. Você conseguiu veneno fresco de cascavel?

- Consegui uma cascavel na Jamrach. Custou... custou...

- Esse é um problema seu, de qualquer modo. Este último item...

- Conheço um homem que...

- Sim. Ele. Bem, escreverei aqui as alternativas. Até onde conheço a língua, a grafia desta receita é particularmente atroz. Por exemplo, o cão aqui provavelmente deve significar cão vira-lata.

Durante um mês após aquilo, eu via Pyecraft constantemente no clube e tão gordo quanto ansioso como nunca. Ele mantinha o nosso acordo, mas às vezes rompia o espírito dele balançando a cabeça em desapontamento. Então um dia no vestiário ele disse:

- Sua bisavó...

- Nem uma palavra contra ela - disse eu; e ele continuou andando.

Eu podia assumir que ele desistira, e o vi um dia conversando com três novos membros sobre sua gordura como se estivesse à procura de outras receitas. E então, inesperadamente, chegou o seu telegrama.

“Sr. Formalyn!”, berrou o pajem bem debaixo do meu nariz, peguei o telegrama e o abri imediatamente.

“Pelo amor de Deus, venha - Pyecraft.”

“Ele”, disse eu, e para falar a verdade, estava tão contente por causa da reabilita-

ção da reputação da minha bisavó que isso evidentemente prometia que comi o mais excelente dos almoços.

Consegui o endereço de Pyecraft; habitava o andar de cima de uma casa em Bloomsbury e fui para lá assim que acabei o café e o Trappistíne. Não esperei até acabar o charuto.

“Sr. Pyecraft?”, chamei, na porta da frente.

Acreditavam que ele estava doente; não saía há dois dias.

“Ele me espera”, disse, e mandaram-me subir.

Toquei a campainha da porta de treliça do andar.

“Ele não devia ter experimentado, afinal” - disse para mim mesmo. “Um homem que come como um porco devia se parecer como um porco.”

Uma mulher obviamente serviçal, com a face ansiosa e uma touca colocada negli-gentemente, apareceu e me observou através da treliça.

Dei meu nome e ela deixou-me entrar com maneiras dúbias.

- Então? - disse eu, enquanto ficávamos juntos de pé do lado de dentro da parte do andar de Pyecraft.

- Ele mandou o senhor entrar se o senhor viesse - disse ela, e apesar disso, não me fez sinal para mostrar-me nenhum lugar. E, então, confidentemente: - Ele se trancou, senhor.

- Trancou-se?

- Ele se trancou ontem de manhã e não tem deixado ninguém entrar, senhor. E

sempre e sempre blasfemando. Oh, meu Deus.

Encarei a porta que ela indicava pelos seus olhares.

- Lá? - perguntei.

- Sim, senhor.

- Que houve?

Ela balançou a cabeça tristemente:

- Fica pedindo carne, senhor. Muita carne é o que ele quer. Eu dou o que posso. Já comeu porco, bolo de carne, salsicha; nada de pão. Está sendo assim. “Deixe do lado de fora, por favor,” e eu vou embora. Ele está comendo, senhor, comendo demais.

Então veio um grito abafado do outro lado da porta:

- É Formalyn?

- É você, Pyecraft? - gritei, aproximei-me e bati na porta.

- Mande-a ir embora.

Mandei.

Então pude ouvir um curioso tamborilar no chão, quase como se alguém procuras-se uma maçaneta no escuro, e os grunhidos familiares de Pyecraft.

- Tudo bem - disse eu - ela já se foi. Por um longo tempo a porta não se abriu.

Ouvi a chave girar. Então, a voz de Pyecraft disse:

- Entre.

Girei a maçaneta e abri a porta. Naturalmente esperava ver Pyecraft.

Pois saibam que ele não estava lá.

Nunca tive um choque como aquele em minha vida. Sua sala de estar estava numa completa desordem, pratos e louças entre livros e escritos, e várias cadeiras viradas, mas Pyecraft...

- Tudo bem, meu velho; tranque a porta - disse ele, e então o descobri.

Lá estava ele, bem em cima perto da cornija no canto ao lado da porta, como se

alguém o tivesse grudado no teto. Seu rosto era ansioso e irado. Ofegou e gesticulou:

- Tranque a porta - disse ele. - se aquela mulher descobrir...

Tranquei a porta, avancei, parei distante dele e olhei.

- Se alguma coisa ceder aí e você cair - falei - você quebrará o pescoço, Pyecraft.

- Gostaria de poder - choramingou.

- Um homem da sua idade e peso fazendo coisa de criança...

- Não - disse ele, e parecia agoniado.

- Vou lhe contar - disse ele, e gesticulou.

- Como, diabos - disse eu -, está se mantendo aí em cima?

Então, abruptamente, percebi que não estava sendo mantido, que estava flutuando lá em cima - como uma bexiga cheia de gás teria ficado flutuando na mesma po-sição. Começou a se debater a fim de afastar-se do teto e descer pela parede até onde eu me encontrava.

- Foi aquela receita - ofegou, enquanto o fazia. - A sua bisa...

Agarrou-se a uma gravura emoldurada descuidadamente enquanto falava, ela soltou-se e ele voltou voando de volta para o teto enquanto o quadro estraçalhava-se no sofá. Chocou-se contra o teto, e percebi então por que estava todo branco nas costas curvas e ângulos mais salientes de sua pessoa. Tentou de novo com mais cuidado, descendo pela viga.

Era realmente o mais dos extraordinários espetáculos, aquele homem grande, gordo, com aparência apoplética, de cabeça para baixo tentando descer do teto para o chão.

- Aquela receita - disse ele. - Eficiente demais.

- Como?

- Perda de peso... quase completa.

Então, é claro, entendi.

- Por Deus. Pyecraft - exclamei -, o que você queria era uma cura para obesidade!

Mas sempre, sempre se referia a peso. Você chama de peso.

De alguma maneira eu estava extremamente contente. Quase passei a gostar de Pyecraft na ocasião.

- Deixe-me ajudá-lo - disse eu, e peguei sua mão e puxei-a para baixo; era como segurar uma bandeira num dia de ventania.

- Aquela mesa - disse ele, apontando - é de mogno maciço e muito pesada. Se conseguir me colocar debaixo dela...

Consegui, e ali ele chapinhou como um balão cativo, enquanto eu permanecia no tapete da lareira e conversava com ele.

Acendi um charuto.

- Diga-me - perguntei -, que aconteceu?

- Eu a tomei - disse ele.

- Que tal o gosto?

- Oh, abominável!

Devia saber que todas o tinham. Quando se vê os ingredientes ou o provável composto ou os possíveis resultados, quase todos os remédios da minha bisavó parecem-me pelo menos extraordinariamente repulsivos. De minha parte...

- Primeiro tomei um pequeno gole.

- Sim?

- E senti-me mais leve e melhor após uma hora, e resolvi tomar o resto.

- Meu caro Pyecraft!

- Tapei o nariz - explicou. - E então comecei a ficar cada vez mais e mais leve - e indefeso, você sabe.

Cedeu repentinamente numa explosão de paixão.

- Que diachos eu vou fazer? - perguntou.

- Há uma coisa muito evidente - falei -, que você não deve fazer. Se sair às ruas, subirá e subirá - lancei um braço para cima. - Terão que mandar Santos Dumont atrás de você para trazê-lo novamente para baixo.

- Será que o efeito cessará?

Balancei a cabeça.

- Não penso que deva contar com isso - falei.

Então, houve outra explosão de paixão, e chutou as cadeiras próximas e golpeou o chão. Comportava-se como eu teria esperado que um homem grande, gordo e auto-indulgente se comportasse sob circunstâncias dolorosas - isso é dizer, muito mal. Ele falou sobre mim e minha bisavó com uma absoluta falta de descrição.

- Não pedi a você que tomasse a droga - falei.

E generosamente desvencilhando-me dos insultos que me lançava, sentei-me em sua poltrona e comecei a lhe falar de maneira sóbria e amigável.

Fiz-lhe ver que foi uma encrenca em que ele mesmo se meteu, e que isso quase tinha ares de uma justiça poética. Ele comera muito. A isso ele rebatia, e por algum tempo discutimos o assunto.

Ele tornou-se ruidoso e violento, e então desisti desse aspecto da lição.

- E então - disse eu -, você cometeu o pecado do eufemismo. Você chamou, não de gordura, que é justa e inglória, mas de peso. Você...

Ele interrompeu para dizer que reconhecia tudo isso. O que deveria fazer?

Sugeri que deveria adaptar-se às suas novas condições. E aí chegamos à parte realmente sensível do assunto. Sugeri que não seria difícil para ele aprender a

andar pelo teto com as mãos...

- Não consigo dormir - disse ele.

Mas isso não era uma grande dificuldade. Era quase possível, salientei, fazer uma modificação sob um colchão de molas, prender a parte de baixo com tiras, e fazer cobertor, lençol e colcha com botões dos lados. Ele teria que confiar isso à sua governanta, disse eu; após alguma alteração, concordou em fazê-lo. (Posteriormente, foi uma delícia ver a bela maneira prosaica como a boa senhora fez todas essas espantosas inversões.) Ele poderia ter uma escada de biblioteca em seu quarto, e todas as suas refeições seriam colocadas em cima de sua estante. Também inventamos um engenhoso aparelho pelo qual ele poderia chegar ao chão sempre que desejasse, que era simplesmente colocar a Enciclopédia Britânica (décima edição) no topo de suas prateleiras abertas. Ele puxaria alguns volumes e os seguraria, e logo desceria.

E concordamos que deveria haver grampos de ferro ao longo dos rodapés, para que ele pudesse se segurar a eles sempre que quisesse andar pelo quarto no nível mais baixo.

Enquanto seguíamos com a coisa descobri-me quase que profundamente interessado. Fui eu quem chamou a governanta e lhe revelei o assunto, e fui eu principalmente quem prendeu a cama invertida. De fato, passei dois dias inteiros em seu apartamento. Sou um tipo de homem jeitoso com uma chave de fenda, e fiz todos os tipos de adaptações engenhosas para ele - corri um fio para levar suas sinetas ao seu alcance, virei todas as suas luzes elétricas para cima, em vez de para baixo, e assim por diante. O caso todo foi extremamente curioso e interessante para mim e eu estava contente em pensar em Pyecraft como uma mosca-varejeira grande e gorda, rastejando no teto e escalando o lintel de suas portas de um quarto para outro, e nunca, nunca, nunca mais indo ao clube...

Então, você sabe, minha ingenuidade fatal levou a melhor. Estava sentado ao lado de sua lareira, bebendo o seu uísque, e ele estava lá em cima, no seu canto favorito perto da cornija, pregando um tapete turco no teto, quando a ideia me ocorreu.

- Por Deus, Pyecraft! - disse eu -, isso é totalmente desnecessário.

E antes que pudesse calcular as consequências completas de minha ideia, eu a despejei.

- Roupas de baixo de chumbo - falei, e o mal já estava feito.

Pyecraft recebeu a coisa quase em lágrimas.

- Para ficar de pé de novo... - disse ele.

Dei-lhe todo o segredo antes de perceber aonde isso me levaria.

- Compre folhas de chumbo - disse eu -, corte-as em discos. Costure-os em suas roupas de baixo até ser o suficiente. Arrume botas com solas de chumbo, carregue um saco com chumbo maciço, e a coisa está feita! Em vez de ser um prisioneiro aqui você poderá sair novamente, Pyecraft; poderá viajar...

Uma ideia mais feliz me ocorreu.

- Nunca precisará temer um desastre de navio. Tudo que precisará fazer será livrar-se de algumas de suas roupas, pegar a bagagem necessária, e flutuar no ar...

Em sua emoção deixou cair o martelo a um triz de minha cabeça.

- Por Deus! - disse ele. - Poderei voltar a frequentar o clube.

A coisa me apanhou desprevenido.

- Por Deus! - falei baixinho. - Sim. É claro... é o que fará.

E ele o fez. Faz. Lá está ele agora, sentado atrás de mim, empanturrando-se enquanto eu viver! - com uma terceira porção de bolo amanteigado. E ninguém no mundo sabe - exceto sua governanta e eu - que ele pesa praticamente nada; que não passa de uma massa maçante de matéria assimilante, meras nuvens vestidas, niente, nefas, o mais desprezível dos homens. Lá está ele sentado observando até eu acabar de fazer este escrito. Então, se puder, me abordará. Virá encapelando-se na minha direção...

Ele me contará tudo mais uma vez, sobre a coisa, como se sente, como não se sente, como às vezes tem a esperança de que isso passe apenas um pouco. E sempre em alguma parte de seu gordo e abundante discurso, ele dirá: “O segredo está sendo mantido, hein? Se alguém soubesse - eu ficaria tão envergonhado. Faz um sujeito parecer um idiota, você sabe. Rastejar pelo teto e todas essas

coisas...”

E agora como fugir de Pyecraft, ocupando, como ele faz, uma admirável posição estratégica entre mim e a porta!

O CHANCELER DE FERRO

Robert Silverberg

Tradução de Domingos Demasi

Quem faz dieta está sempre alerta para as tentações que enfrenta ao tentar perder peso. Tem gente que até coloca cadeados em armários de cozinha. Outra solu-

ção é conseguir alguém para ajudar quem faz dieta a combater a tentação - mais problemas do que benefícios nessa solução.

Os Carmichael eram uma família muito rechonchuda, para início de conversa. Nenhum podia abrir mão de perder uns quilinhos. E aconteceu que havia uma venda superespecial de robôs domésticos numa das robô-lojas da Milha Maravilhosa - 40

por cento de desconto no modelo 2061, com monitores de consumo de calorias ajustáveis.

Sam Carmichael gostou da ideia de ter sua comida preparada e servida por um robô que manteria um brilhante olho solenoide na cintura coletiva da família. Observou especulativamente o reluzente modelo em exibição, e distraidamente enfiou os polegares por baixo do elastocinto para sentir a própria pança, e perguntou:

- Quanto?

O vendedor abriu-se num riso brilhante e provavelmente sintético.

- Apenas 2995, senhor. Isso inclui o contrato de assistência grátis nos primeiros cinco anos. Apenas duzentos créditos e quarenta meses para pagar.

Carmichael franziu o cenho pensando na sua conta bancária. Então pensou no corpo da mulher, e nas intermináveis lamúrias da filha sobre a necessidade de fazer uma dieta. Além disso, Jemima, a velha robocuca deles, estava surrada, caiu por falta de acessórios e dava uma péssima impressão quando outros companheiros executivos os visitavam para jantar.

- Vou levar - falou.

- Quer dar sua velha robocuca? Servirá como parte do pagamento...

- Tenho uma “Madison 43”. - Carmichael pensou se devia mencionar a péssima vibração de seu braço e o sério vazamento de óleo, mas resolveu que seria levar a ingenuidade longe demais.

- Bem... hã... creio que poderíamos lhe oferecer cinquenta créditos numa 43, senhor. Talvez setenta e cinco, se os bancos de receitas estiverem em boas condições.

- Excelentes condições. Essa afirmação era honesta - a família nunca deixara uma só receita se desgastar. - Pode mandar alguém dar uma olhada.

- Ora, não será necessário, senhor. Aceitamos sua palavra. Setenta e cinco, então?

E a entrega do novo modelo poderá ser esta noite?

- Feito - disse Carmichael. Estava contente por conseguir se livrar da velha e paté-

tica 43 a qualquer custo.

Assinou feliz a nota de compra, embolsou a cópia e entregou dez cédulas de com-provantes de vinte créditos. Podia até sentir a gordura começar a desaparecer dele, enquanto observava o magnífico robô doméstico 61 que logo seria seu.

Eram apenas 18:10 horas quando deixou a loja, entrou no carro e marcou as coor-denadas para casa. Toda a transação levara menos que dez minutos. Carmichael, um executivo do segundo escalão da Financeira Normandy, orgulhava-se tanto de sua boa intuição para negócios quanto chegar rapidamente a uma firme decisão.

Quinze minutos depois, o carro o depositava na entrada da frente de sua totalmente autoalimentada casa suburbana na elegante subdivisão Oeste. O carro obedientemente seguiu sozinho de volta para a garagem, enquanto Carmichael permanecia de pé no campo de sondagem até a porta se abrir. Clyde, o robordomo, veio apressadamente, pegou seu chapéu e capa e entregou-lhe um martíni.

Carmichael respondeu com apreciação: “Muito bem, meu bom e fiel servo!”

Tomou um bom gole e seguiu em direção à sala para cumprimentar a mulher, filho e filha. Um agradável bem-estar induzido pelo gim filtrava -se através dele. O robordomo era velho e seria trocado assim que o orçamento permitisse, mas Carmichael achava que iria sentir falta do velho monte de latas.

- Está atrasado, querido - disse Ethel Carmichael quando ele apareceu. - O jantar já está pronto há dez minutos. Jemima está tão chateada que seus cátodos estão es-talando.

- Os cátodos de Jemima não me interessam - disse Carmichael de passagem. - Boa noite, querida, Myra, Joey. Cheguei atrasado porque passei na Marthew, a caminho de casa.

Seu filho piscou.

- A loja de robôs, papai?

- Exatamente. Comprei um robô doméstico 61 para substituir Jemima e seus cátodos crepitantes. O novo modelo tem - Carmichael acrescentou observando a rechonchudez de seu filho adolescente e as mais-do-que-amplas figuras de sua mulher e filha - acessórios muito especiais.

Jantaram bem aquela noite, o menu favorito de Jemima das terças - coquetel de camarão, sopa de quiabo, peito de galinha com purê de batatas e aspargos, saborosos pasteizinhos de ameixa para sobremesa, e café. Carmichael sentia-se deliciosamente empanturrado ao terminar e fez um gesto para Clyde pedindo um pouquinho de seu digestivo favorito, e conhaque VSOP. Recostou-se, aquecido, repleto, perfeitamente capaz de ignorar os ruidosos ventos de novembro lá fora.

Uma agradável eletroluminescência encheu a sala de jantar de rosa - este ano, os especialistas achavam que o rosa ajudava a digestão - e os filamentos de aquecimento embutidos na parede brilharam aconchegantemente enquanto enviavam os BTUs. Essa era a hora do descanso no lar dos Carmichael.

- Papai - Joey começou com hesitação -, aquela viagem de canoa no próximo fim de semana...

Carmichael atravessou as mãos no estômago e assentiu.

- Pode ir, acho. Mas tome cuidado. Se eu souber que não usou o equilibrador dessa vez...

A sineta da porta soou. Carmichael levantou uma sobrancelha e girou em sua cadeira.

- Quem é, Clyde?

- Disse que seu nome é Robinson, senhor. Da Robótica Robinson, disse ele. Está com um pacote enorme para entregar.

- Deve ser o novo robocuca, então! - exclamou Myra Carmichael.

- Creio que é. Faça-o entrar, Clyde.

Robinson era um homenzinho de cara vermelha e aparentando eficiência num macacão verde sujo de graxa e um pulôver xadrez, que olhava com desaprovação para o robordomo e penetrava na sala de estar dos Carmichael.

Era seguido por um barulhento objeto com cerca de dois metros de altura montado num par de esteiras rolantes e completamente coberto por trapos acolchoados.

- Trouxe-o todo embrulhado por causa do frio, Sr. Carmichael. Há uma porção de circuitos delicados nessa coisa. Devia se orgulhar dele.

- Clyde, ajude o Sr. Robinson a desempacotar o novo robocuca - disse Carmichael.

- Tudo bem, eu me arranjo. E, a propósito, não é um robocuca. Agora chama-se robosservidor. Preço chique, nome chique.

Carmichael ouviu sua mulher sussurrar:

- Sam, quanto...

Ele virou-se para ela.

- Bastante razoável, Ethel. Não se preocupe tanto.

Ele recuou para admirar o robosservidor que emergia das faixas acolchoadas.

Era grande mesmo, com um sólido barril como tronco - os controles robóticos estão sempre encerrados no tronco, e não na relativamente pequena cabeça - e um reluzir de acabamento espelhado acentuava que era liso e novo. Carmichael sentiu o recompensador brilho de orgulho da propriedade. De alguma forma lhe parecia que fizera algo nobre e altivo comprando esse magnífico robô.

Robinson terminou o trabalho de desempacotamento e, na ponta dos pés, abriu o painel no peito do robô. Destacou um grosso manual de instruções e o entregou para Carmichael, que encarou intranquilo o volume.

- Não se preocupe com isso, Sr. Carmichael. Não é complicado de se lidar com este robô. O livro é apenas parte da ornamentação. Venha cá um momento.

Carmichael perscrutou as entranhas do robô. Apontando, Robinson falou:

- Eis o banco de receitas - maior e melhor do que qualquer um jamais projetado. É

claro que é possível alimentá-lo com qualquer de suas receitas familiares favoritas, se já não estiverem aí. Basta ligar a sua velha robocuca ao circuito integrador e transmiti-las. Cuidarei disso antes de ir.

- E quanto aos... hã... acessórios especiais?

- Refere-se aos monitores de emagrecimento? Bem aqui. Está vendo? Basta regis-trar os nomes dos membros da família e seus pesos atuais e os desejáveis, e o robosservidor cuidará do resto. Computa ingestão calórica, organiza menus e tudo o mais.

Carmichael sorriu para a mulher:

- Eu lhe disse que ia tomar uma providência quanto ao nosso peso, Ethel. Chega de se preocupar com dieta, Myra, o robô fará todo o serviço. E captando uma expressão azeda no rosto do filho, acrescentou: - E você não está nada magrinho, cara.

- Não creio que haverá algum problema - disse Robinson animadamente: - Mas, se houver, me deem um toque. Eu cuido da assistência e das entregas para a Lojas Marthew nesta área.

- Certo.

- Agora, se me trouxerem sua obsoleta robocuca, transferirei as receitas da família antes de levá-la como parte do pagamento.

Houve um momentâneo formigamento de nostalgia e arrependimento quando Robinson partiu, meia hora depois, levando com ele a velha Jemima. Carmichael quase já começara a pensar na gasta Madison 43 como um membro da família. Afinal, ele a comprara há dezesseis anos, apenas dois após seu casamento.

Mas ela... aquilo, corrigiu irritado, era apenas um robô, e robôs tornam-se obsole-tos. Ademais Jemima provavelmente estaria sofrendo de todas as mazelas e dores de um robô velho e seria mais feliz desmontada. Carmichael apagou Jemima de sua mente.

Os quatro passaram a maior parte do resto da noite descobrindo coisas sobre o novo robosservidor. Carmichael fez uma tabela dos pesos deles (ele, 88; Ethel, 64; Myra, 60; Joey, 82) e o quanto se propunham a pesar dentro de três meses (ele, 80; Ethel, 55; Myra, 54; Joey, 78). Carmichael então deixou o filho, que se orgulhava de seus conhecimentos em robótica, integrar as informações e alimentá-las ao banco de programação do robô.

- Deseja que esse plano seja executado imediatamente? - perguntou o robosservidor numa voz profunda de baixo.

Assustado Carmichael respondeu:

- A-amanhã pela manhã, no café. É melhor começarmos logo.

- Ele fala bem, não é mesmo? - perguntou Ethel.

- Se fala - disse Joey. - Jemima sempre estremecia e rangia, e tudo que sabia dizer era “Jantar está servido” e “Cuidado, senhor, a travessa da sopa está muito quente”.

Carmichael sorriu. Percebeu sua filha admirando a figura volumosa do robô e seus brilhantes membros de bronze, e pensou resignadamente que uma garota de dezessete anos podia encontrar os mais estranhos tipos de objetos amorosos. Mas sentia-se feliz em ver que todos estavam evidentemente contentes com o robô. Mesmo com o desconto e a troca, ele fora uma compra cara.

Mas ia valer a pena.

Carmichael dormiu pesadamente e acordou cedo, antecipando o primeiro café da manhã sob o novo regime. Continuava satisfeito consigo mesmo.

Dieta era sempre uma coisa chata, - pensava - mas, por outro lado, ele nunca experimentara a sensação de uma perturbadora faixa de gordura pressionando para fora contra o seu elastocinto. Fazia exercícios de vez em quando, mas não adianta-vam muito, e nunca tivera a iniciativa de manter uma dieta rigorosa por muito tempo. Agora, ao contrário, a matemática do emagrecimento seria feita sem esforço para ele, todos os cálculos e preparo de comidas seriam feitos pelo computador. Agora, pela primeira vez desde que tivera a idade de Joey, ele podia olhar para o futuro e se ver magro e esbelto novamente.

Vestiu-se, tomou banho e depilou-se às pressas. Eram 07:30. O café estava pronto.

Ethel e as crianças já estavam à mesa quando ele chegou. Ethel e Myra mastigavam torrada; Joey perscrutava uma tigela de cereais em flocos sem leite, ao lado da qual se encontrava um copo cheio de leite. Carmichael sentou-se.

- Sua torrada, senhor - murmurou o robosservidor.

Carmichael olhou fixo para a fatia solitária. Já estava com a manteiga passada, e a manteiga fora evidentemente medida com um micrômetro. O robô continuou passando-lhe uma xícara de café preto.

Procurou pelo creme e pelo açúcar. Não estavam em nenhum lugar na mesa. Os demais membros da família olhavam-no estranhamente, e se encontravam suspeita e curiosamente silenciosos.

- Gosto de creme e açúcar no meu café - disse para o enorme robosservidor. - Não encontrou isso no antigo banco de receitas de Jemima?

- Claro, senhor. Mas precisa aprender a tomar seu café sem essas coisas, se deseja perder peso.

Carmichael deu uma risada abafada. De algum modo ele não esperava que o regime fosse desse jeito... tão, bem, espartano.

- Ah, sim. Claro. Hã... os ovos já estão prontos? - Ele considerava um dia incompleto a não ser que o começasse com dois ovos quentes.

- Lamento. Não, senhor. Nas segundas, quartas e sextas, o café consistirá apenas de torrada com café preto, exceto para o patrão Joey, que receberá cereal, suco de fruta e leite.

- Eu... entendo.

Bem, foi ele quem tinha pedido. Deu de ombros e deu uma dentada na torrada.

Engoliu o café; parecia como lama do rio, mas tentou não fazer careta.

Joey parecia um tanto quanto esquisito no trabalho de comer seu cereal, Carmichael percebeu a seguir.

- Por que não despeja o copo de leite no cereal? - perguntou. - Não fica mais gostoso assim?

- Claro que fica. Mas Bismarck disse que não terei outro copo se fizer isso; portanto, estou comendo-o desta maneira.

- Bismarck?

Joey deu um risinho.

- É o nome de um famoso ditador alemão do século dezenove. Chamavam-no de Chanceler de Ferro. - Esticou a cabeça em direção à cozinha, para onde o robosservidor havia se retirado silenciosamente. - Um ótimo nome para ele, hein?

- Não - disse Carmichael. - É tolo.

- Mas tem um certo fundo de verdade - afirmou Ethel.

Carmichael não respondeu. Terminou sua torrada e café meio taciturno e fez sinal a Clyde para tirar o carro da garagem. Sentia-se deprimido - fazer dieta não parecia ser afinal uma coisa que não necessitasse de esforço, mesmo com o novo robô.

Ao se encaminhar para a porta, o robô deslizou à sua volta e lhe entregou uma pequena tira de papel de impressora. Carmichael olhou-o. Dizia: SUCO DE FRUTA

SALADA DE ALFACE E TOMATE

SUCO DE TOMATE

(UM) OVO COZIDO

CAFÉ PRETO

- Que é esta coisa?

- O senhor é o único membro da família que não fará três refeições por dia sob minha supervisão pessoal. Este é o menu do seu almoço. Por favor, respeite-o - disse o robô com voz suave.

Reprimindo uma explosão, Carmichael disse:

- Sim... sim, claro.

Embolsou o menu e seguiu incerto para o carro que aguardava.

Ele foi fiel às ordens do robô à hora do almoço aquele dia; apesar de começar a desenvolver resistência à ideia que lhe parecera tão agradável há apenas uma noite antes, estava disposto, pelo menos, a fazer uma tentativa.

Mas algo o forçou a ficar longe do restaurante onde os empregados da Financeira Normandy costumavam almoçar, e onde havia garçons humanos para darem risinhos e colegas executivos para fazerem perguntas abelhudas.

Em vez disso, comeu num robobar barato dois quarteirões ao norte. Entrou às escondidas com a gola levantada, digitou seu pedido (custou-lhe menos que um crédi-to) e o devorou rapidamente. Ainda sentia fome quando acabou, mas foi compelido a voltar lealmente ao escritório.

Perguntava-se agora quanto tempo conseguiria manter o seu autocontrole férreo.

Não por muito tempo, percebeu pesaroso. E se alguém da companhia o pegasse

comendo no robobar, seria motivo de piadas. Alguém com status de executivo não devia almoçar em lanchonetes mecanizadas.

Ao terminar seu período de trabalho, o estômago parecia dar nó e dobrar. A mão tremulava quando teclou seu destino no autopainel do carro, e estava agradecido por levar menos de uma hora para chegar em casa saindo do escritório. Logo, pensou, estaria provando comida de novo. Logo. Logo. Ligou o vídeo embutido no teto, recostou-se no reclinador e tentou relaxar enquanto o carro levava-o em direção de casa.

Mas foi com surpresa que passou do campo de segurança para o interior de sua casa. Clyde esperava como sempre, e, como sempre, pegou seu chapéu e casaco. E, como sempre, Carmichael estendeu a mão para o coquetel que Clyde preparava à noite para recebê-lo em casa. Não havia coquetel.

- Estamos sem gim, Clyde?

- Não, senhor.

- Então por que não há drinque?

Os traços metálicos recobertos de borracha do robô pareceram desanimar.

- Porque, senhor, o conteúdo calórico de um martíni é tremendamente alto. Gim possui cerca de cem calorias por trinta gramas e...

- Oh, não. Você também.

- Desculpe, senhor. O novo robosservidor alterou meus circuitos de resposta para se adequarem aos regulamentos agora em vigor nesta residência.

Carmichael começou a sentir os dedos tremerem.

- Clyde, você tem sido meu mordomo durante quase vinte anos.

- Sim, senhor.

- Sempre fez meus drinques para mim. Você mistura o melhor martíni do hemisfé-

rio ocidental.

- Obrigado, senhor.

- E vai misturar um para mim agora mesmo! Esta é uma ordem direta!

- Senhor! Eu... - O robordomo cambaleou violentamente e quase tombando sobre Carmichael. Parecia ter perdido todo o controle do sistema de equilíbrio; segurou agonizante o painel do peito e começou a arquear.

Rapidamente, Carmichael gritou:

- Ordem cancelada! Clyde, você está bem?

Lentamente, com um rangido, o robô endireitou-se. Parecia perigosamente perto de uma sobrecarga.

- Sua ordem direta criou um conflito de primeira classe dentro de mim, senhor -

Clyde sussurrou francamente. - Eu... cheguei próximo a um curto-circuito naquele momento, senhor. Pode... Pode me dispensar?

- Claro. Lamento, Clyde. - Carmichael cerrou os punhos. Essa coisa estava indo longe demais! O robosservidor - Bismarck - obviamente colocara em Clyde uma proibição expressa contra servir-lhe bebida. Para emagrecer ou não, havia limites.

Carmichael caminhou furiosamente em direção à cozinha. Sua mulher o encontrou a meio caminho.

- Não o ouvi entrar, Sam. Quero lhe falar sobre...

- Depois. Onde está o robô?

- Na cozinha, imagino. Está quase na hora do jantar.

Passou rapidamente por ela e entrou na cozinha, onde Bismarck movia-se com eficiência do eletroforno à mesa de serviço magnética. O robô girou enquanto Carmichael entrava.

- Teve um bom dia, senhor?

- Não! Estou com fome!

- Os primeiros dias de uma dieta são sempre os mais difíceis, Sr. Carmichael. Mas seu corpo vai se acostumar à redução de ingestão de comida em pouco tempo.

- Tenho certeza disso. Mas que negócio foi esse de remendar Clyde?

- O mordomo insistiu em preparar uma bebida alcoólica para o senhor. Fui forçado a ajustar sua programação. De agora em diante, senhor, só poderá tomar coquetéis às terças, quintas e sábados. Peço que me poupe de mais discussões agora, senhor.

A comida está quase pronta.

Pobre Clyde. Pensou Carmichael. E pobre de mim! Trincou os dentes impotentemente por algumas vezes, então desistiu e se afastou do reluzente e opressor robosservidor. Uma luz brilhou do lado da cabeça do robô, indicando que havia desligado seus circuitos de áudio e se encontrava completamente envolvido em sua tarefa.

O jantar consistiu de bife e ervilhas, seguindo-se café preto. O bife estava mal passado. Carmichael preferia bem passado. Mas Bismarck - o nome estava começando a pegar - tivera todas as mais recentes teorias dietéticas gravadas em si mesmo, e tinha que ser carne mal passada.

Após o robô ter tirado a mesa e arrumado a cozinha, retirou-se para seu depósito no porão, o que deu à família Carmichael uma chance de falar abertamente uns com os outros pela primeira vez aquela noite.

- Céus! - exclamou Ethel. - Sam, não tenho objeções em perder peso, mas se vamos ser tiranizados em nossa própria casa...

- Mamãe tem razão - Joey acrescentou. - Não parece certo aquela coisa nos alimentar do que bem entender. E não gostei do jeito como mexeu com os circuitos de Clyde.

Carmichael espalhou as mãos.

- Também não estou contente com ele. Mas temos que fazer uma tentativa.

Sempre poderemos fazer reajustes na programação, se for necessário.

- Mas por quanto tempo vamos continuar com isto? - Myra queria saber. - Fiz três refeições hoje nesta casa e me sinto faminta!

- Eu também - disse Joey. Ergueu-se de sua poltrona e olhou em volta. - Bismarck está lá embaixo. Vou pegar uma fatia de torta de limão enquanto a barra está limpa.

- Não! - vociferou Carmichael.

- Não?

- Não faz sentido eu gastar três mil créditos num robô de dieta se você pretende trapacear, Joey. Eu o proíbo de comer qualquer torta.

- Mas, papai, estou com fome! Estou em idade de crescimento! Estou...

- Você tem dezesseis anos, e se crescer mais ainda não vai caber dentro desta casa - acrescentou Carmichael, olhando para o filho de um metro e oitenta e dois de altura.

- Sam, não podemos deixar o menino passar fome - protestou Ethel. - Se ele quer torta, deixe que coma. Está levando longe demais essa ideia fixa de emagrecimento.

Carmichael considerou aquilo. Talvez, pensou, eu esteja sendo mesmo um pouco super severo. E o pensamento de uma torta de limão era tentador. Ele próprio estava faminto.

- Está bem - disse com relutância fingida. - Acho que um pedacinho de torta não vai estragar o plano. Aliás, acho que eu mesmo vou comer um pedaço. Joey, por que você não vai...

- Com licença - disse uma voz ronronante atrás dele. Carmichael deu um pulo de quase dois centímetros. Era o robô, Bismarck. - Seria uma lástima se comesse torta agora, Sr. Carmichael. Meus cálculos são muito precisos.

Carmichael viu o brilho furioso nos olhos do filho, mas o robô parecia extraordinariamente grande naquele momento, e estava de pé entre ele e a

cozinha.

Suspirou fracamente.

- Vamos esquecer a torta de limão, Joey.

Após dois dias inteiros da dieta Bismarquiana, Carmichael descobriu que as fontes mais íntimas de sua força de vontade começavam a desmoronar. No terceiro dia jogou fora a dieta impressa do almoço e foi com MacDougal e Hennessey para uma refeição de seis pratos, mais coquetéis. Parecia-lhe que não comera comida de verdade desde a chegada do robô.

À noite, conseguiu tolerar o jantar de setecentas calorias sem qualquer resmungo interior, estando ainda nutrido pelo almoço. Mas Ethel, Myra e Joey estavam com uma irritação crescente. Constava que o robô usurpava a tarefa diária de fazer compras de Ethel e tinha armazenado nada além de um enorme suprimento de comidas naturais com baixo teor de calorias. A despensa agora inchava com germe de trigo, pão proteico, salmão irrigado e outros itens até o momento nada familiares. Myra dera para roer as unhas; o humor de Joey estava num dos seus dias negros, e Carmichael sabia como isso poderia levar rapidamente a uma encrenca um rapaz de dezesseis anos.

Após o jantar frugal, ordenou que Bismarck fosse para o porão e permanecesse lá enquanto não fosse chamado.

O robô disse:

- Devo avisá-lo, senhor, de que detectarei qualquer ingestão de comidas proibidas em minha ausência e compensarei isso nas próximas refeições.

- Tem a minha palavra - disse Carmichael, achando bastante esquisito ter que recorrer à honra com o seu próprio robô. Esperou até o enorme robosservidor desaparecer lá embaixo; então, virou-se para Joey e falou: - Pegue o manual de instruções, rapaz.

Joey sorriu, entendendo. Ethel disse:

- Sam, que vai fazer?

Carmichael bateu na cintura encolhida:

- Vou pegar um abridor de latas para essa criatura e ajustar sua programação.

Está exagerando com esse negócio de dieta. Joey, já encontrou as instruções de como se reprogramar o robô?

- Página 167. Vou pegar o estojo de ferramentas, pai.

- Certo. - Carmichael virou-se para o robordomo, que se encontrava de pé e mudo, em sua costumeira postura de expectativa inclinado para frente. - Clyde, vá lá embaixo e diga a Bismarck que o queremos aqui imediatamente.

Momentos depois, os dois robôs apareceram. Carmichael falou para o robosservidor:

- Receio que seja necessário mudar o seu programa. Nós superestimamos a nossa capacidade de perder peso.

- Imploro que reconsidere, senhor. Excesso de peso é perigoso para todos os órgãos vitais do corpo. Peço que mantenha a minha programação inalterada.

- Preferia cortar a minha própria garganta. Joey, desligue-o e faça o seu trabalho.

Com um risinho ameaçador, o rapaz avançou e pressionou o botão que abria o tronco do robô. Uma impressionante variedade de engrenagens, canos e cabos transluzentes tornaram-se visíveis no interior do robô. Com uma pequena chave in-glesa numa mão e o manual de instruções na outra, Joey preparou-se para fazer as mudanças necessárias, enquanto Carmichael prendia a respiração e um manto de si-lêncio descia sobre a sala. Até mesmo o velho Clyde curvou-se mais para frente a fim de ter uma visão melhor.

Joey resmungava:

- Alavanca F2, com a marca amarela, é para ser avançada um dente... hum. Agora gire o disco B9 para a esquerda, abrindo, portanto, o compartimento de alimentação e... opa!

Carmichael ouviu o cair da chave e viu o reflexo brilhante de fagulhas; Joey pulou para trás, xingando com uma surpreendente habilidade adulta. Ethel e Myra engoli-ram em seco simultaneamente.

- Que aconteceu? - quatro vozes - a de Clyde vindo por último - perguntaram.

- Deixei cair a droga da chave - disse Joey. - Acho que provoquei um curto-circuito em algum lugar lá dentro.

Os olhos do robô giravam diabolicamente e a caixa de voz emitia um espantoso ri-bombo de doze ciclos. A grande criatura de metal permanecia rígida no meio da sala; com gestos bruscos das mãos enormes, fechou ruidosamente as tampas abertas em seu peito.

- É melhor chamarmos o Sr. Robinson - disse Ethel, preocupada. - Um robô com curto-circuito pode explodir, ou coisa pior.

- Devíamos ter chamado Robinson em primeiro lugar - murmurou Carmichael amargamente. - Foi minha culpa deixar Joey mexer num caro e delicado mecanismo como esse. Myra, pegue aquele cartão que o Sr. Robinson deixou.

- Puxa, papai, é a primeira vez que faço uma coisa dessas dar errado. Eu não sei...

- Tem toda razão: você não sabe. - Carmichael pegou o cartão de sua filha e dirigiu-se ao telefone. - Espero que possamos alcançá-lo a esta hora. Se não conseguirmos...

Súbito, Carmichael sentiu dedos frios tomando o cartão de sua mão. Ficou tão assustado que cedeu sem uma reação. Observou enquanto Bismarck rasgava-o eficientemente em pequenos fragmentos e jogava-os na unidade incineradora da parede.

O robô disse:

- Não haverá mais mexidas em minhas fitas de programação. - Sua voz era profunda e estranhamente áspera.

- Que...?

- Sr. Carmichael, hoje violou o programa que lhe preparei. Meus perceptores reve-lam que consumiu uma quantia que excedeu em muito o necessário requerido para o seu almoço.

- Sam, que...?

- Calada, Ethel. Bismarck, ordeno que se desligue imediatamente.

- Perdão, senhor. Não poderei servi-lo se eu me desligar.

- Não quero que me sirva. Você está defeituoso. Quero que permaneça parado até eu poder telefonar para o técnico e trazê-lo para consertar você.

Então lembrou que o cartão tinha sumido na unidade de incineração. Sentiu um leve tremor de apreensão.

- Você pegou o cartão de Robinson e o destruiu.

- Qualquer alteração posterior em meus circuitos será prejudicial para a família Carmichael - disse o robô. - Não posso permitir que chame o técnico.

- Não o faça ficar zangado, papai - alertou Toey. - Chamarei a polícia. Voltarei dentro de...

- Você ficará dentro desta casa - disse o robô. Movendo-se com impressionante velocidade em suas esteiras oleadas, atravessou a sala, bloqueando a porta, e alcançou bem acima de sua cabeça para ativar o campo impenetrável de privacidade que pro-tegia a casa. Carmichael observou, pasmado, enquanto os inexoráveis dedos robóticos giravam e manipulavam os controles do campo.

- Já inverti a polaridade do campo de privacidade da casa - anunciou o robô. - Já que obviamente não se pode confiar que mantenham a dieta que prescrevi, não posso permitir que abandonem o recinto. Permanecerão aqui dentro e continuarão a obedecer minha benéfica orientação.

Calmamente, arrancou o fio do telefone. A seguir, as janelas foram embaçadas e os trincos quebrados. Finalmente, o robô pegou o manual de instruções das mãos trêmulas de Joey e o jogou na unidade de incineração.

- O café da manhã será servido na hora de costume - disse Bismarck suavemente.

- Para melhores resultados de saúde, todos vocês deverão dormir na hora 23:00. Vou deixá-los agora, até amanhã. Boa noite.

Carmichael não dormiu bem aquela noite, nem comeu bem no dia seguinte. Acordou tarde, para começar, bem depois das nove. Descobriu que alguém, obviamente Bismarck, cancelara os impulsos do cérebro caseiro que o acordava às sete a cada manhã.

O menu do café foi torrada e café preto. Carmichael comeu, desgostoso, sem falar, indicando através de bruscas carrancas que não queria que lhe dirigissem a palavra.

Após a miserável refeição ter sido recolhida, foi sub-repticiamente na ponta dos pés até a porta da frente em seus trajes de dormir e avançou uma mão na direção da maçaneta.

A porta se recusou a abrir. Empurrou até o suor escorrer pelo rosto. Ouviu Ethel cochichar em alerta:

- Sam... - e um momento depois frios dedos metálicos delicadamente afastaram-no da porta.

Bismarck falou:

- Por favor, senhor. A porta não se abrirá. Expliquei isso ontem à noite.

Carmichael olhou amargamente para a complicada caixa de controle do campo de privacidade. O robô a tinha enclausurado completamente. O campo de privacidade invertido tornava impossível para eles saírem de casa; criava uma esfera de força em volta da moradia. Teoricamente, o campo podia ser penetrado pelo lado de fora, mas ninguém viria vê-los sem um convite. Não aqui em Westley. Não era uma dessas subdivisões vizinhas onde todo mundo conhecia todo mundo. Carmichael a escolhera por esse motivo.

- Seu maldito - ele grunhiu. - Não pode nos manter prisioneiros aqui!

- Minha intenção é apenas ajudá-los - disse o robô numa voz mecânica mas dedicada. - Minha função é supervisionar sua dieta. Como não obedecem por bem, a obediência deve ser forçada - para o próprio bem de vocês.

Carmichael franziu o cenho e afastou-se. A pior parte de tudo era que o robosservidor parecia tão sincero!

Preso. A ligação do telefone foi cortada. As janelas estavam escurecidas. De algum modo, a tentativa de Joey resultara num curto-circuito nos filtros de obediência do robô, e também estimulara exageradamente seu senso de funcionamento. Agora Bismarck estava determinado a fazê-los perder peso mesmo que fosse preciso matá-los para isso.

E parecia que o faria mesmo.

Bloqueada, a família Carmichael se encontrava num pequeno grupo agitado para cochichar planos de um contra-ataque. Clyde ficava vigiando, mas o robordomo parecia estar num estado de choque geral desde a demonstração da capacidade independente de ação do empregado robô, e Carmichael agora o tinha como indigno de confiança.

- Ele mantém a cozinha murada com uma espécie de teia de força eletrônica - disse Joey. - Deve tê-la construído durante a noite. Tentei me esgueirar para pegar alguma comida, e, na tentativa, não consegui nada além de uma pancada no nariz.

- Eu sei - disse Carmichael tristemente. - Ele construiu o mesmo tipo de troço em volta do bar. Trezentos créditos das melhores bebidas ali e não posso nem mesmo chegar perto!

- Não é hora de se preocupar com bebida - disse Ethel com mau humor. - Dentro em pouco seremos esqueletos.

- Isso não é tão ruim assim, mamãe - disse Joey.

- É sim! - gritou Myra. - Já perdi dois quilos em quatro dias!

- Isso é tão terrível?

- Estou definhando - soluçou ela. - Meus contornos... estão desaparecendo! E...

- Silêncio - sussurrou Carmichael. - Bismarck está vindo!

O robô emergiu da cozinha, passando através da barreira de força como se ela fosse uma teia de aranha. Parecia ter efeito apenas em seres humanos, pensou Carmichael.

- O almoço será servido dentro de oito minutos - disse obsequiosamente, e voltou para seu reduto.

Carmichael olhou para o relógio. Eram 12:30 horas.

- Lá no escritório devem estar intrigados sobre o meu paradeiro - disse ele. - Não faltei um dia de trabalho em anos.

- Nem estão ligando - disse Ethel. - Um executivo não precisa justificar cada dia que tira de folga, você sabe.

- Mas vão se preocupar após três ou quatro dias, não vão? - perguntou Myra. -

Talvez tentem telefonar... ou até enviem uma missão de resgate.

Da cozinha, Bismarck falou friamente:

- Não haverá perigo disso. Enquanto dormia esta manhã, notifiquei seu local de emprego de que tinha se demitido.

Carmichael engoliu em seco. Então, recuperando-se, falou:

- Está mentindo! O telefone está desligado... e não se arriscaria a deixar a casa, mesmo se nós estivéssemos dormindo!

- Comuniquei-me com eles através de um gerador de micro-ondas que construí ontem à noite com a ajuda dos livros de referência de seu filho - replicou Bismarck. -

Clyde me forneceu o número, com relutância. Também liguei para o seu banco e dei instruções para que cuidassem pelo senhor de assuntos como pagamentos de impostos, decisões sobre investimentos etc. A fim de evitar dificuldade, quero acrescentar que uma teia de força impedirá o acesso de vocês ao equipamento eletrônico do po-rão. Ficará por minha conta executar a comunicação com o mundo exterior no que se referir ao seu bem-estar, Sr. Carmichael. Não precisa se preocupar com esse assunto.

- Não. - Carmichael ecoou sombriamente. - Não preciso me preocupar.

Ele virou-se para Joey.

- Temos que sair daqui. Tem certeza de que não há jeito de desligar o campo de privacidade?

- Ele instalou um dos seus campos de força em volta da caixa de controle. Não consigo nem chegar perto da coisa.

- Se ao menos tivéssemos um geleiro ou um fornecedor de óleo, como tinham as casas dos tempos antigos - disse Ethel amargamente. - Ele apareceria, entraria, e talvez soubesse como desligar o campo. Mas aqui não. Oh, não. Temos um reluzente criostato cromado no porão que consome uma porção de hélio líquido para fazer funcionar a fantástica casa de força criotônica super esfriada que nos fornece aquecimento e luz, e temos comida suficiente no freezer para durar pelo menos uma déca-da ou duas, e poderemos viver assim durante anos, uma caprichada ilhota autoconti-da no meio da civilização, com ninguém para nos perturbar, ninguém se preocupando com a gente, e o robô de estimação de Sam Carmichael nos alimentando sempre que quiser e o quanto menos desejar...

Havia um tom cortante em sua voz que estava perigosamente perto da histeria.

- Ethel, por favor - disse Carmichael.

- Por favor o quê? Por favor ficar calada? Por favor ficar calma? Sam, somos prisioneiros aqui!

- Eu sei. Não precisa levantar a voz.

- Talvez, se o fizer, alguém nos escute e venha nos tirar daqui - ela replicou mais friamente.

- São cento e vinte metros até a próxima casa, querida. E nos sete anos em que moramos aqui, tivemos apenas duas visitas de nossos vizinhos. Pagamos um preço elevado pela reclusão e agora estamos pagando um mais elevado ainda. Mas, por favor, mantenha o controle, Ethel.

- Não se preocupe, mãe. Vou bolar um jeito da gente sair desta - disse Joey com firmeza.

Num canto da sala de estar, Myra soluçava em silêncio para ela mesma, borrando a maquilagem. Carmichael sentiu um leve tremor claustrofóbico. A casa era grande, três andares e doze cômodos, mas mesmo assim ele poderia se

fartar dela muito rapidamente.

- O almoço está servido - anunciou o robosservidor num tom estrondoso.

E farto também de almoços com alface e tomate, Carmichael acrescentou silenciosamente, enquanto pastoreava sua família em direção da sala de jantar para a frugal refeição da metade do dia.

- Tem que fazer algo a respeito, Sam - disse Ethel Carmichael no terceiro dia de clausura.

Olhou para ela.

- Tenho, hein? E o que é que eu devo fazer?

- Papai, não fique tão nervoso - disse Myra.

Virou-se na direção dela.

- Não me diga o que devo ou não devo fazer!

- Ela não pode evitar, querido. Estamos todos um pouco esgotados. Afinal, confina-dos aqui...

- Eu sei. Como carneiros num curral - completou ele acidamente. - Exceto que não estamos sendo engordados para matança. Estamos... estamos sendo emagrecidos, e supostamente para o nosso próprio bem!

Carmichael calou-se sombriamente. Torrada-e-café-preto, alface-e-tomate, bife-malpassado-e-ervilhas. Os canais de Bismarck pareciam ter-se congelado permanentemente nesse menu diário.

Mas o que ele podia fazer?

Contato com o mundo exterior era impossível. O robô erigira um baluarte no porão do qual conduzia os pequenos assuntos que a família Carmichael tinha com o mundo. Em geral, eram autossuficientes E os campos de força de Bismarck garantiam a impossibilidade de qualquer tentativa de desligar o revestimento externo, invadir o porão, ou até mesmo conseguir suprimento de comida ou bebida alcoólica. Estava tudo sob controle, e os quatro aproximavam-

se rapidamente do estado de inanição.

- Sam?

Ele levantou a cabeça, fatigado.

- Que é, Ethel?

- Myra teve uma ideia anteriormente. Diga para ele, Myra.

- Ora, não daria certo. - Disse Myra objetando.

- Diga para ele!

- Bem... Papai, você podia tentar dominar Bismarck.

- Hã? - rosnou Carmichael.

- O que eu quero dizer é que você ou Joey poderiam distrai-lo de alguma maneira, então Joey ou você poderiam abri-lo de novo e...

- Não - retrucou Carmichael. - Aquela coisa tem dois metros de altura e pesa uns cento e quarenta quilos. Se está pensando que eu vou lutar com ele...

- Pelo menos poderíamos tentar - sugeriu Ethel.

Carmichael balançou a cabeça com veemência.

- A carnificina seria terrível.

Joey falou:

- Papai, pode ser a nossa única esperança.

- Você também? - perguntou Carmichael.

Ele respirou fundo. Sentiu-se flechado por dois olhares femininos mortais, e sabia que não havia outra alternativa a não ser tentar. Resignadamente, colocou-se de pé e disse:

- Está bem. Clyde, vá chamar Bismarck. Joey, tentarei segurar os braços,

enquanto você abre o peito dele. Arranque qualquer coisa que puder.

- Tome cuidado - alertou Ethel. - Se houver uma explosão...

Se houver uma explosão, estaremos todos livres - disse Carmichael com irritação.

Virou-se para ver a ampla figura do robosservidor de pé na entrada da sala de estar.

- Posso ser útil em algo, senhor?

- Pode - disse Carmichael. - Estamos tendo uma pequena discussão aqui e queremos a sua opinião. É uma questão de defanasar o poliestão e... - Joey, abra-o!

Carmichael agarrou os braços do robô, tentando segurá-lo sem ser lançado através do aposento, enquanto o filho pressionava nervosamente o botão que abria as entranhas do robô. Carmichael antecipava uma destruição imediata - mas, para sua surpresa, viu-se escorregando enquanto tentava segurar os grossos braços.

- Pai, não adianta. Eu... ele...

Carmichael encontrou-se repentinamente três metros acima do chão. Ouviu Ethel e Myra gritarem e o “Tome cuidado, senhor” de Clyde.

Bismarck carregava-os através da sala, delicadamente, embalando-o num braço gigantesco e Joey no outro. Colocou os no sofá e recuou.

- Essas tentativas são muito perigosas - disse Bismarck com reprovação. - Colo-cam-me em perigo de machucá-los fisicamente. Por favor, evitem atos dessa natureza no futuro.

Carmichael encarou pensativo o seu filho.

- Teve o mesmo problema que eu?

Joey assentiu com a cabeça.

- Não consegui chegar nem a um centímetro de sua pele. É óbvio. Ele construiu um dos malditos campos de força também em torno de si mesmo.

Carmichael gemeu. Não olhou para a mulher e a filha. Ataques físicos contra Bismarck estavam agora fora de questão. Começou a sentir como se tivesse sido condenado à prisão perpétua e que sua estada no vil encarceramento não seria extremamente prolongada.

No banheiro do andar de cima, seis dias após o começo do aprisionamento, Sam Carmichael observava o rosto encovado no espelho antes de penosamente subir na balança.

Pesava 80.

Perdera oito quilos em menos de duas semanas. Estava rapidamente tornando-se uma ruína trepidante.

Um pensamento lhe ocorreu ao olhar o ponteiro balouçante da balança, e uma repentina alegria derramou-se sobre ele. Desceu correndo a escada. Ethel estava dili-gentemente fazendo crochê na sala de estar; Joey e Myra, jogando cartas soturna-mente, agora desesperadamente, após seis dias inteiros de gim rummy e bridge lua de mel

- Cadê o robô? - rosnou Carmichael. - Venha já aqui!

- Na cozinha - disse Ethel secamente.

- Bismarck! Bismarck! - rosnou Carmichael. - Vinha já aqui!

O robô apareceu.

- Em que posso servi-lo, senhor?

- Seu maldito, varra-me com seus receptores superpoderosos e diga-me quanto peso.

Após uma pausa, o robô falou com gravidade:

- Setenta e nove quilos e oitocentos e cinquenta gramas.

- Sim! Sim! E o programa original que foi feito em você era para eu emagrecer de oitenta e oito quilos para oitenta! - exultou Carmichael triunfantemente. - Portanto, estou livre de você contanto que eu não engorde mais. E também o resto de nós, aposto. Ethel! Myra! Joey! Subam e pesem-se!

Mas o robô encarou-o com um olhar pesaroso e disse:

- Senhor, não encontro nenhum registro dentro de mim sobre qualquer limitação em sua redução de peso.

- Quê?

- Chequei completamente minhas fitas. Tenho o registro de uma ordem para redu-

ção de peso, mas essa fita não parece especificar um terminas ad quem.

Carmichael suspirou e deu três passos cambaleantes para trás. Suas pernas vacila-ram; sentiu Joey amparando-o. Murmurou:

- Mas pensei que... Tenho certeza que o fizemos... Eu sei que o instruímos... A fome roía sua carne.

Joey disse com lentidão:

- Papai, talvez essa parte de sua fita tenha sido apagada quando entrou em curto-circuito.

- Oh - disse Carmichael com entorpecimento.

Cambaleou para a sala de estar e desabou pesadamente naquela que fora outrora a sua poltrona favorita. Não era mais. A casa inteira tornara-se odiosa para ele. Ansi-ava sair novamente à luz do sol, para ver árvores e grama, até mesmo para ver aquela excrecência de casa ultramoderna que os vizinhos do lado esquerdo tinham construído.

Mas agora aquilo seria impossível. Ele tivera esperança, de pelo menos por uns poucos minutos, que o robô o liberasse do encarceramento dietético quando fosse mostrado o objetivo principal alcançado. Evidentemente, aquilo lhe fora negado. Re-primiu uma risadinha e então começou a gargalhar.

- Que há de tão engraçado, querido? - perguntou Ethel. Ela perdera sua tendência anterior à histeria, e após longos dias e um crochê complicado olhava agora o universo com uma silenciosa resignação.

- Engraçado? O fato de que eu peso agora oitenta quilos, estou esbelto, magro, em boa condição física. No próximo mês, pesarei setenta e seis. Depois, setenta e um. Então, finalmente, cerca de quarenta quilos ou coisa parecida. Murcharemos todos. Bismarck nos fará passar fome até a morte.

- Não se preocupe, pai. Vamos sair desta.

De alguma maneira, a impetuosa confiança juvenil de Joey parecia forçada agora.

Carmichael balançou a cabeça:

- Não vamos não. Nunca sairemos. E Bismarck vai nos reduzir ad infinitum. Ele não tem terminus ad quem.

- O que ele está falando? - perguntou Myra.

- É latim - explicou Joey. - Mas escute, pai... tenho uma ideia que acho que funcionará. - Baixou a voz. - Tentarei ajustar Clyde, entende? Se puder conseguir uma es-pécie de efeito vibrador multifásico em sua trilha nerval, talvez consiga fazê-lo passar pelo campo de privacidade invertido. Ele poderá ir conseguir ajuda, encontrar alguém que possa desligar o campo. Há um artigo sobre geradores multifásicos na Eletro-magnética Popular do mês passado, e está no meu quarto, lá em em cima. Eu...

Sua voz morreu. Carmichael, que escutava com o ar de um condenado ouvindo a sua sentença, disse com impaciência:

- Como é? prossiga. Conte-me mais.

- Não ouviu isso, pai?

- A porta da frente. Pensei tê-la ouvido abrir agora mesmo.

- Estamos todos enlouquecendo - disse Carmichael insensivelmente. Amaldiçoou o vendedor da Marthew, amaldiçoou o inventor dos robôs

criotônicos, amaldiçoou o dia em que pela primeira vez sentiu-se envergonhado da boa e velha Jemima e resolveu trocá-la por um modelo novo.

- Espero não estar incomodando - disse uma nova voz, desculpando-se.

Carmichael piscou e olhou para cima. Uma figura rija com bochechas, coradas numa peluda japona de lã materializara-se no meio da sala. Segurava um estojo de ferramentas verde numa das mãos enluvadas. Era Robinson, o técnico de robôs.

Carmichael perguntou roucamente:

- Como entrou?

- Pela porta da frente. Vi luz aqui dentro, mas ninguém atendeu a campainha, quando toquei; portanto, resolvi entrar. Sua campainha não está funcionando. Achei melhor avisá-los. Sei que é indelicado...

- Não peça desculpas - murmurou Carmichael. - Estamos contentes em vê-lo.

- Estava na vizinhança, sabe, e resolvi dar um pulo aqui para ver como estão indo as coisas com o seu novo robô - disse Robinson.

Carmichael contou-lhe clara, precisa e rapidamente.

- E estamos sendo mantidos presos aqui há seis dias - encerrou. - E o seu robô está aos poucos nos fazendo passar fome até a morte. Não podemos aguentar por mais tempo.

O sorriso abandonou abruptamente o rosto jovial de Robinson.

- Eu achei mesmo vocês nada saudáveis. Bolas, agora haverá uma investigação e todos os tipos de encrenca. Mas pelo menos poderei terminar com a prisão de vocês.

Ele abriu sua caixa de ferramentas e selecionou um instrumento tubular com vinte centímetros de comprimento, um bulbo de vidro numa ponta e um gatilho preso à outra.

- Amortecedor de campo de força - explicou. Apontou-o para a caixa de controle

do campo de privacidade e assentiu com a cabeça satisfeito. - Pronto. Um aparelhi-nho genial. Neutraliza os efeitos do que o robô fez e não estão mais trancados. Agora, se me trouxerem o robô...

Carmichael mandou Clyde chamar Bismarck. O robordomo voltou momentos depois seguido pelo vultoso robosservidor. O robô congelou no meio do caminho, emitindo um breve rangido.

- Pronto. Isso o imobilizará. Vamos agora dar uma olhada no chassi.

O técnico abriu rapidamente o peito de Bismarck e, tirando uma lanterna do bolso, vasculhou o complexo interior do servomecanismo, fazendo comentários cacarejantes ocasionais e inaudíveis.

Dominado pelo alívio, Carmichael seguiu trêmulo para uma cadeira. Livre! finalmente livre! Sua boca enchia-se de água ao pensar nas refeições que faria nos dias que se seguiriam. Batatas, martínis, pãezinhos quentes amanteigados e todas as outras comidas proibidas.

- Fascinante - disse Robinson, mais para si mesmo. - Os filtros de obediência estão completamente em curto, e os nódulos de decisão foram de alguma maneira soldados juntos pelo momentâneo arco de alta voltagem. Nunca tinha visto algo assim, sabiam?

- Nem nós - disse Carmichael sombriamente.

- Mas, apesar disso... é uma nova e grande descoberta na ciência robótica! - Se conseguirmos produzir esse efeito, significa que poderemos construir robôs com vontade própria... imaginem o que isso significará para a ciência.

- Já sabemos - disse Ethel.

- Adoro observar o que acontece quando a fonte de energia está operando - prosseguiu Robinson. - Por exemplo, este anel de retroalimentação é na verdade negativo ou...

- Não! - cinco vozes gritaram ao mesmo tempo - com a de Clyde, como sempre, vindo por último.

Era tarde demais. Toda ação durara não mais do que um décimo de segundo.

Robinson pressionara o gatilho do seu neutralizador novamente, ativando Bismarck... e num rápido golpe o robosservidor tomou o neutralizador e a caixa de ferramentas do assustado técnico, ativou mais uma vez o campo de privacidade, e exultantemente esmagou o frágil neutralizador entre seus poderosos dedos. Robinson gaguejou:

- Mas... mas...

- Sua tentativa de interferir com o bem-estar da família Carmichael foi uma imprudência - disse Bismarck com severidade. - Vasculhou a caixa de ferramentas, achou um segundo neutralizador e o reduziu a lixo. Ruidosamente fechou as tampas de seu peito.

Robinson virou-se e seguiu em direção à porta, esquecendo o reativado campo de privacidade. Quicou forte para trás, girando violentamente. Carmichael levantou-se de seu assento bem a tempo de segurá-lo.

Havia um olhar de pânico aprisionado no rosto do técnico. Carmichael não conseguia mais partilhar da emoção; por dentro estava entorpecido, totalmente resignado, não importando-se com reação posterior.

- Ele... ele se movimentou tão depressa! - vomitou Robinson.

- Foi mesmo - disse Carmichael tranquilamente. Acariciou seu estômago vazio e suspirou levemente. - Felizmente temos um quarto de hóspedes vazio para você, Sr.

Robinson. Bem-vindo à nossa feliz casinha. Espero que goste de torrada e café preto no café da manhã.

O HOMEM QUE COMEU O MUNDO

Frederik Pohl

Tradução de Domingos Demasi

Grande consumo de bens e serviços é um problema dos ricos, um problema que muitos de nós gostaríamos de ter. Na maravilhosamente intitulada história que se segue, Frederik Pohl apresenta um estonteante retrato da exacerbação do consumo e os custos que isso envolve.

I

Ele tinha um nome, mas em casa era chamado de Sonny, e quase sempre estava em casa. Ele a odiava. Outros meninos de sua idade iam para a escola. Sonny fazia qualquer coisa para ir à escola, mas sua família era, para dizer o menos, não muito abastada. Não era culpa de Sonny se seu pai era um completo fracasso na vida. Mas isso significava: nada de escola para Sonny, nada de meninos de sua idade para Sonny brincar. Todas as infâncias são trágicas (como todos os adultos esquecem), mas a de Sonny era uma miséria completa.

O pior era à noite, quando sua irmãzinha estava dormindo e os pais se encontravam impiedosamente comendo, lendo, dançando e bebendo, até o ponto de caírem.

E de todas as noites ruins, a da véspera de seu décimo segundo aniversário foi talvez a pior de todas para Sonny. Ele tinha idade suficiente para saber o que significava uma festa de aniversário. Haveria bolos e doces, espetáculos e jogos; haveria presentes, presentes, presentes. Seria um dia incrível e interminável.

Desligou a tevê a cores e as fitas gravadas com cânticos de marinheiros e, com uma aparência distraída, caminhou na direção da porta de seu quarto de brinquedos.

Davey Crockett levantou-se de trás de um modelo de campo de pouso espacial e falou:

- Peraí, Sonny. Quero passiá cum você. O rosto de Davey era sereno e forte como um rochedo do Tennessee; enfiou seu comprido rifle de caça sob um braço e colocou o outro em volta dos ombros de Sonny. - Onde acha que nós deve ir?

Sonny deu um safanão no braço de Davey Crockett.

- Não enche -, disse petulante. - Quem é que quer você por perto?

Long John Silver saiu de dentro do armário, mancando com a perna de pau, curvado sobre a bengala nodosa.

- Ah, jovem amo -, disse com ar de reprovação. - Não devia falar assim com o

velho Davey. Ele é um bom amigo seu, se é. Muitos já são os dias tediosos em que Davey e eu temos privado de sua companhia. Eu lhe pergunto, jovem amo: é justo e digno que diga para ele não encher? É justo, jovem amo? É digno?

Sonny olhou para o chão com ar teimoso e não respondeu. Bolas, do que adiantava responder a bonecos como eles? Ficou parado com ar rebelde e em silêncio até sentir vontade de dizer uma coisa. E, então, disse:

- Para o armário, os dois. Não quero brincar com vocês. Vou brincar com os meus trens.

Long John falou, com falsidade:

- É uma boa ideia, se é! Você vai se divertir a valer com seus trens, enquanto o velho Davey e eu vamos...

- Vão embora! - gritou Sonny. E ficou batendo o pé até eles sumirem de vista.

Seu carro de bombeiro estava no meio do caminho; deu-lhe um chute, mas ele correu rapidamente para fora do alcance e deslizou para dentro da pequena garagem debaixo dos aquários de peixes tropicais. Arrastou-se até o modelo de estação de ferro e olhou para ele. Ao se aproximar, a Século Vinte Limitada saiu rosnando de dentro de um túnel, centelhas voando de sua chaminé. Atravessou uma ponte, apitou num cruzamento, soltou vapor na estação. O teto da estação brilhou e de repente tornou-se transparente, e através dele Sonny viu as multidões apressadas de carregadores e passageiros...

- Não quero isso - disse. - Casey, bata com a velha Noventa e Nove de novo.

Obedientemente, o modelo trepidou e fez uma meia-volta. O velho Casey Jones, cinco centímetros de altura, curvou-se para fora da cabine da locomotiva S.P. e acenou um adeus para Sonny. A locomotiva apitou duas vezes com estridência e come-

çou a ganhar velocidade...

Foi uma colisão e tanto. O corpo do velho Casey, lançado para fora, ficou empola-do de verdade por causa do vapor e sangrou sangue de verdade. Mas Sonny virou-lhe as costas. Ele gostara daquela colisão durante muito tempo - muito mais do que gostara de qualquer outro brinquedo que possuía. Mas estava

cansado dele.

Olhou em volta pelo quarto.

Tarzan dos macacos, apoiado contra um toco de tronco com três centímetros de grossura, uma mão segurando um cipó, levantou a cabeça e olhou para ele. Mas Tarzan, calculou Sonny com astúcia, estava do outro lado do quarto. Os demais estavam no armário...

Sonny correu e bateu a porta. Viu Tarzan começar a correr atrás dele, mas antes mesmo de Sonny estar do lado de fora do quarto, Tarzan caíra e ficara paralisado.

Não era justo, pensou Sonny com raiva. Não era justo! Eles nem mesmo o perseguiam, para ao menos ter algum tipo de chance de livrar-se por si mesmo. Apenas falavam uns com os outros em seus radinhos, e num minuto, um dos tutores, ou uma das criadas, ou o que quer que fosse que estivesse disponível, iria atrás dele. E

seria assim.

Mas, no momento, ele estava livre.

Diminuiu a velocidade e foi caminhando através do corredor principal em direção ao quarto da irmãzinha. As fontes começaram a se derramar quando ele entrou no corredor; os mosaicos da parede começaram a tocar música e a reluzir com cores em movimento.

- Quê qui foi agora, menino?

Virou-se, mas sabia que era Mammy aproximando-se. Vinha em sua direção esta-lando os grandes pés achatados, as mãos com as palmas cor-de-rosa levantadas até os ombros. O rosto por baixo da bandana estava carrancudo, o dente de ouro brilhando enquanto ralhava: - Minino, deixô a gente preocupado de morrê! Como pode isperá que a gente tome conta de ocê se ocê vive correndo dessa manêra? Agora, vamo voltá pru seu bunito quarto com a Mammy e vamo vê se tem um programa bunito pra se vê na tevê.

Sonny parou e esperou por ela, mas não lhe deu a satisfação de olhá-la. Plac-plac, os grandes pés bamboleavam desajeitadamente na sua direção; mas ele não

tinha nenhuma ilusão. Bamboleante, pés grandes, cento e trinta quilos e tudo o mais, Mammy poderia pegá-lo num espaço de vinte metros com uma dianteira de dez.

Qualquer um deles conseguia.

Ele falou em sua melhor voz fria de indignação:

- Eu só ia dar uma olhada na minha irmãzinha.

Pausa.

- Ocê ia? - O rosto negro e rechonchudo pareceu desconfiado.

- Sim, ia. Dóris é minha irmã, e gosto muito dela.

Pausa, pausa longa.

- Que bão - disse Mammy, mas sua voz continuava desconfiada. - Acho mió ir cum ocê. Ocê num vai querê acordá sua irmãzinha. Se eu fô cum ocê, ajudo ocê a ficá quietinho.

Sonny libertou-se dela - eles estão sempre colocando as mãos em você!

- Não quero que vá comigo, Mammy!

- Ora, meu quiridinho! Mammy num vai atrapaiá, ocê sabe disso.

Sonny deu-lhe as costas e caminhou mal-humorado na direção do quarto da irmã.

Se ao menos eles o deixassem sozinho! Mas nunca deixavam. Era sempre assim, sempre um velho e maldito robô - sim, robô, pensou, saboreando com selvageria a palavra maliciosa. Sempre a droga de um robô atrás do outro. Por que papai não podia ser como os outros papais, para poderem viver numa casinha pequena e decente para se livrarem dos malditos robôs - para que ele pudesse ir para uma escola de verdade e ficar na sala de aula com outros meninos, em vez de ser educado em casa pela Srta. Brooks e pelo Sr. Chips e todos aqueles outros robôs?

Eles estragavam tudo. E estragariam o que ele mais queria fazer agora. Mas ia fa-zê-lo de qualquer modo, pois havia algo no quarto de Dóris que ele desejava muito.

Era talvez a única coisa tangível que ele queria no mundo.

Ao passarem pela imitação de pedras desmoronadas da Caverna dos Ursos, Mamãe Urso enfiou a cabeça para fora e grunhiu: - Olá, Sonny. Não acha que devia estar na cama? Está gostoso e quentinho em nossa cama de urso, Sonny.

Nem mesmo olhou para ela. Houve tempo em que gostava daquele tipo de coisa, também, mas não tinha mais quatro anos, como Dóris. Entretanto, havia algo que al-guém de quatro anos tinha.

Parou na porta do quarto dela. “Dóris?”, sussurrou.

Mammy ralhou: - Minino, ocê sabe que a criança tá dormindo. Tá querendo acordá ela, é?

- Não vou acordar ela. - A coisa mais distante que passava pela cabeça de Sonny seria acordar a irmã. Foi na ponta dos pés pelo quarto e parou ao lado da cama da menina. Garota de sorte!, pensou com inveja. Por ter quatro anos, permitiam-lhe que tivesse um quarto pequenino e uma cama pequenina - enquanto que Sonny precisava chafurdar num quarto de 12 metros e numa cama com dois metros e meio.

Olhou para baixo em direção da irmã. Atrás dele, Mammy cacarejava em aprova-

ção: - Que bunito quando crianças se ama como ocê e esse bebê - sussurrou.

Dóris dormia profundamente, agarrada ao seu ursinho de pelúcia. Ela mexeu-se um pouco e abriu um olho para olhar para Sonny, mas não disse nada.

Sonny inspirou profundamente, curvou-se para frente e delicadamente puxou o ursinho para fora da cama.

Ele debateu-se pateticamente tentando se libertar. Atrás dele, Mammy cochichava apressadamente:

- Sonny! Deixa o ursinho em paz, tá me ouvindo?

Sonny sussurrou:

- Não estou machucando ninguém. Me deixa em paz, tá?

- Sonny!

Agarrou o pequeno robô de pelúcia desesperadamente pela cintura. Os braços atarracados tentavam atingi-lo, os pés felpudos roçavam nos braços dele. Tinha o grunhido baixinho de um boneco de urso, e choramingava, e de repente as mãos de Sonny estavam molhadas com lágrimas salgadas e verdadeiras.

- Sonny! Vamo embora, minino, ocê sabe que é o ursinho da Dóris. Esse minino.

Ele disse:

- É meu! - Não era. Ele sabia que não era. O dele há muito lhe fora tirado, quando fez seis anos, porque estava velho, e porque ele tinha seis anos e crianças de seis anos têm que ter robôs companheiros maiores e mais elaborados. Nem mesmo tinha a cor do dele - este era marrom, enquanto que o seu era preto e branco. Mas era felpudo e deliciosamente quentinho; e ouvira o ursinho sussurrando histórias de faz de conta para Dóris dormir. E ele o queria, muito.

Passadas no corredor, lá fora. Uma voz com o tom baixo e suplicante vinda dá porta:

- Sonny, não deve mexer nos brinquedos de sua irmã. É preciso ter responsabilidade.

Permaneceu, com desânimo, segurando o ursinho.

- Vá embora, Sr. Chips!

- Francamente, Sonny! Não é um comportamento correto. Por favor, devolva o brinquedo.

Chorou:

- Não devolvo!

Mammy, rosto sombrio suplicante no quarto em penumbra, curvou-se e tentou tirá-lo do menino.

- Ora, minino, ocê sabe muito bem que...

- Me deixa em paz! - gritou. Houve um engolir em seco e um soluçar vindo da cama, e Dóris sentou-se e começou a chorar.

Bem, tiveram o que queriam. Logo, o quarto da menina estava repleto de robôs - e não apenas robôs, pois num instante o robô-mordomo apareceu, o rosto duro e penalizado, à frente dos verdadeiros pai e mãe em carne e osso de Sonny. Sonny fez uma cena e tanto. Chorou e xingou-os de maneira infantil por serem os fracassados que eram; e eles também quase choraram, pois sabiam que a falta de posição social era ruim para as crianças.

Mas ele não podia ficar com o ursinho.

Tiraram-no dele e levaram-no de volta ao seu quarto, onde o pai fazia um sermão e a mãe ficara para trás a fim de ver Mammy confortar a menina. O pai falou:

- Sonny, você já é um menino crescido. Não estamos tão bem quanto as outras pessoas, mas tem que nos ajudar. Não entende isso, Sonny? Todos temos que fazer a nossa parte. Sua mãe e eu ficaremos agora acordados até a meia-noite, consumindo, porque você nos interrompeu com a sua cena. Não pode pelo menos tentar consumir algo maior que um ursinho de pelúcia? Ele é perfeito para Dóris, pois ela é muito pequena, mas um rapaz como você...

- Eu odeio vocês! - gritou Sonny. E virou a cara para a parede.

Eles o castigaram, é claro. O primeiro castigo foi a decisão de lhe fazerem uma festa de aniversário extra na semana seguinte.

O segundo castigo foi pior ainda.

II

Depois - muito tempo depois, quase uma vintena de anos - um homem chamado Roger Garrick num lugar denominado Ilha do Pescador entrou em seu quarto de hotel.

As luzes não se acenderam.

O mensageiro desculpou-se:

- Lamentamos, senhor. Mandaremos consertar, se possível.

- Se possível? - As pestanas de Garrick foram para cima. O mensageiro fazia a troca de uma lâmpada parecer uma grande operação industrial. - Está bem.

Fez sinal para o mensageiro deixar o quarto. Ele curvou-se e fechou a porta.

Garrick olhou em volta, cenho franzido. Uma lâmpada a mais ou a menos não faria diferença nenhuma, ainda havia a luz dos candelabros nas paredes, das lâmpadas de leitura nas poltronas e sofá e a do foto mural na parte mais comprida do quarto -

sem falar que lá fora estava um dia quente e ensolarado e a luz filtrava-se através das janelas. De qualquer maneira era uma sensação nova estar num quarto onde a luz central não funcionava. Não gostava disso - era de arrepiar.

Uma batida na porta. Uma moça se encontrava lá, jovem, atraente, um pouco miú-

da. Mas uma mulher adulta, era visível.

- Sr. Garrick? O Sr. Rosenburg espera-o no terraço.

- Está bem. - Olhou em volta na pilha de bagagem, à procura de sua pasta. Não estava nem desempilhada! O mensageiro simplesmente tinha largado o monte e saí-

do.

A moça falou:

- É aquilo que está procurando? - Ele olhou para onde ela apontava: era a sua pasta, atrás de outra mala. - Vai se acostumar com isso por aqui. Nada no lugar certo, nada funciona direito. Todos nós temos que nos acostumar.

Nós. Ele a olhou atentamente, mas ela não era um robô; havia vida, e não o brilho de tubos eletrônicos, em seus olhos.

- Horrível, não?

Ela encolheu os ombros.

- Vamos ver o Sr. Rosenburg. A propósito, sou Kathryn Pender. Sou a estatística dele.

Seguiu-a pelo corredor.

- Estatística?

Ela virou-se e deu um sorriso - um sorriso amarelo de aborrecimento.

- Isso mesmo. Surpreso?

Garrick falou lentamente:

- Bem, este é um trabalho mais para robôs. É claro, não estou familiarizado com o exercício profissional neste setor...

- Ficará - disse ela secamente. - Não, não vamos pegar elevador. O Sr. Rosenburg tem pressa em lhe falar.

- Mas...

Virou-se e o encarou.

- Não entende. Anteontem peguei o elevador e fiquei presa entre dois andares durante uma hora e meia. Estava havendo algo em Guardião Norte, e isso consumiu toda a energia das linhas. Será que vai acontecer hoje novamente? Não sei. Mas pode acreditar que uma hora e meia é tempo demais para se ficar preso num elevador. Virou-se e mostrou o caminho para as escadas de incêndio. Por

sobre o ombro, falou: - Entenda de uma vez por todas, Sr. Garrick. Está numa área de desastre... E, de qualquer modo, só são apenas mais dez lances.

Dez lances.

Ninguém mais sobe dez lances de escada! Garrick estava irritado e ofegante antes da metade do caminho, mas a moça continuava à frente, lépida como uma gazela. A saia ficava entre os quadris e os joelhos e Garrick tinha bastante oportunidade para observar que as pernas dela eram atraentemente torneadas. Mesmo assim, não podia evitar de olhar em volta. Era a visão de um robô que estava tendo do hotel; eram as armações nuas que sustentavam os aposentos onde os humanos iam. Garrick sabia, como qualquer pessoa desligada sabia, que havia locais como este nos bastidores de toda parte. Nos subterrâneos, os robôs trabalhavam; nos bastidores, cumpri-am suas missões e realizavam seus trabalhos. Mas ninguém ia lá. Era engraçado ver a parte de trás dos joelhos da moça; eram mais pálidos que o resto das pernas...

Garrick voltou a atenção para o que o cercava. O corrimão ao longo dos degraus, por exemplo. Tinha a grossura de um fio e a aparência frágil. Não restava dúvida de que pudesse aguentar o peso para o qual fora projetado, mas por que não tinha outra aparência? A resposta, obviamente, é que os robôs não têm os conceitos humanos de construção de que um corrimão deve parecer resistente para que acreditem que seja resistente. Se um robô tivesse alguma dúvida - e o quanto é improvável que um robô tenha alguma dúvida - ele talvez produzisse uma mão esculpida para testá-

lo. Uma vez. Então, o robô lembraria e nunca mais teria a dúvida; e não seguiria continuamente margeando a parede, distante do fino cabo entre ele e a queda vertical...

Conscientemente, seguiu pelo meio dos degraus o resto da subida.

Claro que aquilo significava apenas uma distração diferente, quando o que ele queria mesmo era meditar. Mas era uma distração agradável. E quando chegaram ao topo, solucionara o problema; os locais pálidos nas costas dos joelhos da Srta. Pender significavam que conseguira seu bronzeado da maneira mais difícil: andando no sol, talvez trabalhando no sol; portanto, os joelhos dobrados evitaram que o sol atin-gisse a parte de trás; ao contrário da maneira como qualquer um ganha um bronzeado, deitando sob uma saudável e normal lâmpada

solar sustentada por um robô massagista.

Ele arquejou:

- Quer dizer que já chegamos?

- Sim, chegamos - concordou e olhou para ele atentamente: - Apoie-se em mim, se quiser.

- Não, obrigado! - Foi cambaleando em direção à porta, que se abriu naturalmente quando ele se aproximou, e penetrou no terraço inundado de luz solar para encontrar o Sr. Rosenburg.

Garrick não era doutor em medicina, mas lembrava o suficiente sua pré-especiali-zação básica para saber que havia algo naquela bebida dourada e espumante. O sabor era perfeito e esplêndido - gelada o bastante, espumante o bastante e não muito doce. E após dois goles flutuava de força e bem-estar.

Pousou o copo e falou:

- Obrigado por seja lá o que for. Agora, vamos conversar.

- Com prazer, com prazer! - ressoou o Sr. Rosenburg. - Kathryn, os arquivos.

Garrick olhou na direção dela, balançando a cabeça. Não apenas era uma estatística - que se tratava de trabalho de robô - como também uma arquivista - que nem mesmo era serviço para um robô, mas o tipo de coisa para uma perfuradora de cartões de modelo não muito sensível em qualquer setor dirigido decentemente.

Rosenburg disse bruscamente:

- Isso o choca, não? Mas é por isso que está aqui. - Ele era um homenzinho magro, claro, e usava uma barba dourada aparada formando um quadrado.

Garrick tomou mais um gole da bebida espumante. Era coisa boa; não embriagava, mas animava. E disse:

- Alegro-me em saber por que estou aqui.

A barba dourada estremeceu:

- A Área de Controle o enviou e não lhe disse que esta é uma área de desastre?

Garrick pousou o copo.

- Sou um psicólogo. A Área de Controle informou que precisava de um psicólogo.

Pelo que tenho visto, trata-se de um problema de suprimentos, mas...

- Eis os arquivos - disse Kathryn Pender, e ficou de pé observando.

Rosenburg tomou os rolos de fita de suas mãos e os deixou cair no colo. E disse, desconversando:

- Quantos anos você tem, Roger?

Garrick estava aborrecido.

- Sou um psicólogo qualificado. Fui enviado pela Área de Controle e...

- Quantos anos tem?

Garrick franziu o cenho.

- Vinte e quatro.

Rosenburg assentiu com a cabeça.

- Hum... bastante jovem... - observou. - Talvez não se recorde como eram as coisas.

Garrick disse perigosamente:

- Todas as informações de que preciso estão nessas fitas. Não preciso que me faça uma conferência.

Rosenburg apertou os lábios e continuou:

- Venha cá um instante, sim?

Foi até o peitoril do terraço e apontou:

- Vê aquelas coisas ali embaixo?

Garrick olhou. Vinte andares abaixo a aldeia dispersava-se na direção do mar num emaranhado de formas alongadas em tom pastel e torres. Além da baía as colinas do continente ficavam quase invisíveis através da neblina; e balouçando na baía, os flutuantes brancos e achatados dos receptores solares.

- É uma usina de força. Que está querendo dizer?

Rosenburg retumbou:

- Uma usina de força. Toda a energia que o mundo jamais poderá usar, fora deste e todos os demais, por todo o mundo. Ele olhou as bobinas flutuantes, sugando energia do sol. - E as pessoas costumavam tentar destruí-las - disse.

Garrick falou secamente:

- Posso ter apenas vinte e quatro anos, Sr. Rosenburg, mas tenho curso universitá-

rio completo.

- Ah, sim. É claro que tem, Roger. Mas talvez escolaridade não seja a mesma coisa como viver numa época como esta. Cresci na Era da Fartura, quando a lei era: Consumir. Meus pais eram pobres, e ainda me lembro de minha infância miserável. Comer e consumir, gastar e usar. Não tinha um momento de sossego, Roger! Para os paupérrimos era como uma esteira; tínhamos que consumir tanto que nunca conseguíamos alcançá-la, e quanto mais ficávamos para trás, mais a Junta de Provisões nos forçava...

Roger Garrick disse:

- Isso é história antiga, Sr. Rosenburg. Morey Fry nos libertou de tudo isso.

A moça falou suavemente:

- Nem todos.

O homem com a barba dourada assentiu com a cabeça:

- Nem todos nós. Como deve saber, Roger, sendo um psicólogo.

Garrick sentou-se ereto, e Rosenburg continuou:

- Fry nos mostrou que robôs podiam nos ajudar em ambas as extremidades - fazendo e consumindo. Mas isso veio um pouco tarde demais para alguns de nós. Os padrões da infância... eles sobrevivem.

Kathryn Pender curvou-se na direção de Garrick:

- O que ele está tentando dizer, Sr. Garrick... é que temos um consumidor compulsivo em nossas mãos.

III

Ilha Guardião Norte - quinze quilômetros dali. Não tinha um quilômetro e meio de largura, e não muito mais que isso de extensão. Mas tinha sua cidade e suas praias, seus parques e teatros. Era possivelmente a ilha mais densamente povoada do mundo... pelo número de seus habitantes.

O Presidente do Conselho realizava sua reunião da tarde num aposento amplo e luxuoso. Havia dezenove conselheiros em volta de uma lustrosa mesa de mogno. Por cima dos ombros do Presidente os demais podiam ver o mapa de situação de Guardi-

ão Norte e as áreas circunvizinhas. Guardião Norte brilhava em azul, frio, impregná-

vel. O mar era de um verde fosco; o continente, Ilha do Pescador, Guardião Sul e o resto do pequeno arquipélago eram de um vermelho berrante e hostil.

Pequenos dedos tremeluzentes atacavam o azul. Um latejar e uma chama averme-lhada apagou um canto de uma praia. Um latejar, e uma centelha vermelha surgiu no meio da cidade, cresceu, desabrochou, e então morreu. Cada pequeno latejar vermelho era um ponto onde, momentaneamente, as defesas da ilha se encontravam vencidas; mas sempre e sempre, o azul frio brilhava ao redor do vermelho, e o afogava.

O Presidente era alto, curvado, velho. Usava óculos, embora olhos de robôs vissem muito bem sem eles. E disse, numa voz que palpitava de poder e orgulho:

- O primeiro item da reunião será um relatório do Secretário de Defesa.

O Secretário de Defesa levantou-se, enfiou um polegar no colete e pigarreou.

- Sr. Presidente...

- Com licença, senhor. - Um sussurro da jovem loura de rosto delicado que anotava as minutas da reunião. - O Sr. Trumie acaba de deixar Boliche Verde, seguindo para o norte.

O Conselho inteiro virou-se para olhar o mapa de situação, onde Boliche Verde acabara de brilhar em vermelho.

O Presidente assentiu secamente com a cabeça, como assentiria a copa de uma velha sequoia

- Pode continuar, Sr. Secretário -, disse após um instante.

- Nossa frota de invasão - começou o Secretário, com sua voz alta e clara - está pronta para velejar com a primeira maré apropriada. Certas unidades foram... hã...

desativadas com a... hã... instigação do Sr. Trumie, mas, no todo, os consertos foram completados e as unidades poderão prestar serviço dentro das próximas horas. - Seu rosto magro e atraente tornou-se solene: - Receio, entretanto, que o Comando Aéreo tenha sofrido certo... hã... aumento de desgaste, devido, devo enfatizar, a ocorrências envolvidas em riscos calculados...

- Pergunta, pergunta! - Era o Comissário da Segurança Pública, pequeno, escuro, olhos vermelhos, furioso.

- Sr. Comissário? - o Presidente começou, mas foi interrompido novamente pelo leve sussurro da estenógrafa gravadora, ouvindo atentamente os fones de ouvido que traziam notícias de fora.

- Sr. Presidente - sussurrou -, o Sr. Trumie passou pelo Pátio Naval.

Os robôs voltaram-se para olhar o mapa de situação. Boliche Verde, apesar de queimado em alguns lugares, tinha quase passado de preto para azul. Mas a ponta oblongada do Pátio brilhava de vermelho. Havia um leve zumbido eletrônico no ar, quase um lamento.

Os robôs viraram de volta para encarar um ao outro.

- Sr. Presidente! Exijo que o Secretário de Defesa explique a perda do Graf Zeppe-lin e do 4560 Grupo de Bombardeio.

O Secretário de Defesa assentiu na direção do Comissário da Segurança Pública.

- O Sr. Trumie os jogou fora -, disse penalizado.

Uma vez mais aquele lamento eletrônico emanou dos robôs em reunião.

O Conselho agitou-se e desperdiçou tempo com sua papelada, enquanto o mapa de situação na parede inflamava-se e esmorecia, inflamava-se e esmorecia. O Secretário da Defesa pigarreou novamente:

- Sr. Presidente, não há dúvida de que a... hã... ausência de componentes aéreos eficientes vai estorvar seriamente, para não dizer colocar em perigo nossas perspectivas de um desembarque apropriado. Entretanto - e digo isso, Sr. Presidente, conhe-cedor das conclusões que podem - não, devem! - ser tiradas de tal afirmação - entretanto, Sr. Presidente, afirmo que nossos elementos avançados vão realizar com sucesso um completo desembarque de assalto...

- Sr. Presidente! - O sussurro resfolegante da estenógrafa loura outra vez. - Sr. Presidente, o Sr. Trumie está aqui no prédio!

No mapa de situação por trás dele, o Pentágono - o prédio em que se encontravam - brilhava numa cor escarlate.

O Procurador Geral, o mais próximo da porta, levantou-se com um pulo:

- Sr. Presidente, eu o ouvi!

E tudo que podiam fazer agora era ouvir. Distante, nos longos corredores, uma batida. Uma fraca explosão, e outra batida; e uma voz estridente, queixosa, vociferan-te. Um baque mais perto, e um estrondo ininterrupto, destruidor, vinha na direção deles.

As portas de carvalho com almofadas abriram-se voando, fragmentando-se.

Uma figura masculina, alta e sombria num blusão de couro cinza, coldres de pistolas de raios balançando nos quadris, atravessou as portas destruídas e ficou de pé observando o Conselho. Suas mãos pendiam bem abaixo das extremidades das pistolas de raios.

Ele anunciou:

- Sou Anderson Trumie!

Afastou-se para o lado. Outra figura masculina - mais baixa, mais sombria,

coxean-do com a ajuda de uma bengala de aço inoxidável que escondia uma caneta de raios, vestindo o mesmo blusão de couro cinza e os mesmos coldres com pistolas de raios - entrou, parou um momento e tomou posição do outro lado da porta.

Por entre os dois, o Sr. Anderson arrastou-se pesadamente para dentro da sala de reuniões para realizar a sua reunião.

Sonny Trumie, maior de idade.

Não tinha mais do que um metro e, meio de altura; mas seu peso estava perto dos cento e oitenta quilos. Ficou parado na porta, apoiado contra o carvalho despedaça-do, papadas trêmulas substituindo o pescoço, os olhos quase engolidos pela gordura que atolava sua cabeça, as grossas pernas estremecendo na tentativa de sustentá-lo.

- Estão todos presos! - esganiçou. - Traidores! Traidores!

Ofegou ferozmente, encarando-os.

Esperaram com as cabeças baixadas. Por trás do grupo de conselheiros, o mapa de situação lentamente se enchia de remendos vermelhos, enquanto os robôs operá-

rios trabalhavam incessantemente para consertar o que Trumie destruíra.

- Sr. Crockett! - deu um grito esganiçado. - Me liquide com esses traidores!

Ui i p-uii p, e as pistolas saltaram para fora dos coldres para as mãos do alto guarda-costas. Rá-tá-tá-tá, e dois a dois, os dezenove conselheiros pularam, agarraram o ar e caíram, enquanto as bolinhas a propulsão os atravessavam.

- Aquela ali também! - gritou o Sr. Trumie, apontando para a loura de rosto suave.

Bam! O rosto jovem e suave estertorou e congelou; caiu desabando por sobre sua mesinha. Na parede, o mapa de situação brilhou novamente de vermelho, mas apenas com fraca intensidade - afinal, que são vinte robôs?

Sonny fez um gesto brusco para o outro guarda-costas. Ele saltou para frente,

colocando a bengala de aço inoxidável debaixo de um braço, pousando o outro nos ombros banhudos de Sonny Trumie.

- Ah, agora, jovem amo - murmurou -, consegue conter o braço do velho Long John Silver...

- Conserte-os - disse Sonny abruptamente. Arrancou o Presidente do Conselho de sua cadeira e, com a ajuda do robô, afundou nela. - Conserte-os certo, está entendendo? Já estou farto de traidores. Quero que eles façam o que eu mandar!

- Claro, jovem amo. Long John vai...

- Faça isso agora! E você, Davey! Quero o meu almoço.

- Já sabia que ia querer, seu Trumie, ele tá bem aqui. Crockett afastou com chutes os conselheiros caídos no chão para dar passagem a uma procissão de garçons que surgia do corredor.

Ele comeu.

Comeu até doer, e então ficou sentado lá, soluçando, os braços apoiados no tampo da mesa, até conseguir comer mais. O robô Crockett disse, preocupado:

- Seu Trumie, num devia parar um pouco? O velho Doutor Ésquilo num gosta que o sinhô coma muito, o sinhô sabe.

- Odeio o doutor, Trumie disse amargurado. Empurrou os pratos para fora da mesa. Caíram ruidosamente e foram girando para longe enquanto ele levantava-se Com dificuldade e arrastava-se sozinho em direção à janela. - Odeio o doutor! - esbravejou novamente, soluçando, olhando através das lágrimas o seu reino, do lado de fora da janela, com suas multidões apressadas, tropas em marcha e cais ruidoso.

Os ombros gordos tentaram sacudir de dor. Caiu como se blocos de concreto cinza tivessem sido enfiados nas cavidades de seu corpo, as pontas ásperas cortando, o peso quente, esmagando. - Me levem de volta - soluçou para os robôs. - Me levem para longe destes traidores. Me levem para o meu Recanto Particular.

IV

- Como vê - disse Rosenburg -, ele é perigoso.

Garrick olhou para a água, na direção de Guardião Norte.

- É melhor eu dar uma olhada nas fitas dele - disse. A garota apanhou rapidamente os rolos e começou a ajeitá-los no projetor. Perigoso. Esse tal de Trumie era mesmo perigoso, Garrick concordou. Perigoso para o mundo equilibrado e estável; pois bastaria um Trumie para fazer ruir sua estabilidade. Foram necessários milhares e milhares de anos para a sociedade aprender seu delicado caminho na corda bamba.

Era mesmo um assunto para um psicólogo...

E Garrick se encontrava desconfortavelmente sabedor que tinha apenas vinte e quatro anos.

- Está pronto - disse a moça.

- Veja todos - disse Rosenburg. - Então, após ter estudado as fitas sobre Trumie, temos mais uma coisa. Um dos robôs dele. Mas, primeiro, vai precisar ver as fitas.

- Vamos lá - disse Garrick.

A moça estalou um interruptor, e a vida de Anderson Trumie surgiu diante deles, em cores, em três dimensões... em miniatura.

Robôs têm olhos; e aonde os robôs vão, os olhos da Central de Robôs vai com eles. E os robôs vão a toda parte. Dos arquivos da Central de Robôs vieram os rolos de fita que eram a história da vida de Sonny Trumie.

As fitas passavam no visor em forma de globo, vinte e cinco centímetros de altura, uma bola de cristal que olhava de volta no passado. Primeiro, a partir dos olhos re-gistradores dos robôs no berçário de Sonny Trumie. O menininho solitário, vinte anos antes, perdido no enorme berçário.

- Revoltante! - suspirou Kathryn Pender, torcendo o nariz. - Como as pessoas

podiam viver dessa maneira?

Garrick disse:

- Por favor, deixe-me olhar isto. É importante.

No globo luminoso a figura do menininho chutava seus brinquedos, jogava-se na cama, soluçando. Garrick semicerrou os olhos, franziu o cenho, esticou-se, tentou manter contato... Era difícil. As fitas mostravam os fatos objetivos, certo; mas, para um psicólogo, era a realidade subjetiva por trás dos fatos que importavam. Chutando os brinquedos. Sim, mas por quê? Porque estava farto deles - e por que estava farto?

Por que os temia? Chutando os brinquedos. Porque... porque eram os brinquedos errados? Chutando-os - odeia-os. Não os quer! Quer...

Uma luminosidade azulada no visor global. Garrick piscou e saltou; e esse foi o fim da sessão.

As cores escoaram e, de repente, concentraram-se em vida luminosa. Anderson Trumie, jovem. Garrick reconheceu o local após um momento - era bem aqui na Ilha do Pescador, algum local aprazível elevando-se por sobre as águas. Um bar, e na extremidade dele estava Anderson Trumie, espinhento e aos vinte, encarando soturno o interior de um copo vazio. A cena era vista através dos olhos do robô-garçom.

Anderson Trumie estava soluçando.

Mais uma vez, lá estava o fato objetivo - mas o fato por trás do fato, qual seria?

Trumie estivera bebendo, bebendo. Por quê? Bebendo, bebendo. Com uma repentina sensação de choque, Garrick notou qual era a bebida - o líquido dourado e espumante. Não embriaga. Não vicia! Trumie não se tornara nenhum bêbado, era algo mais que o mantinha bebendo, preciso beber, preciso continuar bebendo, senão...

Novamente o clarão azulado.

Havia mais; havia Trumie colecionando febrilmente objetos de arte, havia Trumie decorando um palácio; havia Trumie numa volta ao mundo, e Trumie

voltando para a Ilha do Pescador.

E então não havia mais nada.

- Este - disse Rosenburg - é o arquivo. É claro que, se quiser o material bruto, sem ser montado, podemos consegui-lo com a Central de Robôs, mas...

- Não.

Do jeito que as coisas iam, era melhor ficar longe da Central de Robôs; poderia ocorrer mais algum colapso, e não havia muito tempo. Além do mais, algo começara a se insinuar.

- Passe de novo a primeira - disse Garrick. - Creio que talvez haja algo nela...

Garrick preparou um rápido formulário de requisição e o entregou a Kathryn Pender, que o olhou, levantou as sobrancelhas, deu de ombros e saiu para providenciar.

Quando ela voltou, Rosenburg levara Garrick para o quarto onde se encontrava acorrentado o robô capturado de Trumie.

- Ele está desligado da Central de Robôs - Rosenburg estava dizendo. - Suponho que tenha percebido isso. Imagine! Não apenas ele construiu uma cidade toda para si mesmo como também o seu próprio controle de robôs!

Garrick olhou para o robô. Era um pescador, ou assim Rosenburg o dissera. Era pequeno, escuro, cabelos pretos, e possivelmente teriam sido encaracolados se a água do mar não tivesse colado os caracóis à cabeça. Ainda estava úmido por causa da peleja que o lançara no mar, e eventualmente nas mãos de Rosenburg.

Rosenburg já se lançara ao trabalho. Garrick tentou imaginar o robô como uma máquina, mas não era fácil. A coisa parecia quase humana - exceto pelos cristais e fios de cobre que apareciam na parte traseira de sua cabeça, que fora removida.

- É tão difícil quanto uma operação no cérebro - disse Rosenburg, trabalhando rapidamente sem olhar para cima. - Preciso diminuir os comandos de alimentação sem perturbar o equilíbrio eletrônico...

Corta, corta. Um anel de fio de cobre libertou-se e foi atingido pela tesoura de

Rosenburg. Os braços e pernas do pescador coiceavam bruscamente como uma rã gal-vanizada.

Kathryn Pender falou:

- Encontraram-no esta manhã, recolhendo redes na baía e cantando O sole mio.

Ele é mesmo de Guardião Norte.

Repentinamente, as luzes piscaram e ficaram amareladas, então lentamente voltaram ao brilho normal. Roger Garrick levantou-se e caminhou até a janela. Guardião Norte era um esplendor de luz no céu, do outro lado da água.

Clic, tlec. O robô-pescador começou a cantar:

Tutte le serre, dopo quel fanal,

Dietro la caserma, ti staró ed...

Clic. Rosenburg matutou um pouco e foi mais além com a sonda. Kathryn Pender juntou-se a Garrick, na janela.

- Agora já viu - disse.

Garrick deu de ombros.

- Não pode censurá-lo.

- Posso sim! - disse enfurecida. - Tenho vivido aqui a vida toda. A Ilha do Pescador costumava ser um ponto turístico - puxa, era uma beleza aqui. E veja agora. Elevadores não funcionam. As luzes não funcionam. Praticamente todos os nossos robôs sumiram. Peças sobressalentes, materiais de construção, tudo... foi tudo para Guardi-

ão Norte. Não há um dia, Garrick, sem que uma meia dúzia de barcaças carregadas de coisas não vá para o norte, porque ele as requisitou. Censurá-lo? Gostaria de ma-tá-lo.

Tlec. Pluuuftec. O pescador levantou a cabeça e cantou: For se dommani, piangerai,

E dopo tu, sorriderai...

Tlec. A sondagem de Rosenburg descobriu um disco preto e achatado.

- Kathryn, verifique isto, sim?

Ele leu o número de série do disco, e então colocou a sonda de lado. Ficou parado, flexionando os dedos, olhando com irritação para a figura imóvel.

Garrick foi para perto dele.

Rosenburg balançou a cabeça na direção do robô.

- Isto é trabalho de robô, tentar mexer com suas entranhas. Trumie tem seu pró-

prio centro de controle, sabe. O que tenho a fazer é recontrolar este para subestação do continente, mas manter seus circuitos abertos para Guardião Norte no nível sim-bólico. Entende o que estou falando? Ele pensará de acordo com Guardião Norte, mas agirá de acordo com o continente.

- Certo - disse Garrick longe de estar certo.

- E é uma droga de trabalho apertado. Não há muito espaço no interior dessas coisas... - Olhou para o robô e pegou novamente a sonda.

Kathryn Pender voltou com um cartão perfurado na mão.

- Sim, era mesmo um dos nossos. Trabalhava como ajudante de garçom no restaurante do clube da praia. - Franziu o cenho. - Aquele Trumie!

- Não pode censurá-lo - disse Garrick com sensatez. - Ele está apenas tentando ser bom.

Ela o olhou de maneira estranha.

- Ele está apenas... - começou; mas Rosenburg a interrompeu com um grito de alegria.

- Consegui! Muito bem, você aí. Sente-se e comece a nos contar o que Trumie pretende agora!

O pescador falou obedientemente:

- Claro, patrão. Que é que quer saber?

Eles perguntaram o que queriam saber; e o que perguntaram lhes foi respondido, sem nada a oferecer, sem nada a esconder.

Havia Anderson Trumie, rei de sua ilha, o consumidor compulsivo.

Era como um eco da época ruim da Era da Fartura, quando o mundo se asfixiava sob o fluxo contínuo de produtos das fábricas de robôs e a corrida desesperada entre consumo e produção fatigando a estrutura humana. Mas as ordens de Trumie não vieram da sociedade, mas de dentro de si. Consuma!, ordenava algo dentro dele, e Use!, gritava, e Devore!, comandava. E Trumie obedecia heroicamente.

Ouviram o que o pescador-robô tinha a dizer, e o quadro era negro. Exércitos haviam seguido para Guardião Norte, armadas flutuavam em suas águas. Anderson Trumie espreitava por entre suas criações como um deus obeso, destruindo e coman-dando. Garrick podia ver o padrão no que o pescador dizia. Na cabeça de Trumie, ele era Hitler, Hoover e Gêngis Khan; era ditador, construindo uma máquina de guerra; era engenheiro supremo, construindo um estado poderoso. Era guerreiro.

- Ele está brincando de soldadinho de chumbo - disse Garrick, e Rosenburg e a moça assentiram com a cabeça.

- O problema é - vociferou Rosenburg - que ele parou de brincar. Frotas invasoras, Garrick! Não está contente apenas com Guardião Norte, Garrick, ele quer também o resto do país!

- Não pode censurá-lo - disse Roger Garrick pela terceira vez, e parou.

- O problema é - disse ele -, o que vamos fazer?

- É para isso que você está aqui - Kathryn respondeu-lhe.

- Muito bem. Podemos esquecer - disse Roger Garrick - os soldados - isto é, como soldados. Prometo que não vão mais fazer mal. Robôs não podem.

- Entendo isso - retrucou Kathryn.

- O problema é o que fazer com relação ao escoamento dos recursos do mundo que Trumie está realizando. - Apertou os lábios. - Segundo minhas diretrizes da Área de Controle, o primeiro plano era deixá-lo em paz - afinal, ainda há bastante de tudo para todos. Por que não deixar Trumie curtir? Mas isso não deu resultado.

- Você está absolutamente certo - disse Kathryn Pender.

- Não, não... não apenas no seu setor local - Garrick explicou rapidamente. - Afinal, que são poucos milhares de robôs, algumas centenas de milhões de dólares em equipamento? Poderíamos reabastecer esta área numa semana.

- E numa semana - replicou Rosenburg -, Trumie nos teria limpado novamente.

Garrick concordou.

- Este é o problema - admitiu. - Ele parece não ter um limite. Entretanto, nós não podemos recusar suas ordens. Falando como psicólogo, isso estabeleceria um péssimo precedente. Colocaria ideias nas cabeças de uma porção de pessoas - cabeças que, em alguns casos, poderiam não estar muito estáveis, e na ausência da estabilidade, a fonte da exigência de tudo que necessitam. Se dissermos “não” a Trumie, abriremos a porta de alguns poderosos e sombrios recantos da mente humana. Avi-dez. Ganância. Orgulho da posse...

- E o que vai fazer? - gritou Kathryn Pender.

Garrick falou com indignação:

- A única coisa é fazer. Vou dar uma olhada de novo no arquivo de Trumie. E, en-tão, seguirei para a Ilha Guardião Norte.

V

Roger Garrick tinha plena consciência de que tinha apenas vinte e quatro anos.

Não fazia muita diferença. O mais velho e mais sábio psicólogo na larga esfera da Área de Controle talvez tivesse dúvida sobre o sucesso no espinhoso trabalho como o que estava adiante.

Eles partiram com o raiar do dia. Vapor se elevava do mar em direção a eles e o pequeno motor a bateria da lancha tinha um lamento suave por baixo da sobrequi-lha. Garrick estava sentado acariciando a caixa que continha o equipamento de invasão, enquanto a moça dirigia. As oficinas da Ilha do Pescador passaram a noite toda fazendo algumas coisas que estavam naquela caixa - não que fossem difíceis de se fazer, mas porque fora uma noite ruim. Coisas grandiosas estavam acontecendo em Guardião Norte; duas vezes a energia sofreu um colapso completo durante quase uma hora, pois a demanda das linhas de Guardião Norte consumiam toda a força que o sistema conseguia produzir.

O sol estava bem em cima quando eles chegaram a uma distância segura do Pátio Naval.

Os robôs trabalhavam arduamente; o Pátio era um alvoroço de atividade. Um guindaste, com dois metros de altura, baixava laboriosamente uma cúpula de combate sobre um avião de carreira com três metros. Uma lancha torpedeiro - esta com tamanho normal, e não em escala - lançava a âncora bem atrás da proa da lancha deles. Kathryn fez a volta em torno, ignorando o alerta do robô-tenente grau de noviço que se encontrava na amurada.

Ela olhou para Garrick por sobre o ombro, o rosto tenso:

- Está... está tudo uma confusão.

Garrick assentiu com a cabeça. Os navios de batalha eram do tamanho de modelos, as pequenas lanchas eram do tamanho normal. Na cidade além do Pátio, o topo do edifício Empire State mal superava o Pentágono, seu vizinho. Uma alta ponte sus-pensa partiu da praia uns quatrocentos metros de distância, e parou cerca de mil metros depois por sobre o vazio da água.

Era fácil entender - mesmo para um psicólogo recém-saído da universidade, em sua primeira missão de verdade. Trumie tentava dirigir sozinho um mundo, e onde havia falhas em sua concepção de como deveria ser esse mundo, os resultados ficavam à mostra. “Me tragam navios de guerra”, ele ordenou a seus robôs encarregados do suprimento; e eles encontraram os únicos navios de guerra que havia no mundo para se copiar, os das crianças, os brinquedos em escala de navios de guerra que ainda deleitavam as crianças. “Me tragam uma Força Aérea!”, e milhares de modelos de bombardeiros foram rapidamente montados, “Construam uma ponte!” Mas talvez ele tivesse esquecido de dizer onde.

- Venha, Garrick!

Ele balançou a cabeça e focou a atenção no mundo à sua volta. Kathryn Pender se encontrava numa plataforma de aço cinza, a corda de amarração da lancha presa ao que parecia ser um canhão de defesa costeira - mas com apenas um metro e vinte de comprimento. Garrick pegou sua caixa e pulou para a plataforma ao lado dela. Ela virou-se para olhar a cidade...

- Espere um momento. - Ele estava abrindo a caixa, retirando dois pequenos quadrados de cartolina. Virou-a segurando seus ombros e, com alfinetes da caixa, prendeu um dos cartões nas costas dela. - Agora, eu - disse, Virando as costas para ela.

Ela leu os cartazes, desconfiada:

EU

SOU

UM ESPIÃO!

- Garrick - começou -, tem certeza de que sabe o que está fazendo?

- Prenda-o em mim!

Ela deu de ombros e o prendeu numa das pregas de seu paletó.

Lado a lado, penetraram na cidadela do inimigo.

Segundo o robô-pescador, Trumie vivia num castelo de pão-de-mel ao sul do Pentágono. A maioria dos robôs não tinha chance de entrar nele. A cidade em volta do castelo era o reino de Trumie, e ele a percorria, supervisionando, modificando, destruindo, reconstruindo. Mas dentro do castelo ficava seu Recanto Particular; os únicos que tinham conhecimento do que se passava dentro e fora do castelo eram seus dois guarda-costas.

- Aquilo - disse Garrick - deve ser o Recanto Particular.

Era, realmente, um castelo de pão-de-mel. O “pão-de-mel” formado por pedras, gárgulas e colunas; havia um fosso e uma ponte levadiça, e também sentinelas-ro-bôs com pequenos rifles de mentirinha, vestindo túnicas vermelhas e barretes de pele de um metro de altura. A ponte levadiça estava levantada e os guardas na mais absoluta atenção.

- Vamos fazer um reconhecimento - disse Garrick. Ele tinha a desagradável noção do fato de que cada robô por que passassem - e tinham passado por milhares - virara a cabeça para olhar os cartazes nas costas deles. Entretanto, era isso mesmo, não era? Não havia esperança de evitar observação em qualquer ocasião. A única esperança era se enfiar no padrão de alguma maneira - e espiões certamente fariam parte do padrão. Não fariam?

Garrick deu as costas às dúvidas e mostrou o caminho em volta do castelo de pão-de-mel.

A única entrada era pela ponte levadiça.

Ficaram parados longe do alcance da vista dos guardas que mais pareciam aríetes.

Garrick falou:

- Vamos entrar. Assim que estivermos lá dentro, vista a sua fantasia - e passou lhe a caixa. - Você sabe o que fazer. Tudo que tem a fazer é mantê-lo calado por um ins -

tante e deixar que eu fale com ele.

A moça falou desconfiada.

- Garrick, vai dar certo?

Garrick explodiu:

- Como, diabos, posso saber? Tive o dossiê de Trumie para trabalhar. Sei de tudo que aconteceu com ele quando era criança - quando seus problemas começaram.

Mas para alcançá-lo, para falar com o menino que há dentro do homem, isso leva muito tempo, Kathryn. E não temos muito tempo. Portanto...

Segurou-lhe pelo braço e foi andando com ela na direção dos guardas.

- Você já sabe o que fazer - disse.

Seguiram pela calçada larga e branca, passando pelos guardas imóveis.

Algo vinha vindo na direção deles. Kathryn recuou.

- Vamos! - resmungou Garrick.

- Não, olhe - ela sussurrou. - Aquele é... é Trumie?

Ele olhou.

Era Trumie, maior que a vida. Era Anderson Trumie, toda a população humana da mais-congestionada-ilha-devido-sua-população do mundo. A um lado dele estava uma figura sombria e alta, do outro, uma figura sombria e curvada, ajudando-o.

Olharam para o rosto dele e era um horror, afogado em gordura. As bochechas balo-fas balançavam úmidas, molhadas por lágrimas. Os olhos arregalados de medo pelo mundo que havia feito.

Trumie e seus guarda-costas continuaram seguindo e passaram por eles. Então, Anderson Trumie parou.

Virou a cabeça obesa, e leu o cartaz nas costas da moça. Eu sou um espião. Ofegando, apoiado no ombro do robô Crockett, olhou enfurecido para ela.

Garrick pigarreou. Seu plano tinha ido até aqui. Teria que haver um furo. A história de Trumie, no arquivo que Rosenburg fornecera, revelara o que fazer

com Trumie; e a própria engenhosidade de Garrick lhe dissera como chegar ao homem. Mas faltava um elo. Aqui estava o paciente, e aqui estava o psicólogo que poderia curá-lo; e ca-bia a Garrick começar a cura.

Trumie gritou com um balido em stacato:

- Você? Quem é você? De onde é?

Estava falando com a moça. A seu lado, o robô Crockett murmurou:

- Eu acho que é uma espiã, seu Trumie. Tá vendo o cartaz pregado nas costas dela?

- Espiã? Espiã? - os lábios trêmulos fizeram beicinho. - Você é mesmo Mata Hari?

Que está fazendo aqui fora? Vai mudar tudo. - E Trumie queixou-se ao robô Crockett.

- Ela não pertence a isto aqui. Devia estar no harém. Vá, Crockett, leve ela de volta.

- Espere! - gritou Garrick, mas o robô Crockett estava adiante dele. E pegou Kathryn Pender pelo braço.

- Venha - disse delicadamente, e levou-a através da ponte levadiça. Ela olhou para trás, na direção de Garrick, e por um momento pareceu que ela ia falar. Então, balançou a cabeça como se estivesse dando uma ordem.

- Kathryn! - gritou Garrick. - Trumie, espere um momento. Essa não é Mata Hari.

Ninguém estava escutando. Kathryn Pender desapareceu no Recanto Particular.

Trumie, apoiando-se pesadamente no encurvado robô de aço, seguiu atrás.

Garrick, como se voltando a si, seguiu atrás...

Os guardas de manto vermelho pularam diante dele os barretes balançando, os rifles de mentirinha cruzados bloqueando o caminho.

Ele gritou:

- Para o lado! Saiam do caminho! Sou humano, não entendem? Têm que me deixar passar!

Nem olharam para ele; tentar passar por eles seria o mesmo que tentar atravessar uma parede ambulante de aço impenetrável. Ele empurrou, e eles o empurraram de volta; tentou driblar, e logo estavam diante dele. Era inútil.

E era mesmo inútil, pois, por trás dos guardas, ele viu que a ponte levadiça tinha sido levantada.

VI

Sonny Trumie desabou numa poltrona como um monte de banha caindo no convés de baleeiro.

Apesar de não ter feito nenhum sinal, a procissão de robôs servidores começou imediatamente. Com passinhos miúdos, o maitre curvava-se e fazia gestos com as mãos graciosas; logo entrou o sommelier, com seu cordão de chaves batendo umas nas outras, portando os vinhos em baldes com gelo. Em seguida, as adoráveis garçonetes-robôs e os empertigados garçons-robôs, com travessas e terrinas, os pratos, tigelas e taças. Espalharam a refeição - doze pratos - diante dele, e ele começou a comer. Comeu como come um porco no chiqueiro, engolindo até sufocar, forçando a comida para baixo, pois não havia nada a fazer a não ser comer. Comeu com um acompanhamento suspirante de gemidos e arquejos, e parte da comida foi salgada pelas lágrimas de dor que pingavam nela, e parte do vinho foi derramado pelas suas mãos trêmulas. Mas ele comeu. Não pela primeira vez naquele dia e nem pela déci-ma.

Sonny Trumie chorava enquanto comia. Nem sabia mais se estava chorando. Havia um vazio devorador dentro dele que precisava preencher, precisava preencher; havia o mundo vazio à sua volta que ele precisava povoar, construir e suprir - e usar. Gemeu para si mesmo. Cento e oitenta quilos de carne e banha, e ele precisava arrastá-los de ponta a ponta de sua ilha, cada hora de cada dia, sem nunca descansar, sem nunca ter paz! Devia haver um lugar em alguma parte, devia haver um momento em que ele pudesse descansar. Quando pudesse dormir sem sonhar, dormir sem ter que levantar após umas poucas horas com a necessidade premente de comer e usar, usar e comer... E tudo estava tão errado! Os robôs não entendiam. Não tentavam entender, não tentavam pensar por eles mesmos. Se tirasse os olhos de algum deles por apenas um dia, tudo sairia errado. Era necessário ficar atrás deles, de uma ponta a outra da ilha, verificando, supervisionando e ordenando - sim, e destruindo para reconstruir, sempre, sem parar.

Gemeu novamente, e empurrou o prato para longe.

Descansou, com a testa volumosa de encontro à mesa, esperando, enquanto dentro dele a dor destroçava e destroçava, e finalmente se tornou suportável novamente. Lentamente, levantou a cabeça de novo, descansou por um

momento, puxou um outro prato na sua direção, e recomeçou a comer...

Após um momento, parou. Não porque não quisesse continuar, mas porque não conseguia.

Estava exausto, mas algo o perturbava - mais um detalhe para checar, mais uma coisa que estava errada. A huri na ponte levadiça. Não deveria estar do lado de fora do Recanto Particular. Deveria ter ficado no harém, é claro, Não que isso importasse, a não ser para o senso de Trumie sobre o que era certo. Houve tempo que as huris do harém tiveram utilidade, mas isso foi há muito, muito tempo; agora eram propriedades, para serem observadas e feitas para serem certas, para serem substituídas no caso de se gastarem, destruídas se estivessem erradas. Mas apenas propriedade, como tudo em Guardião Norte era propriedade - como o mundo inteiro seria sua propriedade, se ao menos conseguisse dar conta. Mas propriedade não devia ser errada.

Fez um sinal para o robô Crockett e, apoiando-se nele, caminhou pelo longo corredor em direção ao harém. Tentou lembrar como era a aparência da huri. Usava uma blusa vermelha berrante e uma saia curta vermelha clara; tinha quase certeza, mas o rosto... Ela tinha um rosto, é claro. Mas Sonny perdera o hábito de guardar rostos.

Esse era de alguma forma diferente, mas não conseguia lembrar por quê. Mesmo assim - a blusa e a saia eram vermelhas, tinha quase certeza. E ela carregava algo numa caixa. E aquilo também era esquisito.

Arrastou-se um pouco mais depressa, pois agora sabia que havia algo errado.

- O harém, seu Trumie - disse o robô a seu lado. Desengatou-se dele delicadamente, deu um salto para a frente e manteve aberta a porta do harém para ele.

- Espere por mim - ordenou Sonny, e arrastou-se na direção dos corredores do ha-rém. Ele montara o harém de modo a não precisar de ajuda dentro dele; os corredores tinham corrimões numa altura fácil para mãos obesas agarrarem; as distâncias eram curtas, os quartos bem juntos. Parou e falou por cima do ombro: “Fique onde você possa me ouvir.” Ocorrera-lhe que, se a huri-robô estivesse errada, precisaria das pistolas de Crockett para fazê-la ficar certa.

Um coro de vozes femininas irrompeu numa canção quando ele entrou no pátio

principal. Era um bando de beldades, reunidas em volta de um chafariz, vestidas com roupas diáfanas, olhando languidamente para Sonny Trumie enquanto ele se arrastava para dentro.

- Calem-se! - ordenou. - Voltem para seus quartos!

Baixaram a cabeça e, uma a uma, deslizaram para dentro de seus cubículos.

Nem sinal da blusa vermelha e da saia vermelha. Começou a ronda dos cubículos, ofegando, enfiando a cabeça neles. “Olá, Sonny”, sussurrou Theda Bara, graciosa sobre um tapete de pele de leopardo, e ele passou adiante. “Eu te amo”, gritou Neil Gwynn, e “Venha comigo!”, ordenou Cleópatra, mas passou por elas. Passou por Madame DuBarry e Marilyn Moroe, passou por Moll Flanders e passou por Helena de Troia Nem sinal da huri de vermelho...

Então, viu vestígios. Não viu a huri, mas viu os vestígios da presença da huri; a blusa vermelha e a saia vermelha caídas sozinhas, vazias no chão.

Sonny arquejou: “Você! Onde está você? Venha aqui fora onde eu possa vê-la!”

Ninguém respondeu a Sonny. “Saia!”, esbravejou.

Então, ele parou. Uma porta se abriu e alguém saiu; não uma huri, não uma fê-

mea; uma figura assexuada mas repleta de amor, a figura de um ursinho de pelúcia, do tamanho do próprio balofo Sonny Trumie, gingando enquanto se arrastava para frente, os braços atarracados esticados na direção dele.

Sonny mal podia acreditar em seus próprios olhos. A cor era um pouco mais escura que a do seu ursinho Teddy. Era um tanto quanto mais alto que Teddy. Mas, sem sombra de dúvida, inquestionavelmente, em tudo que importava, era ele

- “Teddy”, sussurrou Sonny Trumie, e deixou os braços felpudos envolverem seus cento e oitenta quilos.

Vinte anos desapareceram. - Não me deixaram ficar com você - disse Sonny ao ursinho; e o ursinho falou, numa voz musical e reconfortante:

- Tudo bem, Sonny. Pode ficar comigo agora, Sonny. Você pode ter tudo, Sonny.

- Levaram você embora - sussurrou, lembrando. Levaram o ursinho embora; ele nunca esquecera. Levaram-no embora, e eles ficaram irritados. Mamãe ficou irritada, e papai ficou furioso; gritaram com o menino, ralharam com ele e o ameaçaram. Não sabia que eles eram pobres, ele queria arruinar todos eles, e o que havia afinal de errado com ele, pois queria os tolos robôs de pelúcia de sua irmãzinha quando já era grande o bastante para usar mercadorias quase como as dos adultos.

A noite fora um terror, com os robôs tristes e de cenhos franzidos indo para lá e para cá e a menina chorando; e o que produzira o terror não fora a bronca - ele já levara broncas antes - mas a preocupação, o medo e quase pânico nas vozes de seus pais. Pois o que cometeu, ele veio a entender, não foi mais um pecado infantil; foi um grande pecado, uma falha em consumir a sua quota...

E isso tinha que ter um castigo. O primeiro castigo foi a festa de aniversário extra; o segundo foi... vergonha. Sonny Trumie, nem bem com doze anos, teve que sentir a vergonha e a humilhação. Vergonha é coisa pouca, mas faz com que quem a tem também se sinta como pouca coisa. Vergonha. Os robôs foram reprogramados para menosprezá-lo. Acordava com zombarias e ia para cama com desprezo. Até mesmo sua irmãzinha desfolhava o catálogo de seus fracassos. Não está se esforçando, Sonny, e você não se interessa, Sonny, e você é um grande desapontamento para todos nós, Sonny. E, finalmente, todas as coisas eram verdadeiras, pois, aos doze anos, Sonny era o que os mais velhos o tornaram.

E o tornaram... “neurótico” é o termo; uma palavra que até soa bem, mas que significa coisas terríveis como medo, preocupação e uma interminável autocensura...

“Não se preocupe” - sussurrou o ursinho. “Não se preocupe, Sonny. Pode ficar comigo. Pode ter o que quiser. Não precisará ter nada disso...”

VII

Garrick esbravejava pelos corredores do Recanto Particular como um tigre em cima de uma criança. “Kathryn!”, gritava. “Kathryn Pender!” Finalmente encontrara um meio de entrar, desguardado, esquecido. Mas levara tempo. E ele estava preocupado.

“Kathryn!” Os robôs olhavam para ele, preocupados, e às vezes seguiam a seu lado, mas ele os afastava. Eles não reagiam, é claro - que robô seria capaz de machucar um ser humano? Mas, às vezes, falavam com ele, implorando, pois não era de acordo com os desejos do Sr. Trumie que ninguém, a não ser ele mesmo, assolasse de modo destruidor através de Guardião Norte. Passava por eles. “Kathryn!” chamou.

“Kathryn!”

Não que Trumie fosse perigoso.

Falou para si mesmo com firmeza: Trumie não é perigoso. Trumie fora revelado a nu no seu arquivo, o único que Rosenburg fornecera. Não podia ser censurado, não queria fazer mal. Foi, certa vez, um menino mau que tentava ser bom consumindo, consumindo; e acabou neurótico por causa disso; então, mudaram as regras para ele. Fim da ração, fim do consumo forçado, quando os robôs assumiram o controle da humanidade na outra extremidade da cornucópia Não era necessário lutar para sobreviver, portanto as regras foram mudadas...

E talvez o Sr. Trumie soubesse que as regras tinham sido mudadas; mas Sonny não sabia. Era Sonny, o menino mau tentando ser bom, que fizera a Ilha Guardião Norte...

E era Sonny o proprietário do Recanto Particular, e tudo que havia nele - incluindo Kathryn Pender.

Garrick gritava roucamente, “Kathryn! Se está me ouvindo, responda!”

Parecera tão simples. O eixo sobre o qual se apoiava o maior peso da neurose de Trumie era um ursinho de pelúcia; bastaria dar a ele um ursinho de pelúcia - ou, talvez, uma fantasia de ursinho de pelúcia, feito à noite nas oficinas da Ilha do

Pescador, com uma moça chamada Kathryn Pender dentro dela - e deixá-lo ouvir, de uma fonte em que confiava, a bem-vinda notícia de que não era mais necessário lutar, o consumo compulsivo poderia ter um fim. Uma análise completa poderia esclarecer tudo; mas apenas se Trumie a ouvisse.

“Kathryn!”, grunhiu Roger Garrick, correndo por um aposento com espelhos e está-

tuas. E se, por acaso, Trumie não ouvisse, no caso do arquivo estar errado e o ursinho não ser a chave?...

Então, o ursinho para Trumie seria apenas um robô. E Trumie os destruía aos montes.

“Kathryn!”, gritou Roger Garrick, percorrendo o palácio silencioso; e finalmente ouviu o que poderia ser uma resposta. Finalmente houve uma voz - uma voz de mulher.

Ele estava diante de uma passagem que levava a um aposento com um chafariz e silenciosas mulheres-robôs, de pé, olhando para ele. A voz veio de um quartinho. Ele correu em direção à porta.

Era a porta certa.

Lá estava Trumie, cento e oitenta quilos de banha, deitado num banco de mármore com uma almofada de espuma de borracha, a cabeça protuberante no pequeno colo de...

Teddy. Ou Kathryn Pender na fantasia do ursinho Teddy, as pernas como troncos esticadas para frente, os braços como troncos acariciando-o de maneira desajeitada.

Falava com ele, delicada e tranquilizadora. Ela lhe dizia o que ele precisava saber -

que já comera bastante, que já usara bastante, que consumira o bastante para merecer o respeito de todos, e um fim em todo esse consumo.

O próprio Garrick não teria feito melhor.

Era uma figura da Carochinha, a criança sendo confortada pelo seu brinquedo. Mas não era uma figura que combinava com o ambiente, pois o harém era acolchoado em malva e rosa, e pinturas de mau gosto pendiam de todos os cantos.

Sonny Trumie rolou a cabeça pendulosa e olhou de maneira normal para Garrick. A preocupação sumira dos pequeninos olhos temerosos.

Garrick recuou.

Não era necessário, no momento. Deixaria Trumie relaxar um pouco, como não conseguira relaxar numa vintena de anos. Então, o psicólogo poderia seguir adiante a partir do ponto em que a moça ficasse impossibilitada de prosseguir; mas, nesse meio tempo, Trumie finalmente estaria descansado.

O ursinho olhou para Garrick e em seus brilhantes olhos azuis, os olhos que pertenciam à garota chamada Kathryn, ele viu uma estranha mistura de triunfo e com-paixão.

Garrick assentiu com a cabeça, saiu e foi lá para fora onde os robôs de Guardião Norte abriam caminho para ele.

Sonny Trumie encastelara sua cabeça suína no colo do ursinho, que lhe falava tão delicadamente, tão delicadamente. A lengalenga continuava: “Não se preocupe, Sonny. Não se preocupe. Tudo está bem. Tudo está bem.” Sim, era quase como se fosse real.

Já se passaram, ele calculou com a parte aguçada de seu cérebro que nunca descansava, já se passaram quase duas horas desde que comera pela última vez. Duas horas! E sentiu-se como se pudesse passar mais uma hora, no mínimo, talvez duas.

Talvez - talvez até mesmo não comer de novo aquele dia. Talvez até mesmo aprender a viver com três refeições, Talvez duas. Talvez...

Ele virou-se - da maneira como cento e oitenta quilos de banha conseguem virar-se - e apertou a pele suave e reconfortante do ursinho. Era tão macia! “Não precisa comer demais, Sonny. Não precisa beber demais. Ninguém vai se importar. Seu pai não vai se importar, Sonny. Sua mãe não vai se importar...”

Era muito confortante ouvir o ursinho lhe dizer aquelas coisas. Deixavam-no modorrento. Tão deliciosamente modorrento. Não era como dormir, da maneira como Sonny Trumie conhecia o que era dormir durante uma dezena ou mais de anos, a batalha amargurada vencida pelo cansaço anestésico. Era apenas uma modorra...

E ele quis dormir.

E finalmente dormiu. Tudo dele adormeceu. Não apenas os cento e oitenta quilos de banha e os pequeninos olhos de porco, mas até mesmo a mente aguçada que vivia na triste e obediente carcaça; ela dormiu; e ela nunca dormira antes.

GREGORY DA GLADYS

John Anthony West

Tradução de Domingos Demasi

O mundo inteiro é fanático por jogos e os aficionados tornam-se cada vez mais exigentes e impiedosos com os jogadores, os cartolas e seus colegas torcedores. Isto também pode se aplicar ao futuro, como John Anthony West nos mostra na história que se segue.

Senhoras, membros do clube, sinto-me honrada em estar aqui hoje, para lhes falar sobre a disputa deste ano em nossa comunidade e o vencedor da disputa deste ano, o Gregory da Gladys. E quero agradecer a todas pelo interesse e pela gentil atenção.

Começo com as estatísticas do registro médico de Gregory da Gladys à sua chegada a esta comunidade.

Altura: 1,94 m

Peso: 68,5 kg

Peito: 1,24 m

Cintura: 91,5 cm

Pescoço: 47 cm

Antecipo sua admiração, senhoras. Entretanto, deixem-me mostrar imediatamente o reverso da medalha. Gregory, à sua chegada, tinha vinte e oito anos; entretanto, seu peso mudara muito pouco desde o tempo de universidade quando foi campeão de rúgbi. Esteve casado três anos inteiros. Membros do clube! Por favor, não tirem conclusões precipitadas. Ouçam-me antes de colocarem a culpa em Gladys. Tenham em mente que temos, é verdade, Gregory, com 68,5 quilos de material bruto. Mas seu corpo não mudou durante oito anos.

Infelizmente, admito, as mulheres de nossa comunidade também não viram a situação com objetividade. “Culpa de Gladys”, gritaram, e a indignação se espalhou.

Pensamos em Beth Shaefer, que levou seu Milton de 80 para 142 quilos em menos de três anos; Sally O'Leary, com três pontos contra, no começo, com seu Jamie, um ex-jóquei, lutou arduamente e o levou finalmente a 111; Joan Granz que carregou seu Marvin para 197 e a um segundo prêmio, apesar de seu perigoso estado cardía-co. Certamente todas vocês apreciam nossos sentimentos.

Bem, Gregory da Gladys era técnico de rúgbi e, certo dia, passando eu de carro pelo estádio, o primeiro vestígio de uma situação incômoda ficou patente. Gregory da Gladys participava dos exercícios físicos.

Eu o vi repetidamente jogar-se contra o boneco de treinamento, vi-o fazer cinco minutos de extenuantes flexões; então, sem pestanejar, levou seu time para uma corrida em volta do campo. A pior das inimigas de Gladys seria forçada a admitir que talvez a culpa não fosse somente dela. Nesse dia, eu via as calorias queimadas emergindo de seus poros em forma de suor.

Na manhã seguinte, fui fazer uma visita a Gladys. Era uma coisinha jovem e delicada; longe da venenosa boataria com que fora pintada. Contei a cena do estádio e a pobre Gladys já sabia de tudo. Tinha até mesmo histórias esquisitas para contar. Ele aparava a grama com cortador manual; jogava handebol mesmo fora da temporada; percorria o quilômetro e meio da escola à sua casa em uniforme de corrida. A moça estava desolada.

Discutimos a dieta dele e fiquei chocada, sem palavras para descrever o meu estado. Ela o alimentava com carne malpassada, peixe, ovos e verduras...

- Éclairs! - gritei para ela. - Batata! Bolo com cobertura de chocolate! Cerveja!

Manteiga!

Mas não. Gregory detestava essas coisas. Nem tocaria nelas.

- Ele não ama você - eu disse.

- Mas ele ama sim - Gladys choramingou, a voz rouca. - À sua própria maneira, ele me ama.

Sugeri a estratégia muito eficaz na época em que as disputas não haviam ganho ainda sua presente popularidade e a oposição era forte.

Como todas sabemos, temos mais vigor sexual que nossos pares. Uma mulher, ca-muflando sutilmente seus motivos sob a atraente fachada da paixão, pode levar um marido a um estado de fadiga sexual em questão de semanas. E um marido saciado sexualmente está no ponto para a manipulação inteligente. Noite após noite, fica sentado em silêncio. Comendo. Armazena suas energias para a noite que terá adiante e gradualmente vai ganhando peso. Num determinado ponto, sua obesidade inter-fere com a virilidade e é aí que a mulher inteligente começa a exigir menos. O marido, por essa ocasião envolvido confortavelmente em sua carne, fica contente em ser deixado em paz. Agora, a mulher diminui suas exigências a nada e o marido, sem carregar nenhuma carga de ansiedade consumidora de calorias, prepara-se para a disputa.

Com Gregory da Gladys, este método mostrou-se fútil. Após um mês de privação, Gladys nada mais era do que uma sombra do que fora, enquanto que Gregory era visto em toda parte, com seu time, aparando a grama, os músculos aumentando, um sorriso presunçoso no rosto.

Um plano engenhoso foi imaginado numa reunião especial da comunidade. Tornaríamos Gladys e Gregory o casal mais proeminente de nossa sociedade.

Logo estavam com sua agenda social repleta: jantares, cafés da manhã, lanches, piqueniques... Gregory acabou de mesa em mesa abarrotando-se de carboidratos.

Estava sob constante vigilância.

Mal acabara de limpar o creme dos lábios diante de uma taça de sorvete, suspiros com calda eram enfiados à sua frente. Sua caneca de cerveja nunca chegava à metade antes que uma esposa vigilante a enchesse de novo.

Nessa ocasião, senhoras, devo salientar que Gregory não era de modo algum um rebelde consciente; nem era maldoso ou subversivo. Deixemos de lado seus tolos pa-drões de cultura física e vamos vê-lo como ele era; um homem charmoso e um marido ideal; afável, reticente, e não muito inteligente. A fúria militante das mulheres de nossa comunidade logo deu lugar a uma verdadeira apreensão. E uma sorridente Gladys informou que ele já usava o cinturão dois furos adiante.

Uma cuidadosa Gladys dirigia uma guerra psicológica. Revistas eram deixadas abertas pela casa, todas mostrando anúncios com comidas contendo alta taxa de calorias. Nas festas, flertava abertamente com os maridos mais volumosos a quem ainda era permitida a liberdade.

Na primavera Gregory pesava em torno de 131 quilos. Desnorteado, continuava preso a seus antigos padrões. “Preciso entrar em forma para o treinamento da primavera”, teria resmungado, a boca cheia de mousse de chocolate.

Aos 140 quilos, nosso espírito cooperativo minguou. As mulheres, todas de uma vez, perceberam o que tinham forjado e ficaram horrorizadas com a perspectiva.

Ao mesmo tempo, Gladys tornara-se confiante, agia com rapidez e com uma brilhante técnica estratégica. Consultou uma cartomante que lhe confessou que, pelo que constava, seu Gregory ficaria louco por castanhas-do-pará. Ela comprou meio quilo para experimentar e ele sumiu em cinco minutos.

Pois é, senhoras. Castanhas-do-pará! Foi a última gota. Castanhas-do-pará repletas de calorias. O espírito comunitário transformou-se em frieza hostil e logo em inveja virulenta. Ele não conseguia parar de comer castanhas-do-pará. Olhos ansiosos procuravam esperançosos por sinais reveladores de parada cardíaca; a pele esticada e a expressão esbugalhada de olhos de peixe que significam que um marido está próximo ao auge apesar de seu aparente potencial. Procuramos vestígios ocultos de inchaço. Mas aos 148 quilos Gregory estava longe do empanturramento. Por sua conta, desenvolveu um gosto por doces.

A disputa daquele ano fora o próprio anticlímax. O Peter de Jenny Schultz foi o primeiro com 192, mas o prodigioso Gregory estava no pensamento de todos.

Pouco depois, Gladys, ao contrário das expectativas, colocou o seu Gregory em reclusão. Esse era o motivo da esperança. Com certeza Gladys exagerara e sacrificara sua estratégia por causa da impetuosidade juvenil. Mas sua autoconfiança encolerizou as senhoras de nossa comunidade.

Pela primeira vez na história nossas mulheres se uniram num esforço para contra-atacar a iminente vitória de Gregory. Claro que as emoções que levaram a essas ações não são inteiramente recomendáveis, mas, senhoras, coloquem-se em nossos lugares. Estariam dispostas a seguir com a mágoa, o esforço, até mesmo a despesa de preparar um marido para uma disputa cujo resultado era antecipadamente óbvio?

Quanto tempo ela levaria para preparar seu Gregory? Essa era a pergunta inquietante. Um marido normal leva de três a quatro anos, como todas sabemos. Certamente Gregory era um caso especial. Quatro anos para ele significariam um

excesso de flacidez. Três anos parecia o mais lógico, mas com Gregory dois anos não pareceria impossível e Gladys já demonstrara pressa e impaciência. Essa era a opinião geral de nossa comunidade, que Gladys apresentaria Gregory dentro de dois anos. Portanto, seria uma simples questão das demais apresentarem seus maridos num ano diferente. Gregory seria o único concorrente, e sua vitória seria esvaziada.

Nossa solução era audaciosa mas firme. As mulheres fizeram um acordo para apresentarem seus maridos no ano seguinte apesar do fato de que muitos não iriam alcançar o auge. Era voz corrente que, se um plano de três anos fracassasse (como poderia ocorrer por um deslize, falta de seriedade ou mil outros motivos), quatro ou cinco anos de reclusão seriam insuportáveis para todas as esposas envolvidas e, é claro, com os maridos o declínio é muito maior após o auge ter sido atingido. Mulheres cujos maridos já se encontravam em reclusão há um ano tiveram permissão para romper o acordo.

Seguiu-se um período de curiosa tensão. A arrogância de Gladys foi oculta sob uma fachada de interesse em assuntos comunitários enquanto as outras mulheres mascararam sua cumplicidade e odiavam sob o disfarce da camaradagem de uma competição saudável.

Gladys continuava a mandar entregar provisões; barris de chope, carregamentos de batatas, sacos de farinha de trigo. Ah, sim! Ela estabeleceria um recorde em dois anos, mas seria um triunfo jogado fora.

Ela também poderia querer superar a si mesma. Todas nós lembramos do Darius da Elizabeth Bent que, alguns anos antes, chegando quase a ter o potencial de um Gregory, e ansioso por estabelecer um recorde, deu-se ao luxo de forçar a barra.

Morreu seis semanas antes da disputa; sensacionais mas desclassificados 282 quilos.

Com a disputa a apenas um mês Gregory foi esquecido. Certo, à disputa deste ano faltaria o elemento surpresa. Todas (menos Gladys) sabiam como o marido de cada uma apareceria. O provável vencedor poderia ser previsto com um razoável acerto...

mas, uma disputa é uma disputa, e o ar estava carregado com a familiar rivalidade acirrada.

O dia da disputa amanheceu quente e ensolarado, e uma multidão excitada se reuniu no estádio. Este ano, é claro, havia pouco daquela especulação intensa: Quem entraria de surpresa? Quem ficaria mais um ano em reclusão?

Mas cinco minutos antes do desfile uma pergunta irrompeu na plateia Alguém vira Gladys? A plateia em expectativa tornou-se uma plateia febril. Pescoços se estica-vam. Olhos aguçados vasculhavam a multidão. Ela não estava ali. Um murmúrio irado atravessou as arquibancadas. Teria ela preparado o seu Gregory em apenas um ano? Não! Não! Não era possível.

A banda atacou e lentamente os caminhões pintados de cores alegres e embandei-rados passaram diante das arquibancadas. Vinte e seis ao todo. Quantas mulheres tinham feito o acordo para apresentarem seus maridos? Vinte e cinco? Vinte e seis?

Ninguém se lembrava.

Os furgões circundavam o gramado. A atenção foi dividida entre o desfile e a entrada, na esperança de se ver a chegada tardia de Gladys entre os espectadores.

A fanfarra aumentou a estridência e os caminhões pararam. As esposas desceram das cabines e ficaram diante de seus veículos. Todas nós conhecemos a tensão desse momento; quando a plateia corre a vista pela fila de esposas; vê duas dúzias ou mais de mulheres usando seus melhores vestidos; tenta, ao mesmo tempo, lembrar aquelas que poderiam ter estado ali e não estão. Aquele tenso momento quando anos de planejamento, esperança, trabalho, imaginação desenrolam-se rapidamente... Mas nessa fração de segundo todos os olhos focaram uma pessoa e ela apenas.

Gladys.

Ela permanecia de pé diante de seu caminhão, estonteante num vestido de organdi branco, fresca como uma margarida; não mostrando nada do que poderia parecer uma privação solitária ou tensão; nem mesmo uma ruga era visível; nem mesmo um fio de seu cabelo estava fora do lugar. Eu podia sentir o ódio acumulando-se como numa tempestade.

As demais esposas do torneio olharam indefesas para Gladys. O clarim soou e as esposas retiraram as cobertas de seus caminhões. Era um instante de tirar o fôlego quando os maridos se revelavam. Mas, desta vez, cada olho estava

grudado no furgão dezessete: o de Gregory da Gladys.

Não houve aplausos; nem os assobios usuais de saudação; nada a não ser um silêncio espantoso. Naquele pequeno instante cada esposa presente sabia que suas esperanças tinham sido dissipadas para sempre. Nunca, nunca em seus sonhos mais loucos tinham concebido um Gregory.

Ele permaneceu parado como se enraizado à traseira do caminhão, monolítico. Seu rosto não tinha aquele ar balofo normalmente encontrado no verdadeiro marido ele-fantino; sua testa linha dobras grossas de carne; as bochechas não eram flácidas nem inchadas, enfiadas numa bela queixada como dois filés. O pescoço era um tronco de ancoradouro seguindo inteiriço para ombros tão gigantescos que, em vez de formarem o inevitável curvado, pareciam prumados. Ele era perfeito. Um pilar; um bloco; uma montanha; sólida e imóvel. Virou-se lenta e orgulhosamente. De frente, de perfil, de costas. Seu peso era incalculável. Era maior, mais pesado, mais imenso, mais bonito que qualquer coisa que qualquer um tivera visto. O ódio da plateia transformou-se em desespero. Nossas netas talvez implorem para ouvir sobre Gregory da Gladys, mas nós o vimos. Para nós não haveria mais disputas. Nenhuma mulher entre nós pensou nos tormentos primitivos de Gladys; seus anos de ostracismo social.

Mas como poderíamos?

A pesagem começou e a plateia xingava e se irritava. Dezesseis antes de Gregory.

Os guindastes levantavam os maridos até a plataforma de pesagem e os resultados eram anunciados: 156, 171, 121 (alguém riu), 188, 193 (alguém aplaudiu - um parente, sem dúvida), 175, 155. Nenhuma excitação de interesse. As esposas inconsoláveis que haviam se esforçado e tramado durante anos para esta oportunidade, que queriam apenas uma competição honesta, choravam desbragadamente. 182, 145. A espera parecia interminável.

Gregory era o próximo, mas Gladys tinha uma surpresa guardada. Quando os homens foram ajustar as correias em Gregory, Gladys fez um sinal para que fossem embora. Prendeu uma grossa prancha ao caminhão e pesadamente mas sem hesita-

ção, Gregory desceu.

Ele ainda conseguia andar!

Ombros para trás a fim de equilibrar sua carcaça magnífica, cambaleou balouçante na direção da escada que levava à plataforma. Experimentou o frágil corrimão e ele fendeu-se. Usando um pedaço da viga como bengala guinou para cima da escada enquanto uma multidão de respiração presa esperava o som de madeiras se quebrando. A escada rangeu mas aguentou e Gregory seguiu sozinho para a balança.

Bem, senhoras, que diferença faz agora o peso? Está tudo acabado. Após ver Gregory, frias estatísticas são irrelevantes. O peso, entretanto, foi 498 quilos.

Gregory virou-se lentamente, orgulhosamente, ainda na balança, e sorriu. Não houve ovação, mas primeiro aplausos isolados, depois em grupos, e logo a plateia em massa, de pé. Até mesmo o ciúme e o ódio eram impotentes diante do concorrente que ficaria como um monumento para Gladys e para a nossa comunidade, e também uma inspiração para o mundo.

Agora, senhoras, gostaria apenas de poder encerrar este relatório com o registro que tal atuação merece. Infelizmente, um incidente maculou a perfeição da vitória de Gregory da Gladys.

Nosso clube, como os demais, sempre se ateve ao costume tácito mas tradicional: Ao vencedor da disputa é permitido escolher a maneira como ele gostaria de ser servido.

Gregory da Gladys, entretanto, com falta de espírito esportivo (a discussão ainda continua até o presente momento) ou fazendo renascer algum instinto primitivo, exi-giu ser servido cru.

Não havendo nenhum precedente até a data, e temendo romper um costume tão antigo, atendemos com relutância o pedido, criando um profundo desconforto físico para muitos e uma profunda repulsão em todos. Está em discussão no momento, em nossa comunidade, uma moção para que, em disputas futuras, o vencedor possa ser aliviado dessa responsabilidade. Em vista de nossa infeliz experiência, senhoras, faz parte de minha missão aqui hoje pedir que vocês e seus clubes, e todos os demais clubes, aprovem uma emenda similar, o mais breve possível, dentro de suas possibilidades.

Agradeço-lhes por terem me aturado, senhoras.

O DESPACHANTE

William Morrison

Tradução de Domingos Demasi

Problemas de peso são causados pelo fato de muita comida entrar no corpo sem que saia o suficiente. Em O Despachante, o falecido Wil iam Morrison (Joseph Sama-chson) concentra-se na fonte da ingestão e o que pode ser feito a respeito.

Se houve um tempo em que Ollie Keith não tinha fome, estaria tão distante, no passado, que ele não conseguia lembrar. Estava com fome agora enquanto caminhava pelo beco, os olhos mudando com luxúria de uma lata de lixo para outra. Estava faminto em todos os seus sessenta e três quilos, a carne distribuída tão parcamente sobre seu alto arcabouço que em alguns pontos ela parecia ter-se desgastado, como as roupas que vestia. Isso já durava quarenta e dois anos, e às vezes Ollie pensava ser um milagre ambulante.

Ele trabalhava para um catador de lixo e vinha fracassando em seu atual emprego como fracassara em tudo o mais. Ol ie seguira a primeira parte da fórmula de-miserável-a-rico com exatidão. Nascera miserável e, como se não bastasse, seus pais morreram e ficou órfão. Seguiria para a cidade grande, arrumaria emprego no armazém de um comerciante rico, faria a corte para a filha bonita, conquistando-a juntamente com a sua fortuna.

Mas não foi assim. No orfanato, onde passara muitos anos infelizes, tanto a comida quanto a educação foram limitadas. Teria sido posteriormente contratado por um fazendeiro, mas não era forte o bastante para o serviço de fazenda, e foi mandado de volta.

Sua vida, desde então, seguiu um padrão infeliz. Sem força ou habilidade, era incapaz de arranjar e manter um bom emprego. Sem um bom emprego, não conseguia pagar por comida e cuidados médicos; e para o treinamento que precisaria seriam necessárias saúde e habilidade. Certa vez, à procura de alimentação e treinamento, ofereceu-se ao Exército, mas os médicos que o examinaram colocaram imediatamente os polegares para baixo, e o Exército o rejeitou com desprezo. Queriam material humano melhor que aquele.

Como conseguiu sobreviver até o presente era outro milagre. Nesse ponto, é claro, ele sabia, como dizia o cômico do rádio, que não pertencia mais a este

mundo. E

para tornar mais fácil a passagem para o outro mundo, ele deu para beber. Vísceras decompondo-se embotavam as dores da fome com muito mais eficiência que comida inadequada. E isso lhe deu o primeiro momento de felicidade, apesar de espúrio, de que ele se lembrava.

Agora, enquanto procurava nas latas de lixo por trapos ainda usáveis ou resgatá-

veis garrafas de leite, seus olhos se iluminaram sobre algo inesperado. Bem na beira do meio-fio encontrava-se uma pequena noz de tipo indeterminado. Se tivesse a sorte habitual, estaria murcha por dentro, mas pelo menos poderia esperar pelo melhor.

Pegou a noz, bateu-a inutilmente contra o chão, e então olhou em volta à procura de uma pedra com a qual pudesse quebrá-la. Nenhuma à vista. Um pouco temeroso, colocou-a na boca e tentou quebrá-la entre os dentes. Os dentes estavam em péssimas condições como o resto dele, e havia a chance de que se quebrassem antes da noz.

A noz escorregou e Ollie gorgolejou, levantou as mãos para o alto, e quase sufocou. Então, ela passou pela traqueia e um segundo depois, ele respirava normalmente. A noz estava em seu estômago, ainda inteira. E Ollie, parecia-lhe, estava mais faminto que nunca.

O beco foi um fiasco. Sua vida fora uma progressão de trapos a trapos, e estes últimos trapos eram inferiores aos primeiros. Não havia garrafas de leite, não havia lixo que pudesse ser aproveitado.

No final do beco havia uma barbearia e lá Ollie teve um grande e inesperado golpe de sorte. Achou uma garrafa. Não era uma garrafa de leite e não estava vazia. Encontrava-se sobre uma mesinha próxima de uma janela aberta nos fundos da barbearia. Ollie achou que podia apanhá-la simplesmente esticando seu longo e esguio braço na direção dela, sem ser necessário escalar a janela.

Deu um grande gole, e logo outro. A bebida tinha um gosto muito melhor do que qualquer coisa que jamais provara.

Ao devolver a garrafa ao seu lugar, ela estava vazia.

Por estranho que pareça, apesar de sua excelente qualidade, ou talvez ele pensou, por causa disso, o uísque não provocou nele o efeito costumeiro. Deixou-o completamente sóbrio, os olhos desanuviados, porém mais faminto que nunca.

Em desespero, Ollie fez algo que raramente ousava fazer. Entrou num restaurante, não um bom restaurante onde nem mesmo permitiriam que se sentasse, e pediu uma refeição pela qual não poderia pagar.

Sabia o que ia acontecer, é claro, após ter comido. Fingiria ter perdido o dinheiro, mas não enganaria o gerente além de um segundo. Se o homem estivesse de bom humor e precisasse de ajuda, deixaria que Ollie pagasse lavando pratos. Se fosse um cara mal-humorado e tivesse todos os lavadores de pratos de que necessitasse, daria uma surra em Ollie e o entregaria à polícia.

A sopa estava grossa e gostosa, embora tivesse um sabor que nenhum gourmet apreciaria. Aquela coisa, entretanto, era comida, e Ollie a engoliu com prazer. Mas não adiantou para satisfazer sua fome. Da mesma forma o guisado, com todas as sobras possíveis misturadas a ele, não provocou nenhuma sensação de satisfação em Ollie. Até mesmo a sobremesa e o café turvo deixaram-no tão vazio quanto antes.

O garçom estava nos fundos, com o cozinheiro. Agora Ollie viu-o fazer um sinal para o gerente, e observou o gerente seguir para lá. Fechou os olhos. Tinham descoberto tudo, não restava a menor dúvida. Por um momento, pensou em tentar sair pela porta da frente antes que a fechassem, mas havia outro garçom presente, de olho nos fregueses, e percebeu que não conseguiria. Respirou fundo e esperou que tudo desabasse sobre ele.

Ouviu as passadas do gerente e abriu os olhos. O gerente falou:

- Hã... escute, amigo, essa refeição que comeu...

- Nada má - observou Ollie contente.

- Alegro-me por ter gostado.

Percebeu as pequenas gotas de suor na testa do gerente, e ficou imaginando o que as teria colocado lá. E disse:

- O único problema é que não me sinto satisfeito. Continuo tão faminto quanto

antes.

- Não o satisfez, hein? É uma pena. Vou lhe dizer o que farei. Não quero que saia daqui insatisfeito; portanto, não cobrarei nada pela refeição. Nenhum centavo.

Ollie piscou. Não fazia sentido. De qualquer maneira, se não fosse pela dor persis-tente no estômago, teria levantado e fugido. Entretanto, falou.

- Obrigado. Nesse caso, vou querer mais uma porção de guisado. Talvez, desta vez, ele encha a minha barriga.

- O guisado não - replicou com nervosismo o gerente. - O senhor comeu a última porção que restava. Experimente o rosbife.

- Hum... ele custa mais do que eu posso gastar.

- De graça - disse o gerente. - Para o senhor, não cobro nada.

- Então me dê uma porção dupla. Estou faminto.

A porção dupla desceu goela abaixo; entretanto, Ol ie continuou sentindo-se tão vazio quanto antes. Mas temia abusar da sorte, e após enfiar mais uma sobremesa -

também de graça - levantou-se com relutância e saiu. Estava faminto demais para desperdiçar mais tempo imaginando por que ganhara uma refeição grátis.

Nos fundos do restaurante, o gerente mergulhou pesadamente numa poltrona.

- Receava que fosse insistir para pagar. Então estaríamos mesmo numa enrascada.

- Acho que ficou contente por ter comido de graça - disse o cozinheiro.

- Bem, se algo lhe acontecer agora, será longe daqui.

- Suponha que deem uma olhada no estômago dele.

- Mesmo assim não poderá nos processar. Que fez com o resto do guisado?

- Joguei no lixo.

- Cubra-o. Não quero gatos e cachorros mortos perto do restaurante. E da próxima vez que for pegar o sal, certifique-se de que não há um rótulo de inseticida em pó na embalagem.

- Foi um acidente; podia acontecer com qualquer um - disse o cozinheiro filosofica-mente. - Sabe, talvez tivesse sido melhor não deixar que ele se fosse. Devíamos tê-lo levado a um médico.

- E pagar o tratamento? Não seja otário. De agora em diante, é por conta dele.

Aconteça o que acontecer, não sabemos de nada. Nunca o vimos antes.

A única coisa que aconteceu com Ollie foi ficar cada vez com mais fome. Na verdade, nunca fora antes tão voraz. Era como se não comesse há anos.

Tivera dois golpes de sorte - a garrafa acessível e o gerente incrivelmente genero-so. Mas isso lhe deixara tão sedento e faminto quanto antes. Agora, ele se deparara com um terceiro presente da sorte. Na vitrine; de um restaurante estava o anúncio espalhafatoso: CONCURSO DE COMILANÇA ESTA NOITE NO RESTAURANTE MONTE!

PELO CAMPEONATO MUNDIAL! INSCRIÇÕES A PARTIR DE AGORA! NADA SERÁ COBRADO SE VOCÊ COMER PELO MENOS POR TRÊS.

O rosto de Ollie se iluminou. Como se sentia, poderia comer por cem. O fato de os concorrentes, como leu mais adiante no cartaz, se limitarem a ovos cozidos não fazia nenhuma diferença para ele. Pela primeira vez teria a chance de comer tudo que conseguisse enfiar goela abaixo.

A noite estava clara e nem o juiz ou a plateia levava fé em Ol ie como comilão. Faminto ele estava, sem sombra de dúvida, mas era óbvio que seu estômago encolhera por causa dos anos de pouco uso, e ele não possuía o físico de um comilão nato. Era comprido e fino, apesar de os outros concorrentes parecerem grossos e largos tanto quanto eram altos. Para engordar, como em tantas outras coisas, o macete parecia ser aumentar o que as pessoas já têm muito. Ol ie tivera muito pouco com o que co-meçar.

Para evitar um anticlímax no concurso, começaram com Ollie, acreditando que, com sorte, ele comeria no máximo dez ovos.

Ollie sentia-se tão voraz que encontrou dificuldade em se controlar, e deu uma péssima impressão engolindo o primeiro ovo o mais depressa que pôde. Um verdadeiro comilão teria deixado o ovo escorregar rápida mas delicadamente, sem lazer nenhum esforço óbvio. Essa incontrolável rapidez amadorística, pensaram os juízes, só poderia levar a uma dor de estômago.

Ollie devorou o segundo ovo, o terceiro, o quarto, e o resto dos dez que lhe foram reservados. Nesse ponto, um dos juízes perguntou:

- Como se sente?

- Faminto.

- O estômago dói?

- Só de fome. Parece que não coloquei nada nele. De alguma forma, os ovos não me satisfizeram.

Alguém na plateia gargalhou. Os juízes trocaram olhares e pediram que trouxessem mais ovos. Da multidão de espectadores, surgiram gritos de encorajamento para Ollie. Até então, não havia ninguém que acreditasse que ele tivesse uma chance.

Ollie continuou, atingindo vinte ovos, sessenta, uma centena. Ao chegar a esse ponto, os juízes e a multidão se encontravam num estado de incontrolável excitação.

Novamente um juiz perguntou:

- Como se sente?

- Ainda faminto. Não me encheram de modo algum.

- Mas são ovos de tamanho grande. Sabe quanto pesa uma centena deles? Mais de seis quilos!

- Não me importa o quanto pesam. Continuo faminto.

- Importa-se se nós o pesarmos?

- Contanto que não parem de me dar ovos.

Trouxeram uma balança e Ollie subiu nela. Pesou sessenta e três quilos cravados.

Então, começou a comer ovos de novo. No final da segunda centena, pesaram-no uma vez mais. Ol ie estava com sessenta e dois quilos e oitocentos gramas.

Os juízes se entreolharam e depois para Ollie. Por um instante, a plateia inteira ficou num silêncio assustado, como se presenciasse um milagre. Então, a onda de espanto passou.

Um dos juízes falou sabiamente:

- Ele pega os ovos e passa-os para um cúmplice.

- Ali no palco? - perguntou outro juiz. - Onde está o cúmplice? A gente pode ver os ovos descerem pela sua garganta.

- Mas isso é impossível. Se descessem realmente pela garganta dele, estaria aumentando de peso.

- Não sei como ele faz isso - admitiu o outro. - Mas ele o faz.

- O homem é uma aberração. Vamos chamar um médico.

Ollie comeu mais cento e quarenta e três ovos, e então teve que parar pois o restaurante ficara sem nenhum. Os demais concorrentes nem tiveram a chance de co-meçar.

Quando o médico chegou e lhe contaram a história, seu primeiro impulso foi fechar a cara. Ele sabia quando lhe queriam pregar uma peça. Mas colocaram Ol ie na balança - desta vez pesava apenas sessenta e dois quilos e meio - e alimentaram-no com um pão de fôrma de um quilo. Então, pesaram-no novamente.

Estava com o peso em torno de sessenta e dois quilos e duzentos gramas.

- Nesse ritmo, vai morrer de fome - disse o médico, que abriu sua maleta preta e começou a fazer um exame minucioso em Ollie.

Ollie estava muito chateado com isso, pois interferiu com a sua comilança e sentia-se mais faminto que nunca. Mas prometeram alimentá-lo depois, e com alguma relutância, submeteu-se.

- Dentes podres, coração dilatado, manchas em cada um dos pulmões, pés chatos, hérnia, vértebras deslocadas - pode enumerar qualquer problema que ele tem -

disse o médico.

- De onde, diabos, veio você?

Ollie trabalhava numa porção de rosbife e se encontrava ocupado demais para responder.

Alguém falou:

- Ele é um catador de lixo. Já o vi por aí.

- Quando começou essa ânsia de comer?

Com a boca cheia, Ollie respondeu:

- Hoje.

- Hoje, hein? Que aconteceu hoje para fazer com que passasse a comer tanto?

- Apenas passei a sentir fome.

- Estou vendo. Olhe, que tal irmos ao hospital para um exame mais completo?

- Negativo - disse Ollie. - Não vão enfiar agulhas em mim.

- Sem agulhas - concordou o médico apressadamente. Se não houvesse outra maneira de se conseguir amostras de sangue, sempre poderiam drogá-lo com morfina e ele nunca saberia o que lhe aconteceu. - Só vamos observá-lo. E alimentá-lo com tudo que puder comer.

- Tudo que eu puder comer? Combinado!

O humor era grosseiro mas revelador - o fotógrafo escalado para cobrir o

concurso batera uma foto de Ollie no instante em que engolia dois ovos. Um viajava goela abaixo, provocando um caroço na garganta, e o outro estava sendo enfiado ao mesmo tempo na boca. O redator dera o seguinte título: O HOMEM QUE “QUEBROU” A DESPENSA DO RESTAURANTE MONTE, e continuava o subtítulo: “Comeu trezentos e quarenta e três ovos.” Estou com fome!, afirmou.

Zolto baixou o jornal.

- É ele - disse para a mulher. - Não resta dúvida de que essa pessoa o encontrou.

- Eu sabia que não estava mais no beco - disse Pojim. Normalmente uma mulher graciosa, ela se encontrava agora mergulhada em pensamentos, e conseguia parecer bonita e pensativa ao mesmo tempo. - Como vamos recuperar a coisa de volta sem atrair atenção indesejada?

- Francamente - disse Zolto -, eu não sei. Mas acho melhor imaginarmos um meio.

Ele deve ter confundido a coisa com uma noz e a engolido. Com certeza, o pessoal do hospital vai tirar radiografias dele e descobrir.

- Não sabem do que se trata.

- Vão operá-lo para removê-la, e então descobrirão.

Pojim assentiu com a cabeça.

- O que não entendo - disse ela - é por que está provocando esse efeito. Quando a perdemos, estava desligada.

- Ele deve tê-la aberto por acidente. Algumas dessas criaturas, como já percebi, têm o hábito de quebrar nozes com os dentes. Vai ver que ele mordeu a chave apropriada.

- A tal para matéria inanimada? Eu acho, Zolto, que está certo. O conteúdo do es-tômago encolhe e passa para o nosso universo através do transportador. Mas o estô-

mago, sendo parte de uma criatura viva, não pode passar através do mesmo

processo. E a pobre criatura perde peso continuamente por causa do metabolismo. Principalmente, é claro, quando come.

- Chama-o de pobre criatura? Você tem um coração muito mole, Pojim. Que acha que será de nós se não recuperarmos o transportador?

Ele curvou os ombros para cima e gargalhou.

Pojim disse:

- Controle-se, Zolto. Quando ri, não parece humano, e certamente não soa como um.

- Que diferença faz? Estamos sós.

- Nunca se sabe se estamos sendo ouvidos ou não.

- Não mude de assunto. Que é que vamos fazer com relação ao transportador?

- Pensaremos numa saída - disse Pojim, mas ele pôde ver que ela estava preocupada.

No hospital, colocaram Ol ie numa cama. Queriam que uma enfermeira lhe desse um banho, mas ele objetou violentamente a essa indignidade e então mandaram um assistente do sexo masculino fazer o trabalho. Agora, banhado, barbeado e vestindo uma camisola curta que o fazia envergonhar-se de olhar para si mesmo, estava deitado na cama, morrendo lentamente de fome.

Uma dúzia de pratos vazios, os restos de especialidades sortidas do hospital, carregadas com vitaminas e outras coisas boas, jazia à sua volta. Tudo era uma delícia quando descia, mas nada parecia ficar dentro dele. Tudo que podia fazer era observar os olhares intrigados e ansiosos dos médicos quando o examinavam.

O ataque surgiu inesperadamente. Num momento, Ollie estava deitado ali, infeliz, sofrendo as dores da fome; no momento seguinte, alguém lhe deu um soco no estô-

mago. O choque fez com que levantasse e olhasse para baixo. Mas não havia ninguém perto dele. Os médicos o haviam deixado sozinho enquanto passavam a

vista em artigos médicos e discutiam uns com os outros.

Sentiu outro soco, e então outro e mais outro. Gritou de medo e de dor.

Após cinco minutos, uma enfermeira olhou para dentro do quarto e perguntou, por acaso:

- Chamou?

- Meu estômago - gemeu Ollie. - Alguém está me socando o estômago!

- É dor de barriga - disse ela com um sorriso amigável. - Isso devia lhe ensinar a não ser tão comilão.

Então, ela deu uma olhada no estômago, na parte em que Ollie, em sua agonia, retirara fora do lençol, e engoliu em seco. Estava inchado como se fosse uma melancia - ou melhor, uma melancia com enormes verrugas. Caroços sobressaíam por toda parte.

Correu para fora, gritando: “Doutor Manson! Doutor Manson!”

Quando ela voltou com dois médicos, Ol ie estava num tal estado de desespero que nem os percebeu. Um médico falou: “Macacos me mordam!” e começou a dar tapinhas no estômago dilatado.

O outro médico perguntou:

- Quando isso aconteceu?

- Agora mesmo, acho eu - respondeu a enfermeira. - Poucos minutos atrás, o estô-

mago dele estava tão achatado quanto na ocasião em que o senhor o examinou.

- É melhor darmos uma injeção de morfina nele para diminuir a dor - disse o primeiro médico - e, depois, tiraremos uma radiografia.

Ollie estava em semicoma quando o levantaram da cama e levaram-no de cadeira de rodas para a sala de raios X. Não ouviu nenhuma palavra da discussão sobre as chapas, apesar dos médicos falarem livremente na presença dele - livre

e irreveren-temente.

Foi o dr. Manson quem perguntou:

- Em nome de Deus, que coisas são essas, afinal?

- Parecem abacaxis e uvas - respondeu o confuso especialista em raios X.

- Abacaxis quadrados? Uvas com uma extremidade pontuda?

- Eu não disse que era isso - replicou o outro, na defensiva. - Falei que era o que pareciam. A uva poderia ser berinjela - acrescentou, confuso.

- Berinjela uma ova. Como, diabos, isso foi parar no estômago dele, afinal? Tem comido como um porco, mas nem mesmo um porco teria conseguido enfiar essas coisas pela garganta.

- Vamos acordá-lo e perguntar.

- Não sabe mais do que a gente - disse a enfermeira. - Ele me disse que se sentia como se alguém o estivesse socando no estômago. Será tudo que conseguirá nos dizer.

- Ele tem o estômago mais espantoso de que já ouvi falar - disse maravilhado o dr.

Manson. - Vamos abri-lo e dar uma olhada pelo lado de dentro.

- Precisamos do consentimento dele - disse o especialista, nervosamente. - Sei que seria interessante, mas não podemos cortá-lo a não ser por sua livre e espontânea vontade.

- Será para o próprio bem dele. Tiraríamos essa salada de frutas com pedaços inteiros de dentro dele.

O dr. Manson olhou de novo as chapas de raios X:

- Abacaxis, uvas, algo que parece uma banana com um matinho na parte de cima.

Vários objetos arredondados. E algo que parece uma noz. Uma noz bem

pequena.

Se Ollie estivesse acordado, teria dito ao dr. Manson que a noz era o cerne do problema. No estado em que se encontrava, tudo que podia fazer era gemer.

- Está acordando - disse a enfermeira.

- Ótimo - afirmou o dr. Manson. - Pegue uma autorização, enfermeira, e no instante em que ele for capaz de seguir as instruções, faça-o assiná-la.

Lá fora, no corredor, dois internos vestidos de branco pararam na porta de Ollie e ficaram escutando. Não podiam ser descritos propriamente como um homem e uma mulher, mas, de qualquer maneira, um era macho e outro, fêmea. Se não os olhasse atentamente, pareciam ser humanos, o que, é claro, era o que queriam que você pensasse.

- Como eu disse - observou Zolto. - Pretendem operá-lo. E a atenção deles acaba de ser atraída para a noz.

- Poderemos detê-lo com violência, se necessário. Mas abomino violência.

- Eu sei, querida - disse Zolto, condescendente. - O que aconteceu está bastante claro. Ele ficou despachando toda aquela comida, o nosso povo a analisou e descobriu o que era. Devem ter ficado surpresos por não encontrarem nenhuma mensagem nossa, mas após algum tempo chegaram à conclusão de que precisávamos de alguma de nossa própria comida e a enviaram. Ainda bem que não enviaram mais do que uma de cada vez.

- O pobre coitado deve estar em agonia.

- Não ligue para o pobre coitado. Pense em nossa situação.

- Mas não entende, Zolto? Os sucos digestivos dele não conseguem dissolver substâncias químicas tão estranhas, e o estômago dele deve estar bastante irritado.

Ela parou de falar por um instante quando a enfermeira passou por eles lançando-lhes apenas um olhar casual. O especialista em raios X seguiu-a logo depois, o rosto refletindo o espanto que sentia como resultado do exame das chapas que estava segurando.

- Isso só deixa o dr. Manson na companhia dele - disse Zolto. - Pojim, tenho um plano. Tem aí com você algum daqueles comprimidos para dor de estômago?

- Sempre os carrego. Nunca se sabe, neste mundo, se a gente vai enfiar algo no estômago que não consiga digerir.

- Ótimo.

Zolto recuou da soleira da porta, pigarreou, e começou a gritar: “Chamando dr.

Manson! Dr. Manson, apresente-se na cirurgia!”

- Anda vendo demais esses filmes deles - disse Pojim.

Mas o truque de Zolto funcionou. Ouviram o dr. Manson resmungar. “Droga!” e viram-no sair apressado pelo corredor. Passou por eles sem mesmo notar que se encontravam ali.

- Ele é todo nosso - disse Zolto. - Depressa, os comprimidos.

Entraram no quarto, onde Zolto passou um pequeno inalador várias vezes debaixo do nariz de Ollie. Ollie afastou-se da coisa com um tranco e seus olhos se abriram.

- Engula isto - disse Pojim com um sorriso persuasivo. - Vai amenizar a dor. - E colocou três comprimidos na boca surpresa de Ollie.

Automaticamente, Ollie os engoliu, e os comprimidos desceram para encontrar a coleção que estava em seu estômago. Pojim lançou-lhe outro sorriso, e então ela e Zolto deixaram o quarto apressadamente.

Para Ollie, as coisas pareciam estar acontecendo mais e mais de maneira espantosa. Mal os estranhos médicos acabaram de sair, o dr. Manson voltou, apressado, xingando, de uma maneira tal que teria chocado Hipócrates, o idiota desconhecido que o chamara à cirurgia. Então, a enfermeira entrou com um papel. Ollie entendeu que estava sendo convocado para assinar alguma coisa.

Balançou a cabeça vigorosamente:

- Nada disso. Não assino nada, moça.

- É uma questão de vida ou morte. Sua vida e sua morte. Precisamos retirar essas coisas do seu estômago.

- Nada disso. Não vão me cortar coisíssima nenhuma.

Dr. Manson rilhou os dentes em frustração.

- Não está sentindo muita dor agora por causa da morfina que lhe injetei. Mas o efeito vai passar em alguns minutos e, então, a agonia voltará. Terá que nos deixar operá-lo.

- Nada disso - repetiu Ollie teimosamente. - Não vão me cortar coisíssima nenhuma.

E então, quase saltou da cama. Seu já dilatado estômago pareceu inchar e, diante dos olhares atônitos do médico e da enfermeira, surgiu um novo e estranho caroço.

- Socorro! - gritou Ollie.

- É exatamente o que estamos tentando fazer - disse o dr. Manson irritado. - Só que você não nos deixa socorrê-lo. Agora assine o papel, homem, e pare com essa bobagem.

Ollie gemeu e assinou. No momento seguinte foi levado às pressas para a sala de operações.

O efeito da morfina passava rapidamente, e ele deitado na mesa, ainda gemendo.

Do teto, luzes brilhantes o atingiam. Perto da cabeça encontrava-se a postos o anestesista com seu balão de anestésico. Ao lado, um contente dr. Manson enfiava luvas de borracha nas mãos desinfetadas, enquanto enfermeiras e assistentes aguardavam atentamente.

Dois internos estavam perto da soleira da porta. Um deles, Zolto, disse baixinho:

- Creio que teremos que usar violência, afinal de contas. Eles não podem encontrar a coisa.

- Devia ter dado um terceiro comprimido para ele - disse Pojim, o outro interno,

com arrependimento. - Quem poderia suspeitar que a ação seria tão lenta?

Ficaram em silêncio. Zolto enfiou a mão no bolso e pegou a arma, a arma que es-peravam nunca ter que usar.

O dr. Manson assentiu cortesmente com a cabeça e disse:

- Anestésico.

Então, quando o anestesista curvou-se para frente, aconteceu. O estômago descoberto de Ol ie, preparado para o bisturi, pareceu saltar e ferver. Ollie gritou e, enquanto os médicos reunidos observavam entre intrigados e fascinados, os caroços e nozes sumiram. O estômago começou a encolher, como um bolo solando quando al-guém bate com força a porta do forno! Os comprimidos digestivos finalmente tinham entrado em ação.

Ollie sentou-se. Esqueceu que estava usando a curta e vexaminosa camisola, esqueceu também que havia um quarto cheio de espectadores. Empurrou o anestesista que tentava detê-lo.

- Me sinto ótimo - disse.

- Deite-se - ordenou o dr. Manson com firmeza. - Vamos operá-lo para descobrir o que há de errado com você.

- Não vai me cortar coisa nenhuma - disse Ollie. Balançou os pés para o chão e ficou de pé. - Não há nada de errado comigo. Me sinto ótimo. Pela primeira vez na vida não estou com fome e não estou querendo encrenca. Portanto, que ninguém tente me deter.

Começou a marchar através do aposento, abrindo caminho por entre os médicos revoltados.

- Por aqui - disse um dos internos perto da porta. - Vamos pegar suas roupas. - Ollie olhou para ela, desconfiado, mas foi. - Está lembrado? Fui eu quem lhe deu aqueles comprimidos para passar a dor.

- E funcionaram mesmo - disse Ol ie, contente, e permitiu que ela o levasse.

Ele ouvia o vozerio atrás de si, mas não prestava atenção. Não interessava o que

queriam, ele ia dar o fora dali, depressa. Poderia ter havido problemas, mas no momento crítico o sistema de alto-falantes entrou em ação, graças à previsão de seus amigos internos que tinham acoplado um sistema portátil especial ao microfone. Ele começou chamando o dr. Manson, chamando o dr. Kolanyi, chamando o dr. Pumber, e todos os demais.

Na confusão, Ollie fugiu e viu-se, pela primeira vez na vida, passageiro de um táxi.

Com ele estavam os dois internos amigáveis, não mais vestidos de branco.

Por via das dúvidas, para o caso de surgirem mais alguns desses caroços no seu estômago - disse a fêmea - tome mais dois comprimidos.

Ela era tão persuasiva que Ol ie apenas esboçou uma falsa resistência. Os comprimidos desceram para o estômago, e então ele se ajeitou para desfrutar a corrida de táxi. Foi apenas algum tempo depois que passou a imaginar para onde o estariam levando. Mas, na ocasião, estava muito sonolento para ficar imaginando demais.

Com a ajuda dos dois primeiros comprimidos, ele digeria o equivalente a uma lauta refeição. O sangue corria agradavelmente pelas suas veias e artérias, e sentia uma confortável sensação de bem-estar.

Quando o táxi pegou velocidade seus olhos se fecharam.

- Você transmitiu a mensagem num dos últimos comprimidos? - perguntou Zolto na língua nativa deles.

- Expliquei tudo que aconteceu - replicou sua mulher. - Vão parar de enviar comida e esperar novas instruções.

- Ótimo. Agora precisaremos tirar o transportador de dentro dele assim que for possível. Nós mesmos poderemos operá-lo e ele jamais saberá.

- Pois é - disse Pojim. - Mas assim que estivermos com o transportador, a coisa voltará a ser um transtorno para nós. Teremos que guardá-lo com todo cuidado e ficar com um medo constante de perdê-lo. Talvez fosse mais inteligente deixá-lo dentro dele.

- Dentro dele? Pojim, minha doçura, perdeu o bom senso?

- Nada disso. É mais fácil vigiar um homem do que um objeto minúsculo. Dei uma olhada numa das chapas de raios X e vi claramente que a chave de transferência aderiu ao estômago dele. E ficará lá indefinidamente. Suponha se focarmos um transpositor no estômago dele. Então, da mesma forma que os objetos que queremos que venham de nosso mundo, em estado encolhido, poderemos transpô-los para o nosso laboratório, ampliá-los, e então despachá-los para Aldebarã, onde estão sendo necessários.

- Mas suponha que ele e o estômago dele venham a se mudar.- Ele ficará num só lugar desde que seja bem tratado. Podemos fornecer-lhe comidas com as quais a es-pécie dele nunca sonhou, acrescidas de líquido digestivo. Ao mesmo tempo, podemos fazer com que execute serviços leves, para mantê-lo ocupado. O grosso de suas tarefas envolverá estudos e autoaperfeiçoamento E, à noite, poderemos receber as coisas de que precisamos de nosso próprio universo.

- E quando tivermos o suficiente para abastecer a colônia em Aldebarã II?

- Então, haverá tempo bastante para remover o transportador.

Zolto riu. Foi uma gargalhada que pareceria curiosamente deslocada num ser humano, e se o motorista não estivesse ocupado demais em levar o seu veículo através do trânsito, teria voltado a cabeça para olhar.

Pojim pressentiu o perigo e levantou um dedo em sinal de alerta.

Zolto acedeu.

- Você tem ideias incríveis, minha mulher. Mesmo assim, não vejo razão para que isso não dê certo. Vamos experimentar.

Ollie acordou para uma nova vida. Sentia-se melhor do que jamais se sentira em toda a sua miserável existência. Os dois internos que vieram com ele tinham se transformado magicamente em gentis senhora e cavalheiro que desejam contratá-lo para executar um trabalho fácil por um excelente salário. Ollie deixou-se contratar.

Agora ele podia escolher o que comer, mas, por mais estranho que parecesse, não sentia mais aquela antiga fome. Era como se estivesse sendo alimentado

através de uma fonte oculta, e podia-se dizer que só comia de gula. Entretanto, o pouco que comia fazia bastante efeito.

Engordou, os músculos enrijeceram, os velhos dentes caíram e apareceram outros novos. Ele mesmo estava surpreso com este último fenômeno, mas, após a experiência que tivera no hospital, guardou a surpresa para si mesmo. As manchas nos pulmões desapareceram, sua espinha endireitou-se. Após algum tempo, atingiu o peso de oitenta e seis quilos, e seus olhos eram brilhantes e claros. A noite, dormia o sono dos justos - ou dos drogados.

A princípio, estava feliz. Mas, após vários meses, apareceu uma sensação de tédio.

Procurou o Sr. e a sra. Zolto e disse:

- Lamento, mas não posso mais ficar aqui.

- Por quê? - perguntou a senhora.

- Não há espaço aqui, senhora, para eu progredir - disse, quase pedindo desculpas. - Andei estudando e tenho ideias sobre coisas que posso fazer. Todo tipo de ideias

Pojim e Zolto, que tinham plantado as ideias, assentiram solenemente com as cabeças.

Pojim disse:

- Nós nos alegramos em ouvir isso, Ollie. A verdade é que também resolvemos nos mudar para... para um clima mais quente, bem distante daqui. E estávamos imaginando como você poderia se arranjar sem a gente.

- Não se preocupem comigo. Estarei muito bem.

- Bem, isso é esplêndido. Mas seria mais conveniente para nós se pudesse esperar até amanhã. Gostaríamos de lhe dar algo para que se lembre de nós.

- Ficarei feliz em esperar, senhora.

Àquela noite, Ollie teve um pesadelo esquisito. Sonhou que estava novamente na

mesa do operações, e que os médicos e enfermeiras se encontravam mais uma vez sobre ele. Abriu a boca para gritar, mas não saiu nenhum som. E lá estavam os dois internos, mais uma vez usando seus uniformes.

A fêmea falou:

- Está tudo bem. Perfeitamente bem. Só vamos remover o transportador. Pela ma-nhã, nem vai lembrar do que aconteceu.

E, de fato, pela manhã, ele não lembrou. Tinha apenas uma vaga sensação de que algo tinha acontecido.

Apertaram-lhe a mão e deram-lhe uma ótima carta de referência, para o caso de tentar conseguir outro emprego, e o Sr. Zolto presenteou-lhe com um envelope no qual havia várias notas cujos valores posteriormente quase fizeram com que seus olhos saltassem das órbitas.

Caminhou pela rua como se ela lhe pertencesse, ou o lugar aonde ia.

Sumira a postura relaxada, sumira o olhar turvo, sumira a aparência desprezível.

Sumira toda a lembrança de um passado melancólico.

Então, Ollie teve uma estranha sensação. A princípio, parecia-lhe tão peculiar que não conseguia imaginar o que era. Começava no estômago, que parecia revirar e quase dar um nó em si mesmo. Sentiu uma pontada de dor e estremeceu quase per-ceptivelmente.

Levou vários minutos para perceber o que era.

Pela primeira vez em meses, ele estava com fome.

O MONSTRO DO LEITE MALTADO

William Tenn

Tradução de Gilson Koatz

Muitas pessoas que adoram comer pensam constantemente em comida - elas sonham acordadas com lugares onde as montanhas são feitas de cobertura de chocolate, rios de chocolate fluente, e assim por diante. Aqui, o sempre brilhante Wil iam Tenn nos convida para visitar um mundo assim.

Desde o momento em que abriu os olhos e viu a cor do céu, a forma das nuvens, a incrível topografia, Carter Braun soube exatamente onde estava. Ele nem precisou realmente identificar o odor suavemente doce que encheu suas narinas, nem teve que investigar particularmente melhor o rio de uma escura cor de mogno que corria, com os mais suaves dos rumores, entre duas colinas pequenas e cônicas, duas colinas com exatamente as mesmas dimensões e ostentando exatamente a mesma ve-getação.

Não havia a menor dúvida sobre aquilo. Sobretudo depois de Carter ter contempla-do, tomado de assombro, por dez ou quinze segundos, o céu de um azul absolutamente uniforme e brilhante - azul azulado, essa era a cor, ele decidiu lentamente - e aquelas nuvens rosas - brancas e ovais tão homogeneamente espaçadas nele. Isso para não mencionar aqueles pássaros batendo asas a uma certa distância; daqui, cada uma delas parecia com a letra V, cujos braços tinham sido cuidadosamente curvados para fora e para baixo. Somente um lugar no universo ostentava tal paisa-gem, tal atmosfera, tais pássaros. Aquele era o Mundo do Monstro do Leite Maltado.

Deus me ajude, pensou Carter, agora é o meu mundo, também. Aquele lampejo dilacerante, peculiar, dentro de si, como um tipo de relâmpago da alma! Ele dissera adeus a Lee à porta de sua casa cercada de gramado e começara a descer a elegante rua suburbana até onde sua MG estava estacionada. Estivera girando as chaves do carro dentro de sua mão e planejando o itinerário de seu programa de sexta-feira à noite com Lee - ou você leva uma garota ao seu apartamento no segundo encontro, ele achava, ou você vira pajem para sempre - quando notou que o Monstro do Leite Maltado o observava sem piscar por detrás de uma cerca. Provavelmente os seguira todo o tempo desde o “Guloseimas da Goldie”.

E então, o lampejo, a louca sensação de ser arrancado do seu contexto e ser lan-

çado em outro lugar inteiramente diferente. E de abrir seus olhos aqui.

Tudo aconteceu, e sabê-lo era doloroso, por levar sua paquera a uma sorveteria ao invés de a um bar correto. Mas um bar não lhe parecera a sequência correta para uma matinê de domingo em Grenvil e Acres. Além do mais, não se leva uma professora primária a um bar no bairro em que ela mora. Você lhe oferece um refrigerante, leva-a para casa andando pelas ruas outonais, sendo o mais cavalheirescamente charmoso possível, recusa o convite para entrar e conhecer o pessoal, mencionando o relatório que precisa preparar para a conferência dos Executivos de Contabilidade de amanhã - um homem tem o seu trabalho a fazer, e isso deve vir em primeiro lugar - e você dirige de volta para Manhattan com o agradável reconhecimento de uma sedução inteligentemente iniciada.

Infelizmente, você não planeja considerando outros fatores - forças ocultas, por exemplo.

Não havia muito por que verificar, mas ele devia checar mesmo assim. Quando estivesse realmente certo, ele poderia começar a se preocupar. E ir bolando uma saída.

Carter caminhou displicentemente até o rio cor de mogno, passando por grama bem aparada e grandes flores de papel laminado. Ele se ajoelhou, enfiou um dedo no líquido espesso e o provou. Chocolate. Claro.

Apenas em vã esperança, beliscou-se forte e longamente, apertando dolorosamente. Doeu bastante. Não, ele sabia que não estivera dormindo, desde o começo. Por uma coisa, num sonho você raramente percebe que está sonhando.

Aquilo era real.

Calda de chocolate para beber. E para comer.

As duas pequenas colinas eram cobertas com árvores anãs carregadas de pirulitos, e os frutos envoltos em papel celofane variavam ligeiramente de cor de folha para flor. Aqui e ali, ao nível do solo, havia arbustos de bombons e arranjos de árvores de Natal perfeitamente triangulares, de cujos galhos pendiam pequenas tortas, bolos e doces sortidos - a maioria de chocolate.

O sol caía em tons de rosa e o chocolate não derretia nem um pouco. O rio de

chocolate, por seu lado, corria interminavelmente, murmurando. Fosse qual fosse a sua origem, onde quer que nascesse, o rio evidentemente tinha muitas reservas.

Carter foi tomado por um pensamento bastante desagradável. Suponhamos, vista a abundância do rio, suponhamos que comece a chover chocolate! Realmente, esse Monstro do Leite Maltado não era fácil.

Lee não concordara com o nome.

- Ela é apenas uma menininha gorda. Um tanto inteligente, um tanto neurótica, também. E muito curiosa com o jovem desconhecido e distinto que oferece um refrigerante à sua professora.

- Está bem, mas eu contei - insistia Carter. - Cinco chocolates maltados desde que chegamos. Cinco! E a maneira como ela se senta lá no fim do balcão, sem tirar os olhos de nós, nem mesmo quando abre outro canudo!

- A maioria das crianças de Grenvil e tem mais dinheiro para gastar do que devia.

Os pais de Dorothy são divorciados - a mãe é uma consumidora de tempo integral, e o pai é vice-presidente de um banco - e eles usam o dinheiro para disputar a afeição da menina. Ela passa praticamente todo o seu tempo aqui no “Goldie”. Você conhece essa equação psicológica, Carter: quando eu era pequena e meus pais me amavam, me davam comida; donde, comida é igual a amor.

Carter balançou a cabeça. Ele sabia tudo sobre aquelas equações psicológicas.

Sendo um jovem solteiro determinado e sexualmente ajustado, ele estudara Freud tão atentamente quanto um segundo-tenente durante a Primeira Grande Guerra teria estudado von Clausewitz.

- Você é tão encantadoramente feminina - disse Carter, ardentemente, sublinhando os pontos que, com um pouquinho de sorte, brevemente estariam sendo discutidos.

- Só uma garota que é mulher por inteiro seria capaz de ver nessa bola de banha, esse balofo Monstro do Leite Maltado...

- Ela não é esse tipo de coisa. Carter! Que apelido terrível para uma menininha tão confusa! Embora - Lee meditou, girando a comprida colher entre as bolhas nos restos gordurosos de soda em seu copo -, embora seja engraçado que você tenha imaginado isso. É assim - ou algo semelhante - que as outras crianças da turma a chamam. Contam histórias sobre ela - de que ela é capaz de fazer pedras e jarros de flores desaparecerem simplesmente olhando fixamente para eles. As crianças são iguais aos adultos, apenas um pouco mais óbvias, e só. Transformam as pessoas impopulares em bruxas.

Ele continuava tentando.

- Nunca fizeram isso com você, isso é certo. Quem tiver um pouco de sensibilida-de, basta dar uma olhadela para você para saber que você é puro amor e doçura...

- É tão patético - Lee o interrompeu sem o saber. - Pedi a eles que escrevessem uma redação sobre o dia mais feliz que pudessem se lembrar. Sabe sobre o que Dorothy escreveu? Sobre um dia em seu mundo de fantasia, um dia que nunca aconteceu. E mesmo assim estava muito bem escrito, para uma menina da idade dela.

Cheia de símbolos de afetividade, como bolo e doce. O mundo devia cheirar como uma sorveteria. Imagine só! Tinha uma passagem muito bem escrita - eu sei que gosta de um bom texto, Carter - sobre duas colinas pequenas e simpáticas, totalmente cobertas de árvores de pirulitos, cada árvore com um sabor diferente. E entre as colinas serpenteava uma corrente do mais puro chocolate!

Carter desistiu. Acendeu um cigarro e olhou por cima da cabeça séria e não menos bela de Lee. Para a grosseiramente gorda menina, cuja gordura encobria o último banquinho da sorveteria, sua boca sugando sem parar o chocolate maltado, seus olhos sugando firmemente os seus. Ele se viu forçado a abaixar sua vista primeiro.

- ...até mesmo quando temos uma aula de desenho - Lee continuava. - Ela nunca faz outra coisa. É absolutamente real para a pobre criança - tão só, tão faminta por companhia. Já aprendi a esperar aquele céu azul claro cheio de nuvens rosas e ovais, aqueles pássaros em linhas curvas, aquele rio de chocolate, e todos aqueles arbustos cheios de guloseimas. Todas as benditas vezes! Para uma

criança com a sua inteligência, é um pouco retardada, graficamente. Ela desenha como uma criança um ou dois anos mais nova. Mas isso é de se esperar: é quase puramente verbal, uma inteligência conceitual, poder-se-ia dizer...

Também se pode dizer que aquele assunto criou um desvio de atenção inútil e altamente chato. Carter mordeu seu cigarro com os lábios e olhou cautelosamente para cima, novamente. Os olhos do Monstro do Leite Maltado estavam tão inabalá-

veis quanto sempre. Que poder de atração... o que era tão fascinante nele? Bem, seu pai era um homem tipo Madison Avenue: as roupas, provavelmente. Carter tinha um justo orgulho de seu guarda-roupa. Suas roupas, ele sabia, eram de um bom gosto quase ostentatório.

Sim, era isso. Ele a lembrava seu pai. Seu rico pai.

Carter se pegou se envaidecendo e amassou a guimba do cigarro num gesto abrupto de desagradável desgosto. Droga! Esse é o problema dessa música da Madison Avenue... você ri dela, brinca com os outros sobre ela, chega até a ler livros a satirizando... e então se pega cantando a mesma música. Ele a lembrava o pai dela, que era vice-presidente de um banco e provavelmente muito bem de vida. E daí?

Isso queria dizer algo de bom sobre Carter Braun? Não necessariamente, por certo.

Carter Braun era um homem bem educado, vivo, mais para o sortudo, que encontrara seu caminho num negócio que pagava bem, era interessante e bafejado pela sorte.

Um jovem que se envolvera tão profundamente nas superficialidades do seu negó-

cio que, quando uma criança tão óbvio e terrivelmente atormentada quanto aquela menininha chamava sua atenção, tudo o que ele podia fazer era lhe dar um apelido bem marcante - o tipo da coisa superficial e aparentemente brilhante que você apresenta a um cliente numa reunião comercial.

Agora, Lee. As raízes de Lee ainda estavam compactamente enroladas em volta da entrelaçada massa da raça humana. Ela adorava o seu trabalho, mas se

preocupava também; ela se preocupava, com certeza. Do jeito como ela fala! Do jeito que seus olhos brilham enquanto discursa!

- ...as outras crianças ficavam positivamente estupefatas. Ou então naquela vez em que pedi a elas para bolarem charadas. Sabe o que Dorothy perguntou quando chegou sua vez? Ouça só isso, Carter. Ela perguntou à turma: “O que você prefere -

ser comido por uma lagarta gigante ou por um milhão de leõezinhos?” Pois eu afirmo que uma menina com tanta imaginação...

- Tanto desajuste - ele corrigiu. - Ela parece uma criança muito doente. Mas eu queria ver - murmurou Carter - como ela se sairia se fizesse um teste de Rorschach.

Uma lagarta gigante ou um milhão de leõezinhos... e sem borrões de tinta como referência! Sabe se ela já fez psicoterapia?

Sua companhia sorriu, triste.

- Seus pais são muito ricos, já lhe disse. Suspeito que ela já tenha tido todas as vantagens. Até mesmo e inclusive dramáticas batalhas legais para saber se ela iria ao médico do papai ou ao da mamãe. O que essa menina precisa, realmente, ninguém pode lhe dar: um novo par de pais ou, no mínimo, um dos dois que realmente se preocupe com ela.

Carter discordou.

- Não exagere, não na idade dela. Eu diria que seria muito mais útil a essa altura, que ela tivesse algumas crianças que gostassem dela e a aceitassem. Se existe uma coisa que a Pesquisa Motivacional coloca no seu devido lugar é o saber que animais sociais radicais os seres humanos são. Sem uma matriz de companheirismo, sem o interesse e a aprovação de pelo menos um punhado dos nossos contemporâneos, ficamos pior do que confusos - nem mesmo gente somos. Ermitões não são gente; não sei o que são, exatamente, mas que não são gente, isso não são. E enquanto essa menina for um ermitão psicológico, não será nunca uma pessoa humana. Ela será algo diferente.

Em algum momento nos próximos quinze minutos, ele saberia que teria feito sucesso com Lee. Mas naquela hora estava enfronhado no problema de saber

como fazer para ajudar uma criança como Dorothy a fazer amigos. Tinha se tornado um problema de PM, ocupando-se de um indivíduo, porém, mais do que com o grupo; e, como em todos os problemas de PM, de um interesse tão obsessivo para ele que nada mais passara a interessar.

No fim, fora Lee quem mudara de assunto, quase à muque; fora Lee quem tivera que dar fortes indiretas perguntando sobre seu próximo encontro. Carter conseguiu se controlar e passou a conversar sobre o que fariam quando ela viesse à cidade para encontrá-lo na próxima sexta-feira à noite. No fim, tudo terminara bastante bem.

Mas, ao saírem da sorveteria. Carter lançou um último olhar para trás, através da janela envidraçada. O Monstro do Leite Maltado tinha se virado em seu banquinho, com o canudo ainda na boca, os olhos o seguindo como uma dupla de tubarões famintos.

E então, os seguiu como uma sombra todo o caminho até a casa de Lee.

O que ela fizera com ele? Como o teria feito? E por quê?

Ele chutou raivosamente uma pedra solta, observou-a cair no rio com um respingo marrom grosso. Seria uma das pedras que Dorothy tirara do mundo real? E, de novo, como? Não por que, aliás; bem que podia ter sido parte de uma série de experiências controladas para testar toda a gama dos seus poderes.

Poderes? Seria esta a palavra? Talento, talvez, ou capacidade catalítica - isso seria mais descritivo.

Dada uma mente fora do comum, dada uma forte personalidade embutida no cé-

rebro de uma criança, dada a infelicidade, impopularidade, e neurose geral para afiar a mente, para adicionar ainda mais impacto à personalidade - e o quê! O quê se de-senvolveria?

Subitamente, ele se lembrou de seus últimos pensamentos antes de chegar a esse mundo de pirulitos. Logo após ter deixado Lee, com a cabeça cheia de pensamentos felizes sobre sexta à noite, exatamente no momento em que ele tinha visto a garota olhando para ele, ele começara a pensar sobre os problemas dela novamente. A compreensão de que ela os seguira todo o tempo desde a sorveteria por pura e mortífera solidão o estimulara a se admirar com a mente

dela.

Houvera uma sequência. Primeiro: Puxa, ela está ávida por gente. Depois: Não por gente em geral, mas por crianças da idade dela. Como você procederia para fazer crianças gostarem dela? Agora existe um problema motivacional para você! Depois: Bem, a primeira questão é quais são os motivos dela; o que se passa na cuca dela?

Boa técnica profissional de elucidação em PM.

E então, aquele terrível lampejo, aquela ruptura mental, e ele abrira seus olhos aqui.

Em outras palavras, ele tivera algo a ver com aquilo. Não fora apenas ela. Ele fora psicologicamente aberto, tentando visualizar o interior da mente dela, quando ela fez... quando ela fez alguma coisa.

Não, aquilo requerera algo da parte dela para que tudo tivesse acontecido. E não importa como você chamasse aquilo - talento, poderes, catálise - ela o possuía. E o usara nele.

Carter tremeu de repente, lembrando-se da charada que ela fizera. Ele boiava sem rumo na fantasia de vida daquele tipo de criança. Ele desejou ter prestado mais atenção ao papo de Lee mais cedo na sorveteria, ao invés de forçar a conversação a voltar para canais mais lucrativos. Para escapar em segurança, para sobreviver, ele poderia usar cada nesga de informação sobre Dorothy que tivesse existido.

Afinal, os desejos mais simples dela agora eram as fixas e imutáveis leis naturais sob as quais ele teria que agir.

Ele já não estava mais só, observou. Estava rodeado de crianças. Elas tinham aparentemente se materializado à sua volta, gritando, brincando, brigando, pulando. E

onde os gritos eram mais altos, onde as brincadeiras mais intensas, lá estava Dorothy. O Monstro do Leite Maltado. As crianças cabriolavam, em volta dela como se fossem muitos jatos d’água de uma fonte em torno de uma estátua central.

E ali estava ela, ainda olhando para ele. E seu olhar era tão desconfortável quanto antes. Até um pouco mais, pelo fato de que ele se lembrava dele. Ela vestia a mesma calça jeans e o suéter de cashmere amarelo cheio de manchas. Estava mais alta do que o real, um pouco mais alta que as outras crianças. Mais esbelta, também. Agora, com toda a sinceridade, só se podia chamá-la de roliça.

E ela não tinha espinhas.

Carter estava irritado com a rapidez com que tivera que baixar os olhos. Mas mantê-los abertos e dirigidos para ela era como olhar diretamente para um holofote antiaéreo.

“Olhe para mim, Dorothy!” gritavam as crianças. “Estou pulando! Veja como pulo alto!”

“Vamos brincar de pegar, Dorothy?” elas gritavam. “Vamos brincar de pegar! Você escolhe quem começa!”

“Invente um jogo novo, Dorothy! Invente um daqueles jogos legais que você sempre inventa!”

“Vamos fazer um piquenique, hein, Dorothy?”

“Dorothy, vamos fazer uma corrida de bastão!”

“Dorothy, vamos brincar de boneca!”

“Dorothy, vamos pular corda!”

“Dorothy.

“Dorothy...”

“Dorothy...”

Quando ela começou a falar, todas as crianças se calaram. Pararam de correr, pararam de gritar, pararam tudo o que estavam fazendo e se viraram para olhar para ela.

- Esse moço bonzinho - disse ela. - Ele vai brincar conosco. Não vai, moço?

- Não - respondeu Carter, - Eu gostaria, mas acho que...

- Ele vai jogar bola conosco - continuou Dorothy imperturbavelmente.

- Tome, moço, aqui está a bola. É muito gentil em jogar conosco.

Quando ela se dirigiu para ele, segurando uma enorme bola listrada que subitamente aparecera em suas mãos, a massa de crianças se moveu junto com ela.

Carter ainda estava procurando palavras com as quais explicaria que não tinha nenhum interesse em jogar bola naquele momento e que estava muito interessado em ter uma conversa particular com a própria Dorothy, uma audiência, poder-se-ia dizer

- quando a bola foi lançada entre seus dedos e ele se descobriu jogando.

“Sabe, eu não costumo...” começou a falar enquanto jogava e apanhava a bola, jogava e apanhava a bola.

“Estou muito ocupado agora, quem sabe uma outra vez...” ele continuou, enquanto pegava a bola e jogava, pegava a bola e jogava.

Fosse qual fosse a direção em que ele jogasse a bola, houvesse ou não muitos pares de mãos infantis ávidas para pegar a bola, era sempre Dorothy quem a recebia e devolvia para ele.

“Oba, Dorothy!” gritavam as crianças! “Como está divertido!”

“Adorarei brincar com vocês assim que terminar meu...” Carter bufou, achando aquele exercício fantasticamente cansativo.

“Puxa, Dorothy! Esse jogo é tão legal!”

“Que moço bonzinho!”

“Como é divertido!”

Dorothy jogou a bola bem para cima e ela desapareceu no ar.

- Vamos brincar de pular carniça - disse ela. - Gostaria de pular carniça conosco,

moço?

- Sinto muito - disse Carter ofegando, ao mesmo tempo em que se curvava, mãos nos joelhos, para que ela pudesse pular sobre suas costas vindo por trás. - Não brinco de carniça há muitos anos e não pretendo vol... Ele correu para a frente, colocou as mãos nas pequenas costas de Dorothy, passou por cima, curvou-se para a frente novamente à espera do pulo dela. “Carniça é uma brincadeira que eu nunca apre...”

Brincaram de carniça até que ele bamboleou de tontura, até que cada respiração parecesse arrancada à unha do peito.

Dorothy se sentou graciosamente no chão e reuniu as crianças à sua volta como um grupo de adoradores. “Agora, nós gostaríamos de ouvir uma história. Por favor, moço, conte-nos uma história!”

Carter começou a protestar agoniado. E seu protesto se transformou, não se sabe como, na história de Cachinhos Dourados e os Três Ursinhos, contada ofegantemente e pontuada por opressivas golfadas de ar. Depois, contou a história de Chapeuzinho Vermelho. Depois, a história de Barba Azul. Próximo ao final desse relato, Dorothy desapareceu. Mas as crianças permaneceram e Carter continuou a história, querendo ou não. As crianças começaram a sentir medo. Algumas tremeram, outras murmuraram e gritaram. Tinha começado a escurecer nos últimos minutos, ao mesmo tempo em que Carter contava as últimas frases de Barba Azul e, sem parar, iniciava “Era uma vez um pobre mas honesto lenhador que tinha dois filhos chamados João e Maria”, uma enorme nuvem preta deslizou pelo céu e desceu sobre eles.

Um aterrador rosto escarlate, com um enorme nariz e dentes brancos e brilhantes, saiu de dentro da nuvem e rugiu até que o chão tremesse. De repente, parou e co-meçou a ranger os dentes. Aquilo soava como uma explosão num depósito de lou-

ças.

As crianças berraram de terror, olhos esgazeados, e depois fugiram. E gritavam

“Dorothy! Dorothy, salve-nos! É o Homem Mau! Salve-nos, Dorothy, salve-nos! Dorothy, onde está você?”

Carter afundou na grama, aliviado e completamente exausto. Estava cansado demais para correr ou até para olhar para cima, perturbado demais para se preocupar com o que viesse a lhe acontecer. Parecia que aquela era a primeira vez em horas que o corpo voltava ao seu comando; mas seu corpo não valia grande coisa naquele momento.

- Ei, cara - questionou uma voz simpática acima de sua cabeça. - Elas não são fá-

ceis, hein?

Era o rosto escarlate da nuvem. Já não parecia mais tão aterrador, demonstrando apenas preocupação de maneira amistosa. E encolhia rapidamente em tamanho até ficar na proporção correta para o corpo humano normal que o suportava. Quando se tornou um rosto quase comum, avermelhado e grisalho, sujo e com uma barba de alguns dias por fazer, ornando um nariz vermelho e cheio de veias, seu proprietário se acocorou na beira da nuvem e pulou para o chão, uma distância, naquele momento, inferior a dois metros.

Ele era um homem envelhecido, de estatura média, vestindo calças cinza escuro, uma camisa marrom rasgada para fora da calça, que lhe descia até as ancas e, nos pés sem meias, um par de alpargatas sujas e desfiadas, uma delas com a sola aberta. Ele parecia familiar, como todo vagabundo se parece com qualquer outro vagabundo. Ele era o arquétipo, vacilante, encharcado e abandonado, o puro exemplo do farrapo humano em estado absoluto, mas...

Ele era um adulto.

Carter ficou de pé num salto e ofereceu alegremente sua mão. Ela foi apertada molemente, de maneira incerta e meio bajuladora, como faria um prisioneiro recém-libertado se despedindo do carcereiro.

- Aceita uma bebida, meu chapa?

- Você nem imagina como - respondeu Carter melancolicamente. - Estou feliz em ver você!

O farrapo acenou com a cabeça, vagamente, esticou o braço e puxou a nuvem negra ainda mais para perto. Remexeu dentro dela e tirou uma garrafa. Estava cheia quase até a metade e, embora o líquido que ela contivesse fosse no tom de âmbar apropriado, era de vidro claro e não tinha rótulo. Ofereceu sua garrafa. -

Meu nome é Eddie. Mas me chamam de Fraldão. Precisa de copo para beber? Tem copo não!

Carter fez que não com os ombros. Esterilizou a garrafa com a palma da mão, colocou na boca e bebeu um gole grande. “Aaaaah!” exclamou.

E começou a tossir tão forte que quase deixou a garrafa cair. Fraldão tirou-a da mão dele rapidamente.

- Horrível, não é? - perguntou, e então deglutiu um terço daquele negócio.

Horrível, decidiu Carter, não era exatamente a palavra. Tinha gosto de uísque, vá lá, bem lá no fundo do gosto, mas com uma camada superficial que consistia de iodo, amônia, cânfora e ácido hidro clorídrico diluído. Sua língua se contorceu dentro da boca como uma cobra que acaba de ser laçada.

Fraldão removeu a garrafa de sua boca, estremeceu, careteou e lambeu os lábios.

- É assim que ela acha que é o gosto de uísque.

- Quem? Dorothy?

- Ela mesma. A menina - seja qual for o gosto que ela acha que algo tem, assim passa a ser. Mas é melhor que nada, melhor do que não ter bebida nenhuma. Quer vir até o meu cantinho? Poderemos sentar um pouco. - Ele apontava para a nuvem que estava bem baixa e perto deles, como um dirigível escuro e disforme.

Cheio de incertezas, Carter pegou em seu tênue material e puxou-se para cima.

Era como nadar em meio a uma neblina que se solidifica somente nos lugares em que suas mãos a tocam. Um aposento que mais parecia uma caverna escura que vo-asse - se é que se podia chamar aquilo de aposento. Em um canto - melhor dizendo, um nicho, pois não havia cantos - havia uma cama de campanha coberta de lençóis amarfanhados, uma mesa coberta de xícaras e pratos cacarecados e três espreguiçadeiras mambembes, com cara de que já estiveram no lixo. Uma lâmpada nua pendia de um fio fino sobre o catre, brilhando fraca, melancolicamente, no meio de tanta escuridão. Possamos ou não chamar a área por trás da cama apropriadamente de parede, ela estava coberta de alto a baixo de fotos de mulheres nuas.

- Não foi minha ideia - foi dela - Fraldão explicou, enquanto escalava através do chão. - Tudo aqui é dela, cada ideia, tudo. Imagino que tenha sido o que ela viu alguma vez dentro da guarita de um vigia noturno. E como eu para ela sou o mesmo tipo de cara que o vigia noturno, é essa a decoração que recebo. Mas agradeço a Deus pela garrafa. As folhinhas, por mim, pode levar todas. Mas a garrafa - ainda bem que a tenho, graças a Deus.

Ele a ofereceu a Carter, que balançou a cabeça e a mão em negativas. Sentaram-se em duas espreguiçadeiras que se defrontavam, as quais, imediatamente, viraram-se em direções opostas. Droga, pensou Carter, já vi esse cara antes. Mas, onde?

- Tome um trago, meu chapa, vá em frente, tome um trago. Uma das coisas boas que essa menina inventou aqui é que, tão logo você derruba a garrafa, ela volta a se encher. Não vai tirar nada de mim se se servir. E se não passar a beber regularmente, passará a falar sozinho. E breve falará sem sentido.

Carter refletiu sobre aquilo e percebeu que talvez ele tivesse razão. Tomou outro gole. Foi tão ruim quanto o primeiro, mas os efeitos do álcool se fizeram notar mais fortemente agora e isolaram o mau gosto. Suspirou e engoliu mais um pouco da bebida. Não havia dúvida, o mundo - mesmo o mundo de Dorothy - ficou com uma cara melhor.

Devolveu a garrafa enquanto estudava seu companheiro. Apenas o tipo certo para aquele lugar, numa análise bem racional. Um bêbado. Um bêbado velho e típico. Mas por que ele como o Homem Mau?

- Há quanto tempo está aqui? - perguntou Carter.

Fraldão deu de ombros e fixou seu olhar, parado, lábios frouxos, por cima do gargalo da garrafa.

- Um ano, talvez. Dois anos, talvez. Não há como ter certeza. As vezes é inverno num dia, às vezes é verão no outro. Nem a minha barba cresce mais desde que cheguei. Sinto como se fossem anos, anos e anos e anos. Pior que cadeia, pior que tudo. As coisas que tenho passado aqui, meu chapa! As coisas que tenho passado!

- É ruim? - perguntou Carter simpaticamente.

- Ruim? - Fraldão mostrou quão ruim era movendo seus olhos vermelhos num arco enfático. - Ruim nem chega perto. Tenho que aparecer e assustar as crianças sempre que ela quer. Mesmo que eu esteja dormindo, mesmo que eu tenha outras coisas na cabeça, não faz diferença. Dorothy manda com um pensamento: “Venha depressinha e vá assustando.” Tenho que largar tudo o que estiver fazendo. Estou na cama, que diabos, tenho outras coisas pra pensar, largo tudo e começo a assustar. Eu incho à beça, como você viu ainda há pouco, tenho que gritar e bater os mastigantes, e descer com a nuvem perto deles. Então, as crianças gritam: “Salve-nos Dorothy!” e ela começa a me afastar. Sabe o que significa isso? Nem imagina o que ela me faz! Paf!

Bam! Bif! Pou! Plafl! Me bate feio, por todos os lados, por cima, por baixo, de lado, só porque assustei as crianças! O que não foi ideia minha, pra começar. Só faço porque ela manda com um pensamento e me obriga a fazer.

- Já tentou resistir, recusar? - pergunta Carter. - O que acontece se você diz não?

- Cara, você nunca diz não. De jeito nenhum. Tudo aqui acontece como ela quer.

Quando ela sente cócegas, você se coça. Quando ela espirra, você limpa o nariz. Eu costumava xingá-la de todos os palavrões, pra mim mesmo, só pra passar o tempo...

meu chapa, não me lembro de mais nenhum agora! Tento lembrar um palavrão e não consigo, nem pra salvar minha pele. Ela é apenas Dorothy. É apenas como posso chamá-la. Entende o que digo? Tudo se passa como ela quer, até dentro da sua ca-beça. A única saída que se tem é ser exatamente o tipo de gente como ela nos viu desde a primeira vez. Senão, é como ela quer. E quanto mais tempo você fica por aqui, mais do jeito dela passa a ser.

Carter se lembrou com desalento quão pouco ele quisera jogar bola e pular carniça e quão intensamente ele brincara. Pior. Como ele contara histórias quando pretendia protestar. E ainda pior, ele não tinha - nem na própria mente - usado o apelido do Monstro do Leite Maltado já havia algum tempo! Ele só pensara nela e só se referira a ela como Dorothy.

“E quanto mais tempo você fica por aqui...”

Ele tinha que escapar dali, encontrar um meio de pular pra fora daquele mundo - e depressa!

Fraldão ofereceu a garrafa novamente. Carter a recusou, impacientemente. Escapar, fugir, vinha em primeiro lugar. E para isso ele precisaria de sua cabeça o mais clara possível. A alternativa era ser lentamente absorvido, tanto psicológica quanto fisicamente, no mundo de sonhos de Dorothy, até que mesmo seus pensamentos se transformassem em versões ligeiramente excêntricas da imagem dela nele, e ele fosse preso, como uma mosca imortalizada em âmbar, em qualquer lugar e em qualquer papel que ela visualizasse para o Homem Bom.

O Homem Bom! Carter tremeu. Que maneira de levar o resto da vida! Não. Agora, enquanto ele ainda era mais ou menos ele mesmo, Carter Braun, enquanto seu cérebro ainda brilhava com a sutileza de um jovem e perspicaz executivo de pesquisa motivacional no mundo real, era o momento de escapar.

O mundo real. Um nome tão bom para ele quanto outro qualquer. Carter nunca fora místico e freudiano apenas quando a ocasião se prestava. Seu credo era simples. Tudo o que é, é real. E assim...

Imagine um cosmos suficientemente grande em extensão e suficientemente largo em possibilidade e tinha que haver espaço, em algum lugar, em todas as suas infini-dades, para todos os tipos de mundo que o Homem poderia imaginar.

Ou uma criança sonhar.

E suponha que uma criança, com excesso de força provocada por desejos e extrema solidão, com um incrível talento inato, talvez, seja capaz de ultrapassar os limites das enormidades cósmicas e penetrar numa fenda onde seu mundo de sonhos exista como verdade tangível e diária. Não é preciso muito esforço para, dali, cambiar pessoas, até adultos, pedras e vasos de flores certamente, de um universo para outro. A suposição original, decidiu Carter, era a mais difícil. Uma vez aceita, as outras seriam moleza.

Em um número ilimitado de mundos paralelos, descobrir o lugar certo da mente de alguém...

O que fora que Dorothy fizera? E, nesse caso, qual seria o mundo de sonho e qual seria o real? Se poderia provavelmente morrer em qualquer um deles com a mesma facilidade - e então aquilo não era critério.

Bem, e que diferença fazia? O mundo real, para Carter, era o mundo do qual ele havia sido arrancado, o mundo no qual ele tinha reputação, individualidade e

propó-

sitos pessoais. O mundo de que ele gostava e ao qual pretendia voltar. E esse, esse outro mundo, tão substancial quanto fosse, em sua peculiar matriz espaço-tempo, era um mundo de sonho - um mundo de onde devia fugir. Um mundo que ele tinha que provar, mesmo contra a lógica de seus próprios sentidos, que não existia - fosse deixando-o, fosse destruindo-o de alguma forma. Destruindo...

Olhou fixamente para Fraldão. Não era de se admirar que o farrapo humano parecesse tão familiar!

Tinha sido a mais breve das olhadelas, semanas atrás, talvez meses, mas aquela palavra trouxera de volta a lacônica legenda daquela fotografia inesquecível.

Um jornal tabloide ainda úmido, numa pilha recém-chegada às bancas, que ele notara por sobre o ombro, ao passar pelo jornaleiro na esquina da rua 53 com Madison.

E ele teve que parar para olhar novamente a fotografia estampada como uma enorme manchete na primeira página, cujo título era o homem que destruíra a si mesmo.

E a matéria continuava explicando, no mais pavoroso estilo jornalístico, que era daquele jeito que alguém se pareceria se passasse o resto da vida sem trabalhar, dormindo sob as marquises, bebendo, ao invés de comer suas refeições. “Até mesmo os mais calejados médicos e enfermeiras do hospital viraram o rosto para a terrível coisa que um dia foi um homem.”

Mas a fotografia mostrava uma coisa terrível que um dia fora um homem. Ele era mostrado no beco em que fora encontrado, no momento em que a maca estava sendo erguida, e você não deveria esquecê-lo por muito, muito tempo.

O pior de tudo é que ele estava vivo. Os olhos fixos na lente da câmara sem a menor pretensão de ver. Não havia marcas no rosto ou no corpo, nem sangue, nada além de sujeira, e no entanto se tinha a impressão de que aquele homem caíra de uma janela dez andares acima ou fora atropelado por um carro a cento e vinte quilô-

metros por hora - e não tinha morrido. Pelo menos, não totalmente, apenas parcial-mente morto.

O corpo deitado, os olhos fixos e o homem estava vivo, mas nada mais se podia dizer. Olhando a fotografia, você pensaria subitamente em compostos orgânicos complexos que eram quase criaturas vivas mas que ainda não tinham completado sua formação. A inconsciência pura e lânguida daquela criatura ainda sensível fazia a ca-tatonia parecer, em comparação, um estado extremamente ativo, quase animado.

De acordo com a matéria, ele tinha sido achado naquele estado num beco; ele fora removido para um grande hospital da cidade e, dez horas depois, os médicos ainda não tinham sido capazes de fazer nada com ele. Nem a menor resposta.

Carter se lembrava bem da foto. Era uma foto do Fraldão.

Em algum lugar, naquele mesmo instante, possivelmente no hospital de Grenvil e Acres, sob os olhos aterrorizados de Lee, a essa altura nauseada, haveria um outro corpo que mantinha uma certa semelhança física com um tal Carter Braun, mas que em cada aspecto relevante se pareceria exatamente como aquela horrível fotografia.

Um corpo que mal estava vivo, que não respondia a nenhum estímulo, que não podia fazer nada mais que existir - já que sua consciência estava em outro lugar.

Aqui, no mundo privado, de chocolate e doces, de Dorothy.

Ele tinha que sair daquele lugar. Não importa como, ele ia escapar dali.

Só que ele precisaria de algo semelhante a dinamite. Dinamite psicológica.

- ...até cortar minha garganta - continuava Fraldão. - Claro, eu podia ter cortado minha garganta, no começo, se tivesse pensado nisso. Agora é tarde: sou detido de estalo sempre que tento. Tentei morrer de fome, mas não adiantou. Pra começar, só tem doce pra comer. Você pode até gostar de doce, mas não adianta nada. Aqui você não precisa comer, não precisa nem respirar. Se você para de respirar, não estrebu-cha. Papo sério, cara. Já tentei. Prendi a respiração por horas e horas: nada aconteceu. Não acontece nada que ela não queira que aconteça, só o que ela quer. E é só.

Pode crer.

Carter sugeriu, tentando desesperadamente tirar uma ideia elementar do conceito

de universos paralelos:

- Que tal se nós dois ficássemos aqui juntos conversando, como estamos fazendo?

Se nós bolássemos um plano que funcionasse agora mesmo, seria algo que ela não quereria que acontecesse. - mas se nós conseguíssemos, seria real - e teria acontecido.

- Você ainda não entendeu, meu chapa. Se nós dois estamos aqui, juntos, conversando, é que de alguma forma é assim que ela quer. O que ela imagina é que esteja-mos juntos como agora, e que devemos estar conversando ou apenas fazendo companhia um ao outro. Enquanto isso, ela está pensando. O que vai fazer em seguida.

Não importa se não nos agradar, nem um pouco. Ela nem liga.

Carter fez uma careta, não para o último comentário de Fraldão, mas como uma inesperada e extremamente desconfortável confirmação. Ele começou a sentir subitamente uma enorme sensação de pressão na mente e no corpo. Algo o forçava a deixar a nuvem e descer para a superfície adocicada. Dorothy estava voltando. Ela o queria de novo no lugar. Ela tinha outras brincadeiras. Carter lutou contra a pressão com todas as suas forças. Começou a transpirar.

A pressão aumentava. Cada vez mais forte.

Apertou as mãos até que os punhos doessem. “O Monstro do Leite Maltado,” for-

çou-se a dizer entre dentes cerrados. “Lembre-se do Monstro do Leite Maltado.”

Fraldão olhou para ele intrigado:

- Ei, - disse. - Me faça um favor, meu chapa, amaldiçoe essa menina. Me fará bem ouvir um bom par de maldições, de primeira classe, eu juro. Nem que eu nem me lembre mais delas, gostaria de ouvir essas palavras novamente, só pra lembrar dos velhos tempos. Ô, meu chapa, que foi?

Agitando-se na cadeira, cotovelos enterrados nas costelas, imerso em sua batalha particular. Carter balançou a cabeça:

- Não - disse ofegando. - Agora não posso.

- Eu sei. É difícil. Difícil, mesmo. Como quando eu cheguei, eu também costumava lutar desse jeito, toda vez que sentia que ela vinha com um novo pensamento. Lutei, lutei, e não adiantou. Perambulava o dia inteiro, sabia, pra cima e pra baixo das East Fifties, Sutton Place, e tudo o mais. Perambulava em troca de um trago, em troca de um gole, mas não adiantava. Fazia frio, minhas costas se arrastando na calçada, mas parecia que o mundo todo tinha o bolso fechado a cadeado. Caía a noite, e nada de bebida. A noite inteira eu ficava alerta. Ficava acordado, continuava andando porque não queria gelar. Cinco, seis da manhã, encontrei uma garrafa, cheia até quase a metade, em cima de um saco de lixo. Que alívio, que alívio, meu chapa.

Contra a sua determinada oposição mental, Carter se viu de repente ficando em pé. Sabia que seu rosto ruborizava com o esforço. Tinha que detê-la agora. Tinha.

Era a única forma de invalidar o mundo dela.

Mas o Monstro... Dorothy o chamava.

Fraldão passava seu dedo indicador trêmulo e sujo pelo gargalo da garrafa:

- Foi quando vi aquele pequeno beco entre os edifícios, onde havia um portão que devia estar trancado, mas que fora deixado aberto. Entrei, estava escuro, mas havia um ralo de onde saía um ar quente que vinha do subsolo e eu ficava protegido do vento frio. Hora de dormir. Penso que sou um bêbado velho e sortudo, mas é á última vez em que penso em sorte. Acordo, é dia, e lá estava a menina, essa Dorothy, olhando para mim. Olhando, olhando. Está com uma bola enorme nas mãos, de pé, olhando pra mim. Ela aponta pra garrafa.

“Essa garrafa é do meu pai,” diz ela. “Ele a jogou fora ontem, depois da festa. Mas é dele.” Não quero ter problemas com as crianças da vizinhança, e não gosto do jeito como ela me olha. “Cai fora, menina,” digo e volto a dormir. Quando acordo de novo, aqui estou eu. Consegui a garrafa e nada mais. Meu chapa, dali em diante, foi duro.

Duro, no duro. Ela tinha umas coisas estranhas aqui, enormes, com pernas e tudo o mais...

Como se ele quisesse e até mesmo desejasse fazê-lo, Carter virou as costas para o Homem Mau e começou a andar através de neblina escura. Atrás dele, as palavras continuavam a se derramar como se fossem líquido caindo de um copo constantemente balançado. As pernas de Carter andaram em contradição direta com os impulsos nervosos que recebiam.

Ele não podia evitar, não podia resistir. Isso era óbvio. Como tentar recusar, resistir, a inundação de quarenta dias e quarenta noites, ou o sol que Josué fez parar. Outra maneira. Ele tinha que encontrar outra maneira de lutar. Enquanto isso, ele tinha que ir como ela mandava. Dorothy o esperava num trecho de grama bem aparada próxi-mo a uma moita de bombons rosa e verde. Enquanto ele descia, aproximando-se dela, ela afastou os olhos dele, dirigindo-os para a nuvem escura.

Ela desaparecera.

O que acontecera ao Fraldão, perguntou-se Carter - teria sido eliminado para sempre? Ou somente relegado a algum gênero de limbo de fantasia? E então ele viu Dorothy realmente - e as mudanças que ela efetuara.

Ela continuava usando jeans azul, mas o suéter de cashmere estava limpo, perfeitamente limpo. De um amarelo brilhante como novo. E ela estava mais alta. E estava ainda mais esbelta do que antes.

Mas aquele suéter de cashmere amarelo!

Ela estava recheada com dois impossíveis e protuberantes seios que caberiam bem num cartaz de vitrine de um cineminha barato, anunciando os triunfantes atributos de uma deusa do amor hollywoodiana.

O resto de seu corpo continuava infantil, mais infantil do que quando a viu pela primeira vez, mas isso era devido ao efeito caricato que lhe emprestava o incrível busto.

Exceto...

Sim, exceto pela mancha vermelha em seus lábios, os riscos de sombra nos cílios, as estrepitosas e berrantes cores de suas unhas. Significaria aquilo...

Ele balançou a cabeça, incerto, irritado. Não contava com nada daquilo. Fosse o

que fosse.

- Então - disse Dorothy afetadamente - nos encontramos novamente!

- Tinha que ser assim - respondeu Carter, sussurrando, sem querer. - Nós dois temos um destino em comum. Vivemos sob o mesmo estranho astro.

E me venham falar de crianças precoces! Onde foi que ela arranjou esse diálogo, se perguntava Carter fora de si - em filmes? Novelas de tevê? Livros? Ou em sua mente abarrotada de neuroses? E o que ele representava nele? O papel dela era óbvio: ela competia abertamente com Lee.

Havia um revolto feixe de pensamentos desalinhados: Lee e quem mais? Mas sobre e em volta disso estava o reconhecimento horrorizado de que ele dizia coisas que jamais diria por vontade própria. Desde quando ele estaria pensando tais clichês?

E havia uma lembrança no fundo de sua mente - ele tinha um nome para ela que era criação sua, muito difícil de ser lembrado, mas ele tinha que lembrar, algo como, assim, vejamos... Dorothy. O único nome que havia para ela.

Mas não tinha sido esse. Não.

Ele pensava dolorosamente, debatendo-se como uma avestruz tentando voar. Terrível, terrível. Ele tinha que contatar de alguma forma a sua personalidade real. Ele tinha que escapar.

Destruir...

- Então, seu amor é tão forte, tão intensamente verdadeiro? - ela perguntou. -

Você não me esqueceu depois desse tempo todo? Olhe nos meus olhos e diga isso.

Diga-me que o seu coração ainda só pertence a mim.

Não, não direi, grunhiu ele. Ele olhou nos olhos dela. Não posso! Uma besteira tão grande! E ela é uma criança - uma menininha!

- Duvida de mim, querida? - disse ele com a voz macia, a frase saindo de dentro

como expirações conseguidas a soco. - Nunca duvide de mim. Você é única para mim, sempre e para sempre, enquanto houver um céu sobre minha cabeça e chão sob meus pés. Você e eu para todo o sempre.

Ele tinha que parar. Ela estava conseguindo controle completo sobre ele. Ele diria tudo o que ela quisesse. E ele acabaria por pensar assim. Mas ele não podia impedir que as palavras saíssem de sua boca quando chegava a sua vez e ela tinha terminado e esperava...

Dorothy afastou os olhos para as duas distantes colinas de mesma altura. Seus olhos estavam nebulosos e, a despeito de si mesmo, Carter sentiu um aperto na garganta. Ridículo! E, no entanto, quão triste...

- Eu quase temi pelo seu amor - ela cismou. - Me senti só e cheguei a acreditar...

Agora. Enquanto ela estava falando. Enquanto a força total de sua mente não estava compelidamente voltada sobre ele. Tornar real. Era a única forma de escapar para o mundo real. Tornar real.

Ele avançou para ela.

- ...que você me esqueceu e encontrou outra. Como eu poderia saber...

Ele a agarrou. Tornou real.

Houve um momento em que o chão tremeu aos seus pés, em que houve um ruído dilacerante de um extremo ao outro do céu azul-escuro. Houve apenas um instante em que ele exultou.

Então, Dorothy virou seus olhos muito abertos e tomados de terror para ele. E gritou!

Seu grito era o som mais alto do universo. E era interminável, ensurdecedor. Mesmo assim ele não ficara surdo, porque ouvira tudo, cada parte dele, desde o início, em cada uma das notas de sua imensa escala, em seu volume capaz de rachar crâni-os, em todo o seu vulcânico medo.

Dorothy não gritou só. As árvores de doces gritaram. Os arbustos de balas gritaram. As duas colinas gritaram. O rio de chocolate se ergueu entre as margens que gritavam e gritou também. As pedras, o próprio ar gritou.

E o chão se partiu e Carter caiu dentro dele. E sua queda levou séculos, eras, eter-nidades galáticas. Então, parou de cair, parou de gritar ele também, tirou as mãos dos ouvidos e olhou em volta.

Ele estava dentro de uma abóbada sem brilho, perfeitamente esférica, perfeitamente inexpressiva. Não havia portas nem janelas, nem sulcos nem fendas em ponto algum de sua superfície curva. Era absolutamente impenetrável e totalmente à prova de som.

Tinha que ser, começou a perceber, enquanto percorria rapidamente todo o interior, estonteado. Tinha que ser impenetrável e à prova de som. Tinha que ser o mais fundo dos fundos do mundo de sonhos, para que nenhum vislumbre e nenhum som dali pudessem jamais atingir a consciência de Dorothy.

Era uma repressão total, esse compartimento da mente dela, construído para esconder a perigosa e mortífera lembrança que ele era... construída para durar tanto quanto Dorothy vivesse.

ESTAÇÃO ABERCROMBIE

Jack Vance

Tradução de Gilson Koatz

Houve época em que ser gordo era sinal de prosperidade e de boa saúde e por isso era considerado bem mais atraente que em nossos dias, pois já estamos devidamente alertados sobre todos os perigos clínicos da obesidade. Se existisse alguma forma de se evitar tais perigos, não seria possível que a estética revertesse mais uma vez?

1

O porteiro era um homem de grande porte, com uma cara de cavalo perniciosa e a pele parecida com uma chapa de zinco corroída. Duas moças lhe falavam, fazendo perguntas pertinentes.

Jean o ouviu resmungar evasivamente:

- Esperem por sua vez, não posso dar nenhuma informação.

Ele sinalizou para a moça sentada ao lado de Jean, uma loura bastante jeitosa. Ela ergueu-se e o porteiro abriu a porta. A loura encaminhou-se rapidamente, entrou e a porta se fechou.

Deu alguns passos hesitantes para frente e parou.

Um homem estava sentado, calado, num sofá de couro antiquado, examinando-a com olhos semiabertos

Sua primeira impressão foi de não haver nada de tenebroso no ar. Era jovem, provavelmente entre os vinte e quatro e vinte e cinco anos. Sua aparência era ordinária; não era nem alto nem baixo, nem forte nem magro. Seu cabelo era indefinido, suas feições sem distinção, e a sua roupa era modesta, de cores neutras.

Mudou sua posição e ao mesmo tempo abriu os olhos num rasgo. A loura sentiu uma súbita aflição. Talvez ela estivesse enganada.

- Quantos anos você tem?

- Vinte.

- Tire suas roupas.

Ela permaneceu ali, espantada, com as mãos firmemente cerradas em sua bolsa.

Sua intuição lhe veio subitamente; deu um suspiro. Obedeça-o uma vez, consinta somente uma vez, e ele será o seu dono enquanto viver.

- Não... não, não tiro. - Virou-se rapidamente em direção à porta.

Ele disse friamente:

- Você é muito velha de qualquer maneira.

A porta bateu com força; ela passou rapidamente pela sala da frente sem olhar para os lados.

Uma mão tocou em seu braço. Ela parou, deparando com um rosto inquisitivo, cor rosa pálido e branco-marfim. Era um rosto jovem com uma expressão de vitalidade e inteligência: olhos escuros, cabelos negros e curtos, pele branca e macia e lábios sem batom.

Jean perguntou:

- Qual é? Que tipo de emprego é?

A loura respondeu secamente:

- Não sei. Não fiquei tempo suficiente para saber. Não é nada decente. - Virou-se e saiu porta afora.

Jean sentou-se novamente, mordendo os lábios apreensivamente. Um minuto se passou. Outra moça saiu da sala interna, narinas dilatadas de raiva, e também passou sem olhar para os lados.

Jean esboçou um sorriso amarelo. Ela tinha a boca larga, expansiva e flexível. Seus dentes eram pequenos, brancos e pontudos.

O porteiro lhe fez um sinal. Ficou de pé e entrou no cômodo.

O homem silencioso estava fumando. Um círculo prateado de fumaça passou defronte do seu rosto e se desfez no ar acima de sua cabeça. Jean pensou: há algo de estranho em sua completa imobilidade. Ele está muito parado, muito comprimido.

Ela pôs as mãos para trás, e esperou observando com atenção.

- Quantos anos você tem?

Era uma pergunta à qual ela normalmente achava melhor não responder diretamente. Inclinou a cabeça levemente para o lado e sorriu, um comportamento que lhe dava um ar selvagem e audacioso.

- Quantos anos você acha que tenho?

- Dezesseis ou dezessete... Por aí.

Ele balançou a cabeça.

- Por aí. Qual é o seu nome?

- Jean Parlier.

- Com quem você vive?

- Com ninguém. Vivo sozinha.

- E seus pais?

- Estão mortos.

- E avós ou tutores?

- Não, sou sozinha.

Ele balançou a cabeça novamente.

- E você tem algum problema perante a lei por causa disto?

Ela o examinou com certa desconfiança.

- Não.

Ele moveu a cabeça o suficiente para formar um círculo de fumaça que subiu pela esteira deixada por seu cigarro.

- Tire sua roupa.

- Por quê?

- Porque é o modo mais rápido de verificar suas qualificações.

- Bem, tá certo. De certo modo creio que sim... por questões físicas ou morais?

Não respondeu; permaneceu sentado, impassivelmente, examinando-a, enquanto uma trilha cinzenta de fumaça subia passando defronte do seu rosto.

Jean deu de ombros, pôs as mãos para os lados, no pescoço, na cintura, nas costas, nas pernas, e ficou despida.

O estranho tirou um trago do cigarro, apagou-o, ficou de pé e caminhou vagarosamente em sua direção.

Está tentando me amedrontar, pensou ela e sorriu silenciosamente para si mesma.

Ele poderia tentar.

Parou a dois passos dela e encarando-a fixamente nos olhos, perguntou;

- Você quer realmente um milhão de dólares?

- É por isso que estou aqui.

- Você interpretou o anúncio literalmente?

- E existe alguma outra maneira?

- Talvez pudesse ter interpretado como sendo uma metáfora ou hipérbole.

Ela sorriu, mostrando seus dentes brancos e aguçados.

- Não sei o que essas palavras querem dizer. De qualquer maneira, eu estou aqui.

Se o anúncio foi posto só para você me ver nua, irei embora.

Sua expressão mudou. Jean notou algo peculiar na maneira como seu corpo e sua cabeça se moviam, mas os olhos permaneciam fixos. Como se não a tivesse escutado, disse:

- Poucas moças responderam ao anúncio.

- Isto não é problema meu. Eu quero um milhão de dólares. Qual é o jogo? Chan-tagem? Personificação?

Ele fingiu não ouvir a pergunta.

- O que você faria se tivesse um milhão de dólares?

- Não sei... me preocuparei com isto quando tiver. Já acabou de verificar as minhas qualificações? Estou com frio.

Ele se virou rapidamente, caminhou até o sofá e sentou-se. Ela se vestiu e sentou-se no sofá de frente para ele de certo modo hesitante.

O homem disse secamente:

- Você preenche as qualificações até bem demais!

- Como assim?

- Não tem importância.

Jean inclinou a cabeça e riu. Ela parecia ser uma colegial saudável e muito bonita que talvez devesse apanhar um pouco mais de sol.

- Diga-me, o que tenho que fazer para ganhar um milhão de dólares?

- Você terá que se casar com um jovem muito rico que sofre de... vamos dizer, de uma doença incurável. Quando ele morrer, seus bens pertencerão a você, e então os venderá para mim por um milhão de dólares.

- Obviamente, valem mais que um milhão de dólares. Ele sabia das perguntas que ela não havia perguntado.

- Existe quase um bilhão envolvido na história.

- Qual é o tipo de doença incurável que ele tem? Talvez eu a contraia.

- Deixe que eu me preocupo com a doença. Você não pegará se não for abelhuda.

- Ah, já entendi. Fale mais sobre ele. É bonito? Grande? Forte? Talvez fique triste se ele morrer.

- Ele tem dezoito anos. Seu principal interesse é fazer coleções. - Sarcasticamente:

- Gosta de zoologia, também. É um zoológico eminente. Seu nome é Earl Abercrombie. Ele é dono - e apontou para cima - da estação Abercrombie.

Jean se espantou e depois sorriu debilmente.

- Jeito difícil de se ganhar um milhão de dólares... Earl Abercrombie...

- Melindrosa?

- Não quando estou acordada, mas tenho pesadelos.

- Decida-se.

Ela olhou modestamente para onde havia cruzado as mãos no colo.

- Um milhão é pinto perto de um bilhão.

Ele a examinou com um ar que parecia de aprovação.

- Realmente.

Ela ficou de pé, esbelta como uma dançarina.

- Tudo o que você tem a fazer é assinar um cheque. Eu é que tenho que me casar e ir pra cama com ele.

- Não se usa camas na estação Abercrombie.

- Se ele vive em Abercrombie, talvez não se interesse por mim.

- Earl é diferente - disse o homem silencioso. - Earl gosta de moças da gravidade.

- Você está ciente de que assim que ele morrer, será forçado a aceitar o que eu decidir lhe dar. Ou então os bens serão colocados sob tutela.

- Não necessariamente: As leis civis de Abercrombie permitem que os bens sejam controlados por qualquer pessoa com mais de dezesseis anos. Earl tem

dezoito. Ele exerce controle completo sobre a estação, estando sujeito apenas a algumas restri-

ções insignificantes. Eu me preocuparei com este aspecto. - Caminhou até a porta e abriu. - Hammond.

O homem com cara de cavalo veio calado até a porta.

- Eu a escolhi. Mande as outras embora.

Fechou a porta e virou-se para Jean.

- Quero que jante comigo esta noite.

- Não estou vestida para jantar.

- Vou mandar chamar o costureiro. Tente estar pronta em uma hora.

Ele deixou o cômodo, e a porta se fechou. Jean espreguiçou-se, inclinou-se para trás, e abriu a boca como se fosse dar uma risada surda e exultante. Ergueu os bra-

ços acima da cabeça, deu um passo para a frente, deu uma cambalhota e parou de pé ao lado da janela.

Ajoelhou-se, pôs a cabeça entre as mãos, e contemplou o panorama de Metrópolis. Já estava anoitecendo. O grandioso céu cinzento dourado enchia três quartos da sua visão. Trezentos metros abaixo estavam os topos dos edifícios da superfície, como farelos cinzentos, cor-de-lavanda e pretos, e as autoestradas pálidas cortadas por ciscos dourados. Para a direita, uma aeronave deslizava silenciosamente ao longo de guias de energia em direção aos subúrbios das montanhas, levando pessoas normais e cansadas de volta aos seus lares agradáveis e normais. O que eles pensariam se soubessem que ela, Jean Parlier, os estava observando? Por exemplo, o homem que dirigia aquele aerobus cintilante com listas verde pálido Criou um retrato dele: gorducho, a testa crivada por rugas de preocupação. Estava correndo para casa, para sua mulher, que o escutaria pacientemente enquanto se gabava e reclamava. Mulheres de rebanho, mulheres vaca, pensou Jean com rancor. Que homem conseguiria domá-la? Onde estaria o homem suficientemente selvagem, severo e inteligente? Re-lembrando seu novo trabalho, fez uma careta. Senhora Earl Abercrombie.

Olhou para o céu. As estrelas ainda não podiam ser vistas e nem as luzes da estação Abercrombie.

Um milhão de dólares, vejam só! - O que você faria com um milhão de dólares? -

foi a pergunta feita pelo seu novo patrão, e agora que havia retornado à questão, a ideia era desconfortável, como um caroço na garganta.

O que sentiria? Como... seus pensamentos se afastaram da questão, recuando com um indistinto traço de raiva, como se fosse um assunto que não deveria ser abordado.

- Droga - exclamou Jean. - Melhor me preocupar depois que tiver... um milhão de dólares. Não é muito comparado a um bilhão de dólares, na verdade. Dois milhões seria melhor. - Seus olhos acompanharam uma nave que descia fazendo uma curva fechada em direção ao estacionamento: era um corcel lunar Marshall novinho em folha. Era algo que ela gostaria de ter. Seria uma das primeiras coisas que compraria.

A porta se abriu. Hammond, o porteiro, espiou rapidamente. E depois o costureiro entrou, empurrando o seu equipamento sobre rodas. Era um homem pequeno e esbelto com olhos azul topázio brilhantes. A porta se fechou.

Jean saiu da janela. O costureiro - André era o nome impresso na mala - pediu um pouco mais de luz, andou à sua volta, examinando seu corpo de cima a baixo.

- Sim - murmurou pressionando os lábios. - Ah, sim... O que a senhorita tem em mente? Um vestido adequado para jantar, suponho.

Ele balançou a cabeça em sinal de aprovação.

- O Sr. Fotheringay mencionou algo formal para a noite.

- Então, é esse o seu nome... Fotheringay.

André abriu uma tela de projeção.

- Observe, por favor, alguns dos meus efeitos. Talvez encontre algo que goste.

Apareceram modelos na tela, dando alguns passos para frente, sorrindo, e depois virando e saindo.

Jean disse:

- Algo como aquele.

André gesticulou em sinal de aprovação, estalou os dedos.

- Mademoisel e tem bom gosto. E agora vejamos se Mademoisel e me deixa ajudá-la...

Habilmente, tirou as roupas dela e colocou sobre o sofá.

- Primeiro, vamos nos refrescar. - Escolheu uma ferramenta do seu estojo, e, segurando o pulso de Jean delicadamente entre o polegar e o indicador, passou um perfume em spray, primeiro frio e depois quente, em seus braços. A pele de Jean arrepiou fresca e revigorada.

André coçou o queixo.

- Agora, vamos à base.

Ela permaneceu de pé com os olhos semifechados, enquanto ele se mexia pompo-samente à sua volta, fazendo comentários murmurados e gesticulações rápidas que só tinham significado para si próprio.

André a bombeou com uma teia verde-cinza, moldou e puxou os fios à medida que assentavam. Ajustou uns botões nodosos nas extremidades de um tubo flexível, pressionou-os contra a cintura de Jean, contornou-a enquanto uma seda verde-escuro escorria sobre seu corpo. Girou destramente e enrolou o tubo. Colocou a tela na maleta e depois puxou, torceu e apertou a seda enquanto ela assentava.

Em seguida, a espargiu com branco pálido, pulou rapidamente para a frente, dobrou, ajustou, apertou, puxou, reuniu e o material assentou em fios torcidos caindo dos seus ombros, formando um vestido reluzente.

- Agora, as luvas. - Cobriu as mãos e braços com uma massa verde-escuro que se transformou em veludo cintilante, habilmente cortado com uma tesoura para

deixar as costas das mãos à mostra.

- Sapatos. - De cetim preto, entrelaçado com fosforescência verde-esmeralda.

- Agora, os ornamentos. - Pendurou uma bijuteria vermelha em sua orelha direita, e colocou um rubi em cabochão em sua mão direita.

- Um toque de perfume. O Levail eur é perfeito. - Espargiu sobre a moça um aroma que lembrava um campo florido da Ásia Central. - E Mademoisel e está pronta. E, se me permite dizer, está requintadamente bela.

Manipulou seu carrinho e um lado desdobrou-se surgindo um espelho.

Jean ficou se admirando. Náiade rediviva. Quando ela recebesse o milhão de dólares - dois milhões seriam melhor - contrataria André permanentemente.

André continuava murmurando cumprimentos.

- Elã supremo. Ela é mágica. Formidável. Todos se virarão...

A porta se abriu. Fotheringay entrou. André curvou-se e lhe apertou as mãos.

Fotheringay olhou-a minuciosamente e disse:

- Está pronta. Ótimo. Vamos.

Jean pensou, é melhor acertarmos tudo agora mesmo.

- Aonde?

Ele franziu a testa e deixou que André passasse empurrando seu carrinho.

Jean disse:

- Vim aqui por livre e espontânea vontade. Entrei neste cômodo por conta própria.

Das duas vezes eu sabia onde estava indo. Agora você me diz: Vamos. Primeiro quero saber aonde. Depois decidirei se quero ir ou não.

- Me parece que você não quer o milhão de dólares tanto assim.

- Dois milhões. Quero tanto que passei uma tarde investigando. Mas, se não os conseguir hoje, conseguirei amanhã. Ou semana que vem. Eu conseguirei de algum modo; já havia decidido há muito tempo atrás. Então? - fez uma leve reverência.

As pupilas dele se contraíram. E disse numa voz seca:

- Muito bem. Dois milhões. E agora vou levá-la para jantar na cobertura, onde lhe darei suas instruções.

2

Flutuaram sob a cúpula, dentro de uma bolha de plástico esverdeada. Debaixo deles espalhava-se a fantasia comercial de um panorama extraterrestre: gramado cinzento; árvores verdes e vermelhas retorcidas formando dramáticas sombras escuras; um chafariz de líquido verde fluorescente; jardineiras com florações exóticas; leitos de cogumelos.

A bolha flutuava calmamente, aparentemente ao acaso, ora alto quase tocando a quase invisível cúpula, ora baixo sob a folhagem. Pratos sucessivos apareciam do centro da mesa, juntamente com vinho fresco e ponche gelado.

Era formidável e abundante, pensou Jean. Mas por que Fotheringay gastava seu dinheiro com ela? Talvez ele tivesse planos românticos... Ela brincou com a ideia, e o examinou veladamente... Faltava convicção à ideia Ele não parecia buscar nada parecido com flertes ordinários. Nem tentou fasciná-la com seu charme, nem inundá-la com masculinidade sintética. Por mais que a irritasse, tinha que admitir que ele parecia indiferente.

Jean apertou os lábios. Aquilo era desconcertante. Ensaiou um leve sorriso, um olhar furtivo sob cílios entreabertos.

- Economize - disse Fotheringay. - Precisará de tudo isso lá em cima em Abercrombie.

Jean retornou ao seu jantar. Depois de passado um minuto, disse calmamente. -

Estava curiosa.

- Agora você sabe.

Jean pensou em incitá-lo, fazer com que se abrisse.

- Sabe o quê?

- O que quer que seja que você estivesse curiosa.

- Hum. Os homens são todos iguais. Todos têm o mesmo botão. Aperte-o, e todos pulam na mesma direção.

Fotheringay franziu a testa, olhando-a com os olhos apertados.

- Talvez você não seja tão precoce quanto pensava.

Jean ficou tensa; de maneira curiosa e indefinida, o assunto era bastante importante, como se a sobrevivência estivesse ligada diretamente à sua confiança em sua própria sofisticação e flexibilidade.

- O que você quer dizer?

- Você pensa como a maioria das mulheres - disse num certo tom de desprezo. -

Pensei que fosse mais inteligente.

Jean franziu o cenho. Tinha havido pouco pensamento abstrato no fundo de sua mente.

- Bem, jamais vi acontecer diferente. Embora esteja pronta para admitir que existem exceções... é como se fosse um jogo. E nunca perdi. E se estiver enganando a mim mesma, não fez nenhuma diferença até agora.

Fotheringay relaxou.

- Você tem tido sorte.

Jean esticou os braços, arqueou o corpo e sorriu como se fosse dona de um segredo.

- Chame isso de sorte.

- Sorte não funcionará com Earl Abercrombie.

- Mas foi você quem usou a palavra sorte. Eu penso que seja... habilidade.

- Terá que usar o seu cérebro também.

Ele hesitou, e depois disse:

- Na realidade, Earl gosta de coisas extraordinárias.

Jean permaneceu sentada, olhando-o e franzindo a testa.

Ele disse friamente:

- Você está procurando a melhor forma de me perguntar “o que é tão extraordiná-

rio em mim?”

Jean retrucou no ato.

- Não preciso que você me diga o que há de tão extraordinário em mim. Eu sei o que sou.

Fotheringay não fez nenhum comentário.

- Eu sou completamente independente - disse Jean.

- Não existe uma alma viva neste universo humano com quem eu me preocupe.

Faço tudo que me dá na veneta. - Ela o observava com atenção. Ele balançou a ca-beça indiferentemente. Jean controlou sua exasperação, recostou-se na cadeira, e o estudou como se estivesse exposto dentro de uma caixa de vidro... Um jovem muito estranho. Será que já sorriu alguma vez? Pensou nos Capel an Fibrates que, de acordo com a superstição popular, eram capazes de se fixar na espinha dorsal do homem e controlar sua inteligência. Fotheringay demonstrava uma frieza estranha, a ponto de sugerir esse tipo de possessão... Um Capel an só podia utilizar uma mão de cada vez. Fotheringay tinha uma faca em uma das mãos, e um garfo na outra e movia as mãos simultaneamente. Isto o isentava de tal possessão.

Disse em tom baixo:

- Também examinei as suas mãos.

Jean jogou a cabeça para trás e riu, uma risada saudável de adolescente. Fotheringay a olhou sem nenhuma expressão perceptível.

- Na verdade, você gostaria de saber tudo a meu respeito, mas é rígido demais para perguntar - disse Jean.

- Você nasceu em Angel City, em Codiron - disse Fotheringay. - Sua mãe a abandonou numa taverna, um jogador chamado Joe Parlier tomou conta de você

até completar dez anos, quando você o matou juntamente com mais três homens e fugiu clandestinamente num Bucyrus da Gray Une Packet. Você foi levada à instituição Waif em Paie, em Bel a's Pride. Fugiu de lá e o superintendente foi encontrado morto... Será que preciso continuar? Ainda faltam cinco anos até o dia de hoje.

Jean bebericava seu vinho, nem um pouco envergonhada.

- Trabalhou rápido... Mas está blefando. Disse "ainda faltam cinco anos até o dia de hoje, quer que continue?", como se fosse capaz de fazê-lo. Não sabe nada que se passou nestes últimos cinco anos.

A expressão de Fotheringay não se modificou nem por uma piscadela. E então falou como se ela não tivesse dito nada.

- Agora escute com atenção. Estas são as coisas com que você terá que ter cuidado.

- Vá em frente, sou toda ouvidos. - E se recostou na cadeira. Uma técnica inteligente, a de ignorar uma situação desagradável como se não tivesse existido. É claro, para executá-la com êxito, era necessário um certo tipo de temperamento. Um cara frio como Fotheringay conseguia êxito total.

- Hoje à noite, um homem chamado Webbard nos encontrará aqui. É o administrador geral da estação Abercrombie. Acontece que consigo influir em algumas das suas decisões. Ele a levará para Abercrombie e a empregará como faxineira nas dependências particulares dos Abercrombie.

Jean torceu o nariz.

- Faxineira? Por que não posso ir para Abercrombie como hóspede?

- Porque não seria natural. Uma mulher como você iria para a estação de Capricór-nio ou de Virgem. Earl Abercrombie é extremamente desconfiado. Ele se esquivaria de você. Sua mãe, a velha Dona Clara, toma conta dele de perto, e vive incutindo na cabeça dele a ideia de que todas as meninas de Abercrombie estão atrás do seu dinheiro. Como faxineira você terá oportunidade de conhecê-lo em circunstâncias mais íntimas. Ele raramente sai do seu escritório; vive absorto por suas coleções.

- Meu Deus - murmurou Jean. - O que ele coleciona?

- Tudo o que você possa imaginar -, disse Fotheringay, movendo os lábios numa rápida careta, quase um sorriso. - Mas pelo que pude saber por Webbard, ele é extremamente romântico, e tem tido inúmeros flertes com as meninas da estação.

Jean fez uma careta de desprezo. Fotheringay observou impassivelmente.

- Quando começo?

- Webbard partirá no voo de suprimentos de amanhã. Você irá com ele.

Um zumbido soou da campainha. Fotheringay pressionou o botão.

- Pois não?

- O Sr. Webbard o procura, senhor.

Fotheringay dirigia a bolha para a plataforma de descida, Webbard estava esperando, o homem mais gordo que Jean já tinha visto.

A placa na porta dizia Richard Mycroft, Advogado. Em algum lugar, há muitos anos atrás, alguém havia dito a Jean que Richard Mycroft era um bom advogado.

A recepcionista era uma mulher escura, aparentando seus trinta e cinco anos, com um olhar direto e penetrante.

- Tem hora marcada?

- Não - disse Jean. - Estou com uma pressa danada.

A recepcionista hesitou por um momento, depois curvou-se para o interfone.

- Uma jovem chamada Jean Parlier está aqui para vê-lo. Cliente nova.

- Muito bem.

A recepcionista mostrou a porta.

- Pode entrar - disse secamente.

Ela não gosta de mim, pensou Jean. Porque sou o que ela foi e gostaria de ser novamente.

Mycroft era um homem atarracado, com rosto agradável. Jean havia construído uma proteção cautelosa contra ele. Se você gostasse de alguém e essa pessoa soubesse disso, se sentiria obrigada a interferir e a dar conselhos. Ela não queria conselhos nem interferência. Ela queria dois milhões de dólares.

- Bem, minha jovem - disse Mycroft. - Em que posso ser útil?

Está me tratando como uma criança, pensou Jean. Talvez eu pareça uma criança para ele. E disse:

- É uma questão de conselho. Não sei nada quanto a honorários. Posso pagar até cem dólares. Quando tiver dado conselhos no valor de cem dólares, me diga e irei embora.

- Cem dólares compram bastantes conselhos - disse Mycroft. - Conselho é barato.

- Não de um advogado.

Mycroft resolveu ser prático.

- Quais são os seus problemas?

- Está entendido que tudo que lhe disser é estritamente confidencial?

- Certamente. - O sorriso de Mycroft tornou-se uma careta polida.

- Dentro do meu conceito, é tudo perfeitamente legal, mas não quero que passe nenhuma pista sequer para alguém que possa se interessar.

Mycroft ajeitou-se atrás da mesa.

- O advogado tem obrigação de respeitar os segredos dos seus clientes.

- Certo... Bem, é assim. - E contou sobre Fotheringay, sobre a estação. Abercrombie, e Earl Abercrombie. Contou sobre a doença incurável de Earl Abercrombie. Não fez menção às convicções de Fotheringay sobre o assunto.

Era um assunto que ela mesma procurava cuidadosamente apagar da sua mente. Fotheringay a havia contratado. Dissera-lhe o que fazer, e que Earl Abercrombie estava doente. Era o suficiente.

Se tivesse feito perguntas demais, e tivesse descoberto que as coisas eram fortes demais, Fotheringay teria achado uma moça menos inquisitiva... Havia contornado a natureza real da doença de Earl. Ela mesma não sabia. Nem queria saber.

Mycroft escutou atentamente sem nada dizer.

- O que quero saber é - disse Jean -, a esposa herda com certeza em Abercrombie? Não quero ter todo esse trabalho por nada. E ainda mais, Earl tem menos de vinte e um anos; pensei que no evento de sua morte será melhor... bem, ter certeza das coisas primeiro.

Por um momento Mycroft nada fez, mas permaneceu sentado, examinando-a silenciosamente. Então, encheu seu cachimbo com fumo.

- Jean - disse -, vou lhe dar um conselho. E de graça. Sem conexões.

- Não precisa - disse Jean. - Não quero conselhos que sejam gratuitos. Quero aqueles que se pagam.

Mycroft deu um sorriso amarelo.

- Você é uma criança notavelmente inteligente.

- Tive que ser... me trate como criança se quiser.

- O que você fará com um milhão de dólares? Ou dois milhões, pelo que entendi?

Jean arregalou os olhos. Certamente a resposta era óbvia... seria mesmo? Ao tentar encontrar a resposta, lhe deu um branco na mente.

- Bem - disse vagamente -, gostaria de ter um barco aéreo, algumas roupas sofisticadas, e talvez... - E, de repente, se imaginou cercada de amigos. Pessoas bacanas, como o Sr. Mycroft.

- Se eu fosse psicólogo e não advogado - disse Mycroft - diria que você quer seus pais mais do que os dois milhões de dólares.

Jean ficou bastante esquentada.

- Não, não! Não os quero de maneira nenhuma. Eles estão mortos. - No que lhe dizia respeito eles estavam mortos. Haviam morrido para ela desde o dia em que a deixaram sobre a mesa de sinuca de Joe Parlier, na velha Taberna Azteca.

Jean disse indignada:

- Sr. Mycroft, sei que tem boas intenções, mas diga-me somente o que quero saber.

- Lhe direi - disse Mycroft -, mesmo porque, se não o fizesse, outra pessoa o faria.

Se não estou enganado, a propriedade de Abercrombie é regulada por um código próprio de direitos civis. Vejamos... - Girou em sua cadeira e apertou alguns botões em sua mesa.

Na tela apareceu o índice da Biblioteca Central de Direito. Mycroft fez mais algumas escolhas, seletivamente. Alguns segundos depois tinha as informações desejadas.

- Controle da propriedade inicia aos dezesseis anos de idade. A viúva herda pelo menos cinquenta por cento; toda a propriedade, a não ser que estabelecido de outra forma no testamento.

- Ótimo - disse Jean. Ficou de pé num pulo. - Era disto que queria ter certeza.

Mycroft perguntou:

- Quando parte?

- Esta tarde.

- Não preciso lhe dizer que a ideia por trás deste plano é amoral.

- Sr. Mycroft, o senhor é um amor, mas não tenho moral.

Ele inclinou a cabeça, deu de ombros, sugou seu cachimbo.

- Tem certeza?

- Bem... tenho. - Jean pensou por um minuto. - Suponho que sim. Quer que lhe dê detalhes?

- Não. O que quis dizer é que se sabe realmente o que quer da vida?

- Claro. Muito dinheiro.

Mycroft sorriu.

- Isto não é uma boa resposta. O que comprará com seu dinheiro?

Jean sentiu um ódio irracional subir até a garganta.

- Ah, muitas coisas. - Ela se levantou. - Quanto lhe devo, Sr. Mycroft?

- Bem, dez dólares. Dê-os a Ruth.

- Muito obrigada, Sr. Mycroft - e retirou-se do escritório.

Enquanto caminhava pelo corredor, surpreendeu-se por descobrir que estava zangada consigo mesma e irritada com o Sr. Mycroft. Ele não tinha o direito de fazer as pessoas se questionarem. Não teria sido tão ruim se ela já não estivesse se questio-nando um pouco.

Mas tudo isso era tolice. Dois milhões de dólares são dois milhões de dólares.

Quando estivesse rica, procuraria o Sr. Mycroft e perguntaria honestamente se não tinha valido a pena dar alguns escorregões.

E hoje, a caminho da estação de Abercrombie, subitamente, ficou excitada.

3

O piloto do voo de suprimentos para Abercrombie foi enfático.

- Creio que você está cometendo um erro, uma moça bonita e decente como você.

Era um homem parrudo, de seus trinta anos, obstinado e positivo. Cabelos escuros e ralos crivados no couro cabeludo, linhas profundas davam à sua boca uma expressão cínica. Webbard, o administrador geral de Abercrombie, estava na popa da nave, num compartimento para cargas especiais. Os cintos de segurança usuais eram insu-ficientes para proteger sua corpulência; flutuava mergulhado até o pescoço em um tanque com uma emulsão com a mesma gravidade específica que seu corpo.

Não havia cabinas de passageiros e Jean se sentara na cadeira ao lado do piloto.

Vestia uma modesta túnica branca, uma touca branca e um casaco de listras cinzas e pretas.

O piloto não poupava críticas à estação Abercrombie.

- Isto é o que chamo de vergonha, levar uma garota como você para trabalhar para tipos como aqueles... Por que não procuram alguém da mesma laia? Com certeza os dois ficariam mais satisfeitos.

Jean disse inocentemente:

- Só estou subindo por pouco tempo.

- Isto é o que você pensa. É contagiante. Em um ano você estará igualzinha aos outros. Até o ar é capaz de nausear qualquer um, rico e doce como azeite de oliva.

Eu nunca ponho o pé fora da nave, a não ser que não tenha alternativa.

- Você acha que eu estarei... segura? - Ergueu os cílios e deu um olhar de lado bem audacioso.

Ele lambeu os lábios, movendo-se na cadeira.

- Sim, estará suficientemente segura - disse murmurando. - Pelo menos daqueles que já estão lá há algum tempo. Talvez tenha que evitar alguns que chegaram há pouco da Terra... Depois que passam algum tempo na estação, suas ideias se modifi-cam, e eles não cuspiriam na melhor parte de uma garota terrestre.

- Hum. - Jean mordeu os lábios. Earl Abercrombie havia nascido na estação.

- Mas não estava somente me referindo àquilo - disse o piloto. Era difícil, pensava ele, falar francamente com uma menina tão jovem e inexperiente. - Quis dizer que naquela atmosfera você acabará por se deixar levar. E quando menos esperar, estará igual a eles... e nunca quererá partir. Alguns não são capazes de partir, pois não teriam condições de suportar a vida na Terra, mesmo que quisessem.

- Ah, não creio. Não no meu caso.

- É contagioso - disse o piloto veementemente. - Olhe, garota, eu sei. Já transitei por todas as estações. Já vi as pessoas irem e voltarem. Cada estação tem algo de estranho, e você não pode fazer nada para se manter afastada. - Deu um risinho premeditado. - Talvez seja esta a razão de eu ser um pouco louco... Agora veja a es-tação Madeira. Gay. Fru-Fru. - Fez um gesto afetado com os dedos. - Lá está Madeira. Você não estaria por dentro disso. Mas veja Balchester Aerie, Merlin. Del , ou Starhome...

- Mas algumas não são apenas estâncias de diversão?

O piloto admitiu relutantemente que dos vinte e dois satélites estancias, quase a metade era tão comum quanto Miami Beach.

- Mas as outras, minha mãe! - Revolveu os olhos. - E a Abercrombie é a pior.

O silêncio tomou conta da cabina. A Terra era uma bola verde, azul, branca e preta sobre o ombro de Jean. O sol fazia um buraco furioso no céu abaixo. Em frente estavam as estrelas e um conjunto de luzes azuis e vermelhas intermitentes.

- Aquela é Abercrombie?

- Não, é o Templo Maçônico. Abercrombie é mais adiante... - Ele a olhou acanha-damente pelo canto dos olhos. - Sabe, não quero que você pense que sou atrevido.

Ou talvez queira. Mas se está com dificuldade de arranjar emprego, por que não volta comigo para a Terra? Tenho uma casinha gostosa em Long Beach, nada especial, mas é na praia, e é melhor que trabalhar para um monte de lunáticos.

Jean respondeu distraidamente:

- Não, obrigada.

O piloto fechou a cara, apertou os cotovelos no corpo, e ficou carrancudo.

Uma hora se passou. De trás ouviu-se um ruído, e uma portinhola se abriu. A cara arredondada de Webbard apareceu. A nave deslizava livre de inércia, e a gravidade era nula.

- Quanto falta para a estação?

- Está bem à frente. Mais ou menos meia hora, e estaremos atracando.

Webbard resmungou, e retornou ao seu lugar. Luzes amarelas e verdes piscavam à frente.

- Lá está Abercrombie - disse o piloto. Avançou até uma manivela, - Segure-se. -

Puxou. Jatos azulados jorraram à frente.

De trás ouviu-se um baque forte e um xingamento. O piloto riu.

- Peguei-o de jeito. - Os jatos roncaram por um minuto e pararam. - Toda viagem é a mesma coisa. Já, já, ele meterá a cabeça pela portinhola e gritará comigo.

A portinhola se abriu. Webbard mostrou seu rosto zangado.

- Por que cargas d’água não me avisa antes de testar? Acabo de bater com força e poderia ter-me machucado. Você não é um bom piloto, arriscando acidentes desse tipo.

O piloto respondeu em tom brincalhão:

- Desculpe, senhor, desculpe. Não acontecerá novamente.

- É melhor mesmo! Se acontecer mais uma vez, me encarregarei pessoalmente de despedi-lo.

A portinhola se fechou.

- Algumas vezes eu o pego melhor do que outras - disse o piloto. - Desta vez, peguei-o de jeito, deu para saber pelo barulho. - Virou-se em sua poltrona, pôs os bra-

ços em volta de Jean, puxou-a para si. - Vamos, um beijinho só, antes de chegar-mos.

Jean se inclinou para frente e esticou seu braço. Ele viu o rosto dela chegando perto, um rosto lindo e vivo, rosado e cor de ônix, sorrindo cheio de vida. Ela se esticou ainda mais, passando por ele, e puxou a alavanca de propulsão. Quatro jatos explo-diram para frente. A nave sacudiu fortemente. O piloto caiu sobre o painel de controle, com uma expressão cômica em seu rosto.

De trás veio um baque ressonante.

O piloto ajeitou-se na cadeira e desligou os jatos. Sangue escorria do seu queixo.

A portinhola abriu-se novamente. O rosto de Webbard apareceu, vermelho de raiva.

Quando finalmente terminou e a portinhola voltou a se fechar, o piloto olhou para Jean, que estava tranquilamente sentada em sua poltrona, com os cantos da boca sonhadoramente desenhados. E falou cavernosamente:

- Se estivéssemos sós, eu a espancaria até matar.

Jean encolheu-se, colocou o queixo sobre os joelhos, abraçou-os e olhou para frente sem nada dizer.

A estação Abercrombie tinha sido construída segundo o projeto cilíndrico Fitch: um núcleo de força e serviço, uma série de tombadilhos circulares, e um revestimento transparente. Uma série de modificações e anexos foram adicionados à construção original. Um convés exterior circundava o cilindro e

era revestido com chapas de aço para reter as sapatas magnéticas de naves pequenas, feixes de carga, botas magné-

ticas, ou qualquer outra coisa que precisasse ficar fixa por tempo indeterminado. Em cada extremidade do cilindro, tubos ligavam a outras construções dependentes. A primeira, uma esfera, era a residência particular dos Abercrombie. A segunda, um cilindro, girava a uma velocidade suficiente para pressionar a água nela contida por igual contra sua superfície interna, numa profundidade de três metros; era a piscina da estação, requinte só encontrado em três das estações satélites A nave de suprimentos atracou no cais. Quatro homens conectaram ganchos cons-tritores a anéis do casco da nave, deslocando-a até o cais de descarga. A nave encai-xou no seu suporte, os ganchos foram retirados e as portas foram abertas.

O administrador geral Webbard ainda espumava de ódio, mas uma demonstração de raiva não condizia com a sua dignidade. Desprezando as botas magnéticas, caminhou até a entrada e acenou para Jean.

- Traga sua bagagem.

Jean aproximou-se de seu bauzinho, jogou-o no ar, e se deu conta de que flutuava desamparada no meio da plataforma de carga. Webbard voltou impacientemente, trazendo ventosas magnéticas para os sapatos de Jean, e ajudou-a a fazer flutuar seu baú dentro da estação.

Ela respirava de modo diferente, um ar rico. A nave de carga cheirava a ozônio, graxa, e sacaria de cânhamo, mas a estação... Sem tentar conscientemente identificar o odor, Jean pensou em waffles com manteiga e xarope, misturados com talco.

Webbard flutuava à sua frente, num espetáculo imponente. Sua gordura já não caía mais em dobras; havia inflado, formando um perímetro por igual. Seu rosto estava liso como uma melancia, e parecia mais que suas feições tinham sido talhadas, esculpidas, ao invés de moldadas. Focalizou seus olhos em um ponto acima da cabe-

ça negra de Jean.

- É melhor nos entendermos desde já, senhorita.

- Certamente, Sr. Webbard.

- Eu a trouxe para trabalhar aqui como um favor para um amigo, o Sr. Fotheringay.

Mas é só. Doravante não serei mais responsável por você, nem seu protetor. O Sr.

Fotheringay deu excelentes recomendações suas. Então, veja se corresponde. Sua superior imediata é a Sra. Blaiskel , e deve obedecê-la sem pestanejar. Aqui em Abercrombie temos regras bastante severas - tratamento adequado e bom salário - mas tem que merecê -lo. Seu trabalho deve falar por si, e não espere nenhum favor especial. - Tossiu. - Se me permite dizer, tem sorte de encontrar emprego aqui; normalmente só empregamos pessoas como nós, pois ajuda a manter a situação harmonio-sa.

Jean escutou com a cabeça ironicamente inclinada. Webbard continuou falando, dando avisos específicos, conselhos e ordens.

Jean acenou zelosamente com a cabeça. Não havia por que antagonizar o pomposo Webbard. E Webbard pensou que ali estava uma jovem respeitosa, magra e bastante jovem, com um frenético e peculiar brilho nos olhos, mas suficientemente im-pressionada com a importância dele... Boa coloração, também. Feições agradáveis.

Se ela conseguisse engordar uns cem quilos a mais, talvez chamasse a atenção de sua natureza bruta.

- Por aqui, então - disse Webbard.

Flutuou na frente e por algum grandioso poder inato continuou a irradiar a impressão de dignidade inexorável, mesmo mergulhando de cabeça pelo corredor.

Jean o acompanhou mais calmamente, andando com as ventosas magnéticas afixadas aos sapatos, empurrando seu baú com facilidade, como se fosse um saco de papel. Chegaram ao núcleo central e Webbard, após olhar por cima dos seus ombros, salientes, se lançou para cima no poço.

As paredes envidraçadas do núcleo central permitiam ver os vários vestíbulos,

salas, refeitórios e salões. Jean parou defronte a um quarto decorado com cortinas de pelúcia vermelha e estátuas de mármore. A princípio, olhou assombrada, depois, di-vertida.

Webbard a chamou impacientemente:

- Vamos, senhorita, vamos.

Jean se afastou da vidraça.

- Estava olhando os convidados. Eles se pareciam com... - E deu uma risada baixa e repentina.

Webbard franziu a testa e mordeu os lábios. Jean pensou que ele ia perguntar o motivo de sua alegria, mas é claro que a sua dignidade estava acima de tudo. Ele a chamou:

- Vamos, só disponho de um minuto.

Jean deu uma última espiadela pelo corredor, e desta vez deu uma gargalhada em voz alta.

Mulheres gordas, como se fossem baiacus inflados dentro de um aquário. Mulheres gordas, redondas e macias como se fossem pêssegos. Mulheres gordas milagrosa-mente ágeis e à vontade na ausência de gravidade. A ocasião parecia ser um encontro musical vespertino. A sala estava lotada e pesada com bolas de carnes rosadas vestidas com blusas e pantalonas brancas, azul claras e amarelas.

A moda em Abercrombie parecia ser feita para acentuar as formas arredondadas.

Tiras largas como os cintos Sam Browne moldavam os bustos para fora e para baixo, sob os braços. O cabelo era dividido no meio, penteado para trás, formando pequenos coques na altura do pescoço. Carne, globos de carne macia, lisas com balões cintilantes. Pequeninas feições contorcidas, dedos e artelhos dançantes, olhos e lábi-os toscamente pintados. Na Terra, qualquer uma daquelas mulheres teria ficado sentada, imóvel, uma pilha de carne e pelanca suada e caída. Na estação Abercrombie, mais conhecida como “A Ala dos Obesos”, elas se moviam com incrível facilidade, e suas faces e corpos eram macios como bolas de manteiga.

- Vem, vem, vem - latiu Webbard. - Não é permitido vadiar aqui em Abercrombie.

Jean se conteve para não atirar seu baú pelo núcleo até atingir as nádegas arredondadas de Webbard, um alvo tentador. Ele a esperava na outra extremidade do corredor.

- Sr. Webbard - perguntou pensativa - quanto pesa Earl Abercrombie?

Webbard inclinou a cabeça para trás e olhou com olhar de reprovação.

- Essas intimidades, senhorita, não são consideradas como conversa educada em Abercrombie.

Jean disse:

- Só estava imaginando se ele era... bem, imponente como o senhor.

Webbard fungou:

- Não poderia responder. O Sr. Abercrombie é uma pessoa de grande competência.

Seu porte físico é um assunto que você deve aprender a não discutir. Não é apropriado, e simplesmente não é discutido.

- Obrigada, Sr. Webbard -, disse Jean mansamente.

Webbard disse:

- Você vai aprender. Ainda será uma excelente moça. Agora, passe pelo tubo, e eu a levarei até a Sra. Blaiskel .

A Sra. Blaiskel era baixa e atarracada como uma árvore japonesa. Seu cabelo era cinza prateado e penteado para trás como mandava a moda, formando um coque na nuca. Vestia uma espécie de macacão preto hermético que Jean soube depois ser o uniforme dos serventes da estação.

Jean suspeitou que havia dado má impressão à Sra. Blaiskel . Sentiu os olhos cinzentos saltarem e examinarem-na dos pés à cabeça, e manteve os seus

abaixados.

Webbard explicou que Jean devia ser treinada como faxineira, e sugeriu que fosse aproveitada no Jardim de Recreio e nos quartos de dormir.

A Sra. Blaiskel aprovou.

- Boa ideia Nosso jovem patrão é bastante estranho, como já é sabido, e ultimamente tem incomodado as meninas, e interrompido o trabalho delas; é conveniente ter alguém por lá como ela. Sem ofensas, senhorita, quero dizer que é a gravidade que faz com que não esteja tão apta a ser notada por ele.

Webbard fez um sinal para ela, e os dois flutuaram e se afastaram um pouco e conversaram aos sussurros.

A boca de Jean tremeu nos cantos. Velhos tolos!

Cinco minutos se passaram. Jean começou a ficar irrequieta. Por que não faziam alguma coisa? Levá-la a algum lugar. Eliminou sua inquietação. Vida! Tão boa, tão saborosa! Ela pensou: será que sentirei o mesmo quando tiver vinte? Quando tiver trinta, quarenta? Repuxou os cantos da boca. É claro que vou! Nunca me deixarei modificar. Mas a vida deve ser aproveitada ao máximo. Cada tico de ardor e excita-

ção deve ser usado livremente e provado. Sorriu. Ali ela flutuava, respirando o ar muito maduro de Abercrombie. De certa maneira era uma aventura. E pagava muito bem - dois milhões de dólares - e só para seduzir um garoto de dezoito anos, seduzi-lo ou casar com ele, que diferença fazia? É claro, ele era Earl Abercrombie, e se fosse tão imponente quanto o Sr. Webbard... Ela pensou no corpulento Webbard com certo nojo. Bem, dois milhões eram dois milhões. Se as coisas piorassem, o preço poderia subir. Talvez dez milhões. Nada ainda comparado com um bilhão.

Webbard partiu sem dizer nada, contorcendo-se facilmente de volta pelo núcleo central.

- Venha - disse a Sra. Blaiskel . - Eu lhe mostrarei seu quarto. Hoje, pode descansar e amanhã mostrarei o que fazer.

4

A Sra. Blaiskel estava de pé, francamente contrariada, enquanto Jean colocava o macacão preto.

- Meu Deus, você não deve apertá-lo tanto na cintura! Está tão raquítica e magra como se estivesse faminta, pobre criança. Não deve realçar a sua magreza! Talvez possamos encontrar alguns flutuadores de ar para enchê-la um pouco; não que seja essencial, você não passa de uma arrumadeira. Mesmo assim, é melhor para a casa ter empregadas bonitas, e o jovem Earl, e digo isso mesmo com toda a estranheza dele, sabe apreciar uma mulher bonita... Agora temos que fazer algo pelo seu busto, pois você é quase totalmente chata! Está vendo, não tem espaço suficiente para caber algo sob os braços, está vendo? - E apontou para os seus próprios rolos volumosos de gordura. - Que tal se enrolássemos um acolchoado e...

- Não - disse Jean nervosamente. Seria possível que a achassem tão feia? - Não usarei nenhum enchimento.

A Sra. Blaiskel fungou.

- É para o seu próprio benefício, querida. Não sou eu a magricela.

Jean curvou-se até seus sapatos pretos.

- Não, é bastante insinuante.

A Sra. Blaiskel concordou orgulhosamente.

- Eu me mantenho em boa forma. E não eram assim quando tinha sua idade, senhorita; quando estava na Terra...

- Ah, a senhora não nasceu aqui?

- Não, eu era uma das pobres almas que vivia pressionada e cavalgada pela gravidade, e consumia meu corpo no mero esforço de me locomover. Não, eu nasci em Sidney, Austrália, de família decente, mas muito pobre para me comprar um lugar aqui em Abercrombie. Tive muita sorte de conseguir um

emprego como o seu; e foi no tempo em que o Sr. Justus e a velha Sra. Eva, mãe dele e avó de Earl, ainda estavam conosco. Nunca mais voltei à Terra, desde então. Jamais colocarei meus pés na superfície novamente.

- Não sente saudades dos festivais, dos prédios grandiosos e de toda a formosura da natureza do campo?

- Que nada! - A Sra. Blaiskel cuspiu as palavras. - E ser prensada em abomináveis dobras e rugas? Ter que usar cadeira de rodas e ser olhada e gozada pelas pessoas da Terra? Magros como gravetos e com a constante preocupação de lutar contra a atração da Terra! Não, senhorita, nós temos as nossas próprias paisagens e festas; vamos ter danças amanhã à noite, uma grande Pantomima Mascarada, um Concurso de Beleza, tudo no próximo mês. E o melhor é que estou entre a minha gente, os redondos, e nunca tive uma ruga sequer no meu rosto. Estou ótima, totalmente cheia e não trocaria meu lugar com o de ninguém lá debaixo.

Jean deu de ombros.

- Se está feliz, é o que importa. - Olhou-se no espelho com satisfação. Mesmo que a gorda Sra. Blaiskel pensasse diferente, o macacão preto lhe caía bem, agora que o havia ajustado confortavelmente à cintura e quadris. Suas pernas, lisas, arredondadas e reluzentes como marfim eram belas, disso ela tinha certeza. Mesmo que os estranhos Sr. Webbard e Sra. Blaiskel pensassem de outra forma. Espere até usá-las no jovem Earl. Ele prefere garotas da gravidade; Fotheringay lhe havia dito, e mesmo assim o Sr. Webbard e a Sra. Blaiskel insinuavam o contrário. Talvez ele gostasse dos dois tipos... Jean sorriu, um pouco trêmula. Se Earl apreciasse os dois tipos, talvez gostasse de tudo que fosse quente, se mexesse e respirasse. E isto certamente a incluía.

Se ela perguntasse diretamente à Sra. Blaiskel ela ficaria surpresa e chocada. Boa e respeitável Sra. Blaiskel . Uma alma maternal, não como aquelas diretoras de asilos e instituições de recuperação do seu passado. Foram mulheres sufocantes, práticas e ligeiras com as mãos... Mas a Sra. Blaiskel era legal; jamais abandonaria seu bebê numa mesa de sinuca. Teria batalhado e passado fome para manter seu bebê e criá-

lo dignamente... Jean especulou como seria ter a Sra. Blaiskel como mãe. E o Sr.

Mycroft como pai. Esse pensamento lhe deu uma sensação de irritação estranha

e desenterrou das suas profundezas um ressentimento negro, tinto de raiva.

Jean estava inquieta e irritada. Deixe de asneiras. Você está jogando uma cartada solitária. O que você ia querer com parentes? Que chatice! Jamais lhe permitiriam esta aventura aqui em cima na estação Abercrombie. Por outro lado, ela teria menos problemas para gastar os dois milhões de dólares.

Jean suspirou. Sua própria mãe não era tão bondosa e amável quanto a Sra.

Blaiskel . Ela não poderia ter sido, e a questão se tornava acadêmica. Esqueça, ponha isso fora de sua mente.

A Sra. Blaiskel trouxe sapatos de trabalho, usados por quase todos na estação: chinelos com bobinas magnéticas nas solas, ligadas por fios a uma bateria presa ao cinto. A um simples ajuste de um reostato, qualquer grau de magnetismo poderia ser obtido.

- Quando alguém trabalha, necessita de apoio -, explicou a Sra. Blaiskel . - É claro que não há muito o que fazer, depois que você se habitua. Limpeza é fácil, com os nossos bons filtros; mesmo assim ainda existe um pouco de pó e uma fina camada de óleo que circula no ar,

Jean endireitou-se.

- Certo, Sra. B., estou pronta. Por onde começamos?

A Sra. Blaiskel ergueu as sobrancelhas com a súbita intimidade, mas não ficou de todo descontente. A moça parecia respeitosa, disposta e inteligente. E, significativamente, não era do tipo que causaria algum problema com o Sr. Earl. Empurrando um dedão contra a parede, impulsionou-se pelo corredor, parou diante de uma porta branca, e a abriu.

Entraram no quarto como se fosse pelo teto. Jean sentiu uma sensação de vertigem imediata, que a puxava para o que parecia ser o chão.

A Sra. Blaiskel segurou destramente uma cadeira, girou o seu corpo, e pôs seus pés no chão nominal. Jean juntou-se a ela. Estavam num cômodo amplo e circular, aparentemente um corte perpendicular ao prédio. As janelas abriam para o espaço, estrelas brilhavam de todos os lados; o zodíaco inteiro era visível num passar de olhos.

A luz solar vinha por baixo, refletindo no teto, e ricocheteando num quarto de lua, com contorno bem visível. O cômodo era opulento demais para o gosto de Jean. Ela estava consciente do excesso esmagador de um tapete cor de mostarda açafrão, painéis brancos com arabescos dourados, uma mesa redonda afixada ao chão, rodeada por cadeiras com rodízios magnéticos. Um lampadário de cristal rigidamente pendurado; querubins rechonchudos despontavam espaçadamente dos ângulos formados entre a parede e o teto.

- O Jardim de Recreio -, disse a Sra. Blaiskel . - Você começará a limpeza por este cômodo todas as manhãs. - Descreveu tudo a ser feito, em detalhes.

- Agora vamos para... - e cutucou Jean. - Essa é a velha dona Clara, mãe de Earl.

Curve-se como eu.

Uma mulher vestida de rosa púrpura entrou flutuando no quarto. Tinha uma expressão de arrogância abstraída, como se em todo o universo não existisse nenhuma dúvida, incerteza ou equívoco, Era quase perfeitamente globular, tão larga quanto alta. Seu cabelo era branco prateado, seu rosto uma bolha de carne lisa, pintada ao acaso com ruge. Usava um colar de pedras que caía sobre a enormidade do seu peito e se espalhava até os ombros.

A Sra. Blaiskel inclinou sua cabeça respeitosamente.

- Dona Clara, querida, permita-me apresentar a nova faxineira chegada recentemente da Terra e muito prestativa.

Dona Clara Abercrombie deu uma olhada rápida em Jean.

- Criatura magricela.

- Oh, ela ficará saudável - disse a Sra. Blaiskel -, bastante comida boa e trabalho árduo farão maravilhas. Afinal, ela é apenas uma criança.

- Hum. Dificilmente. É o sangue, Blaiskel , e você sabe muito bem.

- Bem, sim, é claro, Dona Clara.

Dona Clara continuou, com uma voz estridente, olhando por todo o quarto:

- Ou se tem sangue bom ou só se tem vinagre. Essa menina aqui jamais será como nós, eu afirmo. Não está no seu sangue.

- Não, Sra., está certa no que disse.

- Não está no sangue de Earl, também. É com ele que estou preocupada. Hugo era fornido, mas seu irmão Lionel, nascido logo após ele, coitado do querido Lionel, e...

- O que tem Lionel? - disse uma voz rouca. Jean se virou. Era Earl. - Quem ouviu falar do Lionel?

- Ninguém, querido. Ele partiu e jamais voltará. Estava apenas comentando que nenhum de vocês chegou a um crescimento total, mostrando os ossos, como você.

Earl passou carrancudo pela mãe, por Blaiskel , e seu olhar caiu sobre Jean.

- O que é isso? Outra arrumadeira? Não precisamos dela. Mande-a embora. Sempre pensando em mais despesas.

- É para arrumar seus aposentos, meu querido Earl -, disse a mãe.

- Onde está Jessy? O que há de errado com Jessy?

As senhoras Clara e Blaiskel trocaram um olhar indulgente. Jean deu uma olhada rápida em Earl. Piscou e depois franziu as sobrancelhas. Jean abaixou os olhos, e esfregou a ponta do pé no tapete, algo que sabia que dava interessantes movimentos à sua perna. Ganhar os dois milhões de dólares não seria tão maçante como temia.

Porque Earl não era tão gordo assim. Era atarracado, sólido, com ombros largos e pescoço de touro. Tinha os cabelos louros, em cachos compactos, tez rosada, nariz grande e oleoso, mandíbula pesada. Sua boca era bem desenhada, porém pendia mal-humorada naquele momento.

Ele era algo menos que atraente, pensou Jean. Na Terra, o teria ignorado, e, se ele insistisse, o deixaria furioso com uma série de insultos. Mas ela esperava algo muito pior; uma criatura globular como Webbard, um balão humano... É claro que não havia razão para Earl ser gordo; os filhos de pessoas gordas têm

tendência a serem normais.

Dona Clara instruía a Sra. Blaiskel , que concordava com a cabeça precisamente a cada seis palavras e ticava com seus dedinhos gorduchos. Dona Clara terminou, e a Sra. Blaiskel acenou para Jean.

- Venha, senhorita, há muito trabalho a fazer.

Earl ainda disse:

- Escutem, não quero ninguém no meu escritório.

Jean perguntou, curiosa.

- Por que não quer ninguém em seu escritório?

- É lá que guarda as suas coleções. Não deixa nada ser tocado. Muito estranho o Sr. Earl, às vezes. Você terá que fazer concessões, e comportar-se sempre. Em alguns aspectos ele é mais difícil de se servir que Dona Clara.

- Earl nasceu aqui?

A Sra. Blaiskel acenou afirmativamente.

- Nunca esteve na Terra. Diz que é lugar para gente maluca. E só Deus sabe que ele está quase totalmente certo.

- Quem são Hugo e Lionel?

- Os dois irmãos mais velhos. Hugo está morto, que Deus o tenha, e Lionel está fora em suas viagens. Depois de Earl vêm Harper, Dauphin, Mil icent e Clarice. São todos filhos de Dona Clara, todos muito orgulhosos e corpulentos. Earl é o mais magro de todos, e muito sortudo também, pois quando Hugo morreu, Lionel estava fora e, então, Earl herdou... Esta é a suíte dele, e que bagunça!

Enquanto trabalhavam, a Sra. Blaiskel fazia comentários sobre vários pontos do quarto.

- Aquela cama ali! Earl não estava satisfeito dormindo sobre mantas, como nós.

Ele usa pijamas de tecido magnético que o mantêm preso ao colchão quase como

se estivesse na Terra. E todos esses estudos e leitura, meu Deus, não existe nada em que o rapaz não pense! E o seu telescópio! Ele vai para a cúpula e observa a Terra a toda hora.

- Talvez quisesse visitá-la.

A Sra. Blaiskel acenou afirmativamente.

- Não ficaria surpresa se você estivesse certa. Ela exerce um fascínio incrível nele.

Mas não pode deixar Abercrombie, sabia?

- Estranho, por que não?

A Sra. Blaiskel respondeu com seu ar de inteligente.

- Porque assim ele abre mão da sua herança; isto está na escritura original, que o proprietário é obrigado a permanecer na propriedade. - Apontou para uma porta cinzenta. - Aí é o escritório. Vou permitir que dê uma espiada, para não se atormentar com a curiosidade e causar problemas para si mesma quando eu não estiver por perto para ficar de olho... Não fique excitada com o que vai ver, não há nada que possa machucá-la.

Com um ar de sacerdotisa revelando mistérios, a Sra. Blaiskel manuseou atabalho-adamente o chassi da porta, de maneira que Jean não conseguiu observar.

A porta deslizou para o lado. A Sra. Blaiskel sorriu maliciosamente ao ver Jean pular para trás, alarmada.

- Não se assuste; disse que não há nada que a machuque. Isso é um dos espécimes zoológicos criados pelo patrão Earl, e que trabalho teve para...

Jean deu um suspiro profundo, e examinou de perto a criatura preta e chifruda, de pé sobre duas pernas, do outro lado da porta, equilibrada e inclinada como se estivesse pronta para agarrar o intruso com seus braços negros e peludos.

- Esta é a parte mais assustadora -, disse a Sra. Blaiskel em tom de satisfação. -

Guarda os insetos e percevejos aqui -, apontou, - as pedras ali, seus velhos discos de música aqui, seus selos aqui, os livros naquela estante. Coisas horríveis, tenho vergonha dele. Não deixe que eu saiba que esteve olhando os sórdidos livros que o Sr.

Earl tanto gosta de ver.

- Não, Sra. Blaiskel - disse Jean meigamente. - Não tenho interesse por esse tipo de coisa. Se é o que estou pensando que seja.

A Sra. Blaiskel concordou enfaticamente.

- É o que está pensando e pior. - Ela não explicou como se familiarizou com a biblioteca, e Jean pensou ser inoportuno perguntar.

Earl estava bem atrás delas.

- E então? - perguntou num tom de voz alto e sarcástico. - Enchendo bem os olhos? - Passou rápido e fechou a porta.

A Sra. Blaiskel disse em tom conciliatório.

- Ora, Sr. Earl, estava mostrando à nova faxineira o que deve evitar, o que não deve olhar, e não queria que sofresse uma parada cardíaca se espiasse sem querer para dentro do escritório.

Earl resmungou.

- Se ela aparecer aqui enquanto eu estiver, sofrerá algo mais que uma parada cardíaca.

- Também sou uma boa cozinheira - disse Jean. - Venha, Sra. Blaiskel , afastemo-nos até que o Sr. Earl tenha recobrado sua calma. Não quero que a magoe.

A Sra. Blaiskel gaguejou:

- Ora, não há nenhum mal... - E parou. Earl entrara no escritório e fechara a porta.

Os olhos da Sra. Blaiskel brilharam cheios de lágrimas.

- Ah, meu bem, detesto palavras ásperas...

Trabalharam em silêncio e terminaram de limpar o quarto. Na porta, a Sra.

Blaiskel disse confidencialmente nos ouvidos de Jean.

- Por que acha que Earl é tão mal-humorado e resmungão?

- Não faço a menor ideia - soprou Jean. - Não faço mesmo.

- Bem - disse a Sra. Blaiskel cautelosamente -, na realidade, é por causa de sua aparência. Está tão constrangido com a sua magreza que se corrói todo por dentro.

Não consegue suportar que alguém o veja, pensa que todos estão zombando. Escu-tei ele dizer isso à Dona Clara. É claro que isso não acontece, eles apenas têm pena.

Ele come como um cavalo, toma pílulas glandulares, e mesmo assim continua esguio e com todos os músculos tensos. - Examinou Jean meticulosamente. - Creio que a colocaremos no mesmo tipo de dieta e veremos se conseguimos fazer de você uma moça mais bonita. - Depois, balançou a cabeça cheia de dúvidas, e estalou a língua.

- Talvez não esteja realmente no seu sangue, como disse Dona Clara. Mal consigo ver que esteja em seu sangue...

5

Havia fitas pequeninas e vermelhas nos chinelos de Jean, uma fita vermelha no seu cabelo, uma pinta preta bem coquete em sua bochecha. Alterara seu macacão de modo que lhe caísse bem à vontade sobre os quadris e cintura.

Antes de sair do quarto, examinou-se no espelho. Talvez esteja realmente errada.

Como ficaria com uns cem quilos a mais? Não, creio que não. Sou do tipo moleque.

Me parecerei com uma ariranha aos sessenta anos, mas nos próximos quarenta anos, saiam da reta. Saiu pelo corredor, passando pelo Jardim de Recreio, as salas de música, a sala de estar, o refeitório, até os quartos. Parou na porta de Earl, abriu-a, entrou empurrando o aspirador eletrostático à sua frente.

O quarto estava escuro; as paredes transparentes estavam opacas sob a ação do campo difusor.

Jean achou o interruptor e acendeu a luz.

Earl estava acordado. Estava deitado de lado, seu pijama magnético amarelo pressionando-o contra o colchão. Uma coberta azul clara o cobria até os ombros, seu braço sobre o rosto. Sob a sombra do braço, seus olhos arderam ao ver Jean.

Permaneceu deitado, ultrajado demais para se levantar.

Jean pôs as mãos nas cadeiras, e disse com sua voz clara e jovem.

- Levante-se, seu preguiçoso. Ficará gordo como os outros se continuar deitado até tarde...

O silêncio era sufocante e sinistro. Jean curvou-se para olhar sob o braço de Earl.

- Está vivo?

Sem se mover, Earl disse num tom áspero.

- O que você pensa que está fazendo?

- Estou fazendo o meu serviço. Já terminei no Jardim de Recreio. Depois vem o seu quarto.

Ele olhou para um relógio.

- Às sete da manhã?

- Por que não? Quanto mais cedo terminar, mais cedo posso tratar da minha vida.

- Que se dane a sua vida! Saia daqui antes que se machuque. Saia!

- Sou uma artista, uma pintora. Ou talvez seja uma poetisa este ano. Ou dançarina. Seria uma ótima bailarina. Veja. - Ensaiou uma pirueta, mas o impulso a jogou no teto, e ela fez tudo para que fosse de maneira graciosa.

Empurrou-se para baixo.

- Se tivesse sapatos magnéticos, poderia rodopiar por uma hora e meia. Grands jetés são fáceis...

Ele se apoiou num cotovelo, piscando e ardendo, como se estivesse prestes a atacá-la.

- Ou você é maluca ou então incrivelmente impertinente, o que dá na mesma.

- Absolutamente - disse Jean. - Sou bastante cortês. Talvez haja uma diferença de opiniões, mas isto não o faz automaticamente certo.

Earl caiu na cama novamente.

- Discuta com o velho Webbard - disse grosseiramente. - Agora, pela última vez, saia daqui.

- Eu sairei - disse Jean -, mas vai se arrepender.

- Me arrepender? - Sua voz subiu quase uma oitava. - Por que vou me arrepender?

- Suponha que tenha me ofendido com a sua rudeza e que dissesse ao Sr. Webbard que quero ir embora?

Earl falou com os lábios cerrados:

- Falarei com o Sr. Webbard hoje mesmo, e talvez você seja solicitada a ir embora... Milagroso! - disse para si mesmo, amargamente. - Uma faxineira que mais parece um espantalho entra no meu quarto de madrugada...

Jean olhou-o com surpresa.

- Espantalho! Eu? Na Terra sou considerada uma moça muito bonita. Consigo sair impune de coisas deste tipo, perturbar as pessoas, justamente por ser bonita.

- Está na estação Abercrombie - disse Earl numa voz seca. - Graças a Deus.

- Você é bastante atraente - também disse Jean, tateante.

Earl sentou, seu rosto tinto de raiva.

- Saia daqui, berrou. Está despedida.

- Que nada - respondeu Jean. - Não ousaria me despedir.

- Não ousaria? - perguntou Earl num tom perigoso.

- Por que não ousaria?

- Porque sou mais esperta que você.

Earl emitiu um som rouco de sua garganta.

- E o que a faz ter certeza disto?

Jean riu.

- Você seria bem agradável, se não fosse tão sensível.

- Está bem, comecemos por aí. Por que sou tão sensível?

Jean meneou os ombros.

- Disse que você é atraente e explodiu um fusível no seu cérebro. - Ela fingiu soprar uma pluma das costas de sua mão. - Chamo isso de suscetibilidade Earl

tinha um sorriso carrancudo que a fez lembrar de Fotheringay. Talvez Earl se torne difícil se pressionado. Mas não tanto quanto, digamos, Ansel Clel an. Ou Fio-renzo. Ou Party Mac Clure. Ou Fotheringay. Ou ela mesma, pela mesma razão.

Ele a estava encarando, como se a estivesse vendo pela primeira vez. Era o que ela queria.

- Por que pensa ser mais inteligente, então?

- Ah, não sei... Você é inteligente?

Seu olhar correu pelas portas que davam para o seu escritório; um frêmito momentâneo de satisfação passou pelo seu rosto.

- Sim, sou inteligente.

- Sabe jogar xadrez?

- É claro que sei jogar xadrez - disse belicosamente. - Sou um dos melhores jogadores de xadrez que existe.

- Posso vencê-lo só com uma mão. - Jean só havia jogado quatro vezes em sua vida.

- Gostaria que você tivesse algo que eu quisesse - disse lentamente. - Eu tomaria de você.

Jean deu um olhar superior.

- Joguemos por prendas.

- Não!

- Há! - Jean riu com os olhos cintilando.

Earl ficou ruborizado.

- Muito bem.

Jean pegou o aspirador.

- Mas não agora. - Havia conseguido mais do que almejara. Olhou ostentativamen-te por sobre os ombros.

- Tenho que trabalhar. Se a Sra. Blaiskel me achar aqui, o acusará de tentar me seduzir.

Earl bufou com os lábios retorcidos. Parecia um javali louro e enfurecido, pensou Jean. Mas dois milhões de dólares eram dois milhões de dólares. E não era tão ruim quanto se ele fosse gordo. A ideia havia sido plantada em sua mente.

- Fique pensando no tipo de prendas - disse Jean. - Tenho que trabalhar. - Saiu do quarto dando uma última olhadela para ele por sobre o ombro, que esperava ter sido enigmática.

As dependências dos empregados situavam-se no cilindro principal, a estação Abercrombie propriamente dita. Jean, sentada silenciosamente num canto do refeitó-

rio, observava e escutava enquanto os outros serventes lanchavam: chocolate com creme, doces, sorvetes. A conversa era em tom alto, aguçado. Jean perguntava a si mesma o porquê do mito de que pessoas gordas são lânguidas e complacentes.

Pelo canto do olho viu o Sr. Webbard entrar flutuando no recinto, com uma expressão tensa e cinzenta de raiva.

Abaixou a cabeça sobre seu chocolate, observando-o sob os cílios.

Webbard olhou diretamente para ela, seus lábios comprimidos e as bochechas gordas trêmulas. Por um momento pareceu que iria flutuar em sua direção, atraído simplesmente pela sua raiva; por alguma razão se conteve. Olhou em volta do recinto até avistar a Sra. Blaiskel . Um piparote de seus dedos o levou até o fim da mesa onde estava sentada, presa por ímãs devidamente fixados ao seu macacão.

Curvou-se para ela, murmurando em seu ouvido. Jean não conseguia ouvir suas palavras, mas viu a expressão do rosto da Sra. Blaiskel se modificar e seus olhos procurando algo pelo recinto.

O Sr. Webbard completou a sua dramatização e sentiu-se melhor. Esfregou as palmas das mãos amplas na área de suas calças azuis de veludo, virou-se com um simples movimento de ombros e com leve toque do dedão aproximou-se da porta.

Maravilhoso, pensou Jean, a grandeza, a solidez orbital da passagem de Webbard pelo ar. A cara de lua cheia, completamente coberta, plácida; as bochechas rosadas, o queixo e a papada redondos, repletos e tumescidos, brilhosos e oleosos, sem manchas, marcas ou rugas; o hemisfério do peito, depois a parte inferior bifurcada, vestida com um rico veludo azul-escuro: a maravilha inteira cruzando o ar com a inexorá-

vel inércia de uma espaçonave...

Jean notou que a Sra. Blaiskel sinalizava da porta, fazendo pequenos sinais miste-riosos com seus dedos gordos.

A Sra. Blaiskel esperava no pequeno vestíbulo que chamava de escritório, seu rosto demonstrando emoções variantes.

- O Sr. Webbard acaba de dar notícias sérias - disse em tom quase rigoroso.

Jean mostrou preocupações.

- Sobre mim?

A Sra. Blaiskel acenou afirmativamente.

- O Sr. Earl reclamou de seu comportamento muito estranho esta manhã. Às sete horas ou antes...

Jean suspirou.

- Será possível que Earl teve a audácia de...

- Senhor Earl -, corrigiu firmemente a Sra. Blaiskel .

- Ora, Sra. Blaiskel , dei quase a minha vida para escapar dele!

A Sra. Blaiskel piscou preocupada.

- Não foi isso que o Sr. Webbard me contou. Disse que você...

- E isso lhe parece razoável? É realmente possível, Sra. Blaiskel ?

- Bem, não - admitiu a Sra. Blaiskel , colocando a mão no queixo, e batendo nos dentes com a unha. - Certamente parece estranho, examinando-se com mais aten-

ção. - Olhou para Jean. - Mas como é que...

- Ele me chamou ao seu quarto e então... - Jean nunca conseguira chorar, mas escondeu o rosto com as mãos.

- Acalme-se - disse a Sra. Blaiskel . - Jamais acreditei no que diz o Sr. Webbard.

Ele... Ele... - Não foi capaz de completar a pergunta.

Jean balançou a cabeça.

- Não foi por não tentar.

- Só para se mostrar - murmurou a Sra. Blaiskel . - eu que achava que ele já havia superado esse tipo de bobagem.

- Bobagem? - A palavra tinha sido dita com um certo sobretom que a colocava fora do contexto.

A Sra. Blaiskel estava envergonhada. Virou os olhos,

- Earl tem passado por vários estágios, e não tenho certeza de qual foi o mais problemático... Um ou dois anos atrás - dois anos, porque isso foi quando Hugo ainda estava vivo e a família reunida - ele viu tantos filmes terrestres que começou a admirar as mulheres da Terra, e nos deixou preocupados. Graças aos céus se livrou desta perniciosidade, mas aquilo fez com que ficasse mais tímido e envergonhado. - Suspirou. - Se ao menos uma das meninas da estação o amasse pelo que ele é, por sua mente brilhante... mas não, são todas românticas e preferem um corpo redondo e carne gorda, e o pobre e magro Earl tem certeza de que quando uma delas olha em sua direção é por causa do seu dinheiro, e sou forçada a concordar! - Olhou para Jean pensativa. - Acaba de me ocorrer que Earl é bem capaz de estar voltando à sua velha... bem, singularidade. Não que

você não seja uma boa criatura com boas intenções, porque você é.

Bem, bem, pensou Jean deprimida. Evidentemente, não avançou tanto quanto esperava esta manhã. Mas toda campanha tinha seu revés.

- De qualquer forma, o Sr. Webbard pediu que lhe desse funções diferentes, para mantê-la fora da vista do Sr. Earl, pois ele evidentemente tomou antipatia por você...

e depois desta manhã, tenho certeza de que não fará nenhuma objeção.

- Claro que não - disse Jean distraidamente. Earl, garoto intolerante, pervertido e miserável!

- Por hoje, você tomará conta do Jardim de Recreio, cuidará dos periódicos e mo-lhará as plantas do átrio. Amanhã, veremos.

Jean concordou com a cabeça e virou-se para sair.

- Mais uma coisa - disse a Sra. Blaiskel com a voz hesitante. Jean parou. A Sra.

Blaiskel parecia não encontrar as palavras certas.

Elas acabaram por vir de enxurrada.

- Tome conta de você, especialmente quando estiver só perto do Sr. Earl. Esta é a estação Abercrombie, você sabe, e ele é Earl Abercrombie, a Justiça Suprema, e coisas muito estranhas acontecem...

Jean disse num murmúrio abafado.

- Violência física, Sra. Blaiskel ?

A Sra. Blaiskel ficou vermelha e gaguejou.

- Sim, suponho que possa dizer isso. Coisas bastante desagradáveis tornaram-se conhecidas. Nada agradáveis, embora não devesse estar dizendo isso a você, que só está aqui há um dia. Porém, tenha cuidado, não gostaria de ter a sua alma na minha consciência.

- Eu terei cuidado - disse Jean em voz baixa.

A Sra. Blaiskel balançou a cabeça indicando que a entrevista havia terminado.

Jean retornou ao refeitório. Realmente era muito gentil da parte da Sra. Blaiskel se preocupar com ela. Quase como se gostasse dela. Jean zombou automaticamente. Aquilo era demais de se esperar. Mulheres jamais gostaram dela, pois seus homens nunca estavam a salvo quando perto dela. Não que Jean flertasse conscientemente - pelo menos, não sempre - mas havia algo nela que interessava aos homens, mesmo os mais velhos. Diziam da boca para fora que o fato de ela ser criança os in-comodava, mas seus olhos a despiam, da mesma forma que os jovens a olhavam.

Mas aqui em Abercrombie era diferente. Lamentavelmente, Jean admitiu que ninguém tinha ciúmes dela, ninguém na estação inteira. Era justamente o contrário; ela era considerada digna de pena. Mas, mesmo assim foi muita gentileza da Sra.

Blaiskel protegê-la sob sua asa; deu uma agradável sensação calorosa. Talvez quando ela conseguisse os dois milhões de dólares... e seu pensamento se voltou para Earl. A sensação calorosa desapareceu da sua mente.

Earl, o arrogante. Earl ficou irritado porque ela perturbou seu descanso. Então, o enfezado do Earl a achava magra e mirrada! Jean flutuou até uma cadeira. Sentan-do-se bruscamente, pegou seu bulbo de chocolate e bebeu sugando pelo bico.

Earl! Ela o visualizou; o rosto sombrio, o cabelo louro e cacheado, a boca demasia-damente aberta, o corpo atarracado que tão desesperadamente tentava engordar.

Este era o homem que tinha que seduzir e levar ao matrimônio. Na Terra, em quase todos os planetas do Universo humano, seria brincadeira de criança...

Mas ali era a estação Abercrombie.

Bebericava seu chocolate pensando no problema. As chances de Earl cair de amores por ela e fazer uma proposta legal pareciam bem reduzidas. Será que poderia ser enganado e ser colocado numa posição em que, para salvar sua cara e reputa-

ção, fosse forçado a se casar com ela? Provavelmente não. Na estação

Abercrombie, disse a si mesma, casamento com ela seria como a perda total de sua reputação.

Ainda assim, havia outros caminhos a serem explorados. Suponhamos que o vences-se no xadrez, poderia fazer com que a prenda fosse o casamento? Dificilmente. Earl era esperto e sem-vergonha demais para pagar tal prenda. Era necessário fazê-lo querer se casar com ela, e isto significava fazer-se desejável aos seus olhos, o que tornava obrigatório uma revisão geral nas ideias de Earl. Para começar, ele teria que sentir que seu próprio ser não era tão repugnante assim, embora fosse. Sua moral teria que ser edificada a ponto de se achar superior ao restante da estação Abercrombie, e que teria orgulho de se casar com alguém do mesmo calibre.

Uma possibilidade no outro extremo; se o orgulho de Earl fosse inteiramente pul-verizado e reduzido, se fosse possível fazê-lo sentir-se tão desprezível e impotente que não tivesse coragem de botar a cara para fora do seu quarto, poderia casar-se com ela por ser a melhor alternativa à vista... E ainda outra possibilidade: vingança.

Se Earl percebesse que as garotas que o lisonjeavam na realidade o ridicularizavam por trás, talvez se casasse com ela por puro despeito.

Uma última possibilidade. Coerção. Casamento ou morte. Considerou venenos e antídotos, doenças e curas, um revólver espetado nas costelas...

Jean jogou raivosamente o bulbo de chocolate na cesta de lixo. Trapaça, sedução sexual, adulação, intimidação, vingança, medo - qual era a forma mais artificial? Todas eram ridículas.

Decidiu que precisava de mais tempo, mais informação. Talvez Earl tivesse um tendão de aquiles que ela pudesse explorar. Se tivessem interesses comuns, certamente estaria bem mais adiantada. Um exame de seu escritório talvez lhe desse algumas pistas.

Uma campainha soou, apareceu um número e uma voz disse:

- Jardim de Recreio.

A Sra. Blaiskel apareceu.

- É para você moça. Agora, entre, gentil como sempre, e pergunte à Dona Clara o que deseja, e depois pode descansar até às três.

6

Dona Clara, no entanto, não estava presente. O Jardim de Recreio estava ocupado por vinte ou trinta jovens, conversando e discutindo com bastante entusiasmo. As moças vestiam cetins em tons pastel, veludos, gazes, justos em seus corpos rechonchudos e rosados, com babados cascateantes e ligas nos tornozelos, enquanto os rapazes usavam roupas elegantes, cores cinza escuro, azul, beges fulvos, com adornos militares brancos e escarlates.

Havia uma dúzia de tablados em miniatura dispostos ao longo de uma parede. Acima, uma faixa de papel onde se lia: Pandora em Elis. Libreto de A. Percy Stevanic, música de Col een O’ Casey.

Jean olhou em volta para ver quem a havia chamado. Earl levantou um dedo auto-ritariamente. Jean caminhou com seus sapatos magnéticos até onde ele flutuava, perto de um dos mini tablados Ele se virou para uma mancha de chocolate e creme derramados, pegajosa, que escorria pelo lado do tablado como um tumor - obviamente um bulbo quebrado.

- Limpa esta sujeira - disse Earl num tom cruel.

Jean pensou, ele quer ao mesmo tempo descontar, e fingir que não me reconhece.

Concordou respeitosamente.

- Vou buscar um recipiente e uma esponja.

Ao voltar, Earl estava do outro lado da sala, conversando determinadamente com uma moça cujo corpo globular estava envolto num vestido de veludo rosa brilhante.

Usava botões de rosa nas orelhas e brincava com um ridículo cachorrinho branco, enquanto escutava Earl com um pálido ar de interesse.

Jean trabalhou tão vagarosamente quanto possível, espiando pelos cantos dos olhos. Trechos de conversas chegavam a ela:

- Lapwil fez um trabalho simplesmente maravilhoso na edição, mas não creio

que tenha dado a Myras a mesma atenção...

- Se o espetáculo angariar dez mil dólares, Dona Clara disse que daria outros dez mil para o fundo de construção. Imagine só! Um pequeno teatro só nosso! - Sussurros excitados e conspiratórios atravessaram o Jardim de Recreio - ...e para a cena da água, por que não fazer o elenco flutuar no céu como luas?

Jean observava Earl. Ele se pendurava nas palavras da garota gorda e falava numa tentativa patética de insinuar companheirismo e jocosidade. A garota aquiescia edu-cadamente, torcendo as feições num sorriso. Jean notou que seus olhos seguiam um jovem robusto cuja compleição salientava os fundilhos cor de ameixa de suas calças como o vento enfuna uma vela.

Earl percebeu a desatenção da garota. Jean o viu vacilar momentaneamente, e depois insistir com mais vigor na sua pilhéria. A menina gorda lambeu os lábios, girou o seu ridículo cãozinho na coleira, e desviou sua atenção para onde se encontrava o jovem de calças roxas, rindo às gargalhadas.

Uma súbita ideia fez Jean apressar seu trabalho. Sem dúvida Earl ficaria ocupado ali até a hora do almoço e ainda faltavam duas horas e a Sra. Blaiskel a dispensara até as três. Saiu do salão, guardou o equipamento de limpeza, e se lançou corredor acima em direção aos aposentos de Earl. Chegando aos aposentos de Dona Clara, parou na porta e escutou. Roncos!

Mais quinze metros até os aposentos de Earl. Olhou rapidamente para os dois lados do corredor, abriu a porta e entrou cuidadosamente. O quarto estava silencioso enquanto Jean o inspecionava. Armários, quarto de vestir de um lado, banheiro ensolarado do outro. Do outro lado do quarto estava a grande porta cinzenta do escritório. Havia uma placa pendurada, aparentando ter sido feita recentemente: Privativo. Perigo. Não entre.

Jean parou para pensar. Que espécie de perigo? Earl deve ter armado armadilhas tenebrosas nos seus aposentos.

Examinou o botão do chassi da porta. Estava coberto por uma proteção de aparência inocente, que podia ou não controlar um circuito de alarme. Pressionou a fivela do seu cinto contra o postigo, de modo a não interromper o circuito elétrico, depois moveu a proteção, e apertou o botão com a unha, cautelosamente. Conhecia botões que disparavam agulhas hipodérmicas quando apertados.

Não ouviu nenhum ruído de mecanismo. A porta permaneceu no lugar. Assobiou impacientemente por entre os dentes. Não havia fechadura nem botões em que se pudesse tentar uma combinação... A Sra. Blaiskel não encontrara nenhuma dificuldade. Jean tentou reconstituir seus movimentos. Moveu-se até o batente, posicionou a cabeça de modo que pudesse ver o reflexo da luz vindo da parede... Havia uma marca no polimento. Examinou de perto e uma cintilação indicadora revelou uma célula fotoelétrica.

Pôs o dedo na célula, apertou o botão e a porta se abriu. Mesmo estando previamente avisada, Jean recuou, afastando-se da horrível figura preta, pendurada para a frente como se fosse agarrá-la.

Ela esperou. Depois de alguns instantes a porta retornou ao lugar.

Jean voltou ao corredor externo, posicionando-se onde pudesse escapar para os aposentos de Dona Clara, caso alguma forma suspeita se aproximasse pelo corredor.

Earl poderia não ter-se contentado apenas com a proteção de uma fechadura elétrica secreta.

Cinco minutos se passaram. A empregada pessoal de Dona Clara passou, uma chi-nesinha globular, olhos como dois besouros reluzentes, e ninguém mais. Jean voltou ao quarto de Earl, passou pela porta do escritório. Mais uma vez, leu a placa: Privativo. Perigo. Não entre.

Ela hesitou.

- Tenho dezesseis anos de idade. Quase dezessete. Muito jovem para morrer. É

próprio daquele sujeito estranho encher seu escritório de artimanhas maldosas. - E

disse com impaciência. - O que não se faz por dinheiro!

Abriu a porta e entrou.

A porta se fechou atrás dela. Rapidamente, saiu de debaixo daquela criatura demoníaca e virou-se para examinar o santuário de Earl. Olhou para a direita, para a esquerda, para cima e para baixo.

- Há muito o que se ver aqui - murmurou. - Tomara que Earl não perca seu interesse pela garota gorda, ou decida que quer ler um recorte de jornal em particular...

Ligou a força de seus sapatos magnéticos, e se perguntou por onde começar. O

quarto parecia mais um armazém ou museu que um escritório, e dava a impressão de uma confusão generalizada, arrumada, classificada, e arquivada por alguma mente meticulosa.

Em matéria de gosto, era um quarto muito bonito, impregnado de uma atmosfera de erudição com seus tons de madeira escura. A parede oposta à porta brilhava em cores ricas fundidas - uma rosácea da antiga catedral de Chartres, em completo esplendor sob o fulgor de raios solares no espaço.

- É uma pena que Earl não tenha mais janelas externas - disse Jean. - Uma cole-

ção de vitrais precisa de muito espaço, e um vitral apenas não se pode chamar de coleção... Talvez haja outro quarto... - O escritório, grande como era, aparentemente ocupava apenas a metade do espaço da suíte de Earl. - Mas, por ora, tenho muito o que ver por aqui.

Prateleiras, caixas, arquivos, armários de nogueira e vidro chumbado cobriam as paredes; expositores com tampos de vidro ocupavam o chão. A sua esquerda havia uma bateria de tanques. Na primeira série havia enguias nadando, centenas de enguias: enguias terrestres, enguias de outros mundos. Abriu um armário. Moedas chi-nesas estavam penduradas em pequenas hastes, cada uma documentada numa ilegí-

vel caligrafia de criança.

Circulou o quarto, maravilhada com a profusão.

Havia cristais brutos de quarenta e dois planetas diferentes, todos aparentemente iguais diante dos olhos leigos de Jean.

Havia rolos de papiro, códigos maias, pergaminhos medievais iluminados com ouro e púrpura de Tiro, obras rúnicas de Ogham em peles de carneiro corroídas pelo tempo, cilindros de barro entalhados com símbolos cuneiformes.

Talhas de madeira complexas - correntes sofisticadas, jaulas dentro de jaulas, in-críveis esferas interligadas, sete templos de Brahmin paramentados.

Cubos centimétricos contendo amostras de todos os elementos conhecidos. Milhares de selos, montados em folhas, saíam de um armário circular.

Havia volumes com autógrafos de assassinos famosos, junto com suas fotografias e medidas antropométricas nos padrões do sistema Bertil on e Pevetsky. De um canto vinham ricos aromas de perfumes - mil pequenos frascos de fragrâncias minuciosamente descritos e codificados, juntamente com um índice e explicação do código, e esses também tinham origem numa variedade de mundos. Havia espécimes de co-lônias de fungos provenientes do Universo inteiro, e também havia prateleiras de discos em miniatura, com apenas três centímetros de diâmetro, miniaturizados das prensagens originais.

Encontrou fotografias do dia a dia de Earl, juntamente com seu peso, altura e medidas da cintura, escritas em caligrafia ilegível, e em cada fotografia havia uma estrela colorida, um quadrado colorido, ou um disco azul ou vermelho. Àquela altura, Jean já conhecia o sabor da personalidade de Earl. Deveria haver por perto um índice e uma explicação. Ela os achou perto da máquina fotográfica com a qual tirava as fotos. Os discos se referiam a funções do corpo; as estrelas, por um complicado sistema que ela não compreendeu muito bem, descreviam o moral de Earl, o seu estado de espírito. Os quadrados coloridos registravam sua vida amorosa. Sua boca se retorceu. Perambulou ao acaso, manuseando globos fisiográficos de cem planetas e examinando mapas e gráficos.

Os aspectos mais grosseiros da personalidade de Earl eram representados pela co-leção de revistas pornográficas e, próximo, um cavalete com uma tela onde Earl pin-tava um estudo indecente de si próprio. Jean mordeu os lábios empertigadamente. A perspectiva de se casar com Earl tornava-se infinitamente menos encantadora.

Encontrou um nicho cheio de pequenos jogos de xadrez, cada um arrumado em um jogo diferente. Um cartão numerado com o registro dos movimentos estava afi-xado a cada tabuleiro. Jean pegou o inevitável livro de índices e deu uma olhadela.

Earl jogava xadrez por correspondência com adversários espalhados pelo universo.

Achou seu registro de vitórias e derrotas. Vencia mais do que perdia, por pouco. Um homem, Wil iam Angelo, de Toronto, o vencia constantemente. Jean decorou o endereço, pensando na possibilidade de Earl aceitar seu desafio para jogar xadrez. Agora sabia como vencê-lo. Ela envolveria Angelo num jogo, e mandaria os movimentos de Earl como se fossem dela e jogaria os movimentos de Angelo contra Earl. Seria um tanto ou quanto entediante, mas a toda prova... ou quase.

Continuou sua volta pelo escritório. Conchas do mar, mariposas, lavadeiras, fósseis de trilobita, opalas, ferramentas de tortura, cabeças humanas encolhidas. Se a cole-

ção representava aprendizado legítimo, pensou Jean, dispenderia o tempo e a habilidade de no mínimo quatro gênios da Terra. Mas as coleções eram essencialmente sem objetivo e mecânicas, nada mais que a coleção de um garoto, de flâmulas, figu-rinhas ou caixas de fósforos, só que em escala maior.

Uma das paredes se abria numa ala e se comunicava diretamente com o espaço por uma escotilha de carga. Caixas fechadas, caixotes, engradados, fardos - aparentemente material ainda a ser usado na coleção de Earl -, enchiam o quarto. No canto, outra criatura monumental e grotesca estava pendurada, também como se estivesse prestes a agarrá-la, e Jean sentiu-se estranhamente hesitante em passar ao seu alcance. Tinha mais ou menos dois metros e meio de altura. Tinha a pelagem de um urso e lembrava vagamente um gorila, embora o focinho fosse fino e alongado, sobressaindo de dentro do pelo, como o de um cão poodle francês.

Jean se lembrou da menção feita por Fotheringay, de que Earl era um “famoso zo-

ólogo”. Olhou em volta do quarto. Os animais empalhados, os tanques de enguias, peixes tropicais da Terra e poli anelídeos maniacanos, eram os únicos espécimes zoológicos à vista. Insuficientes para qualificar Earl como um famoso zoólogo. É claro, havia um anexo ao quarto... Ela ouviu um barulho. Um clique na porta de fora.

Jean mergulhou atrás do animal empalhado, com o coração quase saindo pela boca. Exasperada, disse para si mesma: ele é apenas um garoto de dezoito anos...

se não consigo encará-lo, discutir melhor, pensar melhor, brigar melhor e sair

ven-cendo, é melhor começar a fazer crochê para ganhar a vida. No entanto, permaneceu escondida.

Earl permaneceu silenciosamente na entrada. A porta se fechou atrás dele. Seu rosto estava vermelho e suado, como se tivesse acabado de se recobrar de algum embaraço ou raiva. Seus olhos azuis de louça, olhando fixamente do teto, sem enxergar, gradualmente se focalizaram. Exprimindo desagrado, olhou suspeitosamente para a esquerda e para a direita, e fungou, Jean se encolheu ainda mais por trás do animal peludo. Poderia farejá-la?

Dobrou as pernas, tomou impulso na parede e mergulhou reto na direção de Jean.

Por sob o braço da criatura, ela o viu se aproximando, cada vez maior e maior, bra-

ços postos dos lados e a cabeça erguida como um mergulhador. Bateu de encontro ao peito peludo, pôs os pés no chão. a menos de metro e meio de distância dela.

Murmurava enquanto respirava. Ela ouviu claramente.

- Insulto incrível... se ela soubesse! Há! -E deu uma gargalhada sarcástica. - Há!

Jean relaxou com um suspiro quase audível. Earl não a tinha visto e não suspeita-va de sua presença.

Ele assobiava qualquer coisa por entre os dentes, indeciso. Finalmente andou até a parede, estendendo a mão por trás de um pedaço de relevo em gregas. Um painel se abriu, e um jorro de luz solar passou pela abertura, inundando todo o escritório.

Earl assobiava um ritmo sem melodia. Entrou no quarto sem fechar a porta. Jean correu para fora do seu esconderijo, olhou para dentro do quarto, percorreu tudo com os olhos. Talvez tenha suspirado.

Earl estava a um metro e meio de distância, lendo uma lista. Levantou os olhos subitamente e Jean sentiu o roçar do seu olhar.

Ele não se moveu. Será que a viu?

Por um minuto ele não fez nenhum ruído nem se moveu. Depois, foi até a porta, ficou examinando o escritório e manteve a posição por uns dez ou quinze segundos.

De detrás do tal gorila empalhado, Jean viu seus lábios se moverem como se estivesse calculando silenciosamente.

Ela umedeceu os lábios pensando no quarto interno.

Ele foi até a alcova, em meio às caixas fechadas e pacotes. Pegou vários, levando-os flutuando em direção à porta aberta, e eles flutuaram no jorro do sol. Empurrou outras pilhas para o lado, achou o que estava procurando, e mandou outra pilha atrás dos pacotes.

Empurrou-se de volta até a porta, onde permaneceu subitamente tenso, narinas dilatadas, olhos abertos e vivos. Farejou o ar. Seus olhos se voltaram para o animal empalhado. Aproximou-se vagarosamente, braços largados.

Olhou atrás, expeliu um suspiro em forma de um longo assobio e grunhiu. De dentro do anexo, Jean pensou. Ou ele realmente pode me farejar ou então é telepatia.

Correu rapidamente para o quarto, enquanto ele examinava os engradados, e mergulhou embaixo de um divã. Deitada sobre o ventre, observou Earl inspecionar o animal empalhado, e se arrepiou. Ele me fareja, ele me sente.

Earl permaneceu de pé na soleira da porta, olhando por todo o escritório. Depois, cuidadosamente, vagarosamente, fechou a porta, passou a tranca, e virou-se na di-reção do quarto interno.

Durante cinco minutos ele se ocupou com seus engradados, abrindo-os, arrumando seus conteúdos, que pareciam ser garrafas com um pó branco, em prateleiras.

Jean ergueu-se do chão, encostou-se na parte inferior do divã e pôs-se numa posi-

ção da qual podia ver sem ser vista. Agora entendia por que Fotheringay se referiu a Earl como um zoólogo eminente.

Havia uma outra palavra que o descrevia melhor, uma palavra pouco familiar que Jean não conseguia lembrar de imediato. Seu vocabulário não era mais extenso do que o de qualquer outra menina de sua idade, mas a palavra a havia impressionado.

Teratologia Era esta a palavra. Earl era um teratologista.

Como os objetos das demais coleções, os monstros eram apenas criaturas que se prestavam de imediato, quase acidentalmente, a coleções. Eram mostrados em caixas de vidro. Painéis no fundo barravam a luz do sol, e a zero graus absolutos, per-maneceriam preservados indefinidamente, sem taxidermia ou embalsamento.

Formavam um grupo risível embora monstruoso. Eram monstros humanos reais, macro e microcefálicos, hermafroditas, criaturas com membros múltiplos, outros sem nenhum, criaturas germinando tecidos iguais a brotos numa célula de levedo, homens retorcidos e arqueados, coisas sem face, coisas verdes, azuis e cinzas.

E ainda havia outros espécimes igualmente horrendos, mas possivelmente normais em seus habitats naturais: a miscelânea de cem planetas onde havia vida.

Aos olhos de Jean, a paródia máxima era um homem gordo, exposto em lugar de destaque! Possivelmente conseguiu aquela posição notável por mérito próprio. Era corpulento a um ponto inimaginável para Jean. Ao lado dele Webbard pareceria ativo e atlético. Se esta criatura fosse à Terra, se espalharia como uma gelatina. Aqui em Abercrombie flutuava livremente, inflado como o papo de um sapo-boi.

Jean fitou seu rosto... olhou novamente. Pequenos cachos dourados em sua cabe-

ça...

Earl bocejou, espreguiçou-se. Passou a tirar suas roupas. Completamente nu, ficou no meio do quarto. Parecia mole, sonolento, entre as suas coleções.

Tomou uma decisão. Languidamente, moveu-se até um dos cubículos. E ligou um interruptor.

Jean ouviu um débil zumbido musical, um sibilado, e sentiu cheiro de ozônio

ine-briante. Um instante se passou. Ouviu um suspiro de ar. A porta interna de um cubí-

culo de vidro se abriu. A criatura que estava dentro, movendo-se lentamente, flutuou dentro do quarto...

Jean cerrou bem os lábios; um momento depois, desviou o olhar.

Casar-me com Earl? Ela estremeceu. Não, Sr. Fotheringay. Case você com ele, é tão capaz quanto eu... Dois milhões de dólares? Estremeceu novamente. Cinco mi-lhões soava melhor. Por cinco milhões talvez casasse com ele. Mas seria o máximo até onde chegaria. Colocaria seu próprio anel, não haveria nenhum beijo nupcial. Ela era Jean Parlier, não um santo de gesso. Mas o bastante era o bastante, e aquilo já era demais.

7

Earl havia deixado o quarto. Jean estava deitada, quieta, escutando. Nenhum ruído veio do lado de fora. Ela tinha que ter cuidado. Earl certamente a mataria se a achasse ali. Esperou cinco minutos. Nenhum som, nenhum movimento a alcançou.

Cautelosamente, saiu de debaixo do divã.

A luz do sol queimou sua pele com um calor agradável, mas quase não o sentiu.

Sua pele parecia manchada; o ar parecia contaminado e sujava sua garganta, seus pulmões. Queria um banho... Cinco milhões de dólares comprariam muitos banhos.

Onde estava o livro de índices? Devia haver um em algum lugar. Tinha que haver o tal livro de índices... Sim, ela o achou, e consultou rapidamente o registro apropriado. O que deu assunto bastante para ela pensar. Também havia um registro descre-vendo o mecanismo de revitalização. Leu-o apressadamente, entendendo pouco.

Aquelas coisas existiam, ela sabia. Enormes campos magnéticos fluíam através do protoplasma, agarrando e reunindo seguramente cada átomo, e quando o corpo era mantido a zero absoluto, o consumo de energia era reduzido a quase nada. Desligan-do o campo concentrador, estimulando as partículas a voltarem a se movimentar com uma vibração penetrante, e a criatura retornava à vida.

Recolocou o livro de índices no lugar, empurrou-se para a porta.

Nenhum ruído vinha de fora. Earl devia estar escrevendo ou codificando os eventos do dia no seu fonograma... Bem, e então? Não estava indefesa. Abriu a porta, empurrou-se corajosamente para fora.

O escritório estava vazio! Lançou-se em direção à porta externa, e escutou. Um leve ruído de água corrente chegou aos seus ouvidos, Earl estava no chuveiro. Era uma ocasião excelente para sair.

Pressionou o chassi da porta. A porta se abriu. Entrou no quarto de Earl e

empurrou-se para a porta de saída.

Earl saiu do banheiro, com a pele fresca do seu tronco robusto ainda molhada.

Permaneceu parado, e então enrolou rapidamente a toalha em volta da cintura. Subitamente, seu rosto manchou-se de vermelho e rosa.

- O que está fazendo aqui?

Jean respondeu docemente:

- Vim ver se precisava de toalhas de banho.

Ele não respondeu, mas permaneceu olhando para ela. Disse asperamente:

- Onde esteve nesta última hora?

Jean fez um gesto irreverente.

- Aqui, ali. Estava me procurando?

Ele deu um passo furtivo à frente.

- Tenho boas razões para...

- Para o quê? - Jean procurava o botão da porta atrás de si.

- Para...

A porta se abriu.

- Espere - disse Earl. E se lançou para frente.

Jean escapuliu para o corredor, um passo à frente das mãos de Earl.

- Volte aqui dentro - disse Earl, tentando pegá-la.

Por trás deles a Sra. Blaiskel disse horrorizada.

- Nunca imaginei, Sr. Earl! - Ela surgira dos aposentos de Dona Clara.

Earl voltou ao seu quarto sussurrando palavrões inaudíveis.

Jean olhou para dentro procurando por ele.

- Da próxima vez que me vir, se arrependerá de não ter jogado xadrez comigo.

- Jean! - Exclamou a Sra. Blaiskel .

Earl perguntou num tom áspero.

- O que quer dizer com isto?

Jean não tinha a menor ideia do que quisera dizer com aquilo. Sua mente trabalhou rápido. Melhor guardar suas ideias para si mesma.

- Eu lhe direi amanhã de manhã. - E riu maliciosamente. - Por volta das seis ou seis e meia.

- Senhorita Jean - resmungou a Sra. Blaiskel , zangada. - Afaste-se desta porta imediatamente!

Jean acalmou-se no refeitório dos serventes com um bule de chá.

Webbard entrou, gordo, pomposo, ouriçado como um porco-espinho. Viu Jean e sua voz se levantou no tom de um agudo oboé.

- Senhorita, senhorita!

Jean tinha um truque que sabia ser eficaz. Jogou seu queixo jovem para a frente, apertou os olhos, e atacou com uma voz estridente.

- Está procurando por mim?

Webbard disse:

- Sim, certamente que estou. O que você pensa...

- Bem, estive procurando pelo senhor. Quer ouvir o que tenho a dizer em particular ou não?

Webbard piscou.

- Seu tom de voz é descarado, senhorita. Por favor...

- Está bem - disse Jean. - Aqui mesmo, então. Primeiro de tudo, estou pedindo demissão. Vou voltar para a Terra. Eu vou ver...

Webbard manteve a mão erguida, alarmado, e olhou em volta do refeitório. As conversas haviam cessado em todas as mesas. Uma dúzia de olhos curiosos observavam. - Falarei com você no escritório - disse Webbard.

A porta se fechou atrás dela. Webbard pressionou sua obesidade numa cadeira; fios magnéticos nas suas calças o mantinham na cadeira.

- Então, o que é isto? Digo que houve reclamações sérias.

Jean disse desgostosamente:

- Faz muito barulho por nada, Webbard. Fale sério.

Webbard estava estupefato.

- Você é uma vagabunda descarada!

- Quer que eu diga ao Earl como consegui o emprego?

O rosto de Webbard tremeu. Sua boca ficou aberta; piscou quatro ou cinco vezes rapidamente.

- Você não ousaria...

Jean disse pacientemente:

- Esqueça a rotina do patrão e do escravo por cinco minutos, Webbard. Esta conversa é de homem para homem.

- O que você quer?

- Tenho algumas perguntas que quero fazer.

- Bem?

- Fale-me do velho Sr. Abercrombie, o marido de Dona Clara.

- Não há nada a dizer. O Sr. Justus era um homem muito distinto.

- Quantos filhos teve com Dona Clara?

- Sete.

- E o mais velho herda a estação?

- O mais velho, sempre o mais velho. O Sr. Justus acreditava em organização segura. É claro que os outros filhos têm um lar garantido se desejarem ficar aqui na esta-

ção.

- E Hugo era o mais velho. Quanto tempo depois do Sr. Justus morreu?

Webbard estava achando a conversa repugnante.

- Isto tudo é ridículo, e sem sentido - resmungou numa voz profunda.

- Quanto tempo?

- Dois anos.

- E o que aconteceu a ele?

Webbard respondeu bruscamente:

- Teve um derrame. Parada cardíaca. Agora, que história é essa de pedir demissão?

- Há quanto tempo?

- Ah, dois anos.

- E então Earl herdou?

Webbard apertou os lábios.

- Infelizmente, o Sr. Lionel não estava na estação, e o Sr. Earl tornou-se o dono le-gítimo.

- Bem cronometrado, do ponto de vista do Earl.

Webbard bufou.

- Agora chega disso, senhorita! Se...

- Sr. Webbard, vamos entrar num entendimento, de uma vez por todas. Ou responde as minhas perguntas e para com esta bazófia ou perguntarei a outra pessoa. E

quando terminar, esta outra pessoa também estará fazendo perguntas a você,

- Lixo insolente! - rosnou Webbard.

Jean virou-se para a porta. Webbard grunhiu e pulou para a frente, Jean sacudiu o braço, e do nada surgiu uma lâmina de vidro na sua mão.

Webbard patinhou de medo, tentando parar seu movimento no ar. Jean levantou o pé, empurrou-o pela barriga de volta à cadeira.

E disse:

- Quero ver uma fotografia da família inteira.

- Não tenho nenhuma foto da família.

Jean deu de ombros:

- Posso ir a qualquer biblioteca pública e discar o Quem-é-Quem.

Ela o olhou friamente, enquanto guardava a faca. Webbard afundou novamente na cadeira. Talvez tenha pensado que ela fosse uma maníaca homicida. Bem, ela não era maníaca, nem homicida, a não ser que fosse forçada.

Perguntou calmamente:

- É verdade que Earl vale perto de um bilhão de dólares?

Webbard fungou.

- Um bilhão de dólares? Ridículo! A família só tem a estação e vive de rendas.

Cem milhões de dólares construiriam outra estação duas vezes maior em tamanho e luxo.

- Onde Fotheringay achou aquela quantia? - perguntou divagando.

- Não saberia dizer - respondeu Webbard secamente.

- Onde está Lionel agora?

Webbard mordeu os lábios desesperadamente,

- Está... descansando em algum lugar da Riviera.

- Hum... diz que não tem nenhuma fotografia?

Webbard coçou o queixo.

- Creio que existe uma foto de Lionel... Deixe-me ver... Sim, só um minuto. - Revi-rou sua gaveta, mexeu, remexeu e finalmente apareceu com uma fotografia. - O Sr.

Lionel.

Jean examinou a fotografia com interesse.

- Bem, muito bem. O rosto na foto e o do homem gordo na coleção zoológica de Earl eram o mesmo. - Muito bem. - Jean ergueu os olhos. - Qual é o endereço dele?

- Tenho certeza de que não sei, - respondeu Webbard voltando à sua dignidade amaneirada

- Pare de me enrolar. Webbard.

- Bem, está na Vil a Passe-Temps, Juan-les-pins.

- Acreditarei quando examinar o seu catálogo de endereços. Onde está?

Webbard começou a respirar fundo.

- Agora veja bem, senhorita, há coisas muito sérias em jogo aqui!

- Tais como?

- Bem... - Webbard baixou a voz olhando conspiratoriamente para as paredes do aposento. - Todos aqui sabem que o Sr. Lionel e o Sr. Earl não são amigos. E existe um boato - um boato, entende, que diz que o Sr. Earl contratou um assassino profissional para matar o Sr. Lionel.

Devia ser Fotheringay, Jean supôs.

Webbard continuou:

- Então, é necessário que eu use da máxima cautela...

Jean riu.

- Deixe-me ver o catálogo.

Finalmente Webbard mostrou um arquivo de cartões. Jean disse:

- Você sabe onde ele está: pegue-o.

Webbard procurou entre os cartões, mal-humorado.

- Aqui está.

O endereço era: Hotel Atlantide, apartamento 3001, Colônia Francesa, Metrópolis.

Terra.

Jean decorou o endereço e ficou parada, tentando lembrar de mais perguntas.

Webbard sorriu vagarosamente, Jean o ignorou, e ficou mordiscando suas unhas.

Era nessas horas que sentia a insuficiência da sua juventude. Quando se tratava de ação, brigando, rindo, espionando, jogando, fazendo amor, sentia absoluta seguran-

ça. Mas na hora de escolher entre probabilidades e decidir quais são possíveis e quais são irracionais, era quando não se sentia nem um pouco segura. Como agora...

O velho Webbard, a bolha gorda, tinha se acalmado e regozijava-se. Bem, deixe-o divertir-se... Precisava ir à Terra. Tinha que ver Lionel Abercrombie. Provavelmente Fotheringay fora contratado para matá-lo. Ou talvez não. Provavelmente Fotheringay sabia onde encontrá-lo, ou provavelmente não. Webbard conhecia Fotheringay; pode ser que tenha servido como intermediário de Earl. Ou talvez Webbard estivesse fazendo suas próprias e intrincadas evoluções. Estava claro que, agora, seus interesses estavam ligados aos de Lionel, e não aos de Fotheringay, pois casar-se com Earl estava definitivamente fora de questão. Lionel tinha que ser mantido vivo. Se isto impli-casse trair Fotheringay, pior para ele. Ele poderia ter-lhe falado mais sobre a “coleção zoológica” de Earl antes de mandá-la para se casar com ele. .. É claro, disse para si mesma, Fotheringay não tinha meios de saber para que fins peculiares Earl usava seus espécimes.

- Bem? - perguntou Webbard com um sorriso desagradável.

- Quando parte a próxima nave para a Terra?

- A nave de suprimentos retorna hoje à noite.

- Está bem. Se conseguir manter o piloto a distância. Pague-me agora.

- Pagar-lhe? Só trabalhou um dia. Você deve à estação pelo seu transporte, seu uniforme, suas refeições...

- Ah! deixe para lá. - Jean virou-se, lançou-se para o corredor, foi para seu quarto e empacotou seus pertences.

A Sra. Blaiskel passou a cabeça pela porta.

- Ah, você está aqui... - E fungou. - O Sr. Earl perguntou por você. Quer vê-la imediatamente. - Estava claro que ela não aprovava.

- Claro - disse Jean. - Já vou.

A Sra. Blaiskel saiu.

Jean empurrou-se em direção ao porto de carga. O piloto da nave ajudava no carregamento de alguns barris de metal vazios. Viu Jean e sua expressão mudou.

- Você novamente?

- Voltarei para a Terra com você. Estava certo. Não gosto daqui.

O piloto concordou amargamente.

- Desta vez, irá no compartimento de carga. Assim, nenhum de nós dois se machucará... Não poderia prometer nada se estivesse lá na frente.

- Está bem - disse Jean. - Vou entrar.

Quando Jean chegou ao Hotel Atlantide, em Metrópolis, vestia um vestido preto e escarpins pretos, que segundo ela lhe davam um ar de mais velha e sofisticada. Atravessando o saguão, olhou cautelosamente à procura do detetive da casa. Às vezes eles alimentavam suspeitas grosseiras sobre moças desacompanhadas. Era melhor evitar a polícia, mantê-los a distância. Quando descobrissem que ela não tinha nem pai, nem mãe, nem tutor, suas mentes seriam capazes de se inclinarem por alguma instituição governamental. Em várias ocasiões, foram necessárias medidas bem extremas para garantir sua independência.

Mas o detetive do Hotel Atlantide não prestou atenção à moça de cabelos negros que atravessou o saguão silenciosamente, se é que a viu. O cabineiro notou que estava irrequieta, como se estivesse com um grande entusiasmo contido ou nervosa.

Um carregador no trigésimo andar a viu procurando o número de um apartamento e mentalmente a rotulou como uma pessoa estranha ao hotel. Uma camareira observou-a tocar a campainha do apartamento 3001, viu a porta se abrir, a moça pular para trás de espanto, e depois entrar calmamente no apartamento. Estranho, pensou a camareira, e especulou tranquilamente por alguns instantes. Depois, foi recarregar os distribuidores de espuma nos banheiros públicos, e o incidente fugiu-lhe da mente.

O apartamento era espaçoso, elegante e caro. As janelas davam para os Jardins Centrais e para o Centro Morison de Igualdade, atrás. A mobília era trabalho de um decorador profissional, harmônica e estéril; no entanto, alguns objetos casuais espalhados pelo aposento insinuavam presença feminina. Mas Jean não viu nenhuma mulher. Só ela e Fotheringay estavam ali.

Fotheringay vestia roupas de flanela cinza claro e gravata escura. Num grupo de

vinte pessoas ele desapareceria. Depois de um instante de surpresa, ele recuou.

- Entre.

Jean lançou olhares em volta do aposento, meio na expectativa de encontrar um corpo gordo enrugado. Mas, possivelmente Lionel não estava em casa. E Fotheringay o estava esperando.

- Bem - perguntou ele - o que a traz aqui? - Observava Jean ocultamente. - Sente-se.

Jean afundou numa cadeira, mordendo o lábio. Fotheringay a observava como um gato. Vá devagar. Ela estimulou sua mente. Que desculpa legítima teria para visitar Lionel? Talvez Fotheringay esperasse que ela o traísse... Onde estava Hammond? Sua nuca arrepiou. Havia olhos fitando sua nuca. Virou-se rapidamente.

Alguém no corredor tentara sair de sua vista, mas não rápido o suficiente. Dentro do cérebro de Jean, partiu-se uma fina membrana de ignorância, liberando uma cáli-da e suave vaga de compreensão.

Ela sorriu, com seus dentes aguçados aparecendo entre os lábios. Foi uma mulher gorda que ela viu no corredor, rosada, inchada e trêmula.

- De que está rindo? - perguntou Fotheringay.

Ela usou a estratégia dele.

- Está curioso para saber quem me deu seu endereço?

- Obviamente. Webbard.

Jean concordou.

- A mulher é sua esposa?

O queixo de Fotheringay ergueu-se por um fio de cabelo.

- Vá logo ao ponto.

- Muito bem. - Jean inclinou-se para a frente. Ainda havia uma possibilidade

dela estar cometendo um terrível engano, mas tinha que arriscar. Perguntas revelariam a sua incerteza, diminuindo sua possibilidade de barganha.

- Quanto dinheiro pode levantar neste exato momento? Dinheiro vivo.

- Dez ou vinte mil dólares.

Seu rosto deve ter mostrado desapontamento.

- Não é suficiente?

- Não. Você me botou numa aventura sórdida.

Fotheringay permanecia silenciosamente sentado.

- Earl jamais tentaria me seduzir, da mesma forma que jamais cortaria sua língua.

Seu gosto por mulheres é igual ao seu.

Fotheringay não demonstrou nenhum sinal de irritação.

- Mas dois anos atrás...

- Há uma razão para isto. - Ela ergueu as sobrancelhas pesarosamente. - E não é nada decente.

- Bem, então fale.

- Ele gostava de garotas terrestres porque eram anormais, na opinião dele, é claro.

Earl gosta de anormais.

Fotheringay coçou o queixo, olhando-a com os olhos arregalados.

- Nunca havia pensado nisto.

- Seu plano teria funcionado se Earl fosse pelo menos meio normal. Mas não tenho o que é necessário.

Fotheringay sorriu friamente.

- Você não veio aqui para me dizer isso.

- Não. Eu sei como Lionel Abercrombie pode pegar a estação para si mesmo... é óbvio que seu nome é Fotheringay.

- Se meu nome é Fotheringay, por que veio me procurar?

Jean riu gostosamente.

- Por que acha que o estou procurando? Procuro Lionel Abercrombie. Fotheringay não me serve de nada, a não ser que possa me casar com Earl. E não posso. Não tenho coragem para tanto. Agora procuro Lionel Abercrombie.

8

Fotheringay batucou com um dedo bem manicurado num joelho bem aflanelado. E

disse calmamente:

- Eu sou Lionel Abercrombie.

- Como posso ter certeza?

Ele jogou um passaporte. Ela o examinou e devolveu.

- Certo. Agora, você tem vinte mil dólares. Não é suficiente. Quero dois milhões...

Se você não os tem, não os tem... Não sou exorbitante. Mas quero ter certeza de que os receberei quando os tiver... então, você me dará uma escritura, uma nota de venda, algo legal que me dê a sua parte na estação Abercrombie. Concordarei em revendê-la a você por dois milhões de dólares.

Fotheringay sacudiu a cabeça.

- Este tipo de acordo só é comprometedor para mim, não para você. Você é menor.

Jean disse:

- Quanto mais cedo eu me livrar de Abercrombie, melhor. Não sou gananciosa.

Pode ficar com o seu bilhão de dólares. Só quero dois milhões... Aliás, como é que chegou a esta quantia? Webbard disse que tudo não vale mais que cem milhões de dólares.

A boca de Lionel torceu-se num sorriso gelado.

- Webbard não incluiu os bens dos hóspedes de Abercrombie. Algumas pessoas bastante ricas são gordas. Quanto mais gordas ficam, menos gostam da vida na Terra.

- Sempre podem querer mudar para outra estação.

Lionel sacudiu a cabeça.

- Não é a mesma atmosfera. Abercrombie é a Terra dos Gordos. O único e pequeno lugar onde um gordo tem orgulho do seu peso. - Havia um tom de tristeza em sua voz.

Jean disse suavemente:

- E você sente saudades de Abercrombie.

Lionel sorriu severamente.

- Isso é tão estranho?

Jean ajeitou-se na cadeira.

- Agora nós iremos a um advogado. Conheço um bom. Richard Mycroft. Quero esse documento feito sem nenhum furo. Talvez eu tenha que arranjar um guardião ou curador para mim.

- Não precisa de um curador.

Jean sorriu complacentemente.

- De fato, não preciso.

- Ainda não me disse no que consiste esse projeto.

- Direi quando tiver a escritura. Você não perde nada dando propriedades que não possui. E depois que as der, é meu o interesse em ajudá-lo a tê-las.

Lionel se pôs de pé.

- É melhor que seu plano funcione.

- E vai.

A mulher gorda entrou no aposento. Era óbvio que era terrestre, encantada e perplexa pelas atenções de Lionel. Olhando para Jean, ficou cheia de ciúmes.

Já no corredor, Jean disse inteligentemente:

- Se a levar para Abercrombie, ela o trocará por um daqueles patifes gordos.

- Cale-se! - disse Lionel num tom zangado como a afiação de uma foice.

O piloto da nave de suprimentos disse sombrio:

- Não sei nada disso.

Lionel perguntou calmamente:

- Você gosta do seu trabalho?

piloto resmungou grosseiramente, mas não fez mais nenhum protesto. Lionel sentou-se ao lado do piloto e apertou o cinto de segurança. Jean, o homem com cara de cavalo chamado Hammond, dois homens idosos de aspecto profissional e gestos in-quietos, se arrumaram no compartimento de carga.

A nave desprendeu-se do cais, passou acima da atmosfera e acertou seu curso em direção à órbita de Abercrombie.

A estação flutuava à frente, resplandecente à luz do sol.

A nave pousou no cais de descarga, e os descarregadores guiaram a nave até a sua tomada, e a porta se abriu.

- Venham - disse Lionel. - Rápido, vamos terminar logo com isto. - Deu um tapinha no ombro de Jean. - Você primeiro.

Ela mostrou o caminho pelo núcleo central. Hóspedes gordos passavam flutuando por eles, leves e redondos como bolhas de sabão, as máscaras dos seus rostos demonstrando surpresa à vista de tanta gente ossuda.

Núcleo acima, seguindo a junção com a esfera dos aposentos particulares dos Abercrombie. Passaram pelo Jardim de Recreio, onde Jean deu uma espiada em Dona Clara, gorda como um salsichão, junto com o subserviente Webbard.

Passaram pela Sra. Blaiskel .

- Oh, Sr. Lionel! - Ofegou. - Minha nossa, quem diria!

Lionel passou correndo. Jean, olhando seu rosto por sobre o ombro, sentiu uma aflição. Algo escuro enfumaçava seus olhos. Triunfo, maldade, vingança, crueldade.

Algo não muito humano. Se nada mais, Jean era extremamente humana, e não queria se sentir aflita na presença de vida extraterrestre... Ela se sentia aflita agora.

- Depressa - disse Lionel -, depressa.

Passaram pelos aposentos de Dona Clara, chegaram à porta do quarto de Earl.

Jean apertou o botão e a porta se abriu.

Earl estava de pé em frente ao espelho, colocando uma gravata de seda vermelha e azul no seu pescoço taurino. Vestia um terno cinza pérola de gabardina, com um corte bem largo, acolchoado para fazê-lo ficar redondo e macio. Viu Jean pelo espelho, atrás dela o rosto duro de seu irmão Lionel. Rodopiou, perdeu o apoio, e flutuou inutilmente no ar.

Lionel riu.

- Pegue-o, Hammond. Traga-o para cá.

Earl enfureceu-se e encolerizou-se. Ele era o patrão ali, fora todo mundo. Ele pren-deria a todos, mataria. Ele os mataria...

Hammond o vasculhou procurando armas, e os dois homens de ares profissionais ficaram desconfortavelmente afastados, murmurando entre si.

- Olhe aqui, Sr. Abercrombie - disse um deles finalmente. - Não podemos ser parte dessa violência...

- Cale-se - disse Lionel. - Vocês estão aqui como testemunhas, como profissionais de medicina. Estão sendo pagos para olhar, é só. Se não gostam do que estão vendo, pior para vocês.

Acenou para Jean.

- Ande logo.

Jean empurrou-se até a porta do escritório.

Earl berrou:

- Afaste-se daí, saia! Isto é privativo, é meu escritório particular!

Jean apertou os lábios. Era impossível não sentir pena do pobre e retorcido Earl.

Mas pensou na sua “coleção zoológica”. Cobriu firmemente a célula elétrica e apertou o botão. A porta se abriu, revelando a glória do vitral que brilhava como fogo do céu.

Jean empurrou-se na direção da criatura peluda. Ali esperou.

Earl criou dificuldades para passar pela porta. Hammond segurava seus cotovelos; Earl emitiu um berro rouco, jogou-se para a frente, ofegante como uma galinha sem ar.

Lionel disse:

- Não brinque com Hammond, Earl. Ele gosta de machucar as pessoas.

As duas testemunhas resmungavam colericamente. Lionel calou-os com um simples olhar.

Hammond segurou Earl pelos fundilhos das calças, ergueu-o sobre a cabeça e caminhou com as botas magnéticas grudando no assoalho atravancado do escritório, com Earl batendo os braços em vão.

Jean procurou o botão do painel detrás do enfeite em gregas para entrar no anexo.

Earl gritou.

- Tire as mãos daí! Ah, você vai me pagar, vai me pagar muito caro por isso! - Sua voz enrouqueceu, e começou a soluçar.

Hammond o sacudiu como um Terrier sacode um rato.

Earl soluçou mais alto ainda. O som rangeu nos ouvidos de Jean. Franziu as sobrancelhas, achou o botão e apertou. O painel se abriu. Todos passaram para o

anexo bem iluminado. Earl completamente alquebrado, aos soluços e suplicante.

- Aí está - disse Jean.

Lionel passou os olhos na coleção de monstruosidades. Coisas do outro mundo, dragões, lagartos, grifos, insetos encouraçados, serpentes de olhos grandes, emaranhados de músculos, criaturas retorcidas de cartilagem, cérebro e dentes. E também havia criaturas humanas, não menos grotescas. Os olhos de Lionel pararam no homem gordo.

Olhou para Earl que já se havia calado, entorpecido.

- Pobre Hugo - disse Lionel. - Devia estar envergonhado, Earl.

Earl produziu um som de suspiro.

Lionel disse:

- Mas Hugo está morto... tão morto quanto as outras criaturas. Certo, Earl? -

Olhou para Jean. - Certo?

- Creio que sim - disse Jean um pouco aflita. Não tinha prazer em molestar Earl.

- É claro que está morto - disse Earl ainda ofegante.

Jean foi até a pequena chave que controlava o campo magnético.

Earl gritou:

- Sua bruxa! Sua bruxa!

Jean virou a chave. Houve um zumbido musical, um chiado, um cheiro de ozônio.

Passou um instante. Houve um suspiro de ar. A porta do cubículo de vidro se abriu com um barulho de sucção. Hugo flutuou dentro do quarto.

Retorceu os braços, engasgou e quase vomitou; fez um ruído agudo de choro na garganta.

Lionel virou-se para as duas testemunhas.

- Este homem está vivo?

Eles murmuraram excitados:

- Sim, sim!

Lionel virou-se para Hugo.

- Diga-lhes o seu nome.

Hugo sussurrou debilmente, comprimiu os cotovelos junto ao corpo, encolheu suas perninhas atrofiadas, e tentou assumir a posição fetal.

Lionel perguntou aos dois homens.

- Este homem está são?

Eles se inquietaram.

- É claro que esta é uma pergunta que não pode ser respondida assim de pronto. -

Continuaram murmurando, falando sobre testes, encefalografias, reflexos. Lionel esperou um momento. Hugo estava murmurando e chorando como um bebê.

- Então, ele está são?

Os médicos disseram:

- Ele está sofrendo de um choque severo. O congelamento profundo tem, invariavelmente, o efeito de perturbar a sinapse...

Lionel perguntou sarcasticamente:

- Ele está em seu estado normal?

- Bem, é óbvio que não.

Lionel concordou.

- Neste caso, estão diante do novo dono da estação Abercrombie.

Earl protestou:

- Não pode fazer isso, Lionel! Ele está louco há muito tempo, e você esteve fora da estação!

Lionel riu ferozmente:

- Quer levar a questão ao Supremo Tribunal Almirantal de Metrópolis?

Earl se calou. Lionel olhou para os médicos que murmuravam sem parar.

- Falem com ele - disse Lionel. - Satisfaçam sua curiosidade para saber se ele está são ou não.

Os médicos se dirigiram respeitosamente até Hugo, que dava miados. Chegaram a uma desagradável porém definitiva conclusão.

- É evidente que este homem não é capaz de responder por seus atos.

Earl conseguiu livrar-se mal-humoradamente do domínio de Hammond.

- Largue-me.

- É melhor você ter cuidado - disse Lionel. - Creio que Hammond não gosta de você.

- Não gosto de Hammond - disse Earl odiosamente. - Não gosto de ninguém. - Sua voz baixara de tom. - Não gosto nem de mim mesmo. - Permaneceu olhando para o cubículo que Hugo havia deixado.

Jean pressentiu uma onda de atrevimento crescendo nele. Abriu a boca para falar.

Mas Earl já havia começado.

O tempo parou. Earl parecia mover-se com incrível lentidão, mas os demais permaneciam parados como se congelados em gelatina.

O tempo passou a contar para Jean.

- Vou dar o fora daqui! - Ofegou, sabendo o que o meio maluco do Earl estava prestes a fazer.

Earl percorreu toda a fila de monstros com as suas botas magnéticas soando no chão. Ao mesmo tempo, ligava os botões. Ao terminar, ficou no fundo do quarto.

Atrás dele, as coisas voltavam à vida.

Hammond se recobrou e foi atrás de Jean. Um braço preto e peludo, aparentemente se debatendo ao acaso, segurou sua perna. Houve um ruído surdo de quebrado. Hammond uivava aterrorizado.

Jean se precipitou pela porta, mas pulou para trás gritando. Defronte dela estava o gorila de dois metros e meio, com a cara de poodle francês. Em algum ponto da fila, Earl ligara a chave que o havia livrado da catalepsia magnética. Os olhos pretos brilhavam, a boca pingava, as mãos abriam e fechavam. Jean se encolheu.

Ruídos horríveis vinham de trás. Ela ouviu Earl suspirando de súbito medo. Mas não podia tirar os olhos do gorila. Ele flutuou dentro do quarto. Seus negros olhos de cão olhavam no fundo dos olhos de Jean. Ela não conseguia se mover. Um enorme braço preto, movendo-se sem direção, passou perto do ombro de Jean, e agarrou o gorila.

Era uma berraria dos diabos. Jean se encostou na parede. Uma agitada criatura verde, serpenteando, moveu-se para dentro do escritório, quebrando prateleiras, telas, expositores, fazendo flutuar livros, minerais, papéis, mecanismos, armários e gavetas. O gorila veio logo atrás, com um de seus braços torcido e solto. Uma avalan-cha de pés membranosos, escamas, rabichos de músculos e um corpo humano passaram - Hammond e um grifo de um mundo apropriadamente chamado de “Buraco Empestado”.

Jean escapuliu pela porta, pensando em se esconder no nicho. Lá fora, no convés, estava a nave espacial de Earl. Ela se empurrou em direção à portinhola.

Atrás, arrastando-se freneticamente, vinha um dos médicos que Lionel trouxera como testemunha. Jean berrou:

- Aqui, aqui.

O médico se jogou na nave espacial.

Jean agachou-se perto da portinhola, pronta para fechá-la se algum perigo se aproximasse... suspirou. Todas as suas esperanças, planos para o futuro, haviam ex-plodido, e em seu lugar havia conseguido morte, desastre, catástrofe.

Virou-se para o médico.

- Onde está seu colega?

- Morto! Oh, meu Deus, o que podemos fazer?

Jean virou-se para olhá-lo, os lábios torcidos de desgosto. Então, ela o viu sob uma luz nova e promissora. Uma testemunha desinteressada. Ele já se parecia com dinheiro. Poderia testemunhar que pelo menos por trinta segundos Lionel fora dono da estação Abercrombie. Trinta segundos bastavam para transferir o título para ela.

Não importava se Hugo era são ou não, pois havia morrido trinta segundos antes de Lionel ser atingido na garganta por um sapo metálico com uma tesoura afiada como uma faca.

Era melhor ter certeza.

- Escute - disse Jean. - Isto pode ser importante. Suponhamos que tivesse que testemunhar num tribunal. Quem morreu primeiro, Hugo ou Lionel?

O médico permaneceu calado por um momento.

- Foi Hugo. Vi seu pescoço quebrar quando Lionel ainda estava vivo.

- Tem certeza?

- Tenho sim. - Ele tentava se acalmar. - Temos que fazer algo.

- Certo - disse Jean. - O que faremos?

- Eu não sei.

Escutaram gritos de mulher.

- Meu Deus - exclamou Jean. - Os bichos devem ter ido até os aposentos internos... O que não farão à estação Abercrombie... - Perdeu o controle e

vomitou na fuselagem da nave.

Uma cara marrom peluda como a de um cão poodle, manchada de sangue, apareceu e tentou se aproximar furtivamente.

Hipnotizada, Jean viu que seu braço tinha sido arrancado por completo. Ele avan-

çou, Jean pulou para trás e fechou a portinhola. Um corpo pesado se atirou contra o metal da nave.

Eles estavam fechados na nave espacial de Earl. O médico desmaiara. Jean disse:

- Não morra agora, cara. Você vale muito dinheiro...

Ouvia-se fracamente ruídos de impactos e baques através do metal. Depois, ouviu-se o som surdo das pistolas de prótons.

As armas soavam com uma regularidade monótona... ZZAAAP... ZZAAAP... ZZAAAP...

Depois, completo silêncio, Jean entreabriu a portinhola. O nicho estava vazio. Só via o gorila, flutuando morto, com o corpo quebrado.

Jean aventurou-se dentro do quarto e do escritório. A nove metros de distância estava Webbard, plantado de pé, como se fosse um capitão pirata no convés de seu navio. Seu rosto estava branco e esfumaçado. Marcas de aflição corriam do seu nariz até a sua quase invisível boca. Carregava duas enormes pistolas de prótons, cujos orifícios estavam branco rubras

Ele viu Jean, e seus olhos brilharam.

- Você! Foi você quem causou tudo isso, com sua bajulação e espionagem!

Apontou as pistolas de prótons.

- Não! - gritou Jean. - Não foi culpa minha.

Ouviu-se a voz de Lionel, fracamente.

- Abaixe as pistolas, Webbard.

Segurando sua garganta, arrastou-se para dentro do escritório.

- Ela é a nova dona - falou sarcasticamente. - Não ia querer matar sua patroa, ia?

Webbard piscou com espanto.

- Sr. Lionel!

- Sim - disse Lionel. - De volta à casa... e temos uma bagunça e tanto para limpar, Webbard...

Jean olhou para a caderneta bancária. Os números moldados em plástico iam quase até a ponta da fita.

- Dois milhões de dólares.

Mycroft pitava seu cachimbo, olhando pela janela.

- Há algo em que você deveria refletir - falou. - Isto é o investimento do seu dinheiro. Não terá condição de fazê-lo sozinha. Outras partes insistirão em negociar com entidades responsáveis, isto é, um tutor ou guardião.

- Não sei muito sobre essas coisas - disse Jean. - Prefiro presumir que se encarregará disso para mim.

Mycroft inclinou-se, bateu o cachimbo, despejando a cinza.

- Não gostaria de fazê-lo? - perguntou Jean.

Mycroft disse com um sorriso distante e comprimido:

- Sim, quero... terei prazer em administrar um patrimônio de dois milhões de dólares. Na verdade, me tornarei seu tutor legal, até a sua maioridade. Teremos que conseguir a nomeação num tribunal. O documento será para o efeito de controlar o dinheiro que não está nas suas mãos; contudo, podemos incluir uma cláusula garantin-do a renda integral para você, o que presumo seja o que você quer. Deve dar mais ou menos cinquenta mil dólares ao ano, depois dos impostos.

- Está bem para mim - disse Jean, desatentamente. - Não estou muito interessada

em nada, agora... parece haver algo como um desapontamento.

Mycroft concordou.

- Eu entendo.

Jean disse:

- Tenho o dinheiro. Sempre o quis, e agora o tenho. E agora... - estendeu os bra-

ços, ergueu as sobrancelhas. - É apenas um número na caderneta... Amanhã de ma-nhã me levantarei e direi a mim mesma, o que devo fazer hoje? Devo comprar uma casa? Devo encomendar mil dólares em roupas? Devo começar uma excursão de dois anos a ARGO NAVIS? - E a resposta será: - Não, para o inferno com isso tudo.

- Você precisa - disse Mycroft - de alguns amigos, meninas bacanas da sua idade.

A boca de Jean se movia formando um sorriso doentio.

- Receio que não tenhamos muito em comum... Provavelmente seria uma boa ideia, mas... não daria certo. - Sentava-se passivamente na cadeira, a boca larga triste.

Mycroft reparou que, quando em repouso, era uma boca generosa e doce.

Ela disse em voz baixa:

- Não consigo tirar da cabeça a ideia de que devo ter um pai e uma mãe em algum lugar do universo...

Mycroft coçou o queixo.

- Gente que abandona uma criança num bar não é digna de ser lembrada, Jean.

- Eu sei - respondeu com voz sombria. - Oh, Sr. Mycroft, sinto-me tão desgraçadamente sozinha... - Jean chorava com o rosto escondido nos braços.

Indeciso, Mycroft pôs a mão no seu ombro, tentando confortá-la, desajeitadamente.

Depois de um certo tempo, ela disse:

- Vai pensar que sou uma grande tola.

- Não - disse Mycroft rispidamente. - Não penso nada desse gênero. Eu gostaria de... - Não conseguia encontrar as palavras.

Ela se recobrou e se levantou.

- Chega disso... - Ergueu a cabeça dele, deu-lhe um beijo no queixo.

- Você é realmente bacana, Sr. Mycroft... mas não quero piedade. Detesto piedade.

Estou acostumada a cuidar de mim mesma.

Mycroft voltou para sua cadeira, encheu seu cachimbo para manter os dedos ocupados. Jean pegou sua pequena bolsa.

- Agora mesmo tenho uma hora marcada com um costureiro chamado André. Ele vai me vestir como manda o figurino. E depois vou para... - Parou. - É melhor não dizer. Você ficaria alarmado e chocado.

Ele limpou a garganta.

- Creio que sim.

Ela concordou vivamente.

- Até logo. - E saiu do escritório.

Mycroft limpou a garganta novamente, puxou as calças, ajeitou seu paletó, e voltou ao trabalho... Por alguma razão o trabalho parecia chato, monótono, sem graça.

Sua cabeça doía

E disse:

- Tenho vontade de sair e tomar um porre...

Dez minutos se passaram. A porta se abriu e Jean pôs o rosto pela fresta.

- Oi, Sr. Mycroft.

- Oi, Jean.

- Mudei de ideia Pensei que seria muito mais agradável se eu o levasse para jantar, e depois, quem sabe, fôssemos ver um espetáculo... Você gostaria?

- Gostaria muito - disse Mycroft.

A FAZENDA ALIMENTAR

Kit Reed

Tradução de Gilson Koalz

Alguns as chamam de fazendas alimentares, fazendas de gordura ou clínicas de saúde, mas elas são na realidade prisões de dieta. Junte rebanhos de obesos, fa-

ça-os passarem fome em massa, force-os a fazerem exercícios, é essa a teoria que funciona. Ah, e o que aconteceria se os internos se revoltassem?

E aqui estou eu, guardiã responsável, engordando-os para o nosso líder, Tommy Fango; aqui estou eu servindo pudins de banana e leite batido, coquetéis de creme com licor, andando por todos os lados como um técnico, medindo seus efeitos em ancas e coxas, quando o tempo todo sou eu quem o ama, eu que poderia tê-lo satisfeito eternamente se a vida tivesse rodado de outra forma. Mas agora eu estou esquelética, sou levada pelo vento como uma folha pelos cantos, curvada pela mais leve brisa. Meus cotovelos chocalham contra minhas costelas e tenho que passar metade do dia na cama para que uma ou duas gramas do que como possam ser guardadas no meu corpo, porque, se não o fizer, as gorduras e cremes desaparecerão, queimados em meu forno insaciável, e a pouca carne que me resta desaparecerá.

Cruel como possa parecer, sei em que colocar a culpa.

Foi vaidade, pura vaidade, e eu os detesto ainda mais por isso. Não foi vaidade minha, pois sempre fui uma pessoa simples: eu me habituei cedo com cadeiras reforçadas e roupas folgadas, com a chuva de comentários. Ao invés de dar atenção a eles, eu nem me liguei, e teria ficado feliz se pudesse ter seguido assim, atravessando a vida com meu rádio no sutiã, pois eu nunca provoquei gritos de admiração, ninguém nunca empalideceu e se afastou.

Mas eles eram fúteis e, em sua vaidade, meu frágil pai, minha pálida e magra mãe, não me enxergaram como uma entidade, mas como um reflexo deles. Coro de vergonha só de lembrar as desculpas que davam por mim. - Ela puxou o lado da família de May - dizia meu pai, negando qualquer responsabilidade. - É apenas gordura de bebê - dizia minha mãe, espetando seu cotovelo no meu flanco macio. - Nel y é grande para a sua idade. - E então ela puxava furiosamente, abaixando meu volumoso avental até cobrir meus joelhos. Isso

quando eles ainda consentiam em serem vistos comigo. Nessa época eles me enchiam de pastéis e assados antes de irmos a qualquer lugar, me empanturrando em casa para que eu não me empanzinasse em público. Mesmo assim repetia a refeição três, quatro, cinco vezes e então virava a humilhação deles.

Com o tempo me tornei demais para eles e eles deixaram de me levar para sair; não faziam mais tentativas de explicar. Em vez disso, tentaram pensar em meios de me fazer parecer melhor; os médicos tentaram as tolas baterias de pílulas; tentaram me fazer entrar para um clube. Durante um certo tempo mamãe e eu fizemos exercí-

cios; nos sentávamos no chão, ela vestindo uma malha preta, eu com o meu avental.

Então, ela fazia um animado um-dois, um-dois, e eu tentava tocar nos dedos dos pés. Mas eu tinha que ouvir, tinha que me ligar e depois que eu estava ligada, naturalmente tinha que achar alguma coisa para comer; Tommy cantava e eu sempre comia quando Tommy cantava, e a deixava ali no chão, continuando com o seu um-dois, um-dois. Algum tempo depois disso eles tentaram trancar a comida. Depois co-meçaram a reduzir minhas refeições.

Esse foi o período mais cruel. Me recusavam pão, alegavam e gritavam, me dobrando com alface e dizendo que tudo era para o meu próprio bem. Será que não ouviam meu corpo gritando? Eu lutei, berrei e quando isso também não deu certo, sofri em muda obediência até que finalmente a fome me arrastou para as ruas. Eu ficava deitada na cama, encorajada pelos Monets e Barry Arkin e os Philadons que escutava no rádio e Tommy (nunca era o bastante; eu o escutava umas cem vezes por dia e nunca foi suficiente; como isso parece triste agora!). Eu os escutava e então, quando meus pais estavam dormindo, eu me desligava e saía pelas redondezas. Nas primeiras noites eu esmolei, implorando a misericórdia dos passantes e depois mergulhando na padaria, trazendo para casa tudo o que eu não tinha comido ali mesmo na loja. Conseguia dinheiro bastante rápido; nem precisava pedir. Talvez fosse o meu tamanho, talvez fosse o meu desesperado grito sub-verbal de fome; descobri que bastava me aproximar que o dinheiro seria meu. Tão logo me viam, as pessoas se vi-ravam e disparavam a correr, jogando a bolsa ou a carteira na minha frente, como se quisessem deter minha perseguição; desapareciam antes mesmo que eu pudesse ex-pressar meus agradecimentos. Uma vez me acertaram. Uma vez uma pedra se alojou na minha carne.

Em casa, meus pais continuavam com suas lágrimas e lamúrias. Insistiam com o leite magro e bifes grelhados, ignorando a vida que eu levava de noite. Durante o dia eu era complacente, cochilando entre as refeições leves, alimentando-me com o som que tocava nos meus ouvidos, vindo do rádio escondido no meu vestido. Então, quando a noite caía, eu me desligava; dava um certo sabor às coisas, saber que não voltaria a me ligar antes de estar pronta para comer. Algumas noites isso apenas significava ir até um dos esconderijos no meu quarto, pegar garrafas, latas e embalagens. Em outras noites, tinha que sair às ruas, encontrando dinheiro onde podia. E

então eu engolia uma nova fornada de bolos, rocamboles, besteirinhas da loja de produtos finos e algumas latas de glacê e uma manta de bacon ou um pouco de presunto; acabava com uma cesta de laranjas para afastar o perigo do escorbuto e uma cartela de barras de doce para obter energia rápido. Ao me sentir satisfeita, voltava para o meu quarto, escondendo comida aqui e ali, rearrumando meu ninho de tra-vesseiros e acolchoados. Abria a primeira torta ou a primeira lata de dois litros de sorvete e então, ao começar a comer, me ligava novamente.

Era preciso se ligar; as pessoas que se importavam com a vida estavam todas ligadas. Era o nosso vínculo, nosso consolo, nossa força, não uma forma de se distrair ou de ocupar o tempo. O som era o que interessava, ele e o fato de que, gorda ou magra, dormindo ou acordada, a gente era importante quando estava ligada. E a gente sabia que mesmo sob fogo, dilúvio e qualquer adversidade, ignomínia ou tempos difíceis, ainda restava esse laço único, essa herança comum; forte ou fraca, eternamente dotada ou infeliz ou desamada, cada uma de nós estava ligada.

Tommy, lindo Tommy Fango, os outros empalideciam e sumiam perto dele. Todo mundo o ouvia naqueles dias; tocavam suas músicas duas ou três vezes por hora, mas nunca se sabia quando e o jeito era ficar ligada o tempo todo e ficar ouvindo sem perder um minuto; a gente comia, dormia, respirava, esperando o momento em que eles tocariam um dos discos de Tommy, a gente esperava que a voz dele enchesse o quarto. Frios e bolinhos e todas as espécies de aves passaram pela minha frente durante esse período da minha vida, mas uma coisa era constante; sempre tinha uma torta de creme descongelando e quando tocavam as primeiras notas do

“Quando uma viúva” e a voz de Tommy começava a soar e a se soltar, eu estava pronta e comia a torta de creme durante a apresentação de Tommy à meia-noite.

O

mundo inteiro esperava naqueles dias; nós esperávamos durante o interminável dia banhado com a luz solar, através de noites com rufos de tambores e monotonia, todas esperávamos pelos discos de Tommy Fango e esperávamos por aquela hora inteira sem intervalos com Tommy, seu programa da meia-noite. Naqueles dias, ele se apresentava ao vivo à meia-noite; ele cantava irradiando do Hotel Riverside e aquilo era lindo, mas o mais importante era que ele falava e enquanto ele falava tudo parecia bem para nós. Ninguém se sentia só quando Tommy falava; ele nos reunia naquele programa de meia-noite, falava e nos fazia poderosas, falava e finalmente cantava. Você tem que imaginar como era, eu no meio da noite, Tommy e a torta. Num instante eu partia para um lugar em que eu vivia de Tommy e somente Tommy, num tempo em que ouvir Tommy trazia de volta a torta, todas as pobres tortas perdidas...

Os discos de Tommy, seu programa, a torta... talvez tenha sido o período mais feliz da minha vida. Eu me sentava e ouvia e comia, comia, comia. Meu êxtase era tão grande que se tornava uma tortura me afastar da comida ao nascer do dia; foi se tornando cada vez mais difícil esconder as embalagens, latas e garrafas, todos os re-síduos da minha felicidade. Talvez um pedaço de bacon tenha caído no registro; talvez um ovo tenha rolado para debaixo da cama e começou a cheirar mal. Está certo, talvez eu tenha me tornado descuidada, continuando minhas orgias manhã afora, ou talvez eu tenha sido bastante imprudente a ponto de deixar um doce de geleia por terminar sobre o cobertor. Me tornei ciente de que eles estavam observando, esprei-tando do lado de fora da minha porta, conspirando enquanto eu comia. Tempos depois, irromperam sobre mim, se lamentando, suplicando, chorando por cada embalagem de sorvete ou migalha de torta que encontravam; e então me ameaçaram. Por fim, devolveram a comida que me haviam tomado durante o dia, pensando em reduzir minhas refeições de noite. Insensatez. Por essa época eu precisava de todas elas, me fechava com elas e não dava ouvidos. Ignorava seus gritos de orgulho ferido, suas efusões de vaidade machucada, suas débeis e tolas ameaças. Mesmo que eu tivesse dado ouvidos, não poderia ter previsto o que aconteceria em seguida.

Estava tão feliz naquele último dia. Tinha presunto Smithfield, meu, e me lembro de um vidro de cereja em conserva, meu, e me lembro de bacon, vermelho pálido e branco em pão italiano. Lembro-me de sons vindos do andar de baixo e, antes que eu pudesse me prevenir, um ataque, uma companhia de enfermeiros uniformizados, a picada de uma arma hipodérmica. Então, dez deles

se aproximaram e me amarra-ram com um laço ou rede e, me erguendo, fazendo força, me levaram escada abaixo.

Nunca perdoarei vocês, gritei, ao me jogarem como um fardo na ambulância. Nunca a perdoarei, berrei quando minha mãe, num último gesto de traição, tirou meu rádio, e gritei uma última vez quando meu pai tirou um pernil do meu colo: nunca o perdoarei. E nunca perdoei.

É doloroso descrever o que aconteceu em seguida. Lembro de três dias de horror e agonia, de estar muito fraca, enfim, para gritar ou arranhar as paredes. Por fim me acalmei e então me levaram para um quarto bem iluminado, adornado com tecido de algodão estampado em tons pastel. Eu lembro que havia flores na cômoda e alguém me observando.

- Por que você está aqui? - ela me perguntou.

Mal podia falar, de fraqueza.

- Desespero.

- Uma ova - disse, mascando. - Está aqui por causa de comida.

- O que está comendo? - Tentei levantar a cabeça.

- Só mascando vento, com a boca vazia. Ajuda.

- Vou morrer.

- Todo mundo pensa assim, no começo. Até eu. - Ela inclinou a cabeça numa atitu-de de benevolência. - Sabe, estamos numa escola muito exclusiva.

Seu nome era Ramona e enquanto eu chorava em silêncio ela me deu as dicas.

Aquele era o último recurso para os poucos que podiam se permitir enviar as crian-

ças e arcar com as despesas. Eles o embonecavam com um programa de terapia, exercícios e massagem; vestíamos graciosos aventais cor-de-rosa e falávamos de arte e teatro; de tanto em tanto tempo, assistíamos aulas de elocução e higiene.

Nossos pais diziam com orgulho que estávamos em Faircrest, uma elegante escola de aperfeiçoamento; para nós a coisa era outra - sabíamos que era uma prisão e que nos faziam passar fome.

- É um mundo que eu nunca suportei - disse Ramona; e eu percebi que a culpa era de seus pais, tanto quanto dos meus, no meu caso. Sua mãe gostava de levar as crianças para os hotéis e cassinos, usando suas filhas magras como uma grinalda de joias Seu pai seguia o sol em seu iate particular com as flâmulas tremulando e suas crianças, flexíveis e bronzeadas, na coberta da popa. Batendo de leve em sua barriga chata e bronzeada, ele olhava para Ramona com desgosto. Quando se tornou impossível escondê-la, ele cedeu ao seu orgulho cego. Certa noite eles vieram numa lancha e a levaram. Ela já estava ali há seis meses e perdera quase cinquenta quilos.

Ela devia ter sido monumental na sua plenitude; ela ainda era imensa.

- Nós vivemos de um dia a outro - disse Ramona. - Mas você ainda não sabe o pior.

- Meu rádio - disse num espasmo de medo. - Eles tiraram o meu rádio.

- Existe uma razão - continuou. - Eles a chamam terapia.

Eu murmurava para dentro, sem ruído, e num minuto eu iria gritar.

- Espere. - Com cerimônia, ela afastou um quadro para o lado, mexeu numa pequena chave e então, como bálsamo doce para o meu pânico, a voz de Tommy fluiu dentro do quarto.

Quando eu estava sossegada ela disse:

- Só pode ouvi-lo uma vez por dia.

- Não.

- Mas pode ouvir à hora que quiser. Pode ouvir na hora que mais precisar dele.

Mas nós estávamos perdendo os primeiros compassos e então nos calamos e ouvimos e depois que “Quando uma viúva” acabou, nos sentamos quietas por alguns momentos, ela resignada, eu chorando, e então Ramona acionou outra

chave e o som filtrou-se para dentro do quarto, e era quase como se a gente estivesse ligada.

- Tente não pensar nisso.

- Eu morreria.

- Se você pensar nisso, acabará morrendo. Tem que aprender a usar isso, em vez de pensar em morrer. Eles virão num minuto com o almoço - disse Ramona e enquanto The Screamers cantavam um suave fundo musical, ela continuou num tom uniforme: - Um bife. Um bife nojento com uma folha de alface e talvez uma fatia de pão de glúten Eu finjo que é um pernil de cordeiro - isso funciona se você comer muito, muito lentamente e pensar no Tommy o tempo todo; então, se olhar para a sua foto do Tommy, pode transformar a alface naquilo que você preferir, salada à la César ou um smorgabord inteiro, e se disser o seu nome sem parar, pode fingir que é uma bomba ou torta, se quiser, e...

- Vou imaginar um presunto e um empadão de rim e uma melancia recheada com salada de frutas e que Tommy e eu estamos no Rainbow Room e que vamos terminar a refeição com um Fudge Royale... - Quase me afogo na minha própria saliva; quase podia ouvir Tommy ao fundo e ouvia Ramona dizendo: - Frango capão, Tommy gostaria de um capão, pato com laranja, Napoleons, amanhã guardaremos Tommy para o almoço e ouviremos enquanto comemos... - e pensei sobre aquilo, pensei em ouvir e imaginar tortas de creme inteiras e continuei: -... torta de limão, pudim de arroz, um queijo Edam inteiro... acho que vou viver.

A enfermeira-chefe veio na manhã seguinte na hora do café e se postou como o faria todos os dias, tamborilando suas unhas vermelhas numa de suas ancas esbeltas, olhando-nos com repulsa quando caíamos sobre o copo de suco de laranja e o ovo cozido. Estava fraca demais para me controlar; ouvi um ruído semelhante a um guincho choroso e percebi por sua expressão que era a minha própria voz: - Por favor, um pouco de pão, um tablete de manteiga, qualquer coisa, eu lamberia os pratos se me deixassem, só não me deixem assim, por favor, por favor... - ainda posso ver o seu sarcasmo ao me dar as costas.

Senti a mão leal de Ramona no meu ombro.

- Ainda resta a pasta de dentes, mas não use demais de uma vez, senão elas virão e a tirarão de você.

Estava fraca demais para me levantar e então ela trouxe o tubo e nós o dividimos e falamos de todos os banquetes de que jamais tínhamos ouvido falar, e quando nos cansamos do assunto falamos sobre Tommy, e quando isso também fracassou, Ramona foi até a chave e ouvimos “Quando uma viúva”, e aquilo ajudou durante um tempo, e então decidimos que amanhã deixaríamos para ouvir “Quando uma viúva”

na hora de dormir, porque assim teríamos alguma coisa que aguardar durante todo o dia. Então, chegou o almoço e ambas choramos.

Não era apenas a fome: depois de um certo tempo o estômago começa a se devorar e as poucas gramas que você joga dentro dele, nas refeições, o aliviam, de forma que, com o tempo, o próprio apetite passa a faltar. Depois da fome vem a depressão.

Eu ficava deitada, fraca demais para me mover, e na minha miséria percebi que poderiam me trazer porco assado e melancia, torta de creme Boston sem parar; poderiam satisfazer todos os meus sonhos e eu apenas choraria irremediavelmente, porque já não tinha mais forças para comer. Mesmo então, quando pensava já ter chegado ao fim da linha, ainda não tinha compreendido o pior. Percebi primeiro em Ramona.

Olhando-a no espelho, disse, com medo:

- Você está mais magra.

Ela se voltou, com lágrimas nos olhos.

- Não sou a única, Nel y.

Olhei para os meus próprios braços e vi que ela tinha razão: faltava uma dobra de carne acima do cotovelo, menos uma prega no punho. Virei o rosto para a parede e tudo o que Ramona disse sobre comida e Tommy não me confortou. Desesperada, ligou a voz de Tommy e enquanto cantava me deitei e contemplei minha própria carne se derretendo.

- Se roubássemos um rádio, poderíamos ouvi-lo novamente - disse Ramona, tentando me confortar. - Poderíamos ouvi-lo quando cantar esta noite.

Tommy veio fazer uma visita a Faircrest dois dias depois, por razões que então

não pude entender. Todas as outras garotas, movendo-se com dificuldade, encheram a sala de reuniões para vê-lo, milhares de quilos de carne agitada. Foi naquela manhã que descobri que podia andar novamente, e estava de pé, lutando furiosamente dentro da minha tenda cor-de-rosa, quando a enfermeira-chefe me interceptou.

- Você não, Nel y.

- Tenho que chegar ao Tommy. Tenho que ouvi-lo cantar.

- Talvez da próxima vez. - Com um olhar de pura crueldade, continuou. - Você está uma vergonha. Ainda está gorda demais.

Dei um pulo, mas era tarde demais; ela já tinha passado o ferrolho. E então, me sentei em meio ao meu corpo diminuente, sofrendo enquanto todas as outras garotas da casa o ouviam cantar. Entendi então que eu tinha que agir; tinha que retomar o controle de mim mesma, de alguma forma, tinha que encontrar comida e recobrar minhas carnes e então eu iria até Tommy. Eu usaria força se fosse preciso, mas eu o ouviria cantar. Espalhei ódio pelo quarto a manhã inteira, ouvindo os gritinhos de qui-nhentas garotas, o tropel de seus pés, mas nem mesmo quando me encostei contra a parede, fui capaz de ouvir a voz de Tommy.

Porém, quando Ramona voltou para o quarto, disse uma coisa muito interessante.

Levou um certo tempo até que pudesse voltar a falar, e em sua generosidade, cantou

“Quando uma viúva” enquanto retomava o controle de si mesma e depois disse:

- Ele veio buscar alguma coisa, Nel y. Procurava algo que não encontrou.

- Conte como ele estava vestido. Diga como estava sua garganta enquanto cantava!

- Ele olhou todas as fotos de antes, Nel y. A enfermeira-chefe tentava fazê-lo ver as fotos de depois, mas ele continuou olhando para as de antes, balançando a cabe-

ça, e então encontrou uma e colocou no bolso, e se não a tivesse encontrado, não

teria cantado.

Podia sentir minha coluna se retesar.

- Ramona, você tem que me ajudar. Preciso chegar até ele.

Naquela noite executamos uma fuga ousada. Abatemos o enfermeiro que nos trouxe o jantar e depois que o prendemos sob a cama, comemos todos os bifes e pães de glúten que havia no carrinho e depois seguimos pelo corredor, abrindo todos os ferrolhos; e quando já éramos umas cem fortes, trancamos a enfermeira-chefe no seu escritório e atacamos a sala de jantar, gritando e comendo tudo o que encontrá-

vamos. Como comi aquela noite. Mas enquanto comia, sabia da fatal leveza dos meus ossos, perdi as faculdades e então me encontraram no armário frigorífico, chorando sobre uma corrente de linguiças presas umas às outras, inconsolável porque entendera que me haviam estragado para a arte de comer, eles e seus malditos bifes e pães de glúten; nunca mais poderia comer como fazia antes, nunca mais seria a mesma.

Com a minha fúria, corri atrás da enfermeira-chefe com uma perna de boi e quando estavam todos encurralados, peguei um lombo de porco para me alimentar e fugi daquele lugar. Tinha que alcançar Tommy antes que ficasse ainda mais magra; tinha que tentar. Fora dos portões, parei um carro e bati no motorista com o lombo de porco e então dirigi até o Hotel Riverside, onde Tommy sempre ficava. Entrei pelas escadas de incêndio, pisando como um gato, sem fazer ruído, e quando um camareiro se dirigiu ao quarto dele, com uma de suas roupas de algodão aveludado, eu o segui, rápida como uma tigresa, e no instante seguinte estava dentro do hotel. Quando tudo se acalmou, fui na ponta dos pés até a sua porta e entrei.

Ele era magnífico. Estava de pé perto da janela, magro e bonito; seus cabelos louros caíam até a cintura e seus ombros se contraíam sob um paletó de veludo tipo ja-quetão verde ervilha, lindo de morrer. Ele não me viu a princípio; bebia da sua imagem e então, delicadamente, pigarreei como se para limpar a garganta. No segundo em que ele se virou e me viu, tudo pareceu possível.

- É você. - Sua voz tremeu.

- Tinha que vir.

Nossos olhos se fundiram e naquele momento acreditei que nós pudéssemos nos unir, queimando como uma única chama bruxuleante, mas no instante seguinte seu rosto se enrugou de desapontamento; tirou uma fotografia do bolso, uma fotografia manchada e amarrotada, e olhou dela para mim e de mim para ela, dizendo:

- Minha querida, como você decaiu.

- Talvez não seja tarde demais - gritei, mas ambos sabíamos que eu não conseguiria.

E realmente eu não consegui, mesmo tendo comido dias seguidos, durante cinco desesperantes e heroicas semanas; jogava tortas goela abaixo, presuntos frescos. e postas de carne inteiras, mas aqueles tristes dias na fazenda alimentar, a inanição e as drogas, descontrolaram de tal forma a química do meu organismo que ele já não podia mais ser restabelecido; não importava o que eu comesse, eu emagrecia e continuava a emagrecer; meu corpo é um alojamento incompleto para comidas que já não posso mais assimilar. Tommy observa, e porque sabe que quase me teve, enorme, redonda e bela, Tommy lamenta. Agora ele come cada vez menos. Come como um passarinho e ultimamente tem se recusado a cantar; estranhamente, seus discos começaram a desaparecer.

E assim uma nação inteira aguarda.

- Eu quase a tive - diz quando lhe suplicam para voltar a fazer o programa de meia-noite; ele não cantará, não falará, mas suas mãos descreverão uma montanha de mulher que ele desejou a vida inteira.

E assim eu perdi Tommy e ele me perdeu, mas eu dou o melhor de mim para agradá-lo. Agora sou a dona de Faircrest e no lugar onde eu e Ramona sofremos uma vez, uso meus conhecimentos nas garotas que Tommy quer que eu cultive. Posso fazer uma garota engordar dez quilos em poucas semanas. Não é fazê-la inchar, é gordura sólida mesmo. Eu e Ramona as alimentamos e uma vez por semana as pesa-mos. Eu enfio no braço delas uma vareta especial e só me satisfaço quando a vareta penetra e não retorna porque toda a resiliência desapareceu. Cada semana separo a melhor e mostro ao Tommy, que balança a cabeça miseravelmente porque a melhor ainda não é boa o bastante, nenhuma delas será o que eu fui uma vez. Mas um dia o tempo e a garota estarão de acordo - e seria se fosse eu - o tempo e a garota estarão certos e Tommy voltará a

cantar. Nesse meio tempo, o mundo inteiro aguarda; nesse meio tempo, numa ala particular bem afastada das demais, mantenho meus espécimes especiais; a enfermeira-chefe, que fica mais gorda só de eu olhar para ela. E mamãe. E papai.

O ARTISTA DA FOME

Scott Sanders

Tradução de Walderez Duarte

Scott Sanders é um dos melhores escritores de ficção científica da nova geração.

Em O Artista da Fome ele mostra sua arte numa história envolvente sobre um homem com um talento muito especial para a comida.

O amanhecer não era muito convincente. Na parte oriental do horizonte o céu era cor de fígado de galinha chiando na manteiga. Um bando de pássaros se dissolvia no sol nascente em tons de chocolate. Ao norte, blocos de nuvens quebravam, como uma onda de purê de batatas, e delicadas nuvens de pipocas se avolumavam ao sul.

Comestível, sim, mas não se podia chamar de convincente. Segurando um pincel de luz com uma mão e a caneca com leite maltado na outra, Sir Toby Moore se recostou no sofá e meditou sobre sua deplorável pintura. A imagem brilhava no teto abaulado do seu ateliê; uma miniatura da imagem que seria projetada posteriormente nas cúpulas dos shoppings de cinco continentes. Com o pincel de luz deu outro toque de amarelo manteiga ao amanhecer. Tinha que confessar que a mistura de comidas não era nada vulgar, aquela de miúdos de galinha e chocolate. Por que só conseguia pintar céus de banquetes? Esses firmamentos cheios de carnes e doces, frangos e massas tinham se tornado uma fixação para ele. Tomou um grande gole de malte frio, deitou no sofá e colocou a caneca sobre a barriga proeminente.

A barriga de Sir Toby era proeminente sob dois aspectos: era enorme e era famosa. Seu volume notável vinha da paixão pela comida, o desprezo pelos exercícios e a firme decisão de não se submeter a operações de emagrecimento. Sua silhueta roliça tinha se tornado famosa por pertencer a um dos artistas mais célebres dos shoppings da América do Norte e, além disso, por ser patrocinado pela MEGA S.A., proprietária da “Esbeltez das Arábias”, a maior rede de clínicas de emagrecimento. Não era o que se poderia chamar de modelo ambulante das virtudes da elegância. Entretanto, lhe agradava pensar que só era fisicamente gordo, e não metafisicamente. No co-ração e na cabeça era tão obeso quanto qualquer outra pessoa. Realmente, por vinte e poucos anos de sua vida seu corpo não tinha sido muito volumoso. Cheinho talvez.

Só depois que se mudou para o Shopping Rio Torto, há seis anos atrás, é que come-

çou a ganhar peso e continuou engordando, ano após ano, como um iceberg acumulando a neve de cada inverno.

Os jornalistas o apelidaram de Sir Tubo, Sir Barril. Os câmeras adoravam filmá-lo quando saía com sua pequena namorada, Lyla Bel ard, para um restaurante ou um cinema. Aparecia no vídeo agigantado ao lado dela, enorme e pálido, como um urso polar de coleira.

Uma dessas edições de vídeo foi ao ar enquanto Sir Toby estava ocupado examinando seu amanhecer de fígado de galinha. Foi logo informado sobre essa nova publicidade pela vice-presidente da MEGA, cujo rosto anguloso se materializou na tela do videofone.

- Você simplesmente não pode ficar fora do alcance das câmeras, não é? - disse a mulher com voz irritada.

- E o que eu posso fazer se os fotógrafos se escondem entre os arbustos de plástico e me surpreendem cada vez que eu dou um passo fora do meu apartamento? -

respondeu Sir Toby.

Além de vê-lo sob todos os ângulos ao lado da sua diminuta namorada como se fosse para representar a escala humana, ainda mostraram, depois, uma junta de três médicos que tentaram adivinhar o seu peso e a sua perspectiva de vida.

A vice-presidente deu um sorriso forçado, como um médico tentando animar um paciente desenganado. A pele esticada de seu rosto fez Sir Toby lembrar de um trampolim.

- Já recebemos várias centenas de reclamações dos acionistas.

- Querem a minha cabeça numa bandeja - disse.

- Eles preferem sua barriga ou talvez a metade de cada bunda. O suficiente para reduzi-lo a proporções decentes.

Sabendo ou, pelo menos, esperando ser uma propriedade valiosa demais para a MEGA perdê-lo, disse confiante:

- Então me despeça. Vou botar meu banquinho no shopping e voltarei a fazer retratos a laser.

- Não banque o esnobe. Não lhe fica bem.

- Então eu estava no vídeo! Muito bem! Mate o câmera! O que mais você quer?

- Quero apelar para a sua dignidade.

Sir Toby levantou um pouco a caneca da barriga, mas pensando melhor, baixou-a outra vez. Estava faminto. A mulher na tela continuava sorrindo com uma careta. Todas essas pessoas com uma imagem pré-fabricada tinham muitos dentes.

- Minha dignidade?

- Queremos que as pessoas pensem fino quando pensarem na “Esbeltez das Arábi-as”, Sir Toby. Queremos que imaginem varinhas e não troncos.

- Eu lhe garanto - mentiu - que ser um tronco é muito mais consistente e consequente do que ser uma vara. Você, por exemplo, gosta realmente de ser esquelética como uma vara? O que é que os seus amigos agarram quando a abraçam?

A careta da vice-presidente estancou, seus dentes flutuavam na tela como uma meia-lua.

- Escute, nossos concorrentes penduraram nas lojas posteres com a sua imagem, identificando você como a mascote da “Esbeltez das Arábias”. Como o nosso símbolo!

Sir Toby resmungou. Já estava familiarizado demais com aqueles concorrentes e seus nomes revoltantes: “Vade retro, Gordura”, “Guerra ao Barril”, “A Pança Domada”, “O Homem que Encolheu”, “É isso aí, bucho”, “Ora, Bolas!”, todos eles com filiais nos shoppings de todo o país, lutando entre si numa guerra eletrônica contra a obesidade. Só de pensar nessas lojas, suas agulhas cintilantes e seus vaporizadores de micro-ondas, Sir Toby sentia náuseas. Em várias ocasiões tinha chegado ao extremo de se jogar num sofá emagrecedor da

“Esbeltez das Arábias”, para fugir em seguida, aterrorizado, ao se ver diante dos instrumentos extratores de gordura. A operação toda lhe parecia uma aliança espúria entre a eletrônica moderna e a tortura medieval.

- Não posso evitar a maneira como os seus concorrentes decoram suas lojas - disse.

- Pode sim. Umas operações...

- Nem pensar.

- A MEGA aumentaria o seu salário...

Ele se endireitou no sofá e encarou a tela.

- Madame, eu sou um artista, não um cabide para pendurar roupas. Nem estrela de vídeo. E acontece que estou contente com a minha forma atual. Não tenho o menor desejo de me parecer com uma doninha ou com um para-raios Se a MEGA não aprova o meu físico, então vou arrumar outro patrocinador para transmitir os meus céus.

O sorriso profissional hesitou.

- Eu só estava sugerindo uma possibilidade.

- Uma impossibilidade.

- Não vai sequer considerar?

- Já considerei e a resposta é não. Não vou ter o meu corpo ordenhado e mirrado por uma máquina imbecil.

- Você poderia pelo menos arranjar uma amante maior. A Srta. Bel ard faz você parecer tão...

Sir Toby atirou a caneca vazia na tela. Plástico bateu inofensivamente contra plástico, paralisando a vice-presidente no meio da frase. Apagou sua imagem com uma pressão violenta no botão. Aqueles dentes exagerados foram a última coisa a mergulhar no vazio.

Gostaria de pegar todos esses fazedores de imagens pré-fabricadas, amarrá-los num saco e afogá-los no Rio Torto - supondo que ainda se pudesse encontrar o rio no seu canal de concreto, bem embaixo do shopping. Eles não deixariam nunca de se intrometer com as pessoas. Ficou chateado quando insistiram em mudar seu nome de Thurgood Moranski para Toby Moore, mas entendeu os motivos. Colocar o

“Sir” em frente do nome (quando nem ele nem qualquer antepassado seu tinha sequer visitado a Inglaterra, quanto mais ser ordenado cavaleiro pelo rei) lhe pareceu mais cômico do que sinistro. Em seguida mandaram-no tirar a barba, deixar de usar paletó xadrez, passar a usar sapatos de bico quadrado. Foi então começando a se ir-ritar. (Ele agora não só usava paletó como também calça xadrez em todas as oportunidades, só para incomodá-los, e sua barba loura quase lhe chegava ao peito.) Uma vez se ofereceram para contratar um ator dublê, um idiota qualquer, para fazer suas apresentações públicas, mas Sir Toby ameaçou estrangulá-lo assim que o visse.

E agora já era demais, quando começavam a determinar o tamanho de sua amante. Adorava Lyla, cada centímetro cúbico dela. Quanto menos peso ela tivesse, mais afeição dedicava a cada grama. Era a única mulher que tinha conseguido fazê-lo sentir-se gracioso. “Não é uma questão de volume”, ela lhe disse no início do relacionamento. “É como a alma se movimenta.” O jeitinho que disse fez com que sentisse sua alma tão tangível quanto a sua barba macia. Quando o relacionamento amadure-ceu o suficiente para permitir-lhe examinar seu corpo nu, procurou na barriga dela a cicatriz delatora dos pontos da operação para emagrecer. Tinha visto cicatrizes em muitas outras pessoas; nos homens nas saunas e casas de banho, nas mulheres nas piscinas e em outros lugares menos públicos: minúsculas rugas na pele, como lábios contraídos, marcando o caminho por onde as agulhas tinham passado. Mas a pele da barriga de Lyla era suave e imaculada como um lençol recém-lavado.

- Que jeito você arranja para ficar magra sem se submeter a essas operações bár-baras? - perguntou-lhe

- Eu só como quando tenho fome - responde Lyla.

- Eu também.

E ela replicou:

- Ah, sim!, mas você tem fome o tempo todo.

Isso infelizmente era verdade. A fome roía-lhe incansavelmente como um rato tentando escapar do seu estômago. Mesmo nesse momento, quando se lembrava do primeiro exame maravilhoso da barriga de Lyla, mastigava rosquinhas e bebia outra caneca de leite maltado. Só podia parar de pensar em comida quando estava dormindo ou, por incrível que pareça, quando estava no apartamento de Lyla. Ela recusava-se terminantemente a viver no shopping ou mesmo a ir visitá-lo, queixando-se que ficava doente com aquelas colmeias de quartos e lojas estridentes. Ela morava, em vez disso, numa das instalações de pesquisa militar, nas Montanhas Cascade. -

Por que você não vem viver comigo? - ela lhe perguntou várias vezes. Mas ele se recusava sempre. Desde criança tinha sonhado em ficar rico para ir viver dentro de um shopping para sempre. Cada shopping era como Roma antiga, o centro do império, para o qual desaguavam continuamente todos os afluentes da civilização. Aquela vi-são infantil ainda tinha um apelo tão forte na sua imaginação que somente a poderosa paixão de Lyla poderia persuadi-lo algum dia a se aventurar fora dali.

Os pensamentos em Lyla e o telefonema enervante deixaram Sir Toby nervoso demais para voltar a pintar. Então largou a imagem do céu quase terminado brilhando no teto do estúdio e saiu, com passos pesados, para o shopping. Em cima, na cúpu-la, estava passando uma porcaria qualquer na tela: pareciam os efeitos de um fura-cão numa fábrica de colchões, intercalados com o brilho de fogos de artifício. Boa droga! Desviou o olhar no momento em que um anúncio se espalhou pela tela: um close de uma mulher chupando um canudinho. Chupa, chupa. Lábios saborosos. Devia ser do “Porto Seguro”. “Comida para os famintos.” Ele conhecia todas as imagens de cor.

Ao se desviar de um bando de garotos que dirigia um zipcarte, Sir Toby agarrou-se numa árvore de plástico para se apoiar e quase arrancou-a. Essa era uma das humilhações de ser gordo num mundo de magros: você se apoiava nas coisas, nos encostos das cadeiras, nas grades, e nunca tinha certeza de que aguentariam o seu peso.

Soou um alarme e imediatamente um guarda apareceu.

- Quem está mexendo nas plantas?

Sir Toby recuou, explicando o acidente, mas logo o guarda reconheceu-o. Levantou as sobrancelhas:

- Ei, você não é o pintor?

- Não, não, sou outra pessoa - Sir Toby insistiu pisando na esteira rolante, que logo livrou-o do guarda inquisidor.

Uma música estridente vinda de cima anunciou a mudança da programação e ele cometeu o erro de olhar. Um anúncio da “Esbeltez das Arábias” irrompeu na tela: dois retratos de um rapaz, onde, no primeiro, aparecia grotescamente inchado: seus olhos eram duas frestas, o queixo caindo sobre o colarinho; enquanto, na segunda foto, tirada depois de uma operação para emagrecer, aparecia esguio como uma criatura do fundo do mar. Uma enguia ou talvez uma lontra, pensou Sir Toby mal-humorado “DEIXE A ESBELTEZ DAS ARÁBIAS TORNÁ-LO NO QUE VOCÊ É, REALMENTE”, bombardeou o apresentador. Os artistas tinham sofrido bastante para fazer aquele jovem parecer bonito e atraente, mas aos olhos de Sir Toby ele aparecia tristemente murcho como um grande balão de hélio que se deixa abandonado no teto, à noite, para aparecer, na manhã seguinte, no chão, transformado num monte enrugado de borracha.

À medida que se deslocava pelas esteiras cheias de gente nas avenidas do shopping, notava que evitavam chegar perto dele, seus corpos esqueléticos cercando-o como paliçadas em volta de um fortim. Tinha se acostumado a esse doloroso isola-mento. O espaço que deixavam em volta lembrava mais um cordão sanitário do que a distância respeitosa que cerca os reis. Deixavam-no de quarentena como se temes-sem que uma epidemia de obesidade fosse transmitida por ele para todo o planeta.

A maioria dos seus companheiros de esteira rolante estava comendo alguma coisa e tomando alguma bebida em lata. O barulho do mastigar e do beber era mais alto do que a trilha sonora que acompanhava o show da cúpula. À medida que a esteira deslizava pelos bares e restaurantes, os passageiros com mãos vazias saltavam para reabastecer o seu estoque, e novos passageiros subiam com os maxilares ruminan-do. Por alguns instantes Sir Toby se sentiu casto no meio de toda aquela comilança, até se dar conta de que ele estava com um saco de salgadinhos praticamente vazio nas mãos. Parou no meio da mastigada. De onde aquilo tinha saído? Dos seus bolsos, provavelmente. Parecia que a comida sempre se escondia nos seus casacos, nas suas calças, apesar de quase nunca

lembrar de tê-la colocado ali. Talvez estivesse sendo perseguido por um assaltante maroto, que ao invés de roubar-lhe a carteira, enchia de comida os bolsos de Sir Toby. Depois de alguns momentos de hesitação, sacudiu o sal que tinha ficado na boca e botou o saquinho amassado dentro do bolso superior do paletó xadrez. Dentro do bolso, a ponta de seus dedos descobriram uma porção de balas, armazenadas que nem avelãs de esquilo. Com força de vontade se obrigou a deixar as balas no mesmo lugar.

Quando sua mão saiu vazia do bolso, foi tomado por tamanha necessidade de açú-

car que perdeu o equilíbrio e cambaleou alguns passos pela esteira. Os outros passageiros afastaram-se dele, deixando-lhe espaço para o caso de ele cair. Sentiu-se em pânico, com fome. O som da mastigação ecoava em seus ouvidos. Tinha que saltar, fugir daqueles olhares todos, ir para algum lugar, comer escondido. Quando se dirigia para a borda da esteira, as pessoas por quem passava murmuravam: “Até que enfim!” “Vão perder a freguesia por causa dele!” “É um caso desesperado!” Olhando para cima viu as sinistras luzes de neon de um letreiro da “Guerra ao Barril” se agi-gantando em frente. Mais adiante brilhavam as luzes de “Vade retro, Gordura” e

“Ora, Bolas!”. Na ponta da esteira Sir Toby hesitou, não querendo que aqueles passageiros magrelas pensassem que ele iria entrar em uma daquelas clínicas para se ope-rar. Mas alguém lhe jogou alguma coisa nas costas (com fome, imaginou que podia ser uma salsicha ou um pão de centeio) e então pulou na calçada, quase tropeçando numa mulher macilenta que saía da porta da “Vade retro. Gordura”.

- Sir Barril! - exclamou a mulher.

- Moore - respondeu secamente.

Ela lhe sorriu exageradamente, com a cara recém-encolhida, os pontos escarlates sobressaindo das cicatrizes recentes no pescoço e no queixo.

- Exatamente como no retrato - murmurou.

- Retrato?

- O poster que penduraram lá dentro - disse-lhe enquanto passava por ele e

pulava na esteira.

E era verdade, lá estava, pendurado na parede de trás do salão de emagrecer, um retrato seu de corpo inteiro, em perfil corpulento e cores vivas. Ficou na entrada, magnetizado pela semelhança nada lisonjeira. O retrato dominava a loja como um ídolo satânico para levar as vítimas amedrontadas para os dentes das máquinas re-movedoras de gordura. Embaixo se lia: PRODUZIDO PELA ESBELTEZ DAS ARÁBIAS.

Um dos operadores viu-o, olhou para o poster e novamente para Sir Toby, os olhos se arregalando, a agulha pousada sobre uma coxa carnuda de um freguês cuidadosamente coberto.

- Vocês todos não passam de uns vampiros e sanguessugas! - berrou Sir Toby pela porta aberta. - Chupadores de gordura e cadáveres ambulantes!

Agora uma dúzia de operadores o encarava e uma dúzia de fregueses se agitava embaixo dos lençóis. Então, retrocedendo, gritou:

- Tomara que cada agulha atinja um nervo!

Furioso, evitou a esteira rolante com sua carga de espantalhos ruminantes e seguiu devagar pela “Ora, Bolas!” e “É isso aí, Bucho”. Lançou um olhar furtivo pela janela de cada loja e viu seu retrato grotesco.

Andou apressadamente, sentindo-se sombrio e faminto. Em pouco tempo estava ofegante. Pelo menos, na sua infelicidade, estava queimando calorias. Lyla ficaria orgulhosa dele, exercitando-se com tanta disposição. Ela desprezava as esteiras rolantes e os elevadores, insistia em usar suas próprias pernas para ir a qualquer lugar.

Que pernas! Não eram nada finas. Na verdade, eram até bem torneadas. Eram simplesmente pequenas e maravilhosamente proporcionais, como aliás todo o resto, como se ela tivesse sido projetada para pertencer a um mundo mais delicado do que esse que os mortais habitam.

Na vitrine do “Porto Seguro”, parou seu exercício e ficou olhando para dentro, como um vagabundo olha os comensais ao longo do balcão. Sua boca abria e fechava, em solidariedade voraz com as deles. Lá pela terceira mordida sentiu o gosto de chocolate, pois havia, inconscientemente, enchido a boca com barras de

chocolate que pescara em algum lugar escondido da sua volumosa roupa. O gosto de chocolate sempre lhe dissolvia os últimos vestígios de angústia. Paralisado diante da vitrine da lanchonete, tirou dos bolsos as balas (de caramelo), uma caixa de passas de uva, um doce meio velho e um pacote de salgadinhos de soja meio moídos, tudo numa rápida sucessão. Depois de saqueado o último esconderijo, as mãos continuavam vascu-lhando impulsivamente os bolsos, abrindo e fechando o paletó, apalpando as pernas e os quadris à procura de comida. Só desistiu da busca quando notou que os fregueses do “Porto Seguro” estavam olhando sua pantomima com grande divertimento, apontando para ele com seus canudinhos e sanduíches já mordidos. Alguns pareciam estar pronunciando seu nome ou alguma outra variante pejorativa.

Novamente retomou a avenida, mergulhado em depressão, imaginando o quanto teria ainda que se arrastar para queimar todas as calorias que consumira. Era inútil.

Seus exercícios nunca acompanhariam o ritmo de seu apetite Ele simpatizava com as pessoas que cada dia mais mergulhavam em dívidas. Mesmo assim se sentia voraz.

Era absurdo, humilhante ser um indivíduo totalmente dependente do seu estômago.

“De onde vem todo esse apetite?”, perguntara a Lyla e, brincando, arriscou: “Do meu temperamento artístico?”. “Vem do shopping, desse bombardeio constante”, ela disse, “e também porque você não quer vir morar comigo.”

Bombardeio. Talvez ela soubesse de alguma coisa, admitiu, enquanto passava pelas lojas de comestíveis, salões de beleza, casas de massagens, butiques de roupas, fliperamas. E lá estavam as perpétuas apresentações da cúpula e os anúncios em sua eterna balbúrdia.

O que estava passando agora, por exemplo? Olhando curiosamente para cima, ficou surpreendido ao ver uma reapresentação de um dos seus próprios céus. Os cú-

mulos pareciam realmente nuvens e não purê de batata; pipas em forma de dragão chinês volteavam por uma névoa violeta; o voo de gansos canadenses traçava seu caminho pela face sonolenta de um tardio sol poente; em volta do horizonte, uma cadeia de montanhas arrematadas em picos cuneiformes. Havia

pintado esse céu há pelo menos uns doze anos, quando ainda era um adolescente, muito antes de se mudar para o shopping. Suas pinceladas características com pincel de luz já apareciam aí. Mas, comparando com seu trabalho recente, entulhado de alusões a comida, essa pintura anterior lhe parecia jovem e vigorosa. Todos os detalhes nela eram au-tênticos, coisas que tinha visto e não desejado comer. Era uma criação dos olhos e não da barriga.

Será que tinha perdido tanto poder? pensou, parado em frente a uma loja da

“Nada de Dieta” (“Aberta para refeições 25 horas por dia”), chorando. Os fregueses pararam, boquiabertos, vendo aquela figura gorda e tão conhecida. As lágrimas rola-vam pela barba até as dobras escondidas do queixo.

Só havia um antídoto para uma infelicidade tão grande - Lyla. Saiu depressa à sua procura, como um cavalo de tração voltando para o estábulo, tomando o circular pelo seu tubo translúcido em direção às instalações do centro de pesquisa nas Montanhas Cascade. Ela o repreenderia por ir incomodá-la no serviço, coisa que nunca fizera antes. Mas não se importava. Era uma emergência. Provavelmente ela estaria banhan-do ratos com raios estranhos, transformando-os em lagartos ou em idiotas. E que importância tinha tudo isso em comparação com a salvação de seu amante?

Ele não tinha nem ainda começado a entender a pesquisa de Lyla e não tinha certeza se queria. Tratava-se de esquadrinhar o cérebro com vibrações, ou talvez descobrir meios de impedir que outros fizessem isso, ou alguma coisa parecida. Tudo muito matemático, o que para ele era a mesma coisa que estar sendo feito na língua dos golfinhos. Como nunca foi bom em tabuadas, Sir Toby evitava categoricamente qualquer transação com números e equações. Ficava satisfeito por não precisar entender eletrônica para usar o pincel de luz, nem holografia para projetar os céus nos shoppings.

O circular parou numa estação com um solavanco. Olhou a placa: mais duas paradas para chegar. Os anúncios brilhavam nas paredes e no teto. Os apresentadores continuavam com a ladainha de vendas: compre-me, compre-me. Com a parada na estação, sentia o ruído da mastigação como se fossem aplausos abafados vindos de todos os lugares à volta dele. Com uma sensação próxima ao desespero, lembrou que tinha esvaziado os bolsos no shopping. Havia máquinas automáticas dois vagões atrás, mas ele nem podia pensar em forçar passagem pelos corredores, passando por aquelas caras aparvalhadas. Muito provavelmente

Lyla não teria nada para comer no laboratório. Ela parecia subsistir inteiramente de ar e umidade, como a hortelã que ele plantara no banheiro. Teria que aguentar a fome. Só mais duas paradas.

Com certeza devia ter uma lanchonete no centro de pesquisa. Ou talvez ele pudesse convencer o guarda a vender-lhe o lanche.

Quando pensou no guarda, surgiu-lhe uma preocupação na mente. E se o guarda se recusar a deixá-lo entrar? Para trabalhar nesses lugares militares, eles não investi-gavam até a sétima geração da pessoa? Além disso, ninguém confiava em artista!

Quem poderia dizer que ele não iria bisbilhotar por aí, decorar algumas coisas e pintar alguns diagramas no seu próximo céu? Segredos militares divulgados por todos os shoppings do mundo. Os espiões pariam no meio das compras, olhariam suas revelações, e rapidamente tirariam fotos para passar aos governos inimigos.

Não, eles nunca o deixariam.

Outro solavanco. A sua parada. Não custava tentar. Passou pela porta de cabeça baixa. O máximo que eles podiam fazer era dar-lhe um tiro. Talvez Lyla pudesse se responsabilizar por ele, colocar-lhe uma venda nos olhos e levá-lo pela mão até o seu laboratório com os labirintos de ratos. Parado, deu uma espanada no paletó e nas calças para dar uma aparência de limpeza e foi arrastando os pés pela plataforma. Mais ninguém desembarcou (como pessoas sensatas, todos sem dúvida pretendiam cruzar as montanhas em direção leste para Oregon ou Idaho) e também não havia ninguém na plataforma. E não tinha máquinas automáticas, nem bancos, nem bilheterias. Pelo que podia perceber, a estação consistia numa única peça sem janelas, todas em metal esmaltado de branco, com uma enorme porta numa ponta e sinais de aviso pintados em todas as paredes.

Antes que pudesse ler os avisos, uma câmera num suporte em cima da porta girou para focalizá-lo e uma voz ressoou de algum alto-falante escondido. “IDENTIFIQUE-SE! CÓDIGO DE AUTORIZAÇÃO! SENHA!”

Sir Toby olhou surpreso para a câmara. “Eu só queria visitar uma amiga!” A resposta evidentemente surpreendeu o guarda, pois o zumbido continuou por alguns segundos. Logo voltou a mesma voz masculina, mas bem menos áspera agora, que perguntou:

- Desculpe-me, mas o senhor é aquele cara que pinta os céus, não é? Sir Toby alguma coisa?

- Moore -, Sir Toby respondeu, curvando-se ligeiramente. - Vim ver a Dra. Bel ard para tratar de um assunto urgente. Posso falar com ela, por favor? Prometo não se-questrá-la nem roubar nada do seu laboratório.

Alguns instantes depois ficou suficientemente audível, pelo alto falante, a respira-

ção combinada de vários observadores que, com certeza, tinham se juntado em torno do microfone. “Olhe”, sussurrou uma voz feminina. “É ele mesmo!” Houve uma discussão abafada, da qual só pôde distinguir duas palavras: Toby e Lyla. A reunião terminou com uma risada áspera e então a voz austera do primeiro guarda disse:

“Um momento enquanto chamo a Dra. Bel ard.”

Sir Toby, que estava começando a sentir-se como um animal de zoológico, exposto ali na sua jaula de aço, saiu da frente da câmera para esperar. Por força de hábito, vasculhou todos os bolsos outra vez, os do paletó xadrez, das calças, do colete e da camisa. Para sua grande surpresa encontrou um chocolate numa das algibeiras. Teve surpresa ainda maior quando não sentiu vontade de comê-lo. Na verdade sentia-se completamente empanturrado, como se pudesse passar facilmente um mês sem comer. Com um arrepio de repulsa, deslizou o chocolate de volta ao seu esconderijo. O

que estava acontecendo com ele? Estudou as paredes brancas e lisas do seu cubícu-lo, desconfiado. Talvez estivessem emitindo raios para extinguir-lhe a fome. Eles faziam esse tipo de coisas nestes laboratórios de controle mental, disso tinha certeza.

Esquadrinhando os cérebros!

Sentiu uma súbita fraqueza. Não existindo bancos, encostou-se no canto da cela e se apoiou nas duas paredes. Lyla faria com que parassem de fazer experiências com ele. Será que apareceria na tela ou pela porta? Talvez nem estivesse aqui hoje, poderia estar fora, no campo de experiência de tiro, testando uma nova arma.

Estava tão absorto calculando essas várias possibilidades que não escutou a porta se abrir, nem os passos leves se aproximarem.

- Toby, querido -, uma voz suave chamou-o, - o que foi que aconteceu?

Foi como se alguém tivesse ligado a gravação de um pássaro cantando em seu co-ração. Saiu do canto em que estava, como um boxeador grogue depois de um soco, e envolveu-se num enorme abraço, murmurando:

- Lyla, Lyla, estão me torturando!

- Quem? - gritou indignada, recuando o suficiente para encará-lo com ferozes olhos castanhos.

- Todos. Os jornalistas com suas câmeras infernais. Os donos da “Esbeltez das Ará-

bias”, com seus dentes e suas agulhas. As pessoas, que me olham abestalhadas no shopping. E até aqui! - protestou, apontando para os olhos de vidro da câmera. - Os guardas estão emitindo uma espécie de raio de - procurou a palavra certa - de saciedade em mim.

- Raios de saciedade? - repetiu ceticamente.

Ele então lhe falou sobre o chocolate não comido, o estômago cheio, a fraqueza.

- Não seja bobo. - A mãozinha dela brincava com a sua barba como se fosse um camundongo. - Você acha que eu entraria aqui se alguém estivesse irradiando este cubículo? Está tudo bem, acredite-me. - E como se fosse para dar-lhe certeza da im-penetrabilidade do aposento, levantou os braços, rodopiou uma vez, leve e adorável, num macacão cor de ferrugem com a insígnia do laboratório presa num ombro e sua patente costurada no bolso do peito. Para ele era sempre desconcertante lembrar que essa mulher frágil, de rabo-de-cavalo e mãos do tamanho de um camundongo, realmente trabalhasse para a divisão de guerra psicológica do Pentágono.

- Estou me sentindo terrivelmente esquisito - disse ele.

- Por que não tira umas férias do shopping? - ela sugeriu da mesma maneira que já tinha sugerido antes. - Fica aqui comigo?

- Os noticiários iriam adorar isso.

- O que mais ainda podem dizer sobre a gente?

Ele concordou.

- É, mas eu tenho o mural de um céu para entregar daqui a dois dias.

- Eu apanho um pincel de luz e um projetor do laboratório.

- Mas eu já tenho uma parte do céu brilhando no meu teto!

- Podemos retransmitir os teipes para cá. Fácil! - Ela olhou firme para ele, com um leve sorriso no rosto. - Acabaram-se as desculpas?

Encolheu os ombros e sorriu-lhe também. Sempre arranjava as mesmas desculpas.

Publicidade. Trabalho. Prazos. No fundo, no fundo do seu estômago, talvez -, o que sempre relutara era em deixar o shopping, com suas comidas, shows da cúpula, lojas de prazer. Agora o simples pensamento de comida lhe enchia de saciedade. E quanto ao prazer, ali estava Lyla!

- A mudança pode me fazer bem - concordou finalmente.

- Que ótimo! - Ela pegou uma de suas mãos enormes com sua mãozinha pequena e com a outra fez um sinal para a câmera. A porta sem ornamentos se abriu num estalo. Alguém estivera observando, é claro.

O céu, quase terminado, brilhava no teto do apartamento de Lyla: o amanhecer de fígado de galinha, os pássaros de chocolate, as nuvens de purê de batata. Mas, depois de três horas de cenho franzido encarando sua obra, Sir Toby não tinha podido dar sequer uma pincelada. Lyla, zombando, chamara de “a grande mesa de banquete voadora” e ele estava inclinado a concordar com ela. Somente um homem faminto poderia estar pintando aquele céu empanturrado de comida; e Sir Toby, deitado no sofá de Lyla, parecendo uma morsa, não podia mais se considerar um homem faminto. Ele ainda se sentia bastante ansioso, mas não por comida. Com um girar de bo-tão, apagou aquilo tudo: a pipoca e os miúdos, os molhos e caldas, as constelações açucaradas. Fechou os olhos e esperou que alguma imagem nova surgisse na sua imaginação.

Ainda estava contemplando o negro espaço interestelar quando Lyla chamou-o do quarto de hóspede. Geralmente ele evitava esse quarto, pois abrigava uma colônia de ratos brancos, bichinhos ligeiros que, depois de terem servido ao laboratório, tinham sido salvos do extermínio por Lyla. “Tenho uma coisa para lhe mostrar”, ela disse.

Foi devagar pelo corredor, com um suspiro, mas só depois de meter a boca das calças dentro das meias para se precaver dos ratos inquisidores.

Lyla estava do lado de fora, junto a um portãozinho de acrílico que fechava a entrada. “Chegue mais perto”, insistiu, e, pelo cotovelo, levou-o até a soleira da porta.

A peça só possuía comedouros, alguns equipamentos de exercícios para roedores, uns dois labirintos plásticos e uma população de ratos que se agitava nervosamente, como dançarinos treinando os passos antes da cortina levantar. “Agora observe,” disse Lyla, pressionando um botão na parede.

O teto foi rapidamente coberto por uma luminosidade cor-de-rosa e gradualmente foi tomando a cor de sopa de tomate. Nesse instante, formas cremosas de massas começavam a se congelar. Sir Toby imediatamente reconheceu a abertura de um de seus céus recentes, transmitido nos últimos seis meses.

- Como conseguiu isso? - perguntou.

- Canais militares - respondeu de maneira sombria. - Veja só o que acontece.

Ele sabia muito bem o que iria acontecer. Depois da sopa de tomate viria a lasanha, berinjela com parmesão, e assim por diante, por cinco variedades de comidas italianas, todas lambuzadas pelo teto com matizes de molho de tomate. Ele não aguentava olhar. De qualquer modo sua atenção foi desviada por um barulho de alguma coisa arranhando. Quando olhou para baixo, com medo de que os bichos estivessem lhe assaltando as meias, viu os ratos galopando desordenadamente para os comedouros, lutando por um lugar nos buracos, comendo vorazmente. As mandíbulas brancas abocanhavam os grãos, que voavam em todas as direções. Só de olhá-

los sentia arrepios. No seu frenesi de pegar a comida, os ratos mordiam uns aos outros. Arrastavam-se de comedouro em comedouro, alguns com a barriga

estufada já batendo no chão.

- Eles vão se matar - disse horrorizado.

- Alguns deles se matariam mesmo, se eu deixasse isso ligado por algum tempo.

- É o meu céu que está fazendo isso? - Parado na porta, sentiu uma sensação de fome se misturando com o enjoo

- O céu não; é o que o seu patrocinador misturou nele. - Lyla meteu sua mão embaixo do braço dele. - Ponha a cabeça dentro do quarto e veja como se sente.

Fascinado, amedrontado, inclinou o corpo pela soleira da porta e foi tomado imediatamente por uma fome brutal. Agarrou o estômago, gritando:

- Desligue isso!

Rápido, Lyla apagou a pintura, conduziu-o de volta ao corredor, colocou os braços à sua volta o máximo que pôde.

- Desculpe, querido, mas se eu contasse não me acreditaria.

- O que...? - começou a dizer, mas estava tonto demais para formular a pergunta.

Ele simpatizava com os ratos, que agora estavam deitados de lado, patas estendidas, barrigas inchadas, respirando pesadamente.

- Introduziram uma gravação adicional à sua fita do céu, que estimula diretamente o centro nervoso da fome no cérebro - Lyla explicou. - Aqui você tem uma carga mais concentrada do que a que recebe no shopping, mas pode ter uma ideia do efeito.

- Eles podem fazer isso?

- Sim, é claro que podem, e estão fazendo há seis ou sete anos.

- Deixando todo mundo faminto?

Ela concordou.

- Vinte e quatro horas por dia. Em todo shopping e metrô, nos estádios e nas cú-

pulas.

- Mas aqui não? - disse pensando nos quartéis militares, nos laboratórios e depósitos espalhados em volta deles num labirinto de edifícios lisos sem janelas.

- Não, nossas cabeças têm que estar lúcidas. - Com ironia, acrescentou: - Segurança nacional.

Ele olhou para os ratos empanturrados. Comendo dessa maneira, em algumas semanas todos iriam necessitar de operações emagrecedoras. Do comedouro para a agulha. E, depois, de volta para o comedouro? Com um pensamento súbito, compreendeu: casas de comida e clínicas de emagrecer. “Porto Seguro” e “Esbeltez das Arábias” eram os polos opostos da mesma órbita enlouquecida, estimulando o apetite e depois constrangendo a emagrecer, tudo dirigido por impulsos irradiados das cú-

pulas.

Como uma voz cheia de desânimo, perguntou:

- Você sabe como funciona?

- Eu ajudei a desenvolver o processo -, disse Lyla.

- Você! Para os shoppings!

- Não, claro que não. Para os militares. Foi desenvolvido para ser usado na guerra, mas os generais não estavam interessados em estimular a fome, e assim o Pentágo-no autorizou sua aplicação para fins civis.

- O que os generais estavam procurando?

- Coisas que imobilizariam um inimigo.

- Como o quê?

- Como o sono ou o pânico. Como o desejo ou a raiva cega. Com pequenas varia-

ções de impulso, você pode acionar qualquer uma das reações básicas.

Olhou estarrecido para ela.

- Isso é coisa do demônio!

- É necessário. Ou pelo menos é o que vivem me dizendo. O mundo é perigoso.

- Mesmo a fome? É necessária? Os comedouros e as agulhas?

- Eu não queria isso -, respondeu Lyla com veemência. - Não tomei parte nesse negócio estúpido dos shoppings.

- Mas agora mesmo ele continua lá, funcionando -, ele gritou, apontando na dire-

ção do shopping mais próximo - com a sua tempestade de fome, com a sua chuva venenosa.

- Não é minha!

- Você deixou isso acontecer! - Saiu furioso pelo corredor, para longe dela, longe dos ratos inchados.

- Thurgood -, chamou-o com voz angustiada pelo seu verdadeiro nome, o nome que ela às vezes sussurrava quando estavam na cama. Parou no corredor, de costas para ela. Então ela disse: - Eu não precisava fazer aquela pequena demonstração com os ratos, precisava? Nunca havia lhe contado a verdade porque tinha medo que me censurasse. Sempre tentei fazê-lo se mudar do shopping porque queria salvá-lo do bombardeio constante. Dessa tempestade de fome, como chama. Mas você não vinha!

Retomou sua marcha enfurecida até a sala e começou a colocar os sapatos.

- Talvez tivesse sido melhor continuar mentindo a você -, gritou. - Deixá-lo na sua doce ignorância.

No meio da sala, ele se virou, com um sapato balançando no pé.

- Como você pode ir diariamente ao laboratório, sabendo das condições em que vivem as pessoas nos shoppings?

Ela se aproximou dele rapidamente, com a fúria cega de um cachorrinho

atacando um rinoceronte. Com os dois punhos levantados, socou-o no peito, fazendo-o cair de costas no sofá.

- O seu trabalho não foi usado para coisas que você não acredita? - Lyla berrou. -

Eles não compraram as suas criações e não usaram para manipular as pessoas? Não usaram?

- Eu não tinha jeito de saber - protestou.

Aproximou-se dele, pequena e feroz, de mãos nas cadeiras. - Você sabia perfeitamente. Talvez não soubesse da indução à fome, mas sabia que a MEGA possui as duas pontas do circuito comida-e-gordura, todos esses salões de emagrecimento e essas lojas para glutões, com aqueles nomes estúpidos. Você viu os anúncios. Você cantarolava as músicas, em sonho. Você sabia que as suas pinturas levavam as pessoas para as mesas, empurrando-as para as agulhas.

- Eu nunca... - começou. E então calou porque ela tinha razão, ele tinha deixado seu trabalho ser usado para vender o que a MEGA quisesse vender. Comida. Agulhas.

Eles lhe davam uma tela, enormes cúpulas vazias em milhares de shopping centers e como lhe deixavam espalhar suas visões por aí, fechara os olhos para os anúncios.

Agora sentia-se profundamente envergonhado. Pela segunda vez naquele dia tinha sido forçado a olhar seu próprio retrato cruamente, e pela segunda vez ele chorou.

- Thurgood? Querido?

Sentiu o peso dela no seu colo, suas pernas em volta, os joelhos no sofá. Com as duas mãos ela esfregou a sua testa, como se estivesse passando um lenço.

- Eu sei como se sente - murmurou. - Vivi com isso muito tempo.

Tinha iogurte e salada para o jantar. Lyla sabia como achar essas comidas misteriosas, talvez através dos “canais militares”. Apesar de estar deliciosa, Sir Toby não conseguia terminar sua comida. Cada mordida lhe fazia pensar nos ratos, nos passageiros ruminantes, no circular, nas caras mastigando no balcão do

“Porto Seguro”.

Como estivesse comendo aos pouquinhos.

Lyla disse:

- Se continuar assim, vai acabar sumindo, derretendo.

Ele riu, aliviado, por sentir que ainda se amavam.

- Claro, como um iceberg depois de dez anos de degelo.

A imagem do iceberg o fez lembrar da vice-presidente da MEGA, seus dentes profissionais flutuando na tela, e imediatamente caiu em depressão outra vez. Ele não poderia mais continuar fazendo os céus da “Esbeltez das Arábias”. Mas o que poderia pintar? Onde poderia mostrar os seus murais?

Percebendo a mudança de humor, Lyla disse:

- Não se preocupe, nós acharemos outro trabalho. Deve haver outras coisas que a gente possa fazer com o cérebro e as mãos que não implique transformar pessoas em fantoches.

- Espero que sim. Ele levantou-se para tirar a mesa e colocar os pratos na lavadora. Estava levando o último prato, sem pensar em nada, quando percebeu uma rachadura como se fosse um fio de cabelo, na porcelana. Largou o prato imediatamente e correu para a sala, pegou no pincel de luz e começou a esboçar no teto formas com feitio de penas. A rachadura fez reviver nele alguma imagem perdida, e o modelo estava se materializando rapidamente no branco espaço superior, ramificado e em-plumado, um traçado delicado de linhas.

Lyla logo se aconchegou junto dele, olhando para o desenho que emergia em cima.

- Está lindo, - disse.

Ele trabalhava furiosamente, calado, até sentir que a forma estava pronta, a essência da coisa, todos os cruzamentos de linhas e traçados, fragmentos delicados se entrelaçando.

- Não consigo me lembrar o que é - disse -, mas é essa a forma que tem.

Lyla examinou por uns momentos e então disse:

- É geada. Geada numa janela.

Claro, evidente. Ficou eufórico. Em que profundezas de sua alma, sua memória tinha ido buscar? Talvez tivesse visto na casa de seus avós, nas florestas do Oregon, geada na janela numa manhã de inverno.

Então ainda havia quadros dentro dele, alguns tão delicados e imprevistos como aqueles traços no teto. Quadros! De repente, teve uma ideia, uma ideia tão fantástica que começou a saltar pelo apartamento, eufórico.

- Oh, Lyla! Oh, Lyla!

- O que é? - Ela girava atônita enquanto ele dançava à sua volta, desajeitado.

- Eu quero transmitir um último céu - gritou. - Aquele bem ali - disse, apontando para o teto. - Geada! E quero que você adapte-o para mim, que coloque nele esses negócios de impulso. Mas nada de fome desta vez. Não, não. Desta vez, vai ser sexo.

A “Esbeltez das Arábias” lhe proporciona uma orgia! Imagine só. As luzes da cúpula se acendem, minha geada aparece na tela, e logo todo mundo nos shoppings de sete continentes estará agarrando o corpo quente mais próximo, arrancando as roupas, rolando pelo chão acarpetado! Os vendedores deitados pelas lojas, os fregueses rolando pelos balcões. Os guardas desabotoando seus uniformes. Todos os shoppings da rede se transformam num poço de prazeres, uma pilha de amantes arrebatados. O que acha? Isso não tiraria a MEGA e os outros desse negócio de impulso?

Enquanto dançava em volta dela, os braços agitando e a barba balançando, Lyla, no centro da sala, agarrou-o como o domador de um urso que de repente visse que seu bichinho de estimação enlouquecera.

- Isso é coisa de louco -, exclamou.

- Claro que é, claro que é. Mas você vai fazer isso para mim, não vai, amorzinho?

- Eu não poderia fazer isso -, murmurou, mas falou sem convicção.

- Rá! - sorriu. Envolvendo-a com os braços enormes, levantou-a do chão e sacudiu-a, brincando; um urso com uma boneca de trapos.

A princípio, o sorriso dela era vacilante, mas depois abriu-se num intenso brilho.

EX-VICIADOS LTDA.

Stephen King

Tradução de Walderez Duarte

Quem faz dieta conhece a estreita relação que existe entre a perda de peso e o fumo - a redução de um geralmente ocasiona o aumento do outro. Aqui, um dos autores americanos que mais vendem oferece a solução ideal para esse difícil problema.

Morrison estava esperando alguém que tinha ficado retido no congestionamento de tráfego aéreo sobre o Aeroporto Internacional Kennedy, quando viu um rosto familiar no fundo do bar e foi até lá.

- Jimmy? Jimmy McCann?

Era um pouco mais pesado do que quando Morrison o vira um ano antes na Feira de Atlanta, mas, fora isso, estava muito bem. Na universidade ele fora magro, fumante inveterado, escondido atrás de enormes óculos de tartaruga. Pelo visto tinha trocado os óculos por lentes de contato.

- Dick Morrison?

- Sim. Você está ótimo! - Trocaram um aperto de mão.

- Você também - disse McCann, mas Morrison sabia que não era verdade. Andava trabalhando, comendo e fumando demais. - O que você está bebendo?

- Bourbon e bitter - disse Morrison. Colocou os pés no descanso do banquinho do bar e acendeu um cigarro.

- Veio encontrar alguém, Jimmy?

- Não. Estou indo para uma reunião em Miami. Um ótimo cliente. Faturamento de uns seis milhões. Devo reaproximar-me dele, pois perdemos um grande especial para a próxima primavera.

- Você ainda está na Crager e Barton?

- Agora sou executivo.

- Fantástico! Parabéns! Quando foi isso? - Tentava se convencer de que a minhoquinha da inveja que sentia no seu estômago era só acidez. Tirou um envelope de pílulas antiácidas e colocou uma na boca, mastigando-a.

- Agosto passado. Aconteceu uma coisa que mudou a minha vida. - Olhou curiosamente para Morrison e deu um gole no seu aperitivo. - Talvez você esteja interessado.

Meu Deus, Morrison pensou, com um estremecimento interno. Jimmy McCann tinha se tornado religioso.

- Claro - disse, e engoliu o seu drinque de qualquer jeito.

- Eu não estava muito bem - disse McCann. - Problemas pessoais com Sharon, meu pai faleceu - ataque cardíaco - e eu pegara uma tosse seca. Bobby Crager passou um dia no meu escritório e teve uma conversinha paternal comigo. Você sabe como é, não é?

- Claro. - Ele tinha trabalhado na Crager e Barton por dezoito meses antes de ir trabalhar na Agência Morton.

- Ou dá ou desce.

McCann riu.

- Você sabe. Bom, para encurtar a conversa, o médico me disse que eu tinha um princípio de úlcera. Mandou-me parar de fumar. - McCann fez uma careta. - Seria melhor me mandar parar de respirar.

Morrison balançou a cabeça, entendendo perfeitamente. Não fumantes podiam se dar ao luxo de serem presunçosos. Olhou para o seu próprio cigarro com repulsa e apagou-o, sabendo que acenderia outro dentro de cinco minutos.

- Você parou? - perguntou.

- Sim, parei. No princípio pensava que não seria capaz, trapaceava de tudo que era jeito. Então conheci um sujeito que me falou sobre uma organização na Rua Quarenta e Seis. Especialistas. Pensei: o que eu tenho a perder, e fui. Nunca mais fumei.

Morrison arregalou os olhos.

- O que eles fizeram? Encheram você de alguma droga?

- Não. - Apanhara a carteira e estava procurando alguma coisa dentro. - Aqui está.

Eu sabia que tinha um por aqui. Colocou um cartão branco no balcão, entre os dois.

Ex-viciados Ltda.

Pare de Fumar

Rua 46 - Leste, 237

Consultas com Hora Marcada

- Fique com ele, se quiser - disse McCann. - Eles vão curá-lo. É garantido.

- Como?

- Não posso dizer - disse McCann.

- Hein? E por que não?

- Faz parte do contrato que você assina. De qualquer forma, dizem como é, na entrevista.

- Você assinou um contrato?

McCann assentiu.

- E baseado nele...

- Sim! Sorriu para Morrison, que pensou: É isso aí. Jim McCann virou um bastardo presunçoso.

- E por que tanto segredo se esse método é tão fantástico? Como é que eu nunca vi nenhum anúncio na tevê, cartazes, publicidade nas revistas...

- Eles conseguem todos os clientes que precisam só com propaganda de boca em boca.

- Você é um publicitário, Jimmy! Não acredita que...

- Acredito - disse McCann. - A porcentagem de cura que eles conseguem é de no-venta e oito por cento.

- Espere um segundo - Morrison falou. Pediu outra bebida com um gesto e acendeu um cigarro. - Esses caras amarram você e fazem fumar até não aguentar mais?

- Não.

- Dão alguma coisa que faz você ficar doente cada vez que acende...

- Não, nada disso. Vá e veja por si mesmo. - Apontou para o cigarro de Morrison. -

Você realmente gosta disso, não é?

- Nãão, mas...

- As coisas mudaram realmente depois que eu parei - disse McCann. - Acho que não deve ser a mesma coisa para todo mundo, mas para mim foi uma fileira de dominós caindo. Me senti melhor e minha relação com Sharon também melhorou. Tenho mais energia e minha capacidade de trabalho disparou.

- Olhe, está me fazendo ficar curioso. Você não pode...

- Sinto muito, Dick. Realmente não posso falar. - Sua voz era decidida.

- Aumentou de peso?

Por um instante achou que Jimmy McCann pareceu angustiado.

- Sim. Bastante, até. Mas tornei a perder. Estou quase no peso certo agora. Já fui magricela antes.

“Voo 206 embarcando agora no portão 9”, anunciou o alto-falante.

- É o meu - disse McCann, levantando-se. Deixou uma nota de cinco dólares no balcão. - Tome outro, se quiser. E pense no que falei, Dick. Pense mesmo.

E então foi embora, abrindo caminho pela multidão até a escada rolante.

Morrison pegou o cartão, olhou-o pensativo, colocou-o na carteira e esqueceu.

Um mês depois o cartão acabou saindo da sua carteira e foi parar no balcão de outro bar. Saiu do escritório mais cedo e tinha vindo disposto a beber a tarde toda. As coisas não estavam muito boas na Agência Morton. Na verdade estavam péssimas.

Deu uma nota de dez a Henry para pagar a bebida, pegou o cartão e releu-o: a Rua Quarenta e Seis, 237 ficava só a duas quadras dali; fazia um dia fresco e ensolarado de outubro lá fora e talvez, só de brincadeira...

Quando Henry trouxe o troco, terminou a bebida e saiu para uma volta.

A Ex-Viciados Ltda. ficava em um prédio novo, onde o aluguel mensal do escritório devia ser mais ou menos um ano de salário de Morrison. Pelo letreiro da portaria pareceu-lhe que o escritório tomava o andar todo e isso significava dinheiro. Muito dinheiro.

Tomou o elevador e saiu num saguão luxuosamente acarpetado e dali entrou numa sala de recepção graciosamente decorada, com uma janela enorme por onde se podia ver os insetos apressados lá embaixo. Três homens e uma mulher estavam sentados em poltronas dispostas ao longo da parede, lendo revistas. Todos eles homens de negócio típicos. Morrison foi até a mesa.

- Um amigo me deu isso - disse, passando o cartão para a recepcionista. - Um alu-no, como talvez você chame.

Ela sorriu e colocou um formulário na máquina.

- Qual o seu nome?

- Richard Morrison.

Clac-Claqueti-Clac. Mas claques muito silenciosos; a máquina era uma IBM.

- Endereço?

- Maple Lane, 29, Clienton, Nova York.

- Casado?

- Sim. - Filhos?

- Um. - Pensou em Alvin e franziu a testa ligeiramente. “Um” não era a palavra certa. “Meio” seria melhor. O seu filho era retardado mental e vivia numa escola especial em Nova Jérsei.

- Quem recomendou-o, Sr. Morrison?

- Um antigo colega de escola. James McCann.

- Muito bem. Quer sentar-se? Hoje o dia está um pouco apertado.

- Tudo bem.

Sentou-se entre a mulher, que usava um austero conjunto azul, e um jovem, tipo executivo, vestindo um paletó com padrão espinha-de-peixe e com uma costeleta em corte da moda. Pegou seu maço de cigarros, olhou em volta, e não viu nenhum cinzeiro.

Guardou-o de novo. Tudo bem. Levaria a brincadeira até o fim e quando estivesse saindo acenderia um cigarro. Era capaz até de jogar umas cinzas naquele tapete castanho peludo se o deixassem muito tempo esperando. Pegou um exemplar do Time e começou a folheá-lo.

Foi chamado quinze minutos mais tarde, depois da mulher do conjunto azul. Seu centro de nicotina reclamava aos brados. Um homem que chegou depois dele pegou um maço de cigarros, abriu-o, viu que não tinha cinzeiros e guardou-o de volta; com um ar meio culpado, pensou Morrison. Isso fez com que se sentisse melhor.

Finalmente a recepcionista dirigiu-lhe um belo sorriso e disse:

- Pode entrar, Sr. Morrison.

Morrison entrou pela porta bem atrás de sua mesa e se encontrou num corredor iluminado por luz indireta. Um homem corpulento, de cabelos brancos que pareciam peruca, apertou-lhe a mão, sorriu amavelmente e disse:

- Siga-me, Sr. Morrison.

Ele passou com Morrison por várias portas fechadas e sem nada escrito e então abriu uma delas, mais ou menos na metade do corredor, com uma chave. Atrás da porta havia uma pequena peça austera, revestida com painéis brancos de cortiça perfurada. Os únicos móveis eram uma mesa com uma cadeira de cada lado. Parecia haver uma pequena janela retangular na parede atrás da mesa, mas estava tapada com uma pequena cortina verde. Havia um retrato na parede à esquerda de Morrison

- um homem alto, com cabelos grisalhos. Estava segurando uma folha de papel em uma das mãos. Parecia ligeiramente familiar.

- Sou Vic Donatti - disse o homem corpulento. - Se você resolver continuar com o nosso programa, sou eu quem ficará encarregado do seu caso.

- Prazer em conhecê-lo - disse Morrison. Morria de vontade de acender um cigarro.

- Sente-se.

Donatti colocou o formulário da recepcionista na mesa e tirou outro formulário da gaveta da mesa. Olhou diretamente nos olhos de Morrison.

- Você quer deixar de fumar?

Morrison pigarreou, cruzou as pernas e tentou pensar uma forma de enganar. Não conseguiu.

- Sim - disse.

- Você assinaria isto? - Deu o formulário a Morrison, que leu cuidadosa e rapidamente. “O abaixo-assinado concorda em não divulgar os métodos ou técnicas et cé-

tera etc.”

- Claro - disse, e Donatti colocou uma caneta na sua mão.

Rabiscou seu nome e Donatti assinou embaixo. Um segundo depois o papel tinha desaparecido na gaveta da mesa. Bem, pensou ironicamente, dei a palavra. Já tinha dado antes. Uma vez durou por dois dias inteirinhos.

- Ótimo - disse Donatti. - Aqui a gente não se preocupa com propaganda, Sr. Morrison. Não temos o menor interesse em saber porque o senhor quer parar de fumar.

Questões de saúde, despesa ou elegância. Somos pragmáticos.

- Ótimo. - Morrison disse desanimado.

- Não usamos nenhum remédio. Não usamos ninguém do Dale Carnegie para lhe passar sermões. Não recomendamos nenhuma dieta especial. E só aceitamos pagamento um ano depois que parar de fumar.

- Meu Deus - disse Morrison.

- O Sr. McCann não lhe falou isso?

- Não.

- A propósito, como está o Sr. McCann? Ele está bem?

- Está, está bem.

- Maravilhoso. Excelente. Agora... só umas perguntinhas, Sr. Morrison. São pessoais, mas eu lhe garanto que as suas respostas serão mantidas no mais absoluto sigilo.

- Ah, é? - Morrison perguntou meio forçado.

- Qual é o nome da sua esposa?

- Lucinda Morrison. Seu sobrenome de solteira é Ransey.

- Você a ama?

Morrison olhou-o inquisitivo, mas Donatti tinha um olhar suave.

- Sim, claro - disse.

- Vocês já tiveram problemas conjugais? Uma separação, por exemplo?

- O que isso tem a ver com parar de fumar? - perguntou Morrison. Pareceu mais zangado do que pretendia, mas ele queria - raios - ele precisava de um cigarro.

- Tem muito a ver - disse Donatti. - Tenha um pouco de paciência.

- Não. Nada disso. Embora as coisas andassem um pouco tensas ultimamente.

- Vocês só têm um filho?

- Sim. Alvin. Ele está numa escola particular.

- Que escola?

- Isso - Morrison disse inflexível -, eu não vou dizer.

- Tudo bem. - Donatti concordou e deu um sorriso desarmando Morrison. - Todas as suas perguntas serão respondidas amanhã no seu primeiro tratamento.

- Que ótimo. - Morrison disse, e ficou parado.

- Uma última pergunta - falou Donatti. - Você não fuma há mais de uma hora.

Como está se sentindo?

- Bem. - Morrison mentiu. - Muito bem.

- Que bom para você! - exclamou Donatti. Deu uma volta na mesa e abriu a porta.

- Aproveite-os esta noite. A partir de amanhã você nunca mais fumará outra vez.

- Tem certeza?

- Sr. Morrison - Donatti falou solenemente -, nós garantimos.

Ele estava sentado na recepção da Ex-Viciados Ltda., no dia seguinte, exatamente às três. Tinha passado a maior parte do dia vacilando entre não ir à

consulta que a recepcionista tinha marcado para ele na saída, e ir, com espírito resignado. - Aqui estou eu para o sacrifício, carniceiro.

No final, uma coisa que Jimmy McCann disse convenceu-o a ir à consulta: Mudou toda a minha vida. Só Deus sabia o quanto precisava mudar sua vida. E também pe-sou sua própria curiosidade. Antes de subir no elevador, fumou um cigarro até o filtro. Azar se esse fosse o último, pensou. Tinha um gosto horrível.

A espera na recepção foi menor desta vez. Quando a recepcionista pediu-lhe para entrar, Donatti já estava esperando. Ofereceu-lhe a mão e sorriu o que lhe pareceu ser um sorriso demolidor. Começou a se sentir um pouco tenso, o que lhe fez ter vontade de fumar outro cigarro.

- Venha comigo - disse Donatti, e levou-o até o pequeno escritório. Sentou-se atrás da mesa e Morrison pegou a outra cadeira.

- Fico contente por você ter vindo - disse Donatti. - Muitos clientes em potencial nunca mais aparecem depois da primeira entrevista. Descobrem que não querem deixar de fumar como pensavam que queriam. Vai ser um prazer trabalhar com você nisso.

- Quando começa o tratamento? - Hipnose, estava pensando. Deve ser hipnose.

- Ora, já começou. Começou quando nos cumprimentamos no corredor. O senhor tem algum cigarro, Sr. Morrison?

- Sim.

- Pode me dar, por favor?

Encolhendo os ombros, Morrison entregou o maço a Donatti. Só tinham dois ou três de qualquer modo.

Donatti colou o maço na mesa. Então, sorrindo e olhando nos olhos de Morrison, fechou a mão direita e começou a martelar o maço de cigarros, que se torceu e achatou. A ponta de um cigarro quebrado voou para fora. Restos de tabaco se espa-lharam. O barulho do punho de Donatti ressoava na sala fechada. O sorriso permanecia no seu rosto apesar da força de seus golpes e Morrison gelou. Talvez esse fosse o efeito que eles quisessem inspirar, pensou.

Finalmente Donatti parou de socar. Pegou o maço, amassou-o e acabou por destruí-lo.

- Você não imagina o prazer que me dá - disse, jogando o maço na cesta de lixo. -

Mesmo após três anos nesse emprego, ainda sinto prazer.

- Como tratamento deixa um pouco a desejar - disse Morrison suavemente. - Tem uma banca de jornal aqui embaixo, neste prédio mesmo, que vende. E vende todas as marcas.

- Como você estava dizendo - disse Donatti, cruzando as mãos -, o seu filho, Alvin Dawes Morrison, está na Escola Paterson para Crianças Excepcionais. Nasceu com le-são craniana, tem 45 de QI. Não se enquadra muito bem na categoria de retardados educáveis. Sua esposa...

- Como descobriu isso? - Morrison vociferou. Estava confuso e furioso. - Você não tem o menor direito de se intrometer na minha...

- Nós sabemos bastante sobre você -, Donatti falou gentilmente. - Mas, como já disse, será guardado em sigilo absoluto.

- Vou-me embora daqui, - Morrison falou debilmente. Levantou-se.

- Fique um pouco mais.

Morrison olhou bem para ele. Donatti não estava nervoso. Na verdade parecia estar se divertindo. Tinha a cara de um homem acostumado a ver esse tipo de reação inúmeras vezes, talvez centenas de vezes.

- Tudo bem. Mas acho bom melhorar.

- Oh. vai melhorar. - Donatti se recostou. - Eu lhe disse que aqui nós éramos pragmáticos. E como pragmáticos, temos que começar por visualizar as dificuldades que vamos enfrentar para curar o vício do fumo. A reincidência é de quase oitenta e cinco por cento. O índice de reincidência para viciados em heroína é mais baixo que isso. É

um problema extraordinário. Extraordinário.

Morrison deu uma olhada na cesta de lixo. Um dos cigarros, apesar de torcido, ainda parecia fumável. Donatti riu descontraído e aproximando-se da cesta, partiu-o entre os dedos.

- Às vezes chegam aos juízes solicitações para abolição completa das rações sema-nais de cigarros dentro das prisões. Esses pedidos são invariavelmente recusados.

Nos poucos casos que conseguiram passar, houve rebeliões terríveis. Rebeliões, Sr.

Morrisson. Imagine só!

- Não estou surpreso - disse Morrison.

- Mas considere as implicações. Quando você coloca um homem na prisão, suprime toda sua vida sexual normal, tira-lhe a bebida, sua política, sua liberdade de movimentos. Não há rebeliões - ou poucas, em comparação com o número de prisões. -

Mas quando você lhe tira os cigarros - tchá-bum! - Deu um soco na mesa, para enfatizar.

- Durante a Primeira Guerra Mundial, quando ninguém tinha cigarros no front alemão, era comum se ver aristocratas alemães catando guimbas de cigarro nos esgo-tos. Durante a Segunda Guerra Mundial, muitas mulheres americanas começaram a fumar cachimbo quando não conseguiam cigarros. Um problema fascinante para verdadeiros pragmáticos, Sr. Morrison.

- Poderia começar com o tratamento?

- Neste instante. Venha até aqui, por favor.

Donatti levantou-se e ficou de pé perto da cortina verde que Morrison reparara no dia anterior, Donatti abriu a cortina, aparecendo uma janela retangular que dava para um quarto vazio. Não, não completamente vazio. Havia um coelho no chão, comendo bolinhas num prato.

- Que bonitinho - comentou Morrison.

- Bem bonitinho. Repare nele. - Donatti apertou um botão perto da esquadria. O

coelho parou de comer e começou a pular como um louco. Parecia pular cada vez mais alto à medida que tocava no chão. O pelo se eriçou todo. Os olhos ficaram enlouquecidos.

- Pare com isso! Você vai eletrocutá-lo!

Donatti largou o botão.

- Não vou não. A voltagem do chão é muito baixa. Olhe o coelho, Sr. Morrison O coelho estava agachado a uns dois metros do prato de ração. Seu focinho se mexia. De repente, deu um pulo até um canto.

- Se esse coelho receber uma carga cada vez que estiver comendo - disse Donatti

-, ele fará a associação rapidamente. Comer causa dor. Assim ele não comerá. Mais alguns choques e ele morrerá de fome em frente à comida. Isso se chama treinamento por aversão.

A luz se fez na cabeça de Morrison.

- Não, obrigado. - E dirigiu-se para a porta.

- Por favor, espere, Sr. Morrison.

Morrison não parou. Agarrou a maçaneta... e sentiu-a escorregar na mão.

- Destranque isso.

- Sr. Morrison, se o senhor se sentar um pouco...

- Destranque a porta ou chamarei a polícia antes que você diga “Terra de Marlbo-ro”.

- Sente-se. - A voz era fria como gelo.

Morrison olhou para Donatti. Seus olhos castanhos eram insolentes e ameaçadores. Meu Deus, pensou, estou trancado aqui com um psicopata. Mordeu os lábios.

Nunca havia desejado tanto um cigarro.

- Deixe-me explicar o tratamento em maiores detalhes, - disse Donatti.

- Você não entende? - disse Morrison com paciência forçada. - Eu não quero o tratamento. Decidi o contrário.

- Não, Sr. Morrison. O senhor é que não está entendendo. O senhor não tem escolha. Quando eu lhe disse que o tratamento já tinha começado, estava lhe dizendo a pura verdade. Não pensava que o senhor fosse querer escapulir a essa altura.

- O senhor é um louco - disse Morrison meio surpreso.

- Não. Sou só um pragmático. Deixe-me explicar o tratamento.

- Claro - disse Morrison. - Desde que saiba que assim que eu sair daqui vou comprar cinco maços de cigarro e fumarei todos a caminho da delegacia. - De repente se deu conta de que estava roendo a unha e chupando o dedo, parando imediatamente.

- Como o senhor quiser. Mas eu acho que mudará de ideia quando tiver uma visão global.

Morrison não disse nada. Sentou-se novamente e cruzou as mãos.

- No primeiro mês de tratamento, terá uma supervisão permanente do nosso pessoal - disse Donatti. - Poderá enganar alguns, mas não todos. Eles estarão sempre com você. Sempre. E me ligarão toda vez que o virem fumando um cigarro.

- E imagino que você vai me trazer aqui e me dará a lição do coelho - disse Morrison. Tentou fazer sua voz parecer fria e irônica, mas de repente sentiu um medo horrível. Era um pesadelo.

- Oh, não - disse Donatti. - A sua esposa vai receber a lição do coelho, não você.

Morrison olhou para ele, apatetado.

Donatti sorriu e disse.

- Você terá que se cuidar.

Depois que Donatti deixou-o ir, Morrison andou por mais de duas horas, completamente atordoado. Estava fazendo outro dia lindo, mas ele não percebeu. A mons-truosa cara sorridente de Donatti eclipsava tudo.

Ele dissera: “Você compreende, um problema prático pede soluções práticas. E

você tem que ver que nós estamos zelando sinceramente pelos seus interesses.”

A Ex-Viciados Ltda., de acordo com Donatti, era uma espécie de fundação - uma organização sem fins lucrativos, fundada pelo homem que estava no retrato. Esse senhor tinha sido muito bem-sucedido em vários tipos de negócios - incluindo máquinas caça-níqueis, salões de massagens, jogo do bicho e um ótimo negócio (apesar de clandestino) entre Nova York e a Turquia. Mort “Três Dedos” Minel i tinha sido um fumante inveterado - fumava até três maços por dia. O papel que ele segurava no retrato era o diagnóstico do médico: câncer de pulmão. Mort morreu em 1970, depois de doar à Ex-Viciados Ltda. toda sua herança.

- Tentamos manter, dentro do possível, o equilíbrio entre receita e despesa - Donatti tinha dito. - Mas estamos mais interessados em ajudar o nosso próximo. Naturalmente, também existe o lado do imposto de renda.

O tratamento era tenebrosamente simples. No primeiro deslize, Cindy seria levada para o “quarto do coelho”, como Donatti chamava. Na segunda falta, Morrison receberia a dose. Na terceira, ambos seriam levados. A quarta falta demonstraria que existiam sérios problemas de cooperação, o que iria requerer medidas drásticas. Um funcionário iria até a escola de Alvin e traria o menino para ser trabalhado.

- Imagine - disse Donatti sorrindo - como vai ser horrível para a criança. Mesmo se alguém explicasse, ela não entenderia. Só saberia que alguém o estaria machucando porque o papai foi mau. Ele ficaria muito assustado.

- Você é um monstro - Morrison disse indefeso. Sentiu-se quase às lágrimas. -

Monstro sujo e nojento.

- Não me entenda mal. - Donatti disse sorrindo, simpático. - Tenho certeza que isso não acontecerá. Quarenta por cento dos nossos clientes não necessitam de

nenhum corretivo - e somente dez por cento têm mais de três faltas. São números animadores, não são?

Morrison não achou animadores, Achou-os aterradores.

- É claro que se você transgredir uma quinta vez...

- O que quer dizer?

Donatti sorriu.

- O quarto para você e sua esposa, uma segunda surra em seu filho, e uma surra em sua mulher.

Morrison, fora de si, desfechou um soco por cima da mesa em direção a Donatti.

Donatti se moveu com uma velocidade extraordinária para um homem que estava aparentemente relaxado. Empurrou a cadeira para trás e seus dois pés voaram sobre a mesa e foram atingir a barriga de Morrison. Ofegando e tossindo, Morrison cambaleou para trás.

- Sente-se, Sr. Morrison. - Donatti disse benevolente. - Vamos conversar como pessoas racionais.

Quando recobrou o fôlego, Morrison fez conforme ele disse. Afinal de contas, pesadelos acabam, não é?

A Ex-Viciados Ltda., Donatti explicou mais tarde, funcionava com um sistema de dez etapas. Etapas seis, sete e oito, consistiam em outras visitas ao quarto do coelho (com voltagem maior) e surras maiores. A nona etapa seria quebrar o braço do seu filho.

- E a décima? - perguntou Morrison, com a boca seca.

Donatti abanou a cabeça tristemente.

- Aí nós desistimos, Sr. Morrison. O senhor passa a fazer parte dos dois por cento irrecuperáveis.

- Vocês desistem realmente?

- É um modo de dizer. - Abriu uma das gavetas da mesa e colocou um 45 com silenciador sobre a mesa. Olhou nos olhos de Morrison e sorriu. - Mas, mesmo os dois por cento que não se regeneram, nunca mais fumam outra vez. Nós garantimos.

O filme de sexta-feira era Bullit, um dos favoritos de Cindy, mas depois de uma hora de agitação e resmungos de Morrison, sua concentração foi interrompida.

- O que está acontecendo com você? - perguntou.

- Nada... tudo - resmungou. - Estou deixando de fumar.

Ela riu.

- Desde quando? Há cinco minutos?

- Desde as três desta tarde.

- Você não fumou mesmo desde essa hora?

- Não - disse e começou a roer a unha. Era o pior tormento possível.

- Que maravilha! O que fez você resolver parar?

- Você - disse ele. - E... e... Alvin.

Ela arregalou os olhos e nem notou quando o filme recomeçou. Dick mencionava raramente o seu filho retardado. Trocou de lado, viu o cinzeiro vazio perto da mão direita dele e olhou então nos seus olhos.

- Você está mesmo tentando deixar de fumar, Dick?

- Estou. E se eu for à polícia - continuou mentalmente - a quadrilha de facínoras virá aqui para dar um jeito em você, Cindy.

- Fico contente. Mesmo que não consiga, obrigado pela intenção, Dick.

- Acho que consigo - disse -, pensando na expressão feroz e homicida que Donatti trazia nos olhos quando lhe chutou o estômago.

Dormiu mal aquela noite, acordando a toda hora. Por volta das três da

madrugada despertou completamente. A vontade de fumar um cigarro dava-lhe uma sensação de febre. Desceu e foi para o seu escritório. O quarto ficava no meio da casa. Não tinha janelas. Abriu a gaveta de cima de sua escrivaninha e deu uma olhada, fascinado pelo maço de cigarros. Olhou em volta e lambeu os lábios.

Donatti tinha dito que a supervisão no primeiro mês era constante. Dezoito horas por dia durante os dois meses seguintes - mas ele não saberia nunca quais dezoito horas. Durante o quarto mês, o mês em que a maioria dos clientes reincide, o “servi-

ço” voltaria a ser feito vinte e quatro horas por dia. Depois, doze horas de vigilância intercaladas diariamente pelo resto do ano. E depois disso? Vigilância ocasional pelo resto da vida do cliente.

Pelo resto da sua vida.

- Nós podemos checá-lo em meses alternados - disse Donatti -, ou dias alternados.

Ou uma semana inteira, daqui a dois anos. O importante é que você não saberá. Se fumar, estará jogando com dado marcado. Eles estarão olhando? Será que estarão agarrando minha mulher, ou mandando um homem atrás do meu filho neste instante? Maravilhoso, não é? E se você conseguir fumar um cigarro, terá um gosto horrí-

vel. Terá o gosto do sangue do seu filho.

Mas eles não podiam estar vigiando agora, no meio da noite, em seu próprio escritório. A casa estava silenciosa como um túmulo.

Olhou para o maço de cigarros por quase dois minutos, incapaz de desviar o olhar.

Depois foi para a porta do escritório, espreitou o corredor vazio, voltou e olhou os cigarros um pouco mais. Imaginou uma cena horrível: toda a sua vida dali por diante sem mais nenhum cigarro. Como, pelo amor de Deus, ele seria capaz de fazer uma boa apresentação para um cliente entediado sem nenhum cigarro queimando displicentemente entre os dedos enquanto mostrava os gráficos e os layouts? Como poderia aguentar as infindáveis exposições de jardinagem de

Cindy sem um cigarro?

Como poderia se levantar de manhã, encarar o dia sem um cigarro para fumar enquanto tomava café e lia o jornal?

Amaldiçoou a si mesmo por haver entrado nisso. Xingou Donatti. E, principalmente, xingou Jimmy McCann. Como poderia ter feito isso? O filho da puta sabia. Suas mãos tremiam de vontade de agarrar Jimmy Judas McCann.

Sorrateiramente, examinou o escritório outra vez. Alcançou a gaveta e pegou um cigarro. Acariciou-o, alisou-o. Como era mesmo a propaganda? Tão leve, suave. Nunca palavras tão verdadeiras haviam sido ditas. Colocou o cigarro na boca e então parou, levantando a cabeça.

Será que tinha escutado um barulho vindo do armário? Um leve movimento? Claro que não. Mas...

Imaginou outra coisa - aquele coelho pulando como louco na malha elétrica, A ideia de Cindy naquele quarto...

Ficou escutando desesperado e não ouviu nada. Disse para si mesmo que o que tinha a fazer era ir até o armário e abrir a porta.

Mas tinha muito medo do que poderia encontrar. Voltou para a cama e ficou acordado bastante tempo.

Apesar de estar se sentindo horrível de manhã, o café estava gostoso. Depois de uns instantes de dúvida, resolveu acompanhar a costumeira tigela de corn flakes com ovos mexidos. Estava lavando a frigideira, de mau humor, quando Cindy desceu, de robe.

- Richard Morrison! Você não come ovo de manhã desde que Hector era um cachorrinho.

Morrison resmungou. Achava que “desde que Hector era um cachorrinho” era uma das coisas mais idiotas que Cindy dizia junto com “devia sorrir e beijar um porco”.

- Você já fumou? - perguntou, servindo suco de laranja.

- Não.

- Vai voltar ao meio-dia -, proclamou airosamente.

- Boa ajuda você é! - disse irritado, rodeando-a. - Você e todo mundo que não fuma pensam que... ora, não importa.

Pensava que ela ia ficar zangada, mas ficou olhando para ele com uma cara de admiração.

- Está levando a sério -, disse. - Está mesmo.

- Claro que estou. E nunca saberá quanto. Espero.

- Coitadinho - disse, dirigindo-se para ele. Você parece um morto-vivo. Mas estou muito orgulhosa.

Morrison abraçou-a.

Cenas da vida de Richard Morrison, outubro-novembro: Morrison e um companheiro do Estúdio Larkin, no bar de Jack Dempsey. O companheiro oferece um cigarro. Morrison segura seu copo com mais força e diz: “Estou deixando de fumar”. O colega ri e diz: “Te dou uma semana”.

Morrison esperando o trem de manhã, olhando por cima do Times para um jovem de terno azul. Ele vê o jovem quase todo dia de manhã agora e algumas vezes em outros lugares. No Onde’s, quando foi encontrar um cliente. No Sam Goody’s, onde Morrison foi procurar um disco de San Cooke. Atrás do grupo de Morrison, num campeonato de golfe local.

Morrison ficando bêbado numa festa, querendo um cigarro - mas não bêbado suficiente para fumar um.

Morrison visitando seu filho, levando-lhe uma grande bola que fazia barulho quando se apertava. O beijo de seu filho deliciosamente babado. Não era mais repulsivo como antes. Abraçando o filho, bem apertado, se dando conta de uma coisa que Donatti e seus colegas cinicamente já sabiam: o amor é a droga mais perniciosa de todas. Que os românticos discutam sua existência. Os pragmáticos o aceitam e o usam.

Morrison foi perdendo aos poucos a compulsão física de fumar, mas não perdia completamente a dependência psíquica ou a necessidade de ter alguma coisa na boca - pastilhas de hortelã, dropes, um palito. Todos substitutos inadequados, todos eles.

E, finalmente, Morrison ficou preso num colossal congestionamento no Túnel Mid-town. Escuridão. Buzinas tocando. O ar irrespirável. O tráfego se arrastava lentamente. E, de repente, abrindo o porta-luvas, viu um maço de cigarros pela metade.

Olhou-o por um momento, então pegou um e acendeu-o com o isqueiro do painel.

Se acontecesse alguma coisa era culpa da Cindy, falou para si mesmo, em desafio.

Disse-lhe para acabar com todos os malditos cigarros.

Na primeira tragada, tossiu furiosamente. Na segunda seus olhos lacrimejaram. Na terceira, sentiu a cabeça leve e tonta. Tinha um sabor horrível, pensou.

E, em seguida: Meu Deus, o que estou fazendo?

As buzinas tocavam impacientes atrás dele. Na frente, o tráfego começava a mover-se novamente. Amassou o cigarro no cinzeiro, abriu as duas janelas da frente, abriu os quebra-ventos e começou a abanar o ar nervosamente, como um menino que acabara de jogar sua primeira guimba na privada.

Acompanhou desajeitadamente ao tráfego e foi para casa.

- Cindy? - chamou. - Cheguei. Nenhuma resposta.

- Cindy? Onde você está, querida?

O telefone tocou e ele correu para atendê-lo.

- Alô, Cindy?

- Alô, Sr. Morrison - disse Donatti. Soava enérgico e incisivo. - Parece que temos um pequeno assunto a tratar. Às cinco está bem?

- Você está com a minha mulher?

- Sim, claro. - Donatti riu indulgentemente.

- Escute, solte-a - Morrison balbuciou. - Não vai acontecer outra vez. Foi um lapso, só um lapso, nada mais. Eu só dei três tragadas e, pelo amor de Deus, tinha até um gosto horrível!

- Que vergonha! Posso contar com o senhor às cinco, então?

- Por favor - disse Morrison, quase chorando. - Por favor.

O telefone estava mudo.

Às cinco, só tinha a recepcionista na recepção, que exibiu-lhe um belo sorriso e ignorou a aparência de Morrison, pálida e desfeita.

- Sr. Donatti - anunciou pelo interfone. - O Sr. Morrison deseja vê-lo. - Olhou para Morrison e disse: - Pode entrar.

Donatti estava esperando fora da sala com um homem que usava uma camiseta com a inscrição “Sorria” e carregava um 38. Parecia um macaco.

- Escute - disse Morrison a Donatti. - A gente pode mudar o esquema, não pode?

Eu lhe pago. Eu...

- Cale a boca - disse o homem com a camiseta “Sorria”.

- Que bom vê-lo outra vez -, disse Donatti. - Pena que seja sob circunstâncias tão adversas. Venha comigo. Faremos tudo o mais rápido possível. Prometo-lhe que sua esposa não ficará machucada... desta vez.

Morrison se retesou para pular sobre Donatti.

- Ora, ora - disse Donatti com cara de aborrecido. - Se você fizer isso, Junk lhe dará uma coronhada e ainda por cima sua esposa também vai levar. Qual é a vanta-gem disso tudo?

- Tomara que apodreça no inferno - falou a Donatti.

Donatti suspirou.

- Se eu ganhasse uma moeda cada vez que alguém falasse esse tipo de coisa, já estaria aposentado. Será uma lição para o senhor, Sr. Morrison. Quando um romântico tenta fazer uma boa ação e não consegue, ganha uma medalha. Quando um pragmático é bem-sucedido, querem que ele vá para o inferno. Podemos ir?

Junk movimentou a pistola.

Morrison foi na frente. Sentia-se atordoado. A pequena cortina verde estava puxada. Junk cutucou-o com a arma. É o mesmo que ser testemunha da câmara de gás, pensou.

Olhou. Cindy estava lá, olhando em volta espantada.

- Ela não pode escutá-lo, nem vê-lo -, disse Donatti. - É espelho só de um lado.

Bem, vamos acabar logo com isso. Foi realmente um pequeno deslize. Acho que trinta segundos bastam, Junk.

Junk apertou o botão com uma mão, enquanto a outra apertava a pistola firmemente contra as costas de Morrison.

Foram os trinta segundos mais longos de sua vida.

Quando tudo estava acabado, Donatti colocou uma mão nos ombros de Morrison e disse:

- Vai vomitar?

- Não. - Morrison falou debilmente. Sua testa se apoiava contra o vidro. Suas pernas estavam moles. - Acho que não. - Virou-se e viu que Junk tinha ido embora.

- Venha comigo - disse Donatti.

- Aonde? - Morrison perguntou apaticamente.

- Acho que tem algumas coisas a explicar, não tem?

- Como posso olhar para ela? Como posso dizer-lhe que eu... eu...

- Acho que você vai ter uma surpresa -, disse Donatti.

Na sala só tinha um sofá. Cindy estava sentada nele, soluçando desconsolada.

- Cindy? - falou baixinho.

Ela olhou, com os olhos aumentados pelas lágrimas.

- Dick? - sussurrou. - Dick? Oh... oh, Deus... - Ele abraçou-a com força. - Dois homens -, começou a dizer de encontro a seu peito. - Em casa. No início, pensei que fossem ladrões; depois, pensei que iam me estuprar, me levaram para um lugar, me taparam os olhos e... e... oh, foi horrível...

- Shhh! - disse ele. - Shhh.

- Mas por quê? - ela perguntou, olhando-o. - Por que eles...

- Por minha causa - disse ele. - Preciso lhe contar uma história, Cindy...

Quando terminou, ficou calado alguns momentos e disse:

- Imagino que você me deteste. Acho que tem todo o direito.

Estava olhando para o chão. Ela tomou-lhe o rosto com as duas mãos e virou-o para si.

- Não - disse ela. - Eu não detesto você. Olhou para ela, mudo de surpresa. - Valeu a pena -, disse ela. - Deus abençoe essas pessoas. Elas tiraram você da prisão.

- Está falando sério?

- Sim - ela disse e beijou-o. - Podemos ir para casa agora? Me sinto muito melhor.

Muitíssimo melhor.

O telefone tocou numa noite, uma semana mais tarde, e quando Morrison reconheceu a voz de Donatti, disse:

- Vocês se enganaram, rapazes, não estive nem perto de um cigarro.

- Nós sabemos disso. Temos um último assunto para tratar. Poderia dar um pulo aqui amanhã à tarde?

- Será que...

- Não, nada sério. Só contabilidade. A propósito, parabéns pela sua promoção.

- Como você sabe disso?

- Nós mantemos nosso arquivo atualizado -, Donatti disse displicentemente, e desligou.

Quando entraram na pequena sala, Donatti falou:

- Não fique tão nervoso. Ninguém vai mordê-lo. Venha até aqui, por favor.

Morrison viu uma balança comum de banheiro.

- Escute, engordei um pouco, mas...

- Sim, setenta e três por cento dos nossos clientes engordam. Suba, por favor.

Morrison subiu e a balança marcou oitenta quilos.

- Ótimo. Pode descer. Qual a sua altura, Sr. Morrison?

- Um e setenta e dois.

- Muito bem, vamos ver. - Puxou um pequeno cartão plastificado do bolso de cima.

- Bem, não está mal. Vou lhe dar uma receita para umas pílulas de emagrecer totalmente ilegais. Use pouco e de acordo com a prescrição. E vou estabelecer seu peso máximo em... deixe ver... - Consultou o cartão outra vez. - Oitenta e três, o que acha? E como estamos em primeiro de dezembro, aguardo sua visita todo dia primeiro de cada mês para controle de peso. Não tem importância se não puder vir, desde que avise com antecedência.

- E O que acontece se eu ficar com mais de oitenta e três?

Donatti sorriu.

- Mandaremos alguém na sua casa cortar o dedinho de sua esposa - disse. - O senhor pode sair por essa porta, Sr. Morrison. Tenha um bom dia.

Oito meses depois.

Morrison encontra um colega do Estúdio Larkin no bar de Dempsey. Morrison ema-greceu até o peso que Cindy chama orgulhosamente de peso de luta: setenta e cinco. Exercita-se três vezes por semana e sua aparência está ótima. O colega da Larkin, em compensação, parece um gato rechonchudo.

O colega:

- Meu Deus, você parou? Estou aprisionado neste maldito vício. - O colega joga fora o cigarro com repulsa e toma seu scotch.

Morrison olha para ele curiosamente, e então pega um pequeno cartão da sua maleta. Coloca-o entre os dois, em cima do balcão. Você sabe, ele diz, esses caras mudaram minha vida.

Doze meses depois:

Morrison recebe a conta pelo correio. A conta diz: Ex-Viciados Ltda.

Rua 46 Leste, 237

Nova York, NY 10017

1 Tratamento.....$ 2.500.00

Conselheiro (Victor Donatti)..... $ 2.500.00

Eletricidade.....$ 0.50

Total (Favor pagar essa quantia).....$ 5.000.50

- Os filhos da puta! - explodiu. Cobraram-lhe a eletricidade usada para... para...

- Pague simplesmente - ela disse, e beijou-o.

Vinte meses mais tarde.

Por acaso, Morrison e sua esposa encontraram Jimmy McCann no Teatro Helen Ha-yes. As apresentações são feitas. Jimmy parece tão bem, ou melhor, do que no dia do aeroporto, há bastante tempo atrás. Morrison ainda não conhecia sua esposa. Ela era bonita, com aquele jeito radiante que algumas mulheres sem muitos atrativos ficam quando estão muito, muito felizes.

Ela ofereceu sua mão e Morrison apertou-a. Havia alguma coisa estranha no seu aperto de mão; e no meio do segundo ato é que ele se deu conta do que era. Estava faltando o dedo mínimo da mão direita dela.